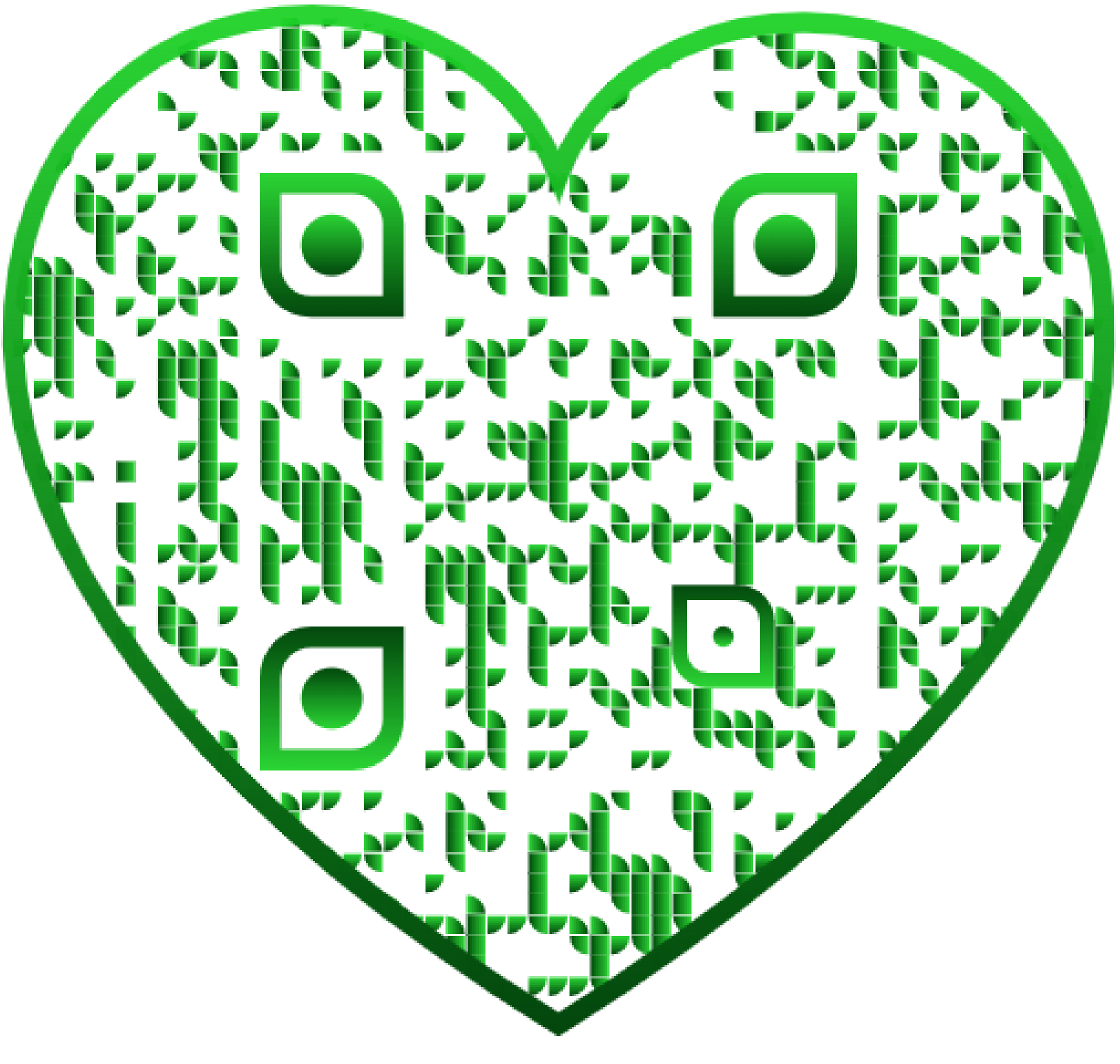
Anny Mendes
Escolho Você
Trilogia Recomeço
Livro 3



PERIGOSAS NACIONAIS

ESCOLHO VOCÊ

Anny Mendes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ESCOLHO VOCÊ

SÉRIE RECOMEÇO

LIVRO 3

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei

9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

Revisão: NEIDE MENDES

Capa: FABIANE MENDES BUENO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Ao meu Amado esposo que sempre está ao meu lado...

A minha querida Mãe que me apoia em tudo...

A todos que desejam saber como termina essa história inebriante...

"Não tem por que tentar se justificar
Se foi meu coração que decidiu por mim
Mas se a escolha fosse minha
Eu escolheria você mesmo assim" [...]
Sandy

PERIGOSAS NACIONAIS

SINOPSE

Romance sedutor e intenso de um casal com um passado conturbado e cheio de marcas. Tinha tudo para não dar certo. Cada um lutando pelos seus objetivos, sem querer ceder a nada que os desviasse dos seus ideais, contudo, são surpreendidos pelo imprevisto...

> *"Senhorita está se sentindo bem? Se machucou? — Uma voz, maravilhosamente sex e grave, falou comigo, estendendo a mão máscula e firme. [...] ...olhou dos dois lados, balançou a cabeça e me perguntou: — Algum problema em pegar a minha mão?"*
>
> *Ali teve inicio o romance carregado de luxúrias, desconfianças e conquistas. Ficando em aberto a precisão de superações...*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bryan sobrevive a um atentado, o que faz com que reconheça o grande amor da sua amada, Beatrice, porém, a insegurança de tê-la – por completo – se amplia.

Beatrice dedica sua vida para ficar ao lado do amado, quando ele mais precisa, contudo, quando fica ciente de uma atitude que não compreende, não o deixa se explicar. Pondo em risco tudo o que haviam conquistado. Colocando-os novamente num recomeço...

Decisões são tomadas em conjunto, unindo cada vez mais o casal. No entanto, a proximidade traz à tona questões em aberto, a serem superadas... Quando achavam que tinham deixado – para trás – seus passados problemáticos, uma avalanche de acontecimentos envolvendo, perdas, sequestro, morte e redenção, passa pelas suas vidas. Enfim, o amor deles foi suficiente para superar todos incidentes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O terceiro livro da trilogia te surpreenderá do começo ao fim, principalmente com a inesperada atitude do Bryan... Embarque nessa aventura e se emocione.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Índice

Prólogo

Capítulo 01 – Fica Comigo

Capítulo 02 – O Que eu Perdi?

Capítulo 03 – Desmoronando

Capítulo 04 – Tramando

Capítulo 05 – Decisões

Capítulo 06 – Se Impondo

Capítulo 07 – Dominado

Capítulo 08 – Perspectiva

Capítulo 09 – Por nós

Capítulo 10 – Acertando os Detalhes

Capítulo 11 – O cavalheiro

Capítulo 12 – Encontro Forjado

Capítulo 13 – Difícil Decisão

Capítulo 14 – Me Convença

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 15 – Outra Chance
Capítulo 16 – A Chantagem
Capítulo 17 – Coincidência?
Capítulo 18 – Eu te Avisei
Capítulo 19 – Fantasmas do Passado
Capítulo 20 – Agora é Tarde
Capítulo 21 – Um Passo a Frente
Capítulo 22 – Inseguranças
Capítulo 23 – Recompensa
Capítulo 24 – Uma Condição
Capítulo 25 – Na Véspera
Capítulo 26 – Noite de Despedida
Capítulo 27 – Acerto de Contas
Capítulo 28 – Não Sinta Medo
Capítulo 29 – Antes que Você Fuja
Capítulo 30 – Quebrando a Tradição
Capítulo 31 – Quem Sabe...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 32 – Surpresa
Capítulo 33 – Sem Opção
Capítulo 34 – O Inesperado
Capítulo 35 – Pagando o Preço
Epílogo
Capítulo Bônus
Agradecimentos
Anny Mendes

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

— **Você está perfeita!** — Ethan aproximou-se de sua irmã – elogiando-a.

Era começo de outono, as folhas das árvores cobriam as calçadas e o vento, que outrora era quente, refrescava. O sol ainda permanecia alto, porém com algumas nuvens o camuflando.

A decoração requintada mostrava luxo e bom gosto. Tulipas brancas e vermelhas foram às elegidas para a consagração. O mar azul atrás do altar tornava o ambiente esplendorosamente romântico.

— Como não estaria, Ethan? Olha o brilho nos olhos dela, qualquer que fosse o vestido escolhido ficaria linda — concluiu a Mary, sua amiga de todos os momentos.

Tudo parecia surreal, uma expectativa se formou dentro dela, de como seria dali para frente.

Emoções misturadas causaram um turbilhão em seu âmago.

Havia gente por todo o lugar, os esforços em manter o evento em segredo e de ter uma cerimônia simples, foram em vão. Mediante o desencadeamento de tantos fatos, a mídia alvoroçou-se. Nada e ninguém contribuíram para que a cerimônia passasse despercebida.

“Qualquer uma estaria nervosa” — pensou ela. Não era de se estranhar que sua confiança estivesse abalada, depois de tudo o que tinha acontecido.

— Quase lá querida — sussurrou o Ethan, ao seu ouvido. — Não tenha medo, nunca vou te abandonar — disse e pegou em suas mãos, levando-as aos lábios. Beijou o dorso delas, com os olhos marejados.

Um cheiro invadiu o local, tomando conta das suas entranhas. Não foi preciso que ela se

virasse para saber que ele estava ali.

— O que está fazendo aqui? Não sabe que dá azar? — advertiu o Ethan, aborrecido, o empurrando para fora.

Seus olhos cruzaram-se e todo o medo, que estava tirando-a do eixo, deu lugar a um sentimento de ternura e conforto, indescritível.

Ignorando a relutância de Ethan, ele caminhou até ela, inclinou o corpo e passou os braços pelas suas pernas, pegando-a no colo.

— Apoie-se em mim minha menina, daqui para frente esse é o seu lugar. Nada e nem ninguém mudará isso — balbuciou e encostou os lábios na testa da amada, com os olhos fechados e a respiração descompassada.

Capítulo 01 – Fica Comigo

SÃO PAULO É UMA CIDADE QUE NUNCA DORME, meu apartamento, no décimo quinto andar, parece concentrar todo o barulho externo – o frear dos carros e as buzinas incessantes dos taxis soam dentro da minha cabeça.

Assim que deixei o hospital – sem olhar para trás – me senti completamente deteriorada. *Será que estou exigindo mais dele do que de mim mesma? E se ele precisar de mim? Se tiver um recaída? Ai meu Deus, estou fazendo a coisa certa?*

O seu olhar desacreditado e decepcionado não sai da minha mente. Mais uma vez fui covarde. Não dei chance de ele se explicar. *Que explicação poderia mudar o sentimento de traição?* Como podem dizer que quem ama confia? Eu o amo como nunca amei ninguém, contudo, não consigo mais confiar nele.

PERIGOSAS ACHERON

Bryan não é um homem qualquer, ele exala segurança e poder. Sua postura não deixa dúvida do quanto tem o mundo em suas mãos. Ele dá sentido ao meu mundo e estrutura o das pessoas que o cercam. Mostrou, em várias situações, que faz qualquer coisa por mim. *Estou correspondendo?*

Estiquei o braço e alcancei meu celular, para verificar a hora: cinco e meia da manhã. Levantei-me, fiz minha higienização e vesti a roupa de correr. *Hoje vou de carro até o parque Ibirapuera. Preciso reorganizar as ideias.*

Depois de quase dez dias dentro de um hospital, dormindo pouquíssimas horas e toda torta na poltrona – ao lado da cama do Bryan, foi à primeira noite que pensei que descansaria. O conforto da minha cama, e o fato de eu estar em meu apartamento, não foi suficiente para eu relaxar. *"Ei... Onde você foi? Por que demorou tanto? Não pode me abandonar assim"* A frase de fragilidade

dele – ecoou a noite toda em meus ouvidos.

Pensar nas duas piscinas verdes, cheias de lágrimas, me implorando, me tira a razão. A beleza do Bryan consegue me desestabilizar. Mesmo em uma cama de hospital, por dias, com os cabelos e a barba maiores do que de costume, ele conseguiu tirar a concentração de todas as pessoas do sexo feminino, também algumas do sexo masculino.

Por onde passei, durante os dias em que fiquei no hospital, vi os olhares furtivos e as enfermeiras cochichando. Eu sabia que estavam decepcionadas pelo fato de eu não o deixar sozinho, em nenhum instante. Cada vez que entravam no quarto, para a hora do banho, os olhos delas brilhavam. Não fosse o fato de elas estarem me tratando muito bem, teria conseguido uma maneira de mudar a situação.

Todo mundo tem seus demônios, um passado, uma história. Cada um lida de uma

maneira com eles, Bryan decidiu guerrear sozinho. Mesmo dizendo que quer compartilhar tudo comigo, ter-me ao seu lado em todos os momentos, ele foi capaz de lidar com a Alicia, sozinho. Não me contou do acordo que fez com ela. Tenho medo em pensar que ele cedeu – mesmo que pela última vez – e fez sexo com ela. Eu não consigo digerir, só de pensar – sinto náuseas.

O Parque Ibirapuera é o mais importante parque urbano da cidade de São Paulo, morar perto dele é um privilégio. Poder caminhar e sentir o frescor da natureza no coração da América Latina, da cidade que move a economia do país, onde as pessoas consomem nicotina e álcool para lidar com o estresse do dia a dia, é impagável.

O vento gelado da manhã batendo no meu rosto, o aroma amadeirado das árvores, o som dos passarinhos e a tranquilidades das senhoras e

senhores passeando com seus cachorros, foram me ajudando. Enquanto corria, admirando a beleza do parque, várias possibilidades passaram pela minha cabeça. Aos poucos o aperto que sentia no coração foi se desfazendo. Os músculos enrijecidos do meu corpo, foram se soltando e quando percebi, estava correndo mais leve, com a cabeça inclinada para trás, absorvendo tudo o que o parque nos proporciona.

Envolvida em meus pensamentos, me assustei ao sentir o celular vibrar. Olhei no visor e estremeci – Bryan. Admirei a demora da ligação. Desde que saí do hospital ele não havia ligado. O fato de ele ter respeitado meu espaço, nem que por um curto tempo, o fez ganhar muitos pontos comigo. Mostrou que evoluímos – minimamente. Entretanto, uma evolução é sempre bem-vinda.

Procurei um banco para sentar-me, respirei fundo e me preparei. Não queria ter aquela

conversa por telefone, porém, não estava preparada para encarar o homem da minha vida. Seu olhar penetrante me intimida, perco o foco. Pelo menos ao telefone lidaria apenas com o som de sua voz.

— Oi — sussurrei, de cabeça baixa.

— Oi — balbuciou. A linha ficou muda alguns instantes, que pareceram uma eternidade. Eu podia ouvir a sua respiração descontrolada. A minha não era diferente.

— Como você está? — indaguei, quebrando o silêncio.

— "Fodido!"

O som abafado de uma risada nervosa me deixou indecisa. Precisava ser forte, para o bem do nosso relacionamento. Se íamos nos casar teríamos que fazer dar certo, e da maneira que decorria seria impossível.

Ele puxou o ar com força e continuou:

— Está mais calma? Podemos conversar?

Estou mais calma? Quero conversar? Estou preparada para encará-lo? Serei forte o suficiente? Perguntas sem respostas invadiram minha cabeça.

— Beatrice, está aí? — bradou, voltando a ser o meu Bryan. — Fala comigo, onde você está?

— Estou ouvindo — ressaltei. Não tive força de rebater, de colocar para fora o que tinha me perturbado a noite toda. A necessidade de ouvi-lo, de tê-lo, mesmo que por telefone, foi maior que a raiva, que a dor da traição.

— Onde você está? — questionou, com um tom de voz suplicante.

— No parque, correndo — respondi e me calei novamente.

A ansiedade tomou conta do meu corpo. Toda a tranquilidade que o parque havia me transmitido – se dissipou – em questão de segundos. Meus pés não paravam, a ponta do tênis estava criando um buraco no chão de terra – de

tanto que eu o esfregava.

— Podemos nos encontrar hoje? Terei alta agora pela manhã — sugeriu, praticamente implorando.

Conhecendo bem o Bryan, sabia que ele não desistiria. Enquanto eu não ouvisse a gravação até o final, ele não me deixaria em paz. Suspirei e senti uma dor vinda do fundo do meu peito. Uma indecisão emotiva me invadiu. Coloquei os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Mantive o celular grudado à orelha, segurando-o com o ombro. A sensação de impotência começou a me atacar. A frustação de ter que ser a pessoa forte e manter a cabeça no lugar, me dominou. Uma linha de suor surgiu nas minhas costas, e minhas mãos, como era de se esperar, ficaram congeladas. Peguei a garrafa de água e dei uma longa golada, buscando amenizar o pânico que estava prestes a me tomar.

— Fala comigo, por favor — Bryan murmurou na linha, me implorando.

— É muito cedo — repliquei, e o nó na minha garganta cresceu.

O que eu queria na verdade era pegar o carro e correr para o hospital. Sair com ele de lá radiante de felicidade. Agradecendo a Deus por ter me devolvido o sentido de viver. Queria poder estar com ele quando entrasse de volta em seu apartamento. Comemorar a sua vitória. Abraçar seus familiares e sentir o acolhimento que só eles conseguiram me dar. Mas... Não podia. *Por que sempre tem um, porém? Por que não deixo tudo pra lá e acredito nele? Por que simplesmente não curto o momento de conquista? Por quê? Por quê? Quantos porquês ainda terei que enfrentar ao lado do Bryan?*

— “PORRA!” — exclamou na linha. — Quando?

— Não sei — murmurei.

Um soluço escapou sem a minha permissão; o meu rosto estava lavado de lágrimas.

— Beatrice... — suspirou. — Deixa eu cuidar de você minha menina. Está me matando, você sabe, não sabe? Como consegue fazer isso? Não sou capaz de respirar, em pensar que você se afastou — declarou. — “PORRA... PORRA... PORRA!” — murmurou, entre suspiros. — Não vou conseguir, sem você. Eu me odeio por ter deixado você me dominar dessa maneira, “caralho”! — Ficou alguns minutos em silêncio. — Você é frustrante — completou.

Bryan está acostumado a conseguir o que quer. Meus lábios se curvaram, com um leve sinal de satisfação. Em saber que, apesar de tudo, eu o tinha em minhas mãos. Só não sabia o que fazer com aquilo. Puxei o ar dos pulmões, fechei os olhos e fiquei absorta em pensamentos, por uns instantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso admitir que necessitamos um do outro – de maneira irracional – porém, é assim que funciona; pelo menos com a gente.

— Tudo bem — balbuciei. Sentindo-me uma heroína – por ter coragem de seguir meu coração e não a razão.

— Tudo bem? Sério? Repete — disse – todo eufórico. Mesmo sem ver, eu sabia que seus olhos estavam brilhando e seus lábios curvados – em um largo sorriso. — Gaby, você ouviu? Não, você não ouviu, vou colocar no viva-voz — comentou.

Balancei a cabeça, limpando as lágrimas com as costas das mãos, e sorri. O primeiro sorriso de vinte e quatro horas.

— Repete minha menina linda, queremos ter certeza — pediu.

Meu homem imponente e seguro de si se transformou em um meninão, como um relâmpago.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei feliz e ao mesmo tempo preocupada. *Por que tudo tem que ser tão intenso? E o fato de eu concordar em vê-lo não muda nada do que estou sentindo.*

— Tudo bem. Que horas você vai receber alta? Estarei aí. — Falei sem pensar.

As palavras escaparam da minha boca. Não contive o desejo de estar com ele naquele momento. Os dias que ele ficou desacordado foram intermináveis para mim. Vê-lo saindo do hospital seria a maior conquista que teria. Não poderia deixa-lo sozinho. Não, sabendo que as enfermeiras estavam esperando uma oportunidade de aproveitar da situação.

— Eu te amo... Não... É muito mais que amor... Não consigo respirar sem você — declarou, ofegante.

— Não me assuste Bryan, pare com isso. Já te disse que o nome disso é obsessão — repliquei,

franzindo o cenho... Levantei-me e caminhei em direção ao carro.

— Estou te esperando, te amo — completou e desligou.

Olhei no visor do celular indignada. Ele simplesmente desligou. Nunca vai admitir, nunca vai mudar, ele é possessivo, obsessivo, prepotente, convencido e mais um monte de coisas. Mesmo assim, eu o amo mais que tudo, como nunca achei que seria capaz de amar. Terei que buscar forças no fundo da alma para lidar com tudo isso – sem ceder – sem me anular, por ele. Sem que ele me engula e domine os meus passos.

***

Estacionei o carro, em uma vaga próxima a entrada do hospital, e ao lado, Yuri fez o mesmo com a SUV. Fiz questão de vir com o meu carro, para mostrar ao Bryan que não desisti de estar no

controle da minha vida. Que aconteça o que for, passe o tempo que passar, ele não conseguirá me anular.

— Vou esperar a senhorita aqui, tudo bem? Precisa que eu a acompanhe? — questionou Yuri, todo preocupado em fazer seu serviço, da melhor maneira possível.

Yuri passa tanto tempo comigo, que me apeguei a ele. Quando o Bryan dá folga a ele sinto falta. Sempre muito atencioso, educado e preocupado em me manter segura. As escapadas que dei quase o fizeram perder o emprego, entretanto, deixei claro ao Bryan que não admito que ele o troque.

— Pode me esperar aqui, Yuri — disse por cima dos ombros, com uma piscada.

As portas de vidros se abriram e meu estômago contorceu-se. As imagens pipocaram na minha cabeça:

“Corram! Levem ele para a sala de cirurgia... Estamos perdendo ele. Passa o desfibrilador. — Médicos correndo por toda parte, Bryan ensanguentado, na maca, completamente desacordado.”

Parei na entrada e fiquei analisando, por alguns instantes, o quanto Deus tinha sido bom conosco. Dei alguns passos e os rostos familiares foram surgindo. Apenas com um aceno de cabeça, cumprimentei as pessoas que acolheram a mim e ao Bryan, por dias. Novamente os olhares furtivos e os cochichos apareceram. Claro que a minha ausência, por uma noite, deixou todas inquietas. Não saí nem um segundo sequer do lado do Bryan e, de repente, desapareço.

Chegando à porta do quarto, do Bryan, tive uma crise de ansiedade. Coloquei a mão na maçaneta e parei. Respirei fundo e fechei os olhos,

pedindo a Deus para me dar forças. Meu coração galopava, minhas mãos escorregavam, e a respiração estava descontrolada. Abri a porta devagar e coloquei o rosto na fresta. Encontrei seus pais sentados nas poltronas, Gaby na beirada da cama e o Nathan em pé, ao lado dos sogros.

Mesmo olhando de relance, percebi uma melhora na aparência do Bryan, a cor do seu rosto tinha voltado. Estava sentado na cama, ainda ligado ao soro e vestido com a bata do hospital. Imaginei que o médico ainda não havia passado para dar à alta.

— Olá! — cumprimentei, receosa, com um sorriso tímido.

Dona Maria, imediatamente, levantou-se e veio até mim com os braços abertos. Me deu um abraço apertado, cheio de carinho. Se afastou um pouco, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e sussurrou:

— Obrigada, querida. — Beijou minha testa e virou-se para a família. — Vamos, eles precisam conversar — declarou, apontando para a porta e arqueando as sobrancelhas.

Cada um que passou por mim me beijou carinhosamente, agradecendo, com os olhos cheios de lágrimas. Meu corpo foi amolecendo e o pânico foi tomando conta de mim. A família do Bryan depositou uma confiança enorme em mim, acreditando que eu possa ser a salvação dele, que a vida dele volte a ter sentido. A responsabilidade me deixa apavorada. Por mais que eu tente ser forte, tenho consciência de que meu histórico mexeu com a minha estrutura.

A porta fechou-se e a hora da verdade chegou. Estava novamente diante do homem da minha vida, querendo pular no seu pescoço e beijar todas as partes do seu corpo, mas precisava ser forte, manter a postura firme. Fazer o

relacionamento dar certo, ser normal.

Levantei o rosto, mordendo os lábios e com o coração na boca; fitei meu homem. Nossos olhos cruzaram-se e a pontada no peito foi instantânea. Apertei os dentes nos lábios e senti gosto de sangue. O olhar de súplica estampava o rosto dele. Os dias no hospital o fez perder peso e as olheiras estavam profundas.

Bryan esticou a mão, inclinou a cabeça para o lado e levantou o canto dos lábios, com um leve sorriso.

— Ei, chega mais perto. Não mereço um beijo? — Me olhou com ternura e devoção.

Forcei meus pés a saírem do lugar e me aproximei da cama. Estava com medo de senti-lo. Bryan tem o poder de me desestabilizar, somente com o olhar, seu toque me causa efeitos – assustadores.

— Oi — balbuciei.

Sua mão tocou meu braço e a corrente elétrica passou pelo meu corpo. Com a ponta dos dedos ele subiu e desceu no meu antebraço. Nossos olhos ficaram conectados, sem interrupção.

— Beatrice — disse, com a voz rouca e entrecortada. Uma avalanche de emoções irrompeu no ambiente. O oxigênio não estava sendo suficiente. Nossos peitos oscilavam, com as respirações dificultadas. Minha voz não saía, o comando do cérebro era ignorado. Com um aperto firme em meu pulso ele me puxou para o seu corpo. Passou os dois braços pela minha cintura e enterrou o rosto no meu peito. — Desculpa — murmurou, com a voz abafada. — Eu sinto muito. Desculpa, desculpa, desculpa, mil vezes, desculpa. Por favor, me deixa corrigir isso? — Me apertou mais forte e não tirou o rosto do meu peito.

Meus braços permaneceram soltos ao lado do corpo. Fui pega de surpresa, não esperava essa

reação do Bryan. Seu modo prepotente de lidar com tudo, suas falas seguras e autoritárias, sua postura ereta e intimidadora: tudo foi por água abaixo. Senti minhas pernas amolecerem e um nó gigantesco se formar na minha garganta. As pontas dos meus dedos começaram a formigar. Engolir a saliva ficou difícil, todas as sensações foram intensificadas.

Bryan levantou a cabeça e me fitou. Com as pupilas dilatadas e o contorno da íris vermelho. Seus cabelos bagunçados, vários fios caídos na testa e o cheiro... Ah... O cheiro! Os dias no hospital e o cheiro de éter do local não encobriram o aroma inebriante dele. Deu um longo suspiro, balançou a cabeça e prosseguiu:

— Qual é a minha chance? — perguntou e baixou os olhos. — Eu amo você — sussurrou. Voltou sua atenção para o meu rosto e manteve-se me analisando.

— Como confiar em você? — As palavras foram expulsas dos meus lábios.

— Eu não dormi com ela — rebateu. Contornou meu rosto com as pontas dos dedos. — Eu nunca faria isso. Tenho muitos defeitos, Beatrice, mas nunca te trairia.

O silêncio pairou sobre nós – novamente. Permaneci vidrada nele, vasculhando o cérebro em busca da coisa certa a dizer. O olhar penetrante dele me desconcertou, precisei desviar os olhos.

— Por favor, olha pra mim, Beatrice. Fala alguma coisa, seu silêncio está acabando comigo. — Me soltou e passou as mãos pelos cabelos. — “Porra, caralho”, não estou conseguindo lidar com isso — murmurou.

Meu coração veio até a boca – novamente. As palavras do Bryan soavam como um apelo e não como um comando – como de costume. Meu cérebro trabalhava na velocidade de um trem bala,

as engrenagens estavam quase atropelando – umas as outras. Eu não conseguia distinguir se a mudança de postura do Bryan era boa ou ruim.

— Não posso. — Engoli em seco. — Não podemos. Não torne as coisas mais difíceis do que já são Bryan — solucei.

O choro foi inevitável. “*Que merda”! Minha fraqueza chega a ser cômica!* Coloquei meu rosto entre as mãos e me deixei levar. Chorei muito.

— Beatrice, não faça isso com a gente — implorou, me abraçando. Colocou o queixo na minha cabeça e as mãos nas minhas costas. O aconchego do seu corpo e a segurança dos seus braços avivou meu choro. Estava perdendo o controle da situação. — Desculpa — balbuciou. — Eu sinto tanto, mais tanto. Eu sei que eu não mereço, mas... — Me apertou mais forte em seus braços. — Eu preciso de mais uma chance.

— Não sei o que fazer — declarei.

Eu tinha que ser a forte, mas infelizmente nada estava contribuindo. Quando ele me enfrenta, me provoca e age como um “ogro”. Fico nervosa e não consigo encará-lo. *Ele está agindo completamente diferente, não sei o que fazer!*

— Fica comigo — suplicou. — Deixa que o resto eu dê um jeito? Eu cuido do que for preciso para te fazer feliz.

Afastei-me, enxugando as lágrimas, com o olhar baixo. Não conseguia olhar em seus olhos, estava me sentindo impotente e fraca. Senti sua mão fria segurar meu queixo e levantá-lo para encará-lo.

— Vou consertar tudo isso, eu prometo. Só não me deixa, sem você eu não consigo. — Uma lágrima fugiu do canto do seu olho.

Suspirei fundo e o abracei, enterrei o rosto em seu peito. Escutei o ar escapar por seus lábios,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se a vida dependesse daquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02 – O Que eu Perdi?

Quando você vê a vida escorregar entre seus dedos e tem a chance de dar a volta por cima, passa a valorizar cada centímetro ao seu redor. Os por menores do dia a dia deixam de serem tão importantes, em contrapartida, as pessoas que você ama ganham um espaço maior – ainda – dentro do seu coração. Esse fato me preocupa, porque se antes a Beatrice achava que eu era obcecado por ela, agora terei que redobrar meu controle. O medo de perdê-la só o acentuou.

Precisarei encontrar uma maneira de mantê-la ao meu lado – o tempo todo. Venho tentando isso há meses e não tive sucesso. Com todos os ataques que sofremos, sabendo que vieram de pessoas tão próximas a nós, como serei capaz de me concentrar em algo, sem ter certeza que ela estará segura?

O trajeto do hospital ao apartamento foi

uma tortura. Beatrice me tira do sério. Sabendo que estamos caminhando sobre um campo minado, teve coragem de ir ao hospital dirigindo seu carro. Para piorar a situação, não me deixou voltar com ela. Entrei no carro com o Yuri, contra a vontade. Não estou completamente recuperado, ainda sinto fraqueza e meu corpo dói, me impossibilitando de lutar. Yuri me ajudou a descer do carro. Quando foi querer me colocar no elevador, estiquei o braço o impedindo.

— Vou esperar a Beatrice — resmunguei.

Logo em seguida, o carro dela desceu pela rampa da garagem, relaxando meu corpo. Beatrice estacionou seu carro ao lado do meu e saiu, ressabiada. Agradeceu ao Yuri e pediu que ele não se preocupasse; ficaria comigo durante o dia. Ele podia tirar o dia de folga. Cruzei os braços no peito, franzi o cenho e analisei o cenário. *Ela está tomando à dianteira? É isso mesmo? O que foi que*

eu perdi?

— Vamos Bryan — falou e pegou em meu braço para me ajudar a caminhar.

Não saí do lugar, peguei em seus ombros e a fiz me olhar nos olhos.

— O que está acontecendo aqui? — questionei, com os olhos estreitos.

Beatrice arrumou a postura, empinou o nariz e toda prepotente respondeu:

— Estou cuidando de você, como fiz nos últimos dez dias. Algum problema? — bufou. — Se quiser posso arrumar uma enfermeira, já que está incomodado — disse imperiosa, me surpreendendo. Balancei a cabeça e um sorriso irônico escapou.

— Estou bem, agradeço por ter cuidado de mim, porém, não inverta os papéis, sou eu quem cuida de você — vociferei e entrelacei os dedos aos dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

No momento em que pensei em sair andando – carregando-a comigo – meu corpo não respondeu. Uma pontada no abdômen, onde foi retirado o baço, me parou. Fechei os olhos e puxei o ar com força.

— “Porra”! — rosnei.

Abri os olhos e encontrei uma cara fechada para mim.

— Então senhor, todo poderoso, Bryan Soutto, não precisa de ajuda? — salientou e aguardou minha reação.

Torci os lábios e a encarei.

— Por pouco tempo — adverti e aceitei que me ajudasse até o elevador.

Abrimos a porta da cobertura e fomos recebidos pelos meus familiares. Cristine veio correndo e quando ia pulando no meu pescoço Beatrice a deteve.

PERIGOSAS ACHERON

— Não princesinha, o titio não pode te pegar, meu amor. Ele está dodói.

Agachou-se à frente da minha sobrinha e a beijou na testa, tentando convencê-la. Cristine não gostou muito, mas entendeu. Agachei também e a abracei.

O cheiro de comida fresca, feita pela mamãe, fez meu estômago dar sinal de vida. Apesar de ter ficado feliz com a recepção calorosa e o cuidado que todos tiveram comigo, ver meu apartamento tomado por várias pessoas – me incomodou. Sempre gostei de privacidade. O fato de ter ficado dez dias fora, só piorou a sensação. *Espero que eles vão embora logo. Preciso ficar sozinho com a minha menina.*

— Seja bem-vindo Sr. Bryan, estou tão aliviada que voltou. — Cida, minha fiel ajudante, veio até mim e me abraçou, toda comovida.

— Cida, pode, por favor, levar as coisas do

Bryan lá para cima? A suíte está preparada para recebê-lo? Quando foi a última vez que você foi ao mercado? Tem tudo o ele precisa? E os congelados, como estão? Jogue fora os que estiverem guardados há muito tempo e os substitua. Bryan não pode comer comidas muito pesada nesses primeiros dias. — Beatrice disparou e todos olharam para ela, com os olhos arregalados, inclusive a Cida. *Estou confuso, não sei se gosto ou não dessa Beatrice. Ela está querendo tomar a frente de tudo.*

Olhei para os meus pais e o sorriso no rosto da minha mãe foi comovente.

— Bom, acho que depois do almoço podemos descer de volta para casa — ressaltou o meu pai. — Bryan está em ótimas mãos — concluiu e foi até a Beatrice. — Anjo — disse e a beijou na testa. Fiquei consternado.

Karin se aproximou de mim – desconcertada, e me abraçou.

— “Cara”, achei que você ia deixar de pegar no meu pé — fungou e balançou a cabeça. — Tudo bem Karin, sem drama — falou com ela mesma. Deu um leve soco no meu braço. — Vê se fica mais esperto da próxima vez. — Virou para a Beatrice. — Sou sua fã — balbuciou, bateu continência e saiu.

Ficamos todos pasmos. *O que aconteceu enquanto eu estive desacordado? Quem são essas pessoas? Estou fodido, ela carregou minha família para o lado dela. Qualquer coisa que eu disser será usada contra mim.*

O almoço transcorreu bem. Beatrice, cada vez mais, se mostrou segura e dona da casa. Seu celular tocou algumas vezes e fiquei atento para as ligações. Todas elas vindas das nossas assistentes: Carol e Rebeca. Ela conduziu as duas na maior naturalidade, deu as coordenadas e assegurou que

na segunda-feira tudo voltaria ao normal. Como estávamos almoçando e não tínhamos conversado ainda, me calei. Não queria estragar o momento em família, que para mim é simples, mas sei que para ela é especial.

É evidente a intimidade que Beatrice adquiriu com a minha família. Eles confiam nela de uma maneira incrível. Poucas vezes se dirigiram a mim para as decisões, Beatrice tomou todas elas, sem titubear, não se deu ao trabalho nem de me perguntar – nada. Foi como se eu continuasse desacordado. Cida e Nathan me olhavam de canto de olho, desconfiados, esperando que a qualquer momento eu explodisse. Mantive-me calmo, por incrível que possa parecer.

Sentado no sofá, após ter me despedido da minha família, me sentindo fraco, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Beatrice se

aproximou, levantei o rosto e ficamos nos encarando, enquanto ela me entregou uma garrafa de água. Ao pegar a garrafa nossos dedos se tocaram e ela puxou a mão rapidamente. Franzi o cenho, indignado. O clima entre nós estava estranho. Nenhum dos dois sabia o que dizer. Tantas coisas a serem ditas e as palavras simplesmente desapareceram.

— Está com muita dor? — perguntou, melindrada.

Tomei um gole de água e me joguei no encosto do sofá.

— “Caralho”! — gemi. — Esqueço-me dessa “porra” — retruquei. — Estou com uma dor “filha da puta”! — Coloquei o braço no rosto e me contorci.

— Tss-tss... Quanta classe Bryan. Você não consegue formular uma frase sequer, sem que esteja recheada de palavrões — reclamou e sentou-

se a minha frente.

E então, o silêncio pairou sobre nós – mais uma vez. *Odeio me sentir acuado*. Minha condição física me impedia de jogá-la em cima do balcão e “foder” até cansar. Impedia-me de tomar meu posto. Fiquei sentado, brincando com a garrafa, perdido em pensamentos, sem saber por onde recomeçar.

— Bryan, tem alguma coisa que eu possa fazer? — indagou, sem se mover.

Beatrice estava receosa, o que me deixou extremamente irritado. Eu sabia que seria um longo caminho até fazê-la se soltar novamente. Meu medo era que estivesse comigo por dó e quando eu me recuperasse fosse embora. Um tremor passou pelo meu corpo, só de pensar na possibilidade.

— Tem várias coisas que você pode fazer, mas não posso pedir que você faça qualquer uma delas — protestei e respirei fundo.

— Quer tomar um banho? — perguntou, gentil.

Inclinei o corpo para frente e senti a pontada novamente no abdômen.

— "Porra" — gemi. — Quero. — Levantei-me com dificuldade e Beatrice me acompanhou com os olhos.

A atmosfera entre nós estava pesada e eu não tinha ideia do que fazer. Quando quase caí de volta no sofá, praguejando, ela levantou-se e segurou firme no meu braço.

Subimos as escadas devagar, até a suíte. Entrei e me sentei na beirada da cama, ofegante. Não sabia que estava tão debilitado e o fato de estar vulnerável estava me tirando do eixo. Tinha vontade de gritar e esmurrar a parede.

— Melhor um banho de banheira, não acha? — indagou, parada na porta do *closet*.

Dei de ombros, não seria capaz de ficar em

pé ao chuveiro. Quem sabe poderia tirar proveito da minha fragilidade e fazê-la entrar comigo na banheira. Enquanto ela preparava meu banho, deitei-me na cama e fiquei encarando o teto, pensando em como um vacilo meu, levou pelo ralo – meses de conquista. Do meu cérebro brotava fumaça, buscando uma maneira de reparar mais uma merda. Nunca imaginei que a Beatrice ouviria àquela gravação antes do nosso casamento. Já tinha feito planos para me sentar e explicar o que tinha acontecido, mas infelizmente nem tudo que planejamos dá certo.

— Está pronta — disse, em pé ao lado da cama. — Vou te deixar à vontade e aproveitar para arrumar minhas coisas no quarto de hóspedes. Assim que você se recuperar, volto para o meu apartamento.

Antes que ela saísse segurei seu punho com força e a puxei de volta.

— Você está agindo como uma estranha — falei em voz baixa.

— Eu me sinto uma estranha — respondeu, mais baixo ainda, com um tremor no corpo e baixou os olhos.

O silêncio se instalou novamente. Achei que a dor no meu corpo estivesse acabando comigo, na verdade, a dor que surgiu no meu peito – com a atitude dela – foi muito pior. Foi como se alguém estivesse me enfiando uma faca. Sentei-me lentamente, sem soltar seu pulso.

— Por favor, olha pra mim? — implorei.

Queria de volta minha menina. Antes de acontecer o acidente ficamos por dias em um clima romântico, estávamos conseguindo encontrar nosso equilíbrio. Durante o tempo em que estive internado ouvi várias vezes suas súplicas e declarações. Beatrice se entregou a mim de corpo e alma, no hospital. Soube por todos que não me

deixou um instante sequer. *Por que tem que ser tão difícil, agora?*

— Não posso fazer isso — exclamou, puxando o braço da minha mão e saindo.

Encontrei uma força interior e saí correndo atrás dela. Desci as escadas, disparado, e no último degrau consegui pegar seu punho, virando-a para mim.

— Não! — Ela gritou, tentando se soltar. — Não me toque!

— Beatrice, não faça isso — peguei o outro punho e aproximei nossos corpos. — Pare!

Ela desabou de joelhos no chão em prantos.

— Por favor, não faça isso? — pediu entre soluços. — Não torne as coisas mais difíceis do que já são.

Sentei-me no chão e a coloquei em meu colo. Beatrice manteve-se forte na frente da minha família, para retribuir a confiança que depositaram

nela, mas eu conheço minha menina: é frágil como uma boneca de porcelana.

Ela afundou o rosto no meu peito e se desmanchou em choro. Encostei o rosto em seus cabelos e a abracei forte. Foi muita pressão para ela. Quase morri em seus braços e depois fiquei por dias, desacordado, uma hora ela desmoronaria.

— Eu sinto muito — sussurrei. — Não queria ser tão egoísta, mas eu sou um tremendo "filho da puta", Beatrice. Preciso de você — suspirei. — Mais que tudo nessa vida. — Encostei os lábios em sua têmpora e continuei — não me deixa.

Ela levantou o rosto e esticou a mão, acariciando minha barba, deu um longo suspiro.

— A água do seu banho vai esfriar — murmurou, com a voz rouca do choro.

— Estou confortável aqui — repliquei.

— Você precisa cuidar dessa barba e cabelo

— advertiu, com o canto do lábio levemente erguido.

— Tem alguém que disse que estava cuidando de mim — brinquei.

Beatrice levantou-se e esticou a mão para eu pegar.

— Vamos.

Subimos de volta para a suíte, em silêncio. Entrando no banheiro ela colocou a toalha próxima a banheira e disse:

— Assim que terminar me chame, eu te ajudo se precisar. — Virou-se e foi saindo.

Alcancei seu braço e a encostei no meu corpo. *Vou usar minha melhor arma.* Afundei o rosto em seu pescoço e comecei a beijar todas as partes. Mordisquei seu maxilar e quando cheguei à orelha, segurei de leve, com os dentes e balbuciei:

— Entra comigo — provoquei. — Estou com saudades.

Peguei sua mão e coloquei em cima do meu “pau”, pulsando dentro da calça jeans. *Dez dias... É muito tempo para mim!*

— Não posso — balançou a cabeça e deu uns passos para trás.

— Beatrice, está me impedindo de te tocar. Isso vai contra todos os meus instintos — reclamei, com os dentes trincados.

— Bryan, eu te disse que era muito cedo. Te pedi uns dias e você me deu menos de vinte e quatro horas. Precisamos conversar — falou e virou de costas para mim.

— Não está certo isso Beatrice. Está me pedindo o impossível! — bradei.

Beatrice caminhou até a beirada da banheira e sentou-se.

— Eu te ajudo a tomar banho, entre.

Minha boca curvou-se em sorriso satisfeito. Nem tudo estava perdido. Peguei na gola da minha

camiseta e no momento que fiz o movimento para tirá-la, sob a cabeça, a pontada no abdômen voltou. Encolhi-me e gemi. Minha menina deu um pulo e, como um raio, se pôs ao meu lado. *Ah!... Essa dor "filha da puta" vai ter que me servir para alguma coisa.*

Encostei-me ao mármore da pia e abaixei a cabeça com a mão no abdômen.

— Bryan, está com muita dor? Vou descer e pegar um analgésico. — Virou-se e antes que ela saísse segurei-a.

— Só preciso de você — suspirei. — Não consigo tirar minha roupa — supliquei, arriscando um olhar pidonho. *Vou apelar para o lado emocional dela, já que ela quer tomar a frente, vou deixar.*

Sem perceber que eu estava mudando a tática, Beatrice nem me esperou terminar de falar. Pegou na bainha da minha camiseta e começou a

tirá-la. Após, abriu os botões da calça e o zíper e a desceu pelas minhas pernas, deu uma batidinha nos meus tornozelos, para eu levantar os pés.

— Pronto.

Afastou-se um pouco e me olhou nos olhos.

— Quer que eu tome banho de cueca?

Arqueei as sobrancelhas, com um sorriso maroto nos lábios. Ela inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos.

— Bryan, você não está se aproveitando da situação, está?

Dei de ombros e levantei as mãos, me rendendo.

— Eu preciso de você — amenizei, sussurrando.

— Pode tirar sua cueca, não está tão mal assim.

Cruzou os braços no peito e franziu o cenho. Neguei com a cabeça e me aproximei dela,

trazendo-a para o meu corpo. Afundei meu rosto em seu pescoço, sentindo o cheiro que me alucina. Seu vestido fino, de verão, facilitou minha investida. Esfreguei meu membro, duro como um pau, em seu corpo e a apertei em mim.

— Quando assumir uma responsabilidade faça o serviço completo, senão vou ligar para o meu pai e dizer que não está cumprindo com sua palavra — provoquei, com os lábios encostados em sua orelha.

Passei a língua em seu pescoço, logo abaixo da orelha, e os pelos do seu corpo arrepiaram-se. Beatrice se encolheu e se me empurrou de leve, se afastando.

— Não começa Bryan — bufou. — Só me faltava essa agora, vai querer se fazer de vítima, não combina com você.

Ficamos nos encarando, um esperando a reação do outro. Os bicos dos seios dela estavam

enrijecidos, a falta do sutiã e o tecido fino do vestido os denunciaram. Meu corpo pegava fogo, eu temia meu instinto. Não podia avançar o sinal, Beatrice ainda estava muito arredia. *Devagar Bryan!*

— Tudo bem — concordei e desci minha cueca pelas pernas. Voltei a ficar em pé e conferi o olhar felino da minha menina. Meu "pau" chegava a doer de tanto que pulsava. Coloquei as mãos na cintura e a fitei. — E agora, o que eu devo fazer, patroa? — provoquei-a.

Ela engoliu em seco e puxou o ar dos pulmões, controlando-se. Fez um gesto com a cabeça, para eu entrar na banheira. *Vamos ver até onde ela vai aguentar.* Quando a conheci, Beatrice era cheia de pudores e traumas, demorou um tempo para se soltar. Não posso dizer que mudou completamente, entretanto, eu sabia que o desejo estava a consumindo, assim como a mim.

A água estava morna, mas ainda relaxante. Apoiei a cabeça no encosto almofadado e fechei os olhos, me entregando. Não moveria um dedo, deixaria Beatrice fazer o que quisesse de mim, se era assim que ela voltaria para mim, de corpo e alma, assim seria.

Senti suas mãos passarem pelo meu pescoço levantando minha cabeça.

— Preciso lavar seus cabelos, aqueles banhos de gato do hospital não são legais, deve ter crostas nessa cabeça — brincou e torceu os lábios. — Molha a cabeça para facilitar meu trabalho, Bryan. — Baixei o corpo e afundei minha cabeça na água. Beatrice encheu a mão de shampoo e começou a esfregar meu cabelo. Em seguida fez eu mergulhar de volta para enxaguá-la. Pegou o sabonete líquido, preencheu a esponja e entregou-me. — Se esfrega.

— Nada feito, trato é trato, se vai cuidar de

mim cuide — falei e abri um sorriso safado, ansioso pelas suas mãos em meu corpo.

— Tss-tss... Vou me arrepender disso — reclamou, balançando a cabeça. Começou a esfregar meu pescoço, desceu para o tronco, barriga e foi diretamente para as coxas. Passou tão rápido pelas minhas pernas que se eu dependesse daquele banho para tirar crostas, eu estaria “fodido”. Levantou minha canela e lavou meu pé, entre os dedos, me fazendo cócegas. — Fica quieto Bryan, assim não vou conseguir. —Controlei meu impulso de puxar o pé e segurei o riso, não queria que ela parasse. Meus movimentos eram cautelosos. — Vem para o meio da banheira, me deixa esfregar suas costas. — Fiz o que me pediu e aproveitei o momento. Não sabia o quanto era bom ser cuidado pela minha menina. — Prontinho — disse me entregando a esponja.

Caí na risada, jogando a cabeça para trás.

— Seu brinquedo favorito está magoado. A parte mais importante do corpo você não lavou, Beatrice — zombei, achando graça da insegurança dela.

— Acha mesmo que vou fazer isso, Bryan? Pode tirar o cavalinho da chuva, você não está inválido — retrucou, franzindo a testa.

— Então quer dizer que as enfermeiras aproveitaram do meu corpo no hospital? — perguntei. Gaby tinha me dito que a Beatrice não deixou ninguém chegar perto do meu corpo, na hora do banho fazia questão de avisar a todas que elas só dariam as orientações. Seu rosto ruborizou, ela passou a língua pelos lábios e os segurou com os dentes. Baixou os olhos e negou com a cabeça. — “Porra...” — praguejei.

Meu instinto animal estava me dominando, precisava dela, como precisamos de oxigênio para respirar. Em um movimento rápido peguei em seus

braços e a puxei para dentro da banheira, fazendo a maior bagunça com água – pelo banheiro todo. Beatrice foi pega de surpresa, tentou levantar-se, mas a segurei com as pernas. Seu vestido grudou no corpo e nem a água, que já estava fria, conseguiu abrandar o fogo que se formou entre nós.

Mantive-a presa em cima de mim, segurei suas pernas com as minhas e a abracei forte. Seus seios roçavam meu peito e meu "pau" estava no lugar certo, era só afastar a calcinha. Ela apoiou as mãos no fundo da banheira e com o tronco levantado me encarou, brava. Não tirei o sorriso do rosto, a braveza dela só me deixa com mais "tesão".

— Não acredito que fez isso Bryan — esbravejou. — Não posso confiar em você, nem nos mínimos detalhes, não é mesmo? — salientou.

As palavras dela foram como um balde de água fria. *Por que ela sempre estraga o momento com suas inseguranças? Que "caralho"!*

— Você me ama? — murmurei.

A expressão do meu rosto tinha mudado completamente.

— Já não provei isso? — argumentou.

— Responda. “Porra”! — bradei.

— Me solta Bryan, não gosto quando começa com grosseria. — Tentou sair e não conseguiu, bufou. — Merda.

— Responda... — balbuciei, com os lábios estreitados.

— Sim.

— Por que faz isso então? Por que me rejeita tanto? Por que nos pune dessa maneira? Por que não me deixa explicar? Por que, Beatrice? — disparei, sem respirar.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela apenas disse:

— Só uns dias... Só disso que eu preciso. — Levantou-se e saiu da banheira. Não impedi.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 03 – Desmoronando

TER E NÃO TER AO MESMO TEMPO foi essa a sensação que tive durante todo o final de semana. Fechei-me e não dei a chance do Bryan reverter à situação. Depois de provar que estava bem, o suficiente para me jogar dentro da banheira, não me preocupei mais. Cuidei para que tomasse os remédios nos horários determinados e da sua alimentação, da melhor maneira possível. Só não podia, simplesmente, passar por cima de tudo o que tinha acontecido e deixar ele me vencer – com sexo. Dizer que foi fácil, seria pura hipocrisia, meu corpo reclamou o tempo todo. Ele me provocou quanto pôde. Meu sexo chegava a formigar quando ele se aproximava de mim, de short largo e mais nada. Ele fazia questão de mostrar o quão excitado estava e o que eu estava perdendo.

— Vamos com o seu ou com meu carro? —

perguntei, levantando-me do banco, procurando por minha bolsa.

Cida não trabalha aos finais de semana, portanto, me encarreguei de praticamente tudo, por dois dias. Acordar e ter o café da manhã com tudo o que mais gostamos, me deixou aliviada. Não foi nada fácil tomar a frente das coisas do Bryan, com ele andando atrás de mim, me abraçando e sussurrando bobeiras ao meu ouvido – seminu.

Bryan me puxou e me encaixou entre suas pernas.

— Até quando vou ficar de castigo? — indagou e fungou entre meus seios. — Não acha que está muito decotado esse vestido? — Me afastou e me analisou. — E curto... — Apertou minha bunda e me encostou novamente a ele. — E muito apertado.

— Vou fingir que não ouvi, Bryan. — Icei uma sobrancelha.

Não estava a fim de começar tudo de novo, principalmente a parte que ele me trata como propriedade – dele.

— Não respondeu minha pergunta — insistiu. — Tem prazo meu castigo? — Mordeu meu queixo. — Já te contei o que aconteceu; você ouviu a gravação e não consegue me perdoar? Qual é? — Pegou meu queixo e me fez olhar em seus olhos.

O domingo estava terminando, Bryan chegou de mansinho e quase se ajoelhou aos meus pés, pedindo trégua. Disse que eu precisava ouvir a gravação até o final, senão eu nunca entenderia. Sabia que chegaria aquele momento e antes que a coisa ficasse pior, busquei forças e ouvi a gravação inteira. Fiquei aliviada em saber que o Bryan estava falando a verdade, ele não tinha dormido com Alicia, e ao mesmo tempo apreensiva, em imaginar do que ela seria capaz – para tê-lo.

Beijei a ponta do seu nariz e repeti a pergunta:

— Com o meu ou o seu carro?

Ele estreitou os olhos e torceu os lábios.

— Com o meu é claro. — Encostou os lábios aos meus e com os olhos fixos aos meus me beijou, de leve.

— Tudo bem, se você confia em mim dirigindo seu carro, vamos com o seu — falei rapidamente e me virei.

Eu sabia o que as palavras causariam nele. *Não sei se ele me ama a ponto de soltar sua máquina na minha mão. Ele fala dela com tanto apreço, vamos ver agora.* Ele segurou meu punho e me puxou de volta.

— Que história é essa agora? — disse, com um olhar descrente e meio sorriso.

— Recomendações médicas. — Encolhi os ombros. — Você não pode dirigir enquanto estiver

se recuperando, é arriscado, ficou desacordado por muitos dias. — Aguardei uns minutos para ele digerir. — Ainda quer ir com o seu carro? — indaguei e ergui o canto dos lábios, com um sorriso provocativo.

— O que está insinuando? — Levantou-se e me abraçou. — Que não confio em você? — Pegou em minha cintura e me tirou do chão, beirando nossos rostos. — O que é uma máquina perto de uma vida? Estou confiando minha vida a você! — declarou.

Meu coração derreteu-se com sua confissão. Todas as vezes que o Bryan se desmancha para mim, me sinto lisonjeada. Ele não abre a guarda para ninguém, está sempre na defensiva, saber que eu o tenho por inteiro, me deixa confiante.

— Ok, você manda, chefe — alfinetei, sabendo que estava colocando a mão em um vespeiro. Bryan não gosta que eu diga que ele é

meu chefe, sempre diz que tudo o que é dele é meu.

Sentei no banco do motorista e olhei para o Bryan sentando ao meu lado, meu estômago contorceu-se. *Ai meu Deus... E se eu fizer "merda"? Não devia ter dado essa opção.* Colocamos os cintos de segurança e dei uma longa suspirada. Bryan percebeu minha insegurança, soltou o cinto, virou o corpo em minha direção e me acalmou.

— Está com medo de quê? — Trouxe seus lábios até o meu pescoço, o beijou sussurrando ao meu ouvido. — É sua máquina também, use-a como me usa e tudo ficará bem. — Voltou para o seu lugar e colocou o cinto novamente, sorrindo e balançando a cabeça.

— Tudo bem, vamos lá Beatrice, você consegue — acentuei para mim mesma, me convencendo de que aquilo era natural. O fato de

ser um carro gigante, caríssimo e o dono estar ao lado, e ser o todo poderoso, Bryan Soutto, não poderia me afetar.

Ele colocou a mão em cima da minha e me ajudou a ligá-lo. Em seguida, como se eu não soubesse dirigir, levou minha mão até o cambio e junto comigo colocou-o no D. Levemente apertei o acelerador, e o som suave do motor invadiu a garagem do prédio. Os primeiros movimentos foram decisivos para minha ansiedade, quando percebi que era um carro como qualquer outro, relaxei e me senti no comando.

Enfrentamos um trânsito intenso. No trajeto, Bryan ficou inquieto, não parou de mexer no painel do carro. Ligou o som e percorreu todas as estações de rádio, não ficava um minuto em cada uma. Depois abriu o porta luvas e pegou o manual do carro.

— Por que isso está aqui? — perguntou pra

si mesmo. Fiquei olhando, com uma expressão interrogativa, achando a atitude dele muito estranha.

— Você está bem Bryan? — questionei, com as sobrancelhas arqueadas.

— Por quê? Não pareço bem? — respondeu, sem olhar pra mim, folheando o manual do carro.

— Não... Você está estranho — repliquei.

Ele parou o que estava fazendo e olhou para mim.

— Odeio me sentir vulnerável, não quero nem saber o que o médico acha, hoje foi o primeiro e último dia que você ficou nesse volante — balançou a cabeça. — Isso não está certo. — Voltou a folhear o manual do carro. — "Porra", preciso fazer revisão nesse carro, já venceu.

Ignorei e continuei, logo em seguida, já estava entrando na garagem do prédio em que

ficam nossos escritórios. Estacionei o carro em sua vaga e respirei fundo, muita coisa tinha acontecido e agora sim – tudo iria começar. Pelos nossos planos, era para estarmos nos últimos preparativos do casamento, e no fim das contas, lá estávamos nos preparando para uma verdadeira batalha – Alicia e Nestor.

Descemos do carro, caminhando até o elevador entreguei as chaves para o Bryan e comuniquei:

— Yuri deve estar lá em cima, estava pensando que podemos dispensá-lo por uns dias, enquanto eu estiver cuidando de você. — Apertei o botão do elevador e logo as portas se abriram. Entramos e acionei os dois andares: décimo e vigésimo. Bryan olhou para mim, indignado.

— Que "porra" é essa Beatrice? — perguntou.

— Do que está falando Bryan? — Torci o

nariz.

— Acha mesmo que vai ficar no seu escritório? Já tínhamos combinado que trabalharia comigo e passaria a responsabilidade para a Rebeca. Achei que já tinha resolvido isso — explodiu, com o paletó aberto e as mãos na cintura.

Revirei os olhos e soltei uma lufada de ar.

— Claro que eu já resolvi isso Sr. Bryan Soutto, inclusive, foi enquanto estava sentada ao seu lado no hospital — ironizei. — Ah... Não, me lembrei... — Levantei o indicador. — Foi enquanto eu estava te dando banho, afinal eu tive muito tempo para isso, não foi? — Cruzei os braços no peito e apertei os lábios.

As portas abriram-se no décimo andar, saí andando sem olhar para trás. Entrei na recepção e cumprimentei Rebeca e Yuri. Rebeca veio até mim de braços abertos me dando boas-vindas. Não demorou muito para o Bryan entrar atrás. Com toda

a sua delicadeza, meneou a cabeça para os dois e me segurou.

— Vamos, preciso de você, depois você desce aqui e conversa com a Rebeca — disse próximo do meu ouvido, só para eu escutar. Abri um sorriso amarelo para a Rebeca, disfarçando minha raiva. *Começamos bem. Ele acha mesmo que eu vou subir e enfrentar a "vaca" loira, nem pensar!*

Ignorei completamente o Bryan e continuei andando em direção a minha sala. Entrei e quando achei que o Bryan estava atrás de mim, ele não tinha saído do lugar, estava com o corpo dobrado e as mãos nos joelhos, ofegante. *Caramba, peguei pesado, ele deve estar com dor.* Como um flash eu estava ao lado dele.

— Bryan, está sentindo dor? Vem, deixa eu te aju... — Não tive tempo de terminar a frase, ele pegou nas minhas pernas e me jogou nos ombros.

Filho da mãe – me enganou. — Bryan — gritei. — Você enlouqueceu? Solte-me!

— Não me desafie Beatrice, passou da hora de eu assumir meu posto. — Pousou a mão na parte interna da minha coxa e caminhou em direção à porta. Pensei em gritar e espernear, mas sabia que só me cansaria. — Yuri, passe no meu escritório, precisamos conversar — disse, sem se importar com o fato de eu estar com a bunda virada para cima, em seus ombros.

— Bryan, me coloca no chão, eu vou com você — revidei. — Minha calcinha está aparecendo — adverti.

— Perdeu a oportunidade Beatrice, agora será do meu jeito, e não tem nada aparecendo aqui. Rebeca! Pegue a bolsa dela para mim, por favor. — Rebeca entregou minha bolsa a ele, com a boca aberta e uma expressão de descrença.

Entramos no elevador e me senti aliviada,

seria colocada no chão e poderia andar com as minhas próprias pernas – doce ilusão.

— Pronto Bryan, já marcou seu ponto, me coloca no chão — protestei, sentindo meu rosto queimar. Ele deu um tapa ardido na minha bunda e prosseguiu:

— Dá próxima vez vai pensar duas vezes antes de passar dois dias me desafiando. — A porta do elevador abriu e duas pessoas entraram, com uma expressão engraçada. Vi a cara delas pelo espelho. Bryan cumprimentou-as e nem se deu ao trabalho de explicar. Chegamos ao vigésimo andar e fiquei apavorada em pensar que ele poderia entrar comigo nos ombros, na empresa dele.

— Bryan, pelo o amor de Deus, você não vai fazer o que estou pensando vai? — Ele continuou andando, comigo em seus ombros, como se eu fosse uma pena.

— Bom dia Camila — cumprimentou a

recepcionista.

— Senhor Bryan, está de volta, seja bem-vindo. — Camila saiu de trás do balcão e me olhou, com um sorriso no canto dos lábios. — Bom dia Srta. Beatrice, tudo bem? — Só meneei a cabeça e torci os lábios.

Bryan continuou seu trajeto, passando pela sala de atendimento, e todos pararam o que estavam fazendo para nos observar. Ele cumprimentou a todos com um aceno, como sempre faz e eu... Continuei de cabeça pra baixo, esperando a boa vontade do Bryan de me colocar no chão. Meu rosto queimava de vergonha. Entramos na sala de reunião e aí sim ele me arrastou pelo seu corpo, me colocando em pé, a sua frente. Arrumou meu vestido e meus cabelos e beijou a ponta do meu nariz.

— Prontinho minha menina linda, agora sim. — Virou-me para a sala, com todas as cadeiras

ocupadas, pelos diretores da empresa. — Bom dia pessoal — cumprimentou —, desculpe-nos pela entrada nada convencional, é que minha menina é um pouco teimosa.

Corri os olhos pela sala, querendo matar o Bryan. *Como ele pode agir com tanta imaturidade? O que ele pensa que está fazendo? Cada vez que age como uma criança, perdemos a credibilidade das pessoas, o momento é crítico – para que isso aconteça.*

— Bom dia — cumprimentei a todos. Limpei a garganta e coloquei o cabelo atrás da orelha. — Onde eu me sento? — Arrumei a postura, mostrando segurança. Bryan puxou a cadeira ao lado dele para eu me sentar, logo em seguida, sentou-se.

As pessoas permaneceram mudas, com olhares curiosos. A tensão era nítida. Todos estavam a par do assunto – a saída do Nestor e

Alicia. Marcelo já havia saído antes mesmo dos acontecimentos. Bryan não esperava uma recepção calorosa de sua equipe, porém, não achou que fosse tão fria. Com toda a certeza a ausência dele foi prejudicial. Alicia e Nestor provavelmente foram os responsáveis.

— Seja bem-vindo — disse o Nestor, quebrando o silêncio. Em seguida, os demais acompanharam seu gesto, alguns foram até o Bryan e deram um abraço. Permaneci sentada, apertando meus dedos no colo. De maneira alguma eu poderia mostrar insegurança. Durante todo o tempo em que o Bryan ficou no hospital, dei as coordenadas da empresa à Carol – com a autorização da família do Bryan.

— Bom pessoal, como todos sabem eu e o Nestor conversamos e achamos melhor cada um seguir o seu caminho. — Bryan iniciou a fala, sentando e abrindo o botão do paletó. — Foram

anos que deram muito certo, mas — suspirou. — Nem tudo dura para sempre.

— Pode parar com a demagogia Bryan — bradou a Alicia. — Não precisa querer deixar bonita nossa saída, é tudo culpa dessa garota aí do seu lado. — Apontou para mim. — Todos já sabem disso.

Endureci o corpo e respirei fundo. Era tudo o que eu menos queria. Deus sabe o quanto evitei estar na posição em que estou. "*Vaca" loira!*

Bryan coçou a barba, já muito bem cuidada pelo seu barbeiro, balançou a cabeça e soltou uma lufada de ar. Quando percebi que perderia a estribeira, coloquei a mão sobre a sua e meneei a cabeça, para ele se acalmar. Alicia e Nestor não tinham o que perder, fariam de tudo para tirar ele do sério, assim ele perderia a confiança da equipe.

— Continuando... — prosseguiu, ignorando a fala da Alicia. — Vou fazer um remanejamento

na equipe, tenho alguns slides mostrando como vai ficar. — Ligou o projetor e quando daria início à apresentação uma pessoa da equipe se manifestou:

— Não vamos ficar com você Bryan.

Bryan parou e com o cenho franzido rebateu:

— Como que é?

— Isso mesmo que você ouviu. Nestor é o alicerce dessa empresa, ele que sempre a administrou. Você estava preocupado em ser o “Rei das Noitadas”. — Abriu aspas com os dedos. — E quando deixou sua vida de noitadas, só piorou a situação. Conheceu essa garota. — Apontou com a cabeça para mim. — E desde então vem tendo atitudes imaturas. Acha normal entrar com ela em seus ombros, em uma empresa, Bryan? Como quer que confiemos nossas vidas a um empregador descontrolado? Sem contar a sua ausência. Não fosse o Nestor segurar as pontas, nesses últimos

seis meses, essa empresa estaria “fodida”.

Gelei. *Meu Deus! O buraco é bem mais embaixo. Se todos saírem estamos mais do que “ferrados”. Até repormos essas pessoas, a empresa vai sofrer um baque enorme.* O ar irônico e satisfeito da Alicia mexeu com a minha razão. Tive vontade de levantar e voar no pescoço dela, mas só pioraria.

— Deixa-me ver se entendi, então quer dizer que vão todos trabalhar com o Nestor? — Bryan perguntou com os dentes trincados. Tive medo de ele colocar tudo a perder. Claramente estava alterado.

— Isso mesmo — continuou, todo confiante.

— Acredito então que o seu novo empregador já tem tudo preparado para vocês irem com ele — acrescentou Bryan, virando o corpo e encarando o Nestor. Nestor não recuou.

— Sim Bryan, temos um escritório montado aqui no prédio mesmo, faz parte da empresa, vamos só o assumir. Estou saindo da empresa, mas não deixando de ser sócio, sendo assim, tenho direito de assumir o que é meu — revidou Nestor.

Bryan arregalou os olhos e sorriu sem vontade.

— E que escritório é esse que eu desconheço? — Cruzou os braços no peito.

— Sua garota é bem íntima dele, fica no décimo andar. Já que ela ficou lá por quase seis meses, sem pagar aluguel, vamos ficar o mesmo tempo – até sentarmos para negociar como será a divisão dos imóveis da empresa.

Caramba! Eu sabia que isso não ia dar certo. Desde o início alertei o Bryan sobre o sócio. Agora sobrou para mim. O que eu vou fazer com meus clientes? Engoli em seco e senti minhas mãos começarem a suar. Antes mesmo de entrar em

pânico e dar o que a Alicia queria: uma demonstração de fraqueza. Inspirei e expirei várias vezes.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! — explodiu Bryan. — Nem “fodendo”! — Levantou-se e começou a andar pela sala, passando as mãos pelo cabelo. — “Porra”, Nestor, já não basta quase ter me colocado na cadeia? Que “caralho”! Mui amigo você é! — Parou em frente à vidraça, com as mãos na cintura, de costas para a mesa. — Você só tem trinta por cento dessa empresa e age como se tivesse cem. Que “porra” é essa agora? — Virou novamente e ficou de frente para o Nestor.

Nestor deu de ombros e abriu um sorriso irônico.

— É como as coisas funcionam Bryan. — Olhou para mim. — Quanto tempo precisa para tirar suas coisas do espaço? — perguntou.

— Não responda, nem "fodendo" que isso vai acontecer — bradou o Bryan.

Levantei as mãos me rendendo.

— Calma Bryan. — Suspirei. — Tudo bem — concordei. — Preciso de um dia.

O peito do Bryan subia e descia ferozmente. Fiquei com medo que ele enfartasse. Levantei-me e fui até ele, coloquei a mão em seu peito e beijei seu queixo, sussurrando:

— Calma, estou aqui, vai dar tudo certo. — Busquei uma coragem de outra galáxia. Se eu titubeasse, correria o risco de perdê-lo. Com toda a certeza teria um treco, alí, na frente de todos. Virei para a mesa. — Pessoal! Preciso de um minuto com o Bryan, desculpe-nos, logo voltaremos. — Entrelacei os dedos aos seus e fui puxando-o para fora. Passamos pela Carol que veio nos abraçar, dando boas-vindas.

Entramos na sala e acionamos as persianas.

Bryan se sentou em sua cadeira, transtornado. Tranquei a porta e me aproximei dele, encostei-me a sua mesa, de frente com ele, segurei a beirada, com força, controlando meu estado de nervos e iniciei:

— Vamos ter que criar estratégias, Bryan. Não podemos recuar. Agora é pensar com a razão. Se tentarmos manter essa equipe, ficaremos reféns dela, isso é a pior coisa que pode acontecer.

— Beatrice, ele “fodeu” com a minha vida e agora está querendo destruir minha empresa. E que história é essa de te tirar do seu escritório? Ele não pode fazer isso — exclamou, completamente alterado.

— Bryan — peguei seu rosto com as duas mãos. — Pare! — Beijei a ponta do seu nariz. — Calma, vamos dar um jeito. Se ele pode ou não, isso não cabe a nós decidirmos, temos que sentar com seu advogado e traçar um plano. Por hora,

temos que resolver da melhor maneira possível. Eles querem te quebrar e se continuar agindo assim vai dar esse prazer a eles.

Ele me puxou para o seu colo e me abraçou com força. Enfiou o rosto no meu pescoço e balbuciou:

— Anjinho... — suspirou e calou-se por uns minutos. — O que tem em mente?

— Já que sua equipe foi desmontada, teremos espaço suficiente – nessa empresa — brinquei. — Vou trazer minhas meninas para cá, teremos que remanejar a empresa inteira. — Levantei seu queixo, fazendo com que olhasse em meus olhos. — Você sabe que o faturamento vai despencar com tudo isso, não sabe? Tenho certeza de que o Nestor e a Alicia farão questão de levar vários clientes com eles, tem consciência disso, não tem? — indaguei, preocupada.

Ele fechou os olhos e praguejou:

— “Porra... Estou fodido”. Será que terei que começar do zero?

Neguei com a cabeça.

— Só terá que agir diferente, a começar pela reposição das pessoas, vai ter que diminuir os departamentos e contratar recém-formados, por conta do salário.

Bryan encostou a testa na minha e me encarou, com os olhos vermelhos de raiva.

— Você tem razão, preciso ficar calmo. E tenho você, isso é o mais importante.

— Sim Bryan... estou aqui. Vou dedicar minha vida e provar a esses “idiotas” que essa empresa ficará muito melhor sem eles. Ou não me chamo Beatrice Maltez!

Bryan abriu um sorriso largo, encostou o lábio no meu e concluiu:

— Estava na dúvida se gostava ou não dessa Beatrice, mas agora tenho certeza de que a

amo — confessou. — Não gosto quando usa o sobrenome do seu ex-marido. Beatrice Soutto soa melhor. — Invadiu minha boca com sua língua, fazendo meu corpo estremecer. Não queria abrir a guarda com ele, ainda era muito cedo, mas diante das circunstâncias, o melhor que eu tinha a fazer era me entregar. Retribui seu beijo, passando as mãos pelos seus cabelos e apertando-o contra minha boca. A eletricidade tomou conta de nós, e nós dois soltamos um gemido – no fundo da garganta.

— Vamos voltar, antes que eu te jogue nessa mesa e te “foda” até você não conseguir andar — provocou, sem tirar os lábios dos meus.

Sorri em seus lábios e me levantei, relutante. Dali pra frente, tudo seria diferente e eu mostraria meu valor para todos. Mostraria o quão forte sou – mesmo que aparente o contrário.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 04 – Tramando

AMIZADE, FIDELIDADE, COMPANHEIRISMO, FAMÍLIA... O que tudo isso significa? O que é mais importante? E os negócios? Até onde se vai para ter sucesso? Cada um tem seus valores, suas prioridades: *"Tudo é relativo"*.

— Vocês têm certeza do que estão me pedindo? Nós vamos cutucar a onça com vara curta — argumentou Leandro.

— Está querendo pular fora, Leandro? Antes mesmo de começar? Nunca foi covarde, o que deu em você agora? — provocou Alicia.

— Não vem com essa não Alicia, você viu como "o cara" está dominado por aquela garota. Ele virá como um furacão pra cima de mim se souber — reclamou.

— Dá para vocês dois sentarem e se acalmarem? Temos que estar unidos, senão todo o

nosso plano vai por água baixo — repreendeu Nestor.

— Ah sim, o irmão sensato. — Bufou Leandro, sentando-se. — Vai lá, despeja. — Gesticulou com as mãos, para o Nestor continuar.

— A sua parte é a mais fácil, Leandro, a garota é linda e gostosa, é só se aproximar dela, vai sair ganhando — assegurou Alicia, com uma expressão maligna no rosto. — Tire ela do caminho do Bryan, o resto deixe comigo. Eu o conheço bem, é facinho de ele cair na minha.

— Estão se esquecendo de que eu estava no evento, ela pode me reconhecer e aí, o que vamos fazer? — perguntou Leandro.

— Nem se preocupe com isso, a garota é alienada e depois, a arte da nossa querida irmã, distraiu-a bem — acrescentou Nestor. — Falando nisso, vê se pensa com a razão dessa vez, Alicia. Onde estava com a cabeça em pagar uma pessoa

para atirar no Bryan? Não entendo você, quer ou não ele? — questionou, com o cenho franzido.

Alicia respirou fundo e continuou:

— Aquele idiota do pai da Beatrice, eu disse que era só para assustá-lo, o imbecil deu três tiros. — Suspirou. — Quase perdi o Bryan e agora tenho aquele detetive no meu pé. Qualquer vacilo meu ele me enquadra. — Torceu os lábios.

— Ok, vamos nos focar no que viemos fazer aqui — ressaltou Nestor.

— Acabar com a alegria daquela garota imbecil e ter meu homem de volta. Nem que para isso eu tenha que destruí-lo — concluiu Alicia, sorrindo diabolicamente.

Capítulo 05 – Decisões

Parei na porta do quarto de hóspedes, encostei-me ao batente, com os braços cruzados, inclinei a cabeça e fiquei admirando a beleza genuína do meu anjinho. Anjinho relutante é bem verdade, entretanto, não deixa de ser minha salvação.

Eram duas da manhã e eu ainda não tinha conseguido dormir. Nosso dia havia sido sufocante, encaramos uma batalha fugaz. Beatrice enfrentou a todos, nos surpreendendo, muito mais a mim. Ao chegarmos ao apartamento, achei que meu castigo tinha acabado, mas me enganei completamente. Ela subiu as escadas da cobertura e foi direto para o quarto de hóspedes, onde tem ficado desde que saí do hospital. Quando fui tentar argumentar ou tomar o que é meu, ela me lançou um olhar assassino. Soube que o melhor seria recuar, a tirar pela

coragem que tinha tido durante o dia, não cederia.

Aproximei-me da cama e sentei-me na beirada – devagar, para ela não acordar. Dobrei o corpo até o pescoço dela e aspirei o cheiro que me embriaga. Minha menina estava deitada de lado, com as mãos embaixo do rosto e os cabelos espalhados pelo travesseiro. Com as pontas dos dedos afastei alguns fios caídos em seu rosto e apreciei a leveza do seu sono. A boca entreaberta e a respiração tranquila. *Com toda a certeza tomou o remédio que a Dra. Perci receitou, depois de um dia agitado, ela não estaria tão calma.*

— Eu amo você — sussurrei ao seu ouvido. Ela abriu os olhos, com dificuldade e balbuciou:

— Que horas são? — Fechou os olhos novamente, se ajeitou na cama e voltou a dormir.

Passei os braços pelo seu corpo e a peguei. Como uma gatinha manhosa ela se enroscou no meu pescoço e murmurou:

— Adoro seu cheiro. — Foi o suficiente para ativar meu lado animal. Tive que buscar um controle excessivo. *Quantos dias ainda vou ficar na seca? Beatrice está testando todos os meus limites.*

Caminhei à suíte e a coloquei na cama, tirei seu pijama deixando-a de calcinha.

— Seu lugar é aqui, chega de quarto de hóspedes. Você dorme aqui — sibilei e me deitei atrás dela, puxando-a para o meu peito. Beatrice não contestou – me apertou contra ela, e terminamos a noite de conchinha, da maneira que ela gosta.

— Bom dia — murmurou e beijou meu queixo. — Por que estou aqui? — Afastou um pouco e rosto e olhou em meus olhos.

Apertei os braços em seu corpo e a coloquei embaixo de mim, em um movimento rápido. Beijei

todas as partes do seu rosto e a fitei, com o tronco levantado, apoiado pelos cotovelos.

— Porque eu amo você — respondi.

Ela levantou o canto dos lábios, com meio sorriso, e tirou alguns fios de cabelos da minha testa.

— Você está de castigo — contestou.

Balancei a cabeça – negando, levei a mão até a sua nuca e a trouxe para perto dos meus lábios.

— Bryan... — suspirou. — Precisamos conversar — disse e prendeu os lábios nos dentes, desviando o olhar.

— Eu preciso de você — sussurrei e encontrei sua boca, com um beijo possessivo. Meu controle se definhou. Não existia a menor possibilidade de eu a deixar continuar com aquilo, estava me destruindo – por dentro e por fora. Inclinei-me sobre ela e passei a língua no meio de

seus seios, subindo até o seu pescoço. — Eu preciso fazer isso — reforcei. Continuei o percurso, com a língua, até chegar a sua orelha. Senti o seu corpo vibrar e os pelos se arrepiarem. Nossos corpos imploravam – um pelo outro.

— Por favor, Bryan — murmurou quase inaudível. — Você não pode querer resolver tudo na cama — reclamou se contorcendo.

— Beatrice, é assim que eu converso e resolvo as coisas. Não conheço outra maneira — balbuciei ao seu ouvido, mordicando a ponta da orelha.

Gentilmente passei a língua pelos seus lábios. Beatrice não conseguiu mais resistir, foi amolecendo o corpo e se entregando. Trouxe o corpo dela mais próximo do meu e enquanto minha língua tomou posse da sua boca, com o polegar, estimulei o bico do seu seio, deixando-o rijo. O movimento de nossas línguas se aguçou e Beatrice

apertou meus ombros. Nossas respirações ficaram curtas e erráticas. O controle estava aos poucos se esvaindo de nós.

Ela soltou um gemido – reclamando – no momento em que deixei seus lábios e fiquei de joelhos na cama. Coloquei minhas mãos nas laterais do seu corpo e arrastei a calcinha pelas suas pernas, deixando-a completamente nua. Joguei a calcinha de canto e provoquei-a:

— Agora nós vamos fazer as pazes — expressei-me e puxei o ar dos pulmões, com força.

Passe o tempo que passar a visão de Beatrice nua – em minha cama – ativa emoções adormecidas. De todas as mulheres que já estiveram comigo, nenhuma foi capaz de me desestabilizar. Beatrice tem uma beleza inocente, nada nela transmite vulgaridade. Ao mesmo tempo em que meu corpo pede que eu a tome com intensidade, meu cérebro insiste que eu devo

protegê-la. Esse antagonismo me deixa maluco.

O olhar dela modificou-se, acionando todos meus botões. Ela umedeceu os lábios com a língua e suspirou. Levantou o tronco e com os indicadores desceu minha cueca Box pelas minhas pernas, sem tirar o olhar do meu, cheio de luxúria. Facilitei a retirada do único item entre nossos corpos. Com os pés, ela terminou de tirá-la e jogou-a longe. Meu “pau” latejava. Levei a mão até ele e estimulei-o, enquanto Beatrice voltava a deitar-se. Coloquei um joelho de cada lado do seu corpo e me aproximei. Peguei sua mão e coloquei sobre meu membro, pousei a minha em cima da dela e a guiei nos movimentos de subir e descer.

— Estava com saudade — murmurei e gemi. — Muita saudade — conclui. — Obrigado por não me abandonar.

A última frase foi quase impossível de eu completar. A fricção da mão de Beatrice no meu

"pau" fez meu corpo entrar em combustão. Tirei rapidamente a mão dela e afastei suas pernas, com o joelho.

A umidade do seu sexo estava evidente. O peito de Beatrice subia e descia, com dificuldade, e sua boca permanecia entreaberta. Ela segurou o lençol e apertou-o. Eu podia ver o desejo em seus olhos. Antes de inclinar o corpo e me deliciar no ápice de suas coxas, pude a ver prendendo o lábio inferior com os dentes, antecipando o prazer iminente. Um ato "fodidamente" afrodisíaco. Depois de dias na seca, os nervos do meu corpo estavam duros e meu "pau" chegava a doer, porém, sabia que boa parte do meu prazer resultaria da visão da minha menina – entrando em ebulição.

Dobrei seus joelhos, apoiando a sola dos pés no colchão e abri mais suas pernas. Admirei a mulher sex e maravilhosa a minha frente – e melhor – só minha. Passei o indicador pelos lábios

encharcados e lambuzei o clitóris. Beatrice arqueou as costas e um gemido escapou da sua garganta. Um sorriso de satisfação surgiu nos meus lábios.

— Olha pra mim — solicitei. Não podia perder nem um segundo de sua entrega. Ela me fitou, com os lábios cativos entre os dentes. — Eu amo você — repeti, aumentando o movimento do meu dedo em seu sexo. Introduzi o dedo médio nela e com o polegar iniciei movimentos circulares no clitóris. — Você me ama?

— Bryan... Não faça isso — implorou, com a respiração oscilando.

— O que não quer que eu faça? — perguntei e introduzi outro dedo.

— Ai... — soltou uma lufada de ar. — Caramba... — suspirou. — Você sabe que sim. Não precisa me torturar.

Sorri, extasiado, em saber o quanto eu a tinha em minhas mãos. Por mais que ela tentasse

lutar, não conseguiria se livrar de mim. Nossos destinos foram cruzados.

Tirei os dedos de dentro dela e direcionei meu “pau” até o meu lugar favorito. Mesmo eu tendo cuidado ao entrar nela, Beatrice gemeu e puxou os lençóis com força, assim que eu estava inteiramente dentro dela. Abracei-a com força e afundei o rosto em seu pescoço.

— Você tem ideia do quão “fodidamente” sex você é? — balbuciei ofegante. Entrava e saia dela com carinho, absorvendo todo seu corpo, seu cheiro, seu sabor. — Tem noção do quanto me controlo para não te machucar? — Aumentei um pouco o ritmo e lambi embaixo da sua orelha.

— Não sou de cristal, Bryan — retrucou, apertando minha bunda. — Gosto da sua intensidade — sussurrou ao meu ouvido.

Ela segurou meus cabelos da nuca e juntos soltamos um gemido, assim que intensifiquei as

estocadas. Ondulei os quadris sobre ela e a sensação foi avassaladora.

— “Porra”! — praguejei. — Você é só minha, Beatrice — enfatizei, afastei e devagar entrei novamente. Beatrice alternava em apertar meus ombros e puxar meus cabelos. — Apenas para os meus olhos, meu toque e meu prazer — suspirei e estoquei com força. — De mais ninguém.

Saí completamente dela, voltei a ficar de joelhos e achei graça da expressão de desgosto que cobriu o seu rosto. Sem aviso prévio, peguei em suas pernas e a virei, deixando-a de bruços. Dei um leve tapa em sua bunda e me aproximei da sua orelha.

— Você precisa dizer que me ama, ou terei que arrancar de você com sexo — sibilei, empurrei os cabelos dela para o ombro e passei a língua em sua nuca. Desci a língua pelas suas costas até a entrada da sua linda e deliciosa bunda. Mordi cada

lado dela e passei a mão por baixo, levantando seu tronco, pondo-a de quatro. Beatrice estava entregue, perdeu a fala e a capacidade de resistir. — Não me negue isso, minha gatinha manhosa. Vamos, estou esperando ouvir as palavras que mais amo, quando elas saem da sua boca gostosa.

— Eu amo voc... Ah Deus! Bryan... Não consig... — bradou, enterrando o rosto no travesseiro, enquanto eu a penetrei sem dó. Peguei nas laterais do seu corpo, mantendo-a firme. Dobrei o corpo e me encostei a ela, levei a mão até o clitóris e voltei a excitá-lo, sem parar os movimentos de vai e vem.

— Eu amo você... “CARALHO”! — gritei e golpeei forte e preciso dentro dela.

O cheiro de sexo dominou o ambiente, a luxúria, o desejo, todos os fatores contribuíram para o momento. Nossos corpos escorregavam de suor.

— Não achei que seria possível amar

tanto... — Respirei fundo algumas vezes. — Uma pessoa... — Meus movimentos continuavam ritmados e meticulosos.

— Bryan... — gritou abafado, com o rosto no travesseiro.

Senti seu sexo contrair meu "pau". Antes que ela "gozasse", me afastei, saindo dela e a virei de volta na cama. Prendi seus braços acima da cabeça, segurando-os pelos punhos. Aproximei meu rosto do dela e olhei dentro dos seus olhos.

— Quero ver você se desmanchar em meus braços. Ter certeza de que a tenho por inteiro — disse e invadi sua boca com a minha língua. Percorri todos os espaços de sua boca, absorvendo seu sabor e desfrutando sua textura. Soltei seus lábios e levantei o tronco. — Você me enxergou de verdade, minha menina, me decifrou. — Beijei a ponta do seu nariz e a penetrei novamente, agora com delicadeza. — Quero fazer amor com você, só

assim faremos as pazes. — Entrei e saí dela, devagar. Rocei seu nariz e continuei. — Nada de sexo com a minha princesa, só amor... — Mais uma investida, um pouco mais forte. — Amor... Só amor — conclui e a fitei.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e um sorriso bobo estampou seu rosto.

— Eu amo você, Bryan. Mais do que eu achei que seria capaz. — Suspirou e arqueou as costas. Meus movimentos foram ficando mais fortes. — Você me fez repensar em tudo... Argh... — gemeu, jogou a cabeça pra trás, com os olhos fechados. Parei os movimentos.

— Olhe pra mim — repreendi. Uni nossos corpos, mantendo os braços dela acima da cabeça. Aproximei o rosto ao dela e ordenei. — Juntos, agora! — Penetrei com maestria. Soltei uma lufada de ar e praguejei. — “Porraaaaa...!” — O prazer atingiu o clímax e um turbilhão de sentimentos nos

tomou.

Beatrice se contorceu e gemeu alto, contraindo seu sexo ao meu. Seu corpo ficou trêmulo e suas mãos se apertaram.

— Olhe agora. — Mantive meus olhos abertos e fixos ao dela.

Meu “pau” inchou dentro dela e o orgasmo me consumiu. Meu corpo convulsionou algumas vezes e, com uma força fora do comum, não desabei em cima dela. Controlei a respiração por uns minutos, segurando o lábio inferior com os dentes.

— E.U A.M.O V.O.C.Ê... — completou pausadamente.

— Eu sei que sim. Eu sou irresistível — gabei-me, provocando-a.

— Seu convencido — protestou, com uma expressão divertida.

Soltei seus punhos e desabei em cima dela

remexendo os quadris em círculos, ainda encaixado nela. Afundei o rosto em seu pescoço e ficamos em silêncio por alguns minutos. Beatrice passava as pontas dos dedos em minhas costas.

— Se continuar com isso teremos que começar de novo — balbuciei meio abafado.

Ela fez um som engraçado, de um sorriso satisfeito. Icei o corpo e a encarei.

— O que foi isso? Um sim? Quero mais? — brinquei e cutuquei suas costelas.

Ela deu pulo e me empurrou de leve.

— Seu tarado insaciável — frisou, sorrindo lindamente.

— Adoro seu sorriso. — Beijei o canto dos seus lábios. — Eu nunca vou me saciar de você. — Contornei seus lábios com o polegar e rocei seu maxilar com o nariz. — Fizemos as pazes? — indaguei e desci o nariz até o meio dos seus seios. — Podemos continuar de onde paramos? Que dia

vamos nos casar? — Fui até o seio e lambi em volta do mamilo.

Beatrice bufou e balançou a cabeça, inconformada.

— Você faz tudo parecer tão simples. — Torceu os lábios e revirou os olhos. — Ainda não conversamos — reclamou.

Fiquei a um milímetro do rosto dela, sentindo seu hálito quente e contagiante no meu.

— Acabamos de conversar — sorri. — Ou precisamos continuar para você entender melhor? — Meu “pau” já tinha se recomposto dentro dela. Fiz alguns movimentos de vai e vem olhando dentro dos olhos dela. — Acho que tem alguém aqui querendo mais — brinquei.

— Banho... — Beijou meu pescoço. — É isso que estou querendo agora.

Fiz uma careta, entortando os lábios e saí dela, sem vontade. Fiquei em pé e quando ela foi se

levantar não deixei – a peguei no colo – e caminhei a passos largos para o banheiro. Coloquei-a sentada na pia e abri a torneira da banheira. Enquanto a banheira enchia, voltei minha atenção a ela. Coloquei seus cabelos para trás, apoiei minhas mãos em suas coxas e encostei meus lábios em sua testa.

— Meu anjinho... agora podemos conversar — propus.

Beatrice começou a fazer círculos, com o indicador, nos pelos do meu peito, demonstrando insegurança. Respirou fundo e iniciou:

— Acho que deveríamos priorizar a empresa antes de pensarmos em casamento, Bryan — ressaltou, sem pestanejar.

Desencostei-me dela, para olhar em seus olhos e ter certeza de que ela estava me propondo mesmo aquele absurdo. Estreitei os olhos e os lábios e me controlei. Sorri de canto e dei uma leve

balançada na cabeça.

— Não quer se casar mais? — indaguei, já sabendo a resposta. *Beatrice não confia em mim.*

Ela fechou os olhos e prendeu o lábio nos dentes, inclinando a cabeça para trás.

— “Porra... Porra... Mil vezes porraaaaa!” — vociferei e me afastei, passando as mãos nos cabelos.

Fiquei de frente para ela, com as mãos na cintura, esperando ela ter coragem de colocar pra fora o que estava passando em sua cabeça. Ela abriu os olhos, espremeu os dedos no colo e com a cabeça baixa continuou:

— Não foi isso que eu disse — defendeu-se. — É só que... Se... — suspirou. — Precisamos ter foco, senão vamos perder muitos clientes, nós dois — argumentou e levantou os olhos, me fitando. — Passou um furacão por lá Bryan, você sabe que eu tenho razão.

— E o que impede de fazermos as duas coisas? — protestei e me aproximei novamente. Peguei em sua nuca e a massageei. Juntei seus cabelos e dei uma leve puxada para trás, levantando seu rosto em minha direção. — Não vou abrir mão de tê-la só pra mim, pela empresa, Beatrice.

— Que coisa do século passado Bryan, o que vai mudar um papel? Pare de ser tão “ogro”, machista — revidou, franzindo o cenho.

— V.O.C.Ê É M.I.N.H.A! Quantas vezes tenho que repetir isso? Quero um papel sim, ele me garante que você não vai fugir — esclareci e encostei os lábios aos dela. — Diga o dia ou vou escolher sozinho — avisei e rocei seu nariz com o meu.

Beatrice abriu um lindo sorriso, colocou a mão na minha nuca e puxou de leve meus cabelos.

— Vamos sentar com o Ethan e ver o que conseguimos, não depende só de mim, temos que

entrar contato com todas as pessoas envolvidas — acentuou e passou a língua pelos meus lábios. — Só vou fugir de você se continuar aprontando, Bryan. E um papel não me impedirá — enfatizou e arqueou as sobrancelhas.

— A banheira encheu, vem — comuniquei e peguei-a novamente no colo, colocando-a dentro da banheira.

Joguei alguns sais de banho, entrei e sentei-me atrás dela, puxando-a para o meu peito. Permanecemos abraçados por um tempo, em silêncio. Beijei o topo da sua cabeça e respirei fundo, antes de continuar nosso assunto. Muita coisa aconteceu nos últimos dias, como minha menina disse, passou um furacão pelas nossas vidas. Pode ser que ela tenha razão em nos focar na empresa, porém, só de pensar em deixá-la solta, sem nada que garanta que estará ao meu lado, meu sistema nervoso entra em colapso.

— Bryan... — chamou-me, tirando-me dos meus devaneios. — Estava pensando — comentou e virou o rosto em minha direção.

Levantou-se e sentou-se de frente comigo, colocando uma perna de cada lado do meu corpo. Achei graça de sua expressão séria e provoquei-a:

— O que minha empresária está pensando? — disse, sorrindo.

Ela inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso lindo.

— Que eu te amo — confessou e passou os braços pelo meu pescoço, ficando a centímetros do meu rosto. — Estou brincando, não é isso que estou pensando — completou.

— Ah... Então não me ama? — protestei, entortando o nariz.

— Quanta insegurança, Bryan — brincou, dando um leve puxão no meu cabelo. Beijou a ponta do meu nariz e prosseguiu. — Claro que eu te

amo, mas não é sobre isso que estava pensando, seu bobo! — Mordeu meu queixo.

— Menos mau — acrescentei e apertei suas coxas. Ela gemeu e fez uma cara feia para mim, me deixando aceso. — Não faça cara feia, já te disse que adoro você bravinha — aticei. — Vamos, sou todo ouvido. O que quer me dizer?

— Então... — Desviou o olhar.

— Ei... — Segurei seu queixo e virei-o em minha direção. — É tão grave assim? Por que a hesitação?

— Não, só não sei se você vai achar uma boa ideia — contestou.

— Só me dizendo para descobrirmos — frisei e soltei seu queixo, passando os braços pelas suas costas e trazendo-a para mais perto de mim. — Se vamos trabalhar juntos, precisamos discutir tudo, pode ser que eu não concorde, mas... — Sorri. — Me convença, vamos ver seu poder de persuasão

— esclareci.

— Vamos precisar de pessoas de confiança trabalhando conosco, certo? — argumentou. Concordei com a cabeça e fiz um gesto para que continuasse. — Minha irmã, a Polyana, era responsável pelo financeiro na empresa da família do Scott. — Suspirou. — Nem preciso dizer que não é mais né — completou e me fitou, esperando minha reação.

— Ok, está sugerindo que a tragamos para a empresa? — questionei. Beatrice balançou a cabeça, concordando. — Por mim tudo bem — respondi, encolhendo os ombros.

— Tem mais uma coisa... — Hesitou.

Icei as sobrancelhas e esperei a bomba.

— O Ethan... — cuspiu as palavras e entortou os lábios.

Endureci o corpo e fechei os olhos, puxando o ar dos pulmões, com força. *Esse cara vai sempre*

estar no meu caminho? Tudo bem que por último ele tem ajudado, contudo, nunca fico confortável com a relação dele com a Beatrice. É muita intimidade para a minha cabeça. *Eles não são irmãos, "porra"!* Sem contar que ele é a pessoa mais pervertida que eu conheço. Abri os olhos e os revirei, gesticulando com as mãos para que continuasse.

— Eu sei que vocês dois vivem se enroscando — admitiu. — Só que ele é um excelente profissional, estou pensando em convidá-lo a vir trabalhar conosco, no lugar da Alicia — sugeriu, com a voz baixa. — Nem sei se ele vai aceitar. — Deu de ombros. — Mas precisava antes saber o que você acha.

Mordi a parte interna da bochecha, me controlando. Não queria decepcionar minha menina, logo em nossa primeira decisão juntos. Por outro lado, pensar em conviver com o Ethan todos

os dias, não estava sendo fácil. De qualquer forma, Beatrice tem razão na questão de termos pessoas de confiança ao nosso lado. Ethan pode ser um “filho da puta” pervertido e atrevido, mas nunca prejudicaria a Beatrice.

— Expõe pra mim como pensa em dividir os departamentos — cobrei.

Era uma conversa necessária, mas inconveniente, principalmente por estarmos dentro da banheira, tomando banho. Depois que acertássemos os ponteiros da empresa, determinaria um limite, caso contrário, os assuntos da empresa começariam a interferir na nossa relação.

— Pensei em você continuar com a área comercial, eu assumir a administração, incluindo o RH. Ethan no marketing e Polyana no financeiro. O que acha? — inquiriu, mordendo os lábios.

Encostei a testa em seu peito e passei a língua entre seus seios. Ela deu uma remexida em

meu colo e resmungou:

— Bryan, fala comigo — censurou e levantou meu queixo com o indicador.

Abri um sorriso provocador e ajeitei sua bunda em meu colo, deixando meu “pau”, que já estava em ponto de bala, roçando a entrada do seu sexo.

— Deixa-me ver se entendi... Você vai assumir o administrativo e o RH, correto? — Ela concordou com a cabeça. — Então vai mandar em mim? — Icei uma sobrancelha e passei a língua pelos dentes superiores.

— Por que, o Nestor mandava em você? — indagou e soltou meu queixo, fechando a cara.

— Não faça cara de brava, já te disse, me deixa louco de “tesão” — brinquei e apertei suas coxas. — Não, ele não mandava, mas você... — Estreitei os olhos. — Vai querer mandar. Não me sinto confortável com isso. Gosto de ter o controle,

você sabe disso — contestei e a fitei. De solavanco ela levantou-se do meu colo e quando pensou em sair a puxei de volta, espalhando água por todo o banheiro. — Onde pensa que vai, oncinha. — Sorri e a abracei.

— Eu sabia que não daríamos certo nós dois juntos, Bryan — esbravejou em meu pescoço. — Vai querer controlar até minhas idas ao banheiro — enfatizou, levantando a cabeça. — Nós dois trabalhando juntos só vai nos afastar, é isso que vai acontecer. Você não consegue ser racional — acrescentou, revirando os olhos e entortando o nariz.

— Isso não está mais em questão — lembrei-a. — Só temos que acertar os detalhes — reforcei. — Tudo bem, seja como você quiser, não vou me opor, porém... — Levantei o indicador. — Sem intimidade com o Ethan no escritório, vou ser tachado de corno manso — frisei e beijei a ponta

do nariz dela. — Podemos tomar banho agora? — Ela só concordou com a cabeça, com um sorriso satisfeito. *Estou "fodido", nem nos casamos e ela já está me dominando.* — Ah... — Levantei seu queixo com o indicador. — Daqui pra frente nada de assuntos da empresa em casa, combinado? — Encostei meus lábios nos dela e aguardei a confirmação.

***

Estacionei o carro, olhei de soslaio para Beatrice e senti que estava apreensiva. Tenho percebido uma mudança radical na postura da minha menina, depois que eu me acidentei. Vejo que foi por necessidade, talvez por aprovação, não sei. Fico preocupado que ela possa cair em si e desabar, não me perdoaria se isso acontecesse, porém, dificilmente ela voltará atrás dos compromissos que assumiu – se bem a conheço – é

bem teimosa. Desliguei o carro e estiquei o braço, apoiando a mão em sua coxa.

— Você fica linda de empresária — elogiei, com um sorriso de canto. Vestida com um tubinho cinza claro, um cinto fino vermelho, sapatos altos da mesma cor do cinto e uma pasta de couro preta, Beatrice estava uma verdadeira executiva.

Ela olhou para mim, com admiração e alimentou meu ego:

— Preciso estar a sua altura, senhor Bryan Soutto. — Pegou minha mão, levou até os lábios e beijou a palma, apoiando o rosto nela.

Não sabia o quanto era bom à intimidade, acordar com a minha menina, escolhermos nossas roupas, comida, tomar decisões da empresa e tudo o mais. Não achei que um dia eu pudesse ter isso com alguém. Ao nos arrumarmos escolhemos roupas da mesma cor. Estava com um terno cinza claro, camisa branca e gravata vermelha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos gatinha manhosa, temos um dia e tanto pela frente — disse e fui saindo. Dei a volta no carro e não deixei Beatrice sair. — Não senhorita! Quero sempre abrir a porta para a minha gatinha. — Peguei em sua mão e a puxei pra junto de mim. Acariciei sua face com a ponta dos dedos e sussurrei, olhando dentro de seus olhos. — Eu te amo! Não se esqueça disso... Nunca.

Subimos até o décimo andar para informar à equipe da Beatrice sobre as mudanças e quando saímos do elevador percebemos uma movimentação estranha. Olhamos um para o outro com a testa franzida e caminhamos rapidamente para o escritório dela. Assim que entramos quase tive um colapso.

— QUE “PORRA” ESTÁ ACONTECENDO AQUI? — vociferei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06 – Se Impondo

Quando eu era adolescente pensava em como seria minha vida adulta. Ficava imaginando se algum dia eu poderia ter sucesso em alguma área. O rumo da minha vida me fez, por vezes, desacreditar nessa possibilidade. Pietro resgatou em mim a vontade de lutar, correr atrás dos meus objetivos. Foram anos lutando até chegar onde eu queria. Sentia-me satisfeita e privilegiada. Foi então que tudo desmoronou.

Agora estou aqui, diante de uma situação inusitada, buscando uma força interior e um equilíbrio que nunca tive. Desde o dia em que Bryan cruzou meu caminho tive certeza absoluta de que tudo seria diferente e... Intenso. Encontrei nele a segurança que precisava para continuar lutando e, ao mesmo tempo, o medo de ele me sufocar, tirando de mim o direito de escolha.

Foram apenas dez dias para que as posições se invertessem. Fui obrigada a tomar a frente das decisões, não sei se gostei ou não. Venho discutindo há meses por esse direito e quando o tenho, não sei o que fazer.

Olhei para o Bryan e respirei fundo, teria que encontrar o equilíbrio de qualquer maneira, pois com toda a certeza ele não encontraria. Seus olhos soltavam faíscas. Mordia a parte interna da bochecha e cerrava os punhos ao lado do corpo.

Meu corpo começou a dar sinais de pânico, as mãos ficaram congeladas e úmidas, a boca secou e a respiração acelerou-se. Fechei os olhos, por instantes, inspirei e expirei algumas vezes e, antes do Bryan cometer um homicídio, me pronunciei:

— O que está acontecendo aqui, Nestor? — Aproximei-me dele e indaguei, com a voz baixa. — Não combinamos que eu teria um dia para tirar minhas coisas?

— Nestor, onde vamos colocar as caixas com as coisas da insuportável? — A voz da Alicia soou no corredor. — Ah... Oi insuportável, que bom que está aqui, assim já leva suas coisas, estão atrapalhando. — Empurrou uma caixa em meus braços e caminhou até o Bryan. — Oi leãozinho, já sentiu minha falta? — Pegou na gravata dele e o puxou para perto dela, dando um selinho em seus lábios. Bryan pegou o pulso dela e torceu até as costas dela, aproximando seus corpos. Meu sangue ferveu nas veias, um instinto assassino surgiu dentro de mim.

— PARE COM ESSA PALHAÇADA, ALICIA! — gritou o Bryan. — Não encoste mais em mim, está claro isso pra você? — Chacoalhou ela e a empurrou, com força, para longe dele.

Alicia abriu um sorriso maléfico, pegou seu punho e o massageou.

— Adoro sua intensidade leãozinho —

provocou e se aproximou dele novamente, passando as unhas em seu rosto.

Bryan cerrou o punho e levantou o braço, para dar um murro no rosto da Alicia. O pavor foi tão grande de ele se prejudicar que, em uma fração de segundo, eu larguei a caixa no chão e me coloquei entre eles, segurando o braço dele.

— Não vale a pena, Bryan — sussurrei. — Por favor, olha pra mim — pedi e peguei em seu queixo, virando seu rosto para mim. Balancei a cabeça e levantei as sobrancelhas, balbuciando. — Calma.

Ele se afastou e passou as mãos nos cabelos, controlando a respiração. Virei-me novamente para os irmãos e vi atrás deles uma equipe assustada. Rebeca estava com os olhos arregalados e as demais com seus pertences nas mãos, sem saber o que fazer.

— Então? — inquiri, cruzando os braços no

peito, disfarçando a tremedeira que tomou conta do meu corpo. — Acho que começamos mal, o combinado não sai caro, Nestor — acusei, sem me alterar. — Podia pelo menos ter me avisado que viria hoje, nem tive tempo de conversar com a minha equipe.

— Ele é um “filho da puta” mesmo Beatrice — bradou o Bryan atrás de mim. Balançou a cabeça e continuou. — Como fui otário por tantos anos? — Tss-tss. — Abriu o paletó e colocou as mãos na cintura.

— Quer falar de “filho da puta”, Bryan? Não fui eu quem matou uma criança — rugiu Nestor, desafiando o Bryan.

Meu Deus! Como ele pode acusar o Bryan de um absurdo desses? Tudo bem que ele tentou fazer a Alicia abortar, porém, não se concretizou. Fora que o Nestor não sabe dessa história, ou não deveria saber. *Será que a Alicia contou para sua*

família?

Tremi na base, com as palavras do Nestor, esperando o Bryan explodir. A reação dele não foi o que eu esperava. Ele se afastou um pouco e puxou o ar dos pulmões.

— Eu não fiz isso — murmurou e baixou a cabeça, passando a mão na nuca.

Um silêncio tomou conta do ambiente, por uns instantes. O ar ficou denso, e as pessoas ficaram umas olhando para as outras, sem entender nada.

— Tudo bem — ponderei. — Minha equipe não tem obrigação de assistir vocês lavarem a roupa suja de anos. — Caminhei até as garotas e comecei a instruí-las. — Meninas... — Sorri, sem vontade. — Estamos subindo na vida — brinquei. — Vamos para o vigésimo andar. Desculpem-me, não tive tempo de avisá-las antes. — Quase nem terminei a frase, Alicia se aproximou e jogou seu

veneno:

— Quanto otimismo! — Riu e balançou a cabeça. — Se não fosse trágico, seria cômico. Está sendo despejada, “idiota”. Abra o jogo para as suas “meninas”. — Abriu aspas com os dedos.

Foi à gota d’água. Como um relâmpago, Bryan estava com a mão no pescoço dela, a encostando à parede.

— “FILHA DA PUTA”! O que acha que está fazendo? Eu coloco você e seu irmão a pontapé daqui — esbravejou, apertando cada vez mais o pescoço dela.

O rosto da Alicia foi ficando vermelho, ela tentou falar e sua voz não saiu. Senti minhas pernas amolecerem, meu estômago virou de ponta cabeça, o gosto da bílis queimava minha boca e a qualquer momento eu colocaria o café da manhã para fora. Olhei para todas, e assim como eu, estavam inércias, perdidas.

— Solta ela, Bryan — gritou Nestor.

Puxou o braço do Bryan, na tentativa de aliviar para a Alicia. Bryan não facilitou, empurrou o Nestor e continuou apertando Alicia contra a parede.

— Vai se desculpar com a Beatrice agora, sua “VADIA”! — ordenou Bryan.

Nestor, que sempre foi o apaziguador, perdeu o controle e voou para cima do Bryan, de punho fechado. O pânico tomou conta de mim, tentei tudo o que pude, mas foi demais. No momento em que o Nestor acertou o rosto do Bryan, corri, mas não deu tempo de chegar até o lavabo da recepção. Inclinei o corpo, apoiando as mãos nos joelhos, e todo o café da manhã foi arremessado no piso. Minha vista ficou turva e um calafrio passou pela minha espinha. Os joelhos dobraram-se e caí, com as palmas das mãos no que tinha acabado de colocar pra fora. Ouvi ao longe

uma tosse e a voz falhada da Alicia:

— Sempre chamando atenção. — Tossiu novamente. — É muito dissimulada — vociferou.

— Cale a "PORRA" da sua boca, Alicia. Eu juro, por tudo que é mais sagrado, que hoje eu vou cometer um homicídio — bradou Bryan, ajoelhando-se ao meu lado. — Rebeca, me ajuda aqui — solicitou, passando as mãos por debaixo dos meus braços.

Levantei a cabeça e foi nesse momento que vi a pessoa que estava faltando para piorar o cenário, entrando na recepção, acompanhado da Rita.

— Que "merda" está acontecendo aqui? — indagou e veio até mim. — Você está cada vez mais se superando, Bryan. O que você fez agora? — Rodrigo pegou meu queixo e fez eu olhar para ele. — O que aconteceu Beatrice?

Eu bem que tentei balbuciar alguma coisa,

para que ele se afastasse, porém, foi inútil. Eu tremia como uma vara verde. Perdi completamente o domínio do corpo. Rita colocou a mão da frente da boca e arregalou os olhos.

— "PORRA... PORRA... PORRAAAAAA"! Sai da minha frente seu imbecil! Tire as patas dela — explodiu Bryan, empurrando o Rodrigo. O nariz do Bryan sangrava.

Rebeca lançou um olhar complacente à Rita, para que tirasse o Rodrigo dali. Rita pegou no braço do Rodrigo, pedindo que se afastasse. Os dois se aproximaram da equipe e as meninas relataram, resumidamente, o que estava acontecendo. Enquanto isso, Bryan e Rebeca me levaram ao banheiro da minha sala, ou melhor, ex-sala.

— Rebeca, muito obrigado. Pode, por favor, conduzir a equipe para o vigésimo andar? Eu vou cuidar da Beatrice e já subiremos — solicitou

Bryan. Rebeca meneou a cabeça, concordando e quando estava saindo Bryan interrompeu. — Pede para a Carol buscar outra roupa para a Beatrice no meu apartamento. Ela sabe onde ficam as chaves. — Bryan olhou para mim, todo ressentido e balbuciou. — Me desculpe.

Seu rosto estava com sangue seco, os cabelos bagunçados, a gravata afrouxada, com os primeiros botões da camisa abertos. Ele tirou o paletó, dobrou as mangas da camisa até os cotovelos e me virou.

Eu estava cheia de vômito, nem mesmo eu estava aguentando o cheiro. De frente para a pia, olhei no espelho e nossos olhos cruzaram-se, provocando um arrepio no meu corpo. Passe o tempo que for o olhar penetrante do Bryan vai sempre me desestabilizar. Levei a mão trêmula até a torneira e a abri. Consegui pegar um pouco de sabonete líquido e lavar as mãos. Graças a Deus

sou prevenida e tenho enxague bucal no escritório. Enxaguei a boca, com o Bryan me observando, através do espelho. Ele apoiou o queixo no meu ombro e sussurrou, com os lábios encostados na minha orelha:

— Linda. — Passou a língua embaixo da orelha, afastou os cabelos para o lado e salpicou vários beijos na minha nuca. — Agora vou cuidar de você. — O hálito quente dele no meu pescoço enviou sinapses para todos os pedaços do meu corpo.

O corpo dele estava duro, os nervos do braço pulavam e sua respiração estava fora do compasso. Bryan estava no limite do seu controle. O que havia acabado de acontecer o deixara alterado. Ele desceu o zíper do meu vestido e em seguida tirou o cinto. Puxou o vestido pelos meus ombros e agachou-se, bateu de leve nos meus tornozelos para eu levantar os pés. Tirou os sapatos

e arrastou minha calcinha, pelas minhas pernas. Subiu de volta e desabotoou o sutiã, me deixando completamente nua.

Por mais que meu corpo pedisse, não tive reação nenhuma. Minha cabeça estava um balaio. Não esperava um início de dia tão alvoroçado. Por dias fui forte e não desmoronei, contudo, meu psicológico tem algumas limitações.

Bryan me virou novamente de frente para ele e beijou minha testa, mantendo seus lábios entreabertos, alí. Abraçou-me forte e foi nesse momento que o restinho de força que eu tinha, foi para o ralo. Afundei o rosto em seu peito e desatei a chorar. Abracei seu corpo, com toda a força que tive. Perdi a conta do tempo que ficamos naquela posição. As palavras eram desnecessárias. Bryan passava as mãos em minhas costas e beijava o topo da minha cabeça, sem parar.

***

PERIGOSAS ACHERON

— Calma pessoal — pediu Rebeca, gesticulando, assim que chegamos à sala de reunião.

Estavam todos no maior alvoroço. Minha equipe formada por sete consultoras e Rebeca, Carol – assistente do Bryan e o Rodrigo. O pessoal das baias tirou seus “headphones”, ficaram em pé e observavam – apreensivos. O caos tinha se instalado, o dia estava mais do que perdido. Os telefones tocavam sem parar e ninguém atendia. Parei na porta, com o Bryan atrás de mim e aguardamos uns instantes, até que percebessem nossa presença. Aos poucos foram se acalmando e sentando-se em volta da mesa. Os espectadores das baias foram voltando aos seus lugares, sem que precisássemos falar. Os telefones começaram a ser atendidos e aí sim entramos na sala.

— Fale para esse imbecil sumir da minha frente ou ele será a próxima vítima — rosnou

Bryan ao meu ouvido, segurando meu braço com força.

Só subimos ao vigésimo andar, depois que Bryan certificou-se de que tinha cuidado de mim. Carol, muito prestativa e dedicada, foi ao apartamento do Bryan e me trouxe um terninho branco com uma camisa de seda vermelha. O horário ajudou, ela não precisou enfrentar muito trânsito.

Já recomposta e encorajada por Bryan, estava diante de uma equipe, que aguardava ansiosa por orientações. Assumi uma postura ereta, respirei fundo e encarei.

Não tinha dia pior para o Rodrigo vir fazer acerto, porém, ele não tem culpa da falta de profissionalismo do Nestor. Eu teria que atendê-lo e me impor para o Bryan, pois, senão o fizesse no primeiro dia juntos, dali para frente eu seria uma marionete. Isso eu não poderia deixar acontecer.

— Bom dia pessoal — limpei a garganta. — Rodrigo, pode, por favor, vir até aqui — solicitei, caminhando para fora da sala. Bryan segurou meu cotovelo e voltou a bramar, encostando seu lábio quente na minha orelha:

— Que “porra” é essa? Não é para você ficar sozinha com ele. Deixa que eu resolva isso — ordenou e soltou meu braço, indo em direção à porta. Puxei-o, pela manga do paletó e, com uma sobrancelha içada, ameacei:

— Não se atreva e se meter nos meus negócios! — esbravejei, entre os dentes. Passei à frente dele, virei para as pessoas na sala e acrescentei. — O Bryan dará início a reunião, enquanto converso com o nosso cliente. — Olhei para o Bryan e o mesmo estava mordendo a parte interna da bochecha, com os olhos estreitos.

Dirigi-me à porta, onde o Rodrigo me esperava, com um sorriso provocador. *Ótimo,*

agora vou atender o Rodrigo onde? Os acontecimentos nos atropelaram, não tivemos tempo de pensar nos detalhes. O único lugar que tinha certeza que teria privacidade seria na sala do Bryan. Pedi que o Rodrigo aguardasse mais um minuto e retornei à sala de reunião.

— Bryan, vou usar sua sala — comuniquei e, antes que ele dissesse algo, virei-me e saí novamente.

Não arrisquei saber o que ele achava da minha decisão, naquele momento eu tinha que atender o Rodrigo. Entramos na sala do Bryan e o Rodrigo fez uma expressão de desgosto, balançando a cabeça.

— Não estou querendo ser inconveniente, mas eu tenho que te lembrar: "Eu te avisei" — advertiu com o indicador levantado, abriu o botão do paletó e sentou-se na cadeira à frente da mesa do Bryan. — O cara é a definição de problema, gata.

Não sei por que ainda insiste nisso. Espero que tenha pensado melhor e desistiu da maluquice de se casar com ele — frisou e aproximou o corpo da mesa, apoiando os cotovelos nela, cruzando os dedos.

Eu me sentei na confortável cadeira do Bryan, incomodada, me sentindo uma invasora. Mas o que eu podia fazer? Se voltasse o tempo, em quinze dias, tudo estaria diferente, mas... *Nada na minha vida consegue ser normal.*

— Vamos lá Rodrigo, tratar de negócios — desviei o assunto. — Imagino que veio tratar da inauguração da sua loja. A Rita conseguiu completar o quadro de funcionários? — indaguei, abrindo a capa do “IPad”, procurando pela conta dele no aplicativo. Ele demorou um pouco a responder. Levantei os olhos e o encarei, inclinando um pouco a cabeça e franzindo o cenho.

Rodrigo jogou o corpo na cadeira e revirou

os olhos, meneando a cabeça.

— O que mais “esse cara” tem que te fazer para você acordar, Trice? — interpelou, afrouxando a gravata.

Abri um sorriso de desanimo e fechei os olhos. Coloquei os cotovelos na mesa, o rosto entre as mãos e respirei fundo.

— Desde quando você me chama de Trice, Rodrigo? — refutei, fitando-o. — Isso é muito íntimo, não acha? — contestei, mordendo os lábios.

— Não somos íntimos, gatinha? — instigou, com um sorriso sensual enfeitando seus lindos lábios.

Ficamos nos encarando por um tempo, e as engrenagens do meu cérebro começaram a trabalhar incessantemente.

Rodrigo é um homem bonito, atraente, educado, carismático e têm várias outras qualidades, inclusive uma muito importante: não é

possessivo. No início eu achei que ele estava querendo provocar o Bryan, porém, com a convivência, percebi que sua admiração por mim é sincera. Ele seria o homem ideal para mim, com ele eu teria tudo o que preciso, minha vida chegaria perto da normalidade, mas... *Quem é que manda no coração?*

— Bom Rodrigo... não temos muito tempo. Como você viu, passou um furacão por aqui e precisamos organizar tudo. Inclusive — salientei, arrumando a postura na cadeira e levantando o indicador. — Peço desculpas a você, as coisas saíram do controle — completei e puxei o ar dos pulmões. — A partir de hoje, vamos atender aqui, no vigésimo andar. A próxima vez que vier tudo estará em seus devidos lugares — garanti, sorrindo timidamente.

— Era tudo o que ele queria – "caraca..." Tenho que admitir, "o cara" é um tremendo "filho

da puta", mas tem algo que as mulheres não resistem.

— "Merda"! — praguejei baixinho e prendi o lábio inferior nos dentes. Não queria ser indelicada com o Rodrigo, mas ele não estava facilitando em nada.

— Olha aí — ressaltou apontando para mim. — Quando foi que você começou a praguejar como ele? Não vai demorar muito para estar com a boca suja como a dele — concluiu e balançou a cabeça, indignado.

— Rodrigo — resmunguei, bufando. — Você está mais uma vez me colocando numa situação delicada. Podemos tratar de negócios? O que precisa de mim? — *Não me sinto nada à vontade falando do meu relacionamento conturbado, principalmente com o Rodrigo. Ele faz questão de me lembrar de todos os defeitos do Bryan.*

Rodrigo viu que não adiantaria seu apelo, nada mudaria na minha vida. Tratamos rapidamente de negócios. Ele me passou o que estava faltando para concluir, com a contratação da nova equipe, e marcamos as datas para o treinamento da mesma. Ficamos de decidir o local, afinal, não tinha conversado com o Bryan sobre o uso compartilhado do escritório dele – para esse fim.

Levantei, contornei a mesa e fui até ele, para nos despedir. Rodrigo levantou-se, abotoou o paletó e abriu os braços, com um sorriso atraente nos lábios. Como eu rejeitaria um abraço? Assim que aceitei a demonstração de afeto, me arrependi. Bryan entrou pela porta, como um tufão.

— Mas que “PORRA” Beatrice! Não “fode” mais ainda com a minha cabeça, “CARALHO”! — gritou e me puxou pelo braço, empurrando o Rodrigo.

— “Cara...” — bradou Rodrigo, bufando.

— Cada vez que encontro com você está mais doente — censurou, torcendo os lábios e abrindo os braços. — Eu até quero “meu”, confesso, mas... — declarou e meneou a cabeça, baixando os olhos. — Você a enfeitiçou. Trice, assim que tiver o local definido me avisa — disse e foi saindo.

Bryan segurou seu braço e indagou:

— Você está abusado... — grunhiu, franzindo a testa. — Que “porra” é essa de Trice? “Cara”, hoje não é um bom dia pra provocações. Não custa nada para eu te botar pra correr daqui, aos murros.

Rodrigo olhou para a mão do Bryan, que segurava seu braço, e abriu um sorriso irônico.

— Posso me retirar ou devo esperar sua fúria? — ironizou.

Antes de o Bryan reagir, puxei seu braço e o fiz soltar o Rodrigo, encarando-o, com a cara fechada.

O tempo parou. Rodrigo saiu da sala e nem percebemos. Bryan e eu nos encarávamos, um mais imponente do que o outro. Levantamos o queixo e as sobrancelhas. Uma verdadeira guerra de quem pode mais. *Não vou ceder. Hoje é um dia decisivo para a nossa vida. Ou me imponho agora ou simplesmente serei anulada.*

Capítulo 07 – Dominado

QUANDO FOI QUE EU PERDI O CONTROLE? Essa pergunta não sai da minha cabeça. Parado, com o paletó aberto e as mãos na cintura, absorto em pensamentos, diante de uma equipe, fui interceptado:

— Senhor Bryan — Rebeca chamou minha atenção. Ela estava ao meu lado, com algumas pastas nas mãos e uma postura ereta.

Olhei novamente em direção a minha sala, inconformado. *O que aconteceu comigo? Como eu deixei a Beatrice me dominar dessa maneira? Ela simplesmente tomou a frente e ainda me deu ordens.* Balancei a cabeça, passando a mão pela nuca.

— Vamos lá — resmunguei, soltando uma lufada de ar.

Apoiei as palmas das mãos na mesa e

inclinei o corpo. Fitei-as e senti um estremecer delas. *Tenho que pegar leve, senão a Beatrice vai arrancar meu pescoço.* Rebeca continuava em pé ao meu lado, esticou a mão, me entregando o tablet. Peguei o tablet e franzi o cenho.

— O que é isso Rebeca? — indaguei, com uma expressão de espanto.

— A pauta da reunião, senhor Bryan — respondeu, arqueando as sobrancelhas.

— Como assim? Não vou me meter nos negócios da Beatrice, só estou aqui para esclarecer as coisas — rebati, devolvendo o tablet a ela. — Pessoal, só quero que vocês não se preocupem. Está tudo sob controle — pronunciei firme, tentando convencer muito mais a mim do que a elas. Rebeca meneou a cabeça e sentou-se.

Tranquilizei a equipe de Beatrice, garantindo que toda aquela mudança aconteceria de qualquer maneira, afinal em poucos dias nos

casaríamos. Deixei que Rebeca comandasse-as, assim Beatrice ficaria livre para trabalhar na minha empresa. Claro que não era minha intenção trazê-las para dentro do meu escritório, porém, pelo bem do meu relacionamento o melhor que podia fazer era encarar numa boa. Dizer que será fácil estarei mentindo.

Enquanto Rebeca orientava-as e direcionava-as para os clientes do dia, eu esticava os olhos pelos vidros da sala, tentando ver qualquer sinal do imbecil indo embora. Quase não ouvi quando me perguntaram se eu tinha algo mais para passar a elas. Minha concentração estava uma "merda". Sem contar as vezes em que a Carol entrou na sala, me passando ligações de clientes. Muitos deles ouriçados e confusos. Os "filhos da puta" estavam ligando aos meus clientes.

Olhei no meu "Rolex" e já havia se passado uma hora e nada da Beatrice voltar. *Que "porra"!*

Minha sala tinha que ser longe? Não consigo vê-los. Como eu poderia ficar sossegado sabendo que a Beatrice estava sozinha com o Rodrigo. "Meu, o cara é obcecado por ela", já tentou várias vezes levá-la para cama, e já chegou bem perto.

Levantei-me, rapidamente e abotoei o paletó.

— Bom, é isso. Sejam bem-vindas. A partir de agora terão muito mais contato com a Rebeca. — Apontei com a cabeça à Rebeca. Virei e caminhei até a porta, antes de sair disse, por cima dos ombros. — Tenham um bom dia. — Caminhei a passos largos à minha sala. Assim que avistei o interior da sala meus nervos endureceram. *Não é possível, Beatrice só pode estar de brincadeira comigo. Ela está me testando é isso?*

Empurrei a porta com força e entrei como um tufão na sala.

— Mas que "PORRA" Beatrice! Não

"fode" mais ainda com a minha cabeça, "CARALHO"! — gritei puxando-a pelo braço, empurrando o Rodrigo.

Esse "cara" está cada vez mais atrevido. Quando é que a Beatrice vai cair em si? Será que só eu vejo que ele quer "comê-la"? Ela não é tão ingênua assim. Só pode ser provocação. Praticamente não ouvi o que ele dizia. Disse algo sobre eu ser doente. Meus olhos fixaram-se nos de Beatrice. Quando achei que o "imbecil" estava indo embora, ele me solta mais uma:

— Trice, assim que tiver o local definido me avisa — disse e foi saindo. Segurei seu braço, contendo meu impulso de esmurrar a cara dele.

— Você está abusado — grunhi, franzindo a testa. — Que porra é essa de Trice? "Cara", hoje não é um bom dia pra provocações. Não custa nada para eu te botar pra correr daqui, na "porrada". — Meus nervos pulavam e minha respiração acelerou-

se. Precisou Beatrice tirar minhas mãos dele, para eu não ter que responder processo, por agressão.

O desgraçado foi embora e o clima esquentou na sala. Nossos olhos estavam grudados, um ao outro, e as posturas garantiam que nenhum dos dois recuaria. Eu até gosto dessa Beatrice, tentando ser corajosa, porém, não vou admitir ela deixar os homens a tocarem. Ela pode emburrar, empinar o nariz, bater o pé, o que ela quiser, não compartilho o que é meu.

— Pode me explicar o que foi isso, Bryan — inquiriu, com os braços cruzados no peito.

Arregalei os olhos e apontei o indicador para o meu peito.

— Você está brincando? Só pode ser brincadeira. Como assim? — bradei.

— Bryan.

Não dei tempo para que falasse.

— Eu entro na "porra" da sala e você está

pendurada no pescoço do imbecil e eu que tenho que dizer o que aconteceu? Você bebeu? — perguntei e me aproximei, ficando a milímetros dela.

Mesmo com saltos altos seu hálito quente estava em meu pescoço. O instinto animal estava aflorado em mim. Tinha vontade de jogar ela sobre a mesa e “foder” até perder as forças. Quanto mais ela me desafia, mais eu a quero. Quero estar dentro dela, envolvê-la com meus braços. Lamber todos os pedaços do seu corpo. Deixar os sentidos dela se misturarem com os meus. Sentir seu gosto, seu cheiro e sua textura. Quando ela está brava meu “pau” lateja. Tenho vontade de arrancar toda a sua roupa e enfiar meus dedos em seu sexo quente e molhado.

Peguei seu rosto com as duas mãos e encostei os lábios aos dela.

— V.O.C.Ê É M.I.N.HA M.E.N.I.N.A! —

sussurrei pausadamente. — Não compartilho o que é meu.

Invadi a sua boca com a língua, percorrendo todos os espaços. Coloquei as mãos em seus quadris e a fiz cruzar as pernas em minha cintura. Ela passou os braços em meu pescoço e um gemido escapou do fundo da sua garganta, fazendo meu "pau" doer.

— Senhor Bryan... Ah... desculpe-me, estava distraída. — Carol entrou e foi saindo da sala, desconcertada.

Beatrice pulou do meu colo e ajeitou a roupa, com o rosto pegando fogo.

— Não Carol, pode entrar — disse, com o olhar baixo.

Meu sorriso foi crescendo, em perceber o quanto a minha menina se entrega a mim. De costas para a porta, caminhei até o banheiro, ajeitando o "pau" na calça. Se eu virasse poderia assustar a

minha assistente.

Entrei no banheiro e fechei a porta. Sentei na tampa do vaso e encostei a cabeça na parede, buscando a razão. *Beatrice me tira completamente dos eixos. Se vamos nos casar e trabalhar juntos eu preciso encontrar um equilíbrio. Não posso perder mais ainda a credibilidade com a equipe que me restou.* Enquanto me recompunha ouvi a conversa das duas:

— Dona Beatrice...

Beatrice a interrompeu:

— Nada disso Carol! Já tínhamos combinado de – apenas Beatrice.

— Tudo bem — assentiu Carol, limpando a garganta. — Estamos com sérios problemas, Beatrice. Os clientes estão ligando desesperados, querendo saber o que está acontecendo, o senhor Nestor está contatando eles, dizendo que mudamos de andar e que o senhor Bryan não trabalha mais na

empresa.

O quê? Que "filho da puta"! Levantei-me como um tiro e saí.

— Que "PORRAAAAAAA" — bradei. — Vou lá agora socar a cara dele, o que ele pensa que está fazendo?

Beatrice segurou meu braço, com força, e me enviou um olhar ameaçador. Virou-se para a Carol e prosseguiu:

— Certo, Carol, passe todas as ligações para o Bryan, ele vai se acalmar e conversar com os clientes. — Me encarou novamente e voltou a falar com a Carol, sem desviar o olhar do meu. — Peça para a Camila, da recepção, vir até aqui, por favor, Carol — solicitou e, com toda calma do mundo, que eu não sei de onde ela tirou, continuou a direcionar minha assistente, virando-se a ela. — Dê acesso à Camila ao cadastro dos clientes, vamos entrar em contato com todos. O Bryan vai pensar

na melhor maneira de falar com eles. Tudo bem para você Carol?

Carol concordou, com a cabeça, e se retirou da sala, me deixando atônito, em pé, de frente para a Beatrice.

— Vai ser assim daqui para frente, Beatrice? Você me dando ordens? — inquiri, com uma expressão de perplexidade. Cruzei os braços no peito e aguardei, mordendo a parte interna da bochecha.

— Se você quiser minha ajuda sim, caso contrário — assegurou e caminhou até a minha mesa. — Saio hoje mesmo para procurar uma sala e levar minha equipe. Assim você pode fazer o que quiser — advertiu, juntando suas coisas de cima da minha mesa. Pegou o “Macbook”, “iPad” e sua bolsa, levantou os olhos para mim e salientou. — Precisamos decidir qual será minha sala, isso se você ainda me quiser aqui.

Ri, completamente sem vontade. Balancei a cabeça e cocei a nuca, perdido.

— Eu disse a você que gosto de controle, Beatrice — lembrei-a.

Ela bufou e revirou os olhos, colocando as coisas de volta à mesa e se aproximando de mim.

— Bryan... — Suspirou. — Presta atenção. — Colocou meu rosto entre as mãos e encostou os lábios aos meus. — Não quero te dar ordens e nem ter o controle. Ter controle exige responsabilidades e eu não tenho a menor estrutura psicológica para isso — confessou, entortando os lábios. Passou os braços pelo meu pescoço e beijou meu queixo, segurando os cabelos da minha nuca, com força. — Você precisa se acalmar, senão vai perder todos os seus clientes. Não pode achar que resolve as coisas na "porrada" — ressaltou, içando as sobrancelhas e mordendo o lábio inferior. — Vem. — Pegou na minha mão, me levando até a mesa. — Vamos

pensar juntos. — Me sentou na minha cadeira e sentou-se à cadeira da frente, da mesa.

Analisei e vi que a Beatrice tinha razão. Não me considero uma pessoa descontrolada, que age por impulso, porém, desde o dia em que Beatrice entrou na minha vida, esse lado animal tem aflorado. Perco o controle e acredito que isso tenha contribuído para o desencadeamento dos últimos acontecimentos das nossas vidas.

Impressionei-me com o profissionalismo dela. Claro que eu sempre soube que ela é inteligente, contudo, vê-la atuando me deixou perplexo. Quanto mais ela falava, mais eu queria tomá-la para mim. Traçamos algumas estratégias, pensando em como evitar que eu perdesse todos os clientes e tivesse que começar do zero. Chegamos a conclusão que o melhor seria abrir o jogo para eles, sem jogar a culpa no Nestor ou na Alicia. Apenas dizer que a sociedade não deu certo e que agora

cada um seguiria o seu caminho. Beatrice é perita em resolver essas questões. Sugeriu montarmos uma campanha aos clientes, principalmente os que têm imóveis que administramos a locação. Assim teríamos um diferencial, deixando o cliente escolher com quem ficar.

— Aonde você vai? — perguntei quando ela se levantou e começou a juntar suas coisas.

— Que pergunta é essa agora, Bryan? Onde acha que eu vou? Passear — ironizou e soltou os ombros, suspirando. — Pode me acompanhar? Agora vem a parte burocrática, temos que dividir as salas.

Passamos um bom tempo definindo as salas. Beatrice preferiu ficar com a sala que era do Nestor. Não gostei muito, afinal fica bem distante da minha, porém, é a maior das que liberaram. Pegamos duas salas, com uma porta de ligação entre elas, para acomodar a equipe dela. Rebeca

ocupou o lugar da antiga assistente do Nestor. Ficou combinado que Camila, a recepcionista, direcionaria os clientes das duas empresas. Usaríamos o mesmo advogado, ao invés de termos um departamento contábil, contrataríamos uma contabilidade que cuidasse das duas empresas.

— Bryan, quando posso marcar com o Ethan e a Polyana para conversarmos? — Beatrice indagou, ajeitando seus porta-retratos no móvel de canto da sua sala, de costas para mim. Aproximei-me e a abracei por trás. Afastei seus cabelos e beijei sua nuca, deixando meus lábios entreabertos, alí. Funguei em seu pescoço, absorvendo seu cheiro contagiante e seu corpo estremeceu. Um sorriso de exultação escapou dos meus lábios. — Assim vai ficar difícil de trabalharmos juntos, meninão — contestou, apertando meus braços em seu corpo. Virou a cabeça e tomou minha boca, com um beijo adocicado, com sabor de felicidade.

Fazendo um balanço de tudo o que nos aconteceu, ainda assim eu não mudaria nada. Não tem preço o que sinto por ela, o que me proporciona é *"hors concours"* – fora de competição.

— Pode marcar para hoje mesmo, minha menina linda... — Beijei a ponta do seu nariz. — Inteligente... — Beijei o canto direito do seu lábio. — Bravinha... — O canto esquerdo. — Mandona... — O queixo. — Cheirosa... — Funguei embaixo da sua orelha. — Gostosa — sussurrei e mordi a parte superior de sua orelha. Dei um apertão em sua bunda e terminei tomando seus lábios, virando-a de frente para mim. Peguei em sua nuca e aprofundei meu beijo. Sentindo meu corpo se render a ela.

— O que está acontecendo, lindinha? Por que me trouxe, e a Polyana até aqui? Fala logo, está me assustando. O que você aprontou dessa vez,

Bryan? — disparou o Ethan, sentando-se à frente da mesa de reunião. De frente para ele, Polyana se acomodou, com uma expressão de curiosidade.

— Caramba, Ethan! De quantos meses você nasceu? — brincou Beatrice e sentou-se ao lado da Polyana. Pegou na mão da irmã, em cima da mesa, e deu um leve aperto, com um sorriso de cumplicidade no rosto. — Como você está Poly? — perguntou, receosa.

Fui me sentando na ponta da mesa, entre eles, me controlando, convencendo-me de que, mesmo o Ethan me tirando do sério, seria a melhor opção para nós. Coloquei a perna em cima do joelho – aguardando. Por mais que eu estivesse na minha empresa, a presença da família da Beatrice e toda a situação fizeram me sentir em terreno estranho. *Isso não é bom, tenho que me impor, caso contrário, Beatrice fará tudo à maneira dela.*

— Bom dia — cumprimentei-os e olhei no

relógio. Já passava dás 13:00 horas. — Ou melhor, boa tarde — corrigi.

— Credo, quanta formalidade — refutou Ethan, entortando os lábios. — Estou ficando com medo, ui — censurou, se abanando. — “Cara...” — suspirou. — Se eu não amasse minha irmã iria investir em você. “Meu”, você fica mais atraente sério, desse jeito — proferiu e soltou uma lufada de ar e os ombros.

Fechei os olhos e respirei fundo, buscando a razão.

— Ethan... — Aspirei, abrindo os olhos e passando a mão na nuca. — Não me faça desistir de trazê-lo aqui.

— Como assim? Então estou aqui porque você me quer aqui? — Bateu palmas e se dirigiu a Beatrice. — Lindinha, me explica isso, por favor, o mundo deve estar acabando, o “ogro” me quer perto dele?

Beatrice tomou a frente da conversa e expôs toda a situação aos irmãos. Praticamente implorou ao Ethan para ele ficar, ele não queria, afinal está a um bom tempo na agência em que trabalha e, além de ganhar bem, gosta do que faz. Tivemos que negociar seu salário e dar autonomia a ele, no que se refere à parte do marketing da empresa. Não gostei muito, ser refém nunca foi meu forte, porém, que opção eu tinha? Com vários projetos em andamento, se não contratássemos uma pessoa tão boa quanto a Alicia, perderíamos muito mais do que já estávamos perdendo.

***

— Adoro ver você comendo — confessei, inclinando a cabeça para o lado e estreitando os olhos.

— Está ficando muito babão senhor Bryan Soutto, controle-se — divertiu-se, limpando o canto

da boca com o guardanapo. — Falando em controle — prosseguiu, levantando o olhar, me fitando. — Marquei com a Dra. Perci para daqui uma hora — comunicou, baixou os olhos e continuou comendo, naturalmente.

Permaneci encarando-a, mordendo a parte interna da bochecha. *Dra. Perci... Que pé no saco essa mulher!* Todas as vezes que vamos lá ela coloca alguma ideia, que não me agrada, na cabeça da Beatrice.

— Posso saber por que precisamos ir à Dra. Perci? — protestei.

Ela olhou para mim e passou a língua pelos lábios, despertando meu “pau”. Fez um olhar de ternura e devoção e respondeu:

— Preciso me preparar para você, Bryan — disse, em um tom baixo, balançando a cabeça. — Acha que foi fácil saber que mentiu para mim de novo? — perguntou, baixando o olhar. — Para

você pode estar tudo bem, mas para mim não. — Ela falou e me olhou nos olhos. — Se quer mesmo se casar comigo, temos que estabelecer algumas regras — disse, num tom melancólico. — A doutora vai nos ajudar com isso — determinou. A última frase praticamente foi um murmúrio, de tão baixo que saiu. Terminou de falar e baixou o olhar novamente.

— "PORRA"! — praguejei, num tom alterado, fazendo as pessoas ao lado me lançaram um olhar de reprovação. Aproximei meu corpo da mesa e cheguei bem perto do rosto dela. Levantei seu queixo com o indicador, para que me olhasse, e pronunciei, pausadamente. — V.O.C.Ê É F.R.U.S.T.A.N.T.E!

Ela deu de ombros e continuou – fazendo um biquinho delicioso:

— E mesmo assim me quer — concluiu, com meio sorriso no rosto.

Não aguentei, levantei e sentei ao seu lado. Puxei seu corpo, peguei em seu queixo e levantei seu rosto. Rocei o seu nariz e invadi sua boca com língua. O gosto de menta, do suco que ela estava tomando, se misturou com o meu, tornando-nos um só.

Parei o carro no estacionamento próximo ao consultório da Dra. Perci, segurando o volante com tanta força que as juntas dos meus dedos estavam esbranquiçadas. Respirei fundo, com os olhos fechados, e desliguei o carro. O trajeto até o local foi silencioso, Beatrice sabe como enlouquecer um homem. Não fosse o fato de eu não conseguir viver sem ela e saber do seu passado, nem "fodendo" que eu iria me submeter a ficar ouvindo as "neras" dessa doutora.

Entreguei as chaves ao manobrista e entrelacei os dedos aos de Beatrice. Sua mão estava

úmida e gelada. Fico pensando o porquê temos que passar por isso. Toda vez ela fica tão tensa, parecendo que está indo ao matadouro. O quanto isso é bom?

A recepcionista nos anunciou e logo estávamos sentados no aconchegante sofá do consultório, com a doutora Perci a nossa frente.

— Olá casal elegante, como vocês estão? — Nos cumprimentou, com um sorriso tímido no rosto. A doutora é uma senhora distinta, não muito bonita, porém, muito sofisticada. Tenho que admitir que ela transmita tranquilidade. Provavelmente, seja esse o fato de a Beatrice querer a opinião dela antes de tomar decisões.

Assentimos com a cabeça e um silêncio incômodo invadiu o ambiente. A doutora fazia algumas anotações em seu tablet e a Beatrice espremia os dedos no colo.

— Quem começa? — perguntou a doutora,

levantando a cabeça, nos encarando.

Dei de ombros e apontei com a cabeça à Beatrice. Por mim nem estaria ali, só estava esperando que "merda" sairia daquele encontro, porque é isso que sempre acontece.

— Então Beatrice, o que a trouxe aqui hoje? — interpelou a doutora.

Mordendo os lábios, Beatrice olhou para mim, receosa.

— Nem vem que não tem, Beatrice. Se me fez vir até aqui, não saio da sala. Pode falar o que tiver que falar na minha frente — assegurei, pegando em sua mão e colocando em cima da minha coxa. Apertei sua mão e arqueei as sobrancelhas, fazendo um sinal para que começasse.

Depois de dar um longo suspiro, Beatrice tomou coragem e deu início:

— Ele mentiu pra mim de novo —

murmurou, com os olhos baixos.

— “Porra...” Não é possível uma coisa dessas. — Suguei a saliva entre os dentes, trincados. Tirei a mão de cima da dela e passei nos cabelos. — Você jura que me trouxe aqui para isso, Beatrice?

— O que quer eu faça hein, Bryan? — gritou, me assustando. Afastei um pouco o corpo e franzi o cenho.

— Olha só Bryan — interceptou, a doutora. — Se está acostumado a ter um vocabulário de baixo nível, me desculpa, aqui eu peço que se controle, caso contrário... — Suspirou. — Terei que pedir que se retire.

— Mais essa agora — resmunguei e gesticulei com as mãos – para que a Beatrice prosseguisse.

— Bom, doutora! — bradou Beatrice, toda imponente, nos surpreendendo. — Hoje será um

divisor de águas em nossas vidas — pronunciou e olhou para mim, com uma sobrancelha içada. — Ou ele aceita as coisas como eu acho que é bom para mim, ou ele me deixa — sentenciou, sem titubear.

Permaneci fitando-a por um tempo, desacreditando no que eu tinha acabado de ouvir.

— Você parece não ter nenhum problema com isso, não é mesmo Beatrice? — inquiri, com uma expressão fechada. — Se eu não mudo – você se manda, é assim? — acusei-a, sentindo os nervos de o meu corpo endurecerem. — É frustrante — rosnei e olhei para a doutora. — A capacidade que ela tem de virar as costas para mim, enquanto eu mal consigo respirar longe dela.

— Tss-tss — Bufou Beatrice. — Está vendo, tudo é assim pra ele. É exagerado. Acha que eu tenho que ficar embaixo do nariz dele vinte e quatro horas. Não vou aceitar isso — concluiu e

cruzou os braços no peito, fazendo um bico de criança mimada.

A doutora deixou escapar um sorriso, e levantou a mão se desculpando.

Mordi a parte interna das bochechas e me controlei, com todas as minhas forças, meu instinto era de pegá-la pelo braço e sumir dali. Mostrar a ela como ela é minha, com as minhas táticas manipuladoras, na cama, é claro!

— OK! — Levantei as mãos me rendendo. — Quais são suas exigências?

Ela arrumou a postura e começou a relacionar:

— Primeiro... não quero mais segurança. — Levantou o indicador, me fazendo sinal para eu esperar, quando fui contestar. — Segundo... não vou morar com você até nos casarmos.

— Ah não, nem “FODENDO”! — vociferei. — Desculpa doutora, mas isso nem

pensar, como ela vai ficar sem segurança e morando em outro lugar. Descarta essa possibilidade — reiterei.

— Bryan — esbravejou. — Você não está em posição de escolha. Estou apenas enumerando minhas condições. Lembra-se? Ou isso ou nada! — frisou, com o cenho franzido. — Eu cansei, chega! Você passou dos limites, várias vezes — concluiu.

Cerrei os punhos e os dentes e puxei o ar dos pulmões, com força. Meu peito subia e descia, com a respiração descontrolada. Se eu pudesse, esmurraria a parede, para não esmurrar a fuça de alguém.

— "Que caralho"! — conclamei.

— Bryan, eu serei obrigada a te colocar pra fora — comunicou, a doutora. — Essa sua atitude só deixa a Beatrice cada vez mais assustada — ralhou, colocando o tablet na mesa. Levantou-se e trouxe para perto de nós, uma garrafa de água com

três copos. — Vamos acalmar os ânimos por aqui. — Encheu os copos e nos entregou.

Nem mesmo a água foi capaz de refrescar meu organismo. Tudo queimava dentro de mim. *Como é possível que a Beatrice esteja tão confortável, e eu tão incomodado. Preciso virar o jogo, ela me tem nas mãos.*

— Minha opinião como profissional é que vocês não tenham muito contato físico por um tempo — disse, sentando-se em sua cadeira e pegando o tablet. — Principalmente sexo. Pelo que venho acompanhando, o relacionamento de vocês está sustentado pelo sexo, isso não é bom — reprimiu, franzindo o cenho. — Sexo um dia acaba, e aí? O companheirismo, a amizade, o carinho, são muito mais importantes. Bryan, você não é o dono da Beatrice, isso faz mal. Ela sente-se sufocada, por isso está sempre se afastando. Para respirar.

Ouvia as palavras daquela mulher, longe.

Desde o momento em que ela pronunciou que deveríamos ficar sem fazer sexo, perdi a noção do certo e do errado. *Como assim? Ela enlouqueceu? Só consigo domar a Beatrice na cama!*

— Desculpa minha sinceridade, doutora, mas a senhora enlouqueceu — ironizei. — Está me tirando o direito de fazer o que sei fazer melhor. — Sentei na ponta do sofá, apoiei os cotovelos nos joelhos e pronunciei pausadamente: — “N.E.M F.O.D.E.N.D.O”! — Joguei o corpo no encosto do sofá e coloquei o braço na frente do rosto. Buscando controle.

— Tudo bem, doutora — pronunciou Beatrice. — Vamos evitar contato físico, se isso fará bem para nós — afirmou.

Tirei o braço do rosto e aproximei meu corpo dela.

— Qual o seu problema hoje? — sussurrei, com os lábios grudados na orelha dela.

Como se eu não tivesse dito nada ela continuou:

— Sabe doutora, ele tem que entender que não pode me tirar o direito de decidir as coisas. Sempre decidi, não será agora que vou mudar.

— “Caralho” — resmunguei, ignorando os alertas da doutora. — A verdade nua e crua. Um tapa na cara. — Inclinei o corpo, colocando os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. — Minha menina — balbuciei, virando o rosto para ela. — Nunca quis que você se sentisse impotente, desculpa. Só preciso te proteger. — Suspirei. — Só isso — finalizei, com a voz baixa.

Os olhos de Beatrice marejaram e sua postura combativa amenizou-se. Ela passou a mão em meu cabelo, trouxe os lábios até meu ouvido e declarou baixinho:

— Eu te amo, deixa-me lutar por nós, por favor — suplicou, somente para eu ouvir.

Recostou-se no sofá, com os lábios trêmulos e continuou falando com a doutora. — Nós faremos o possível, doutora — soltou um suspiro profundo e hesitante. — Tenho certeza de que o Bryan vai colaborar. — Uma lágrima escorreu em seu rosto, cortando meu coração, como uma lâmina.

Puxei-a para o meu corpo, abracei-a forte e beijei o topo da sua cabeça.

Ela virou o rosto pra mim e murmurou:

— Não pense que é fácil para mim... ficar longe de você. Só preciso ser a parte forte – para que esse relacionamento sobreviva – as nossas vidas problemáticas. — Beijou meu queixo. — Confie em mim e tudo ficará bem — concluiu.

Capítulo 08 – Perspectiva

PERSPECTIVA É ALGO INTERESSANTE. Do mesmo modo que uma pessoa se sente lesada a outra parte envolvida tem o mesmo sentimento. E quando visto de fora, ainda consegue-se ter outra perspectiva. O que é a verdade? A sua versão a dele ou a de uma terceira pessoa?

Os dias estavam voando, principalmente pelo fato de serem agitados. Pode parecer engraçado, mas quanto mais o tempo passava, mais intenso ficavam os acontecimentos.

Nestor e Alicia tiveram que reformular o espaço, antes ocupado pela Beatrice, para acomodar a equipe que os acompanharam. Mesmo Nestor continuando como sócio da empresa do Bryan, seu maior objetivo era destruir seu antigo colega de faculdade. O ressentimento, guardado por anos, aflorou, e Nestor, cego de ódio, não estava se

importando em perder, também – desde que atingisse sua meta.

Alicia, aliada do seu irmão, usaria toda sua competência e beleza, em prol do mesmo objetivo. Sua paixão pelo Bryan avivou no momento em que ela percebeu que o perdera – de vez. Não admitia perdê-lo para uma pessoa tão sem graça como a Beatrice. Faria de tudo para tê-lo de volta, nem que precisasse destruí-lo. E se ele não voltasse, tudo bem, com ela também não ficaria.

— Quando podemos marcar então Diogo — indagou Nestor. Há dias que vinham em uma luta acirrada pelos os clientes.

— "Cara", eu sei que tivemos um bom relacionamento, todo esse tempo Nestor, porém... — A linha ficou muda por uns segundos. — O Bryan veio me visitar ontem e a proposta dele está melhor do que a sua. Sem contar que gosto muito dele — concluiu.

Nestor passou a mão na testa e respirou fundo, buscando argumentos. Não estava sendo fácil a batalha. Bryan sempre foi o contato principal dos clientes, ele tem um poder de persuasão impecável. E para ajudar, Beatrice estava cuidando de tudo por trás dele. A garota poderia ser sem sal, como Alicia dizia, mas muito competente no que fazia. Os fornecedores e gerentes de bancos estavam impressionados com a capacidade dela, em lidar com as adversidades. Ela levou para perto dela seus irmãos e estava os orientando – com maestria.

Nestor caminhou a passos largos até a sala da Alicia, abriu o botão do paletó e jogou-se na poltrona do canto da sala. Alicia parou o que estava fazendo e encarou seu irmão, esperando a bomba. Assim como ele, estava tendo dificuldade em levar os clientes para o lado deles. Claro que muitos deles já tinham ido, mas nada que impactasse um estrago relevante para o Bryan.

— O que foi agora Nestor? — inquiriu, recostando-se em sua cadeira.

Nestor inclinou a cabeça no encosto do sofá e colocou o braço no rosto.

— Quando que o Leandro entrará em ação? — perguntou, desanimado.

— Não sei Nestor, ele está convencendo o pessoal a transferi-lo para a capital — comunicou e começou a arrumar uns papéis em cima da mesa. — Sabe que ele é muito bom no que faz, eles estão relutantes em perdê-lo, por lá.

Nestor, sempre muito sensato, arrumou a postura na poltrona e fitou a irmã.

— Está complicado trazer alguns clientes para cá, você não vai gostar nadinha do que eu vou dizer — hesitou e coçou o queixo. — A garota é boa.

— E você acha que estou preocupada? Nem começamos ainda, sabemos o ponto fraco dela —

lembrou e levantou o canto dos lábios, com um sorriso malicioso. — O Leandro vai dar jeito nela e — refletiu. — O que é do Bryan está guardado, deixa eles acharem que estão conseguindo, quando menos esperarem vou soltar a bomba na imprensa — gabou-se, com as sobrancelhas arqueadas.

— Se está tão certa disso quem sou eu para dizer o contrário. Só devo adverti-la, de que ele vai te processar pela sua trama com a Felícia, então... — titubeou — não sei o quanto isso os afetará — emendou. — Acho que a carta que tenho na manga será mais proveitosa do que a sua — concluiu e levantou-se, abotoando novamente o paletó. — Bom, me deixa trabalhar — comunicou e foi saindo. — Estou indo almoçar com o Francisco, dar start ao meu plano — falou, por cima dos ombros.

Alicia permaneceu estática, com alguns papéis nas mãos, absorta em pensamentos: *"Nem pensar que vou deixar aquelazinha me vencer, é*

desaforo!”

— Alicia? — chamou, Marcelo, batendo de leve na porta. — Preciso falar com você, posso entrar? — indagou, confuso. Alicia meneou a cabeça, concordando. — O que aconteceu? Está estranha — definiu e sentou-se na beirada da mesa.

Alicia chacoalhou a cabeça, desvencilhando-se dos pensamentos.

— Nada que valha a pena perdermos nosso tempo, o que tem pra mim? — se refez e abriu um sorriso amarelo.

Capítulo 09 – Por nós

DIZER QUE MEUS DIAS TÊM SIDO DIFERENTES seria um eufemismo – dos grandes. Não sei descrever, com precisão, a volta que deu minha vida, e nem me casei ainda. Estamos matando um leão por dia. Por vezes, não me reconheço dentro do escritório do Bryan, que agora é nosso. Com a ajuda da terapia venho ganhando confiança e tomando a frente da minha vida. Ethan e Polyana são meus fieis companheiros, meus braços direito e esquerdo. Não posso deixar de fora a Rebeca e a Carol, não fosse à dedicação delas, não sei o que seria de mim e do Bryan.

Bryan vem tentando colaborar, nem sempre consegue. Custei a colocar na cabeça dele – que a obsessão que sente por mim – o prejudicou nos negócios. Ele tem ido às sessões de terapia, também, o que ajuda bastante. Sua competência no

que faz e perseverança o tem mantido no topo. Mesmo perdendo boa parte dos seus clientes, não se deixou abater, trabalhando horas a fio, trazendo novos clientes.

— Lindinha — gritou o Ethan, no balcão que divide a cozinha e a sala. — Vem tomar café, estamos atrasados — alertou.

— Espera aí Ethan, ainda não terminei — falei, colocando a cabeça na porta. Calcei os sapatos e ajeitei a saia, em frente ao espelho. Aproximei-me e verifiquei a maquiagem, quase invisível. *Se antes não me importava, agora, na correria em que estamos – não perderia tempo me "emborrando" – como diz o Bryan.*

— Vou sair e te deixar pra trás — advertiu o Ethan. — Ninguém está aguentando o mau humor do "ogro" do seu noivo, ele vai descontar em mim quando chegarmos lá — bradou.

— Pare de reclamar Ethan, está parecendo

um velho — repliquei, me sentando no banco e colocando a bolsa ao lado. — Me dá um pouco desse café aí, vai — brinquei, cutucando seu ombro. Ethan me entregou a xícara em que estava tomando café. Levantou-se e foi até a máquina de café, preparar outro – para ele.

— Velho eu? — disse, revirando os olhos. — Por que você não "dá" logo pra ele? Fica regulando essa "periquita" e o escritório inteiro é quem paga o pato — queixou-se, apontando com o indicador para o meu colo. Pegou seu café e sentou-se novamente a minha frente. — O Bryan está precisando de uma boa "trepada", quantos dias que o coitado está em abstinência? — divertiu-se, tomando um gole do café, com as sobrancelhas arqueadas.

— Aff! — Bufei. — Você acha que a vida é feita de sexo, Ethan?

— Eu não acho, eu tenho certeza —

completou, levantando-se e tirando os itens da mesa. — Só vou te falar uma vez, para depois não dizer que não avisei — advertiu, com o indicador levantado. — O Bryan não é o tipo de homem que fica sem sexo por muito tempo. Se ele ‘trepar” com outra, não vou ficar te socorrendo dos seus ataques de pânico — comunicou e, sem olhar para mim, continuou guardando os itens do café da manhã. Veio até mim e tirou a xícara da minha mão, colocou na máquina de lavar louças e a fechou. — Vamos, conhece ele, não tolera atrasos. — Deu a volta em torno do balcão, pegando no meu braço para eu me levantar.

Meu corpo ficou tenso, a partir do momento que ouvi a palavra ataque de pânico. A última vez que tive foi quando Nestor e Alicia tomaram conta do meu antigo escritório, desde então, venho me controlando. A correria do dia a dia é um santo remédio, não tenho tempo para pensar, chego à

casa acabada.

— Ele não faria isso, Ethan — respondi preocupada. *Será que não? Acho melhor eu pegar mais leve.*

— Seu cérebro está lento hoje hein! — zombou de mim. — Eu não pagaria para ver — concluiu, abrindo a porta e fazendo um gesto para eu sair. — Vai me dizer que não está com a "periquita" pegando fogo também — balbuciou, ao meu ouvido, assim que passei por ele. Virei o rosto e fechei a cara. Entramos no elevador, com Ethan se matando de rir.

***

— Toc-Toc. — A batida na porta me assustou. Concentrada na tela do computador, analisando os orçamentos dos fornecedores, para um novo projeto. Polyana é responsável pelo financeiro, porém, conhecendo bem o Bryan,

prefiro conferir tudo antes que ela leve para ele. Para se transtornar e dizer que a Polyana não analisou com cuidado, não custa muito. Apesar de lidar bem com a equipe, Bryan é perfeccionista e exigente. Levantei os olhos e vi Mirela na porta, fiz um gesto para que ela entrasse e se sentasse.

— Desculpa Beatrice, a Rebeca não está na mesa dela, por isso vim direto — justificou-se, sentando-se a minha frente. Passou as mãos pelas pernas e mordeu os lábios. Parei o que estava fazendo e me concentrei nela, algo a perturbava.

— O que aconteceu, Mirela? — indaguei, receosa.

— Minha mãe. — Engoliu em seco e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Antes que ela continuasse, Bryan entrou na sala, falando ao telefone.

— Combinado “cara”, falo com você mais tarde. — Desligou o celular, veio até mim e beijou

meus lábios. — Bom dia minha menina.

A preocupação do Ethan foi em vão. Quando chegamos ao escritório Bryan não estava. Carol comunicou que ele tinha um cliente, logo cedo. Ele olhou para a Mirela, franziu o cenho e meneou a cabeça, cumprimentando-a – sabia que era problema. Por ele, eu teria encerrado o contrato dela – há tempos. Puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

— O que eu perdi? — questionou, pegou minha mão e beijou a palma.

Revirei os olhos e bufei. Detesto o fato de ele não me deixar cuidar das minhas coisas, sozinha. Ele deu um apertão na minha mão, me lançando um olhar ameaçador.

— Continua Mirela — incentivei-a, sabendo que a presença do Bryan a intimidaria, porém, seria uma batalha perdida – tentar tirá-lo dali.

— Internaram ela a força ontem — prosseguiu, com o olhar baixo. — Acharam-na jogada na região da “cracolândia” — completou.

Bryan deu um longo suspiro e soltou os ombros, fechando os punhos.

— Vou repetir o que te disse antes, Mirela. — Bryan alertou-a. — Que “porra” você acha que a Beatrice pode fazer? — disse, entre os dentes – trincados. — “Caralho”! — resmungou.

Mirela arregalou os olhos e foi levantando-se, assustada.

— Bryan — bradei. — Deixa de ser estupido — continuei, recolhendo minha mão e levantando-se, também. Fui até a Mirela e passei a mão em suas costas. — Em que eu posso ajudar? — indaguei, com a cabeça inclinada para o lado. Não me arrisquei a olhar para o Bryan.

— Deixa pra lá Beatrice, o senhor Bryan tem razão. Não quero atrapalhar.

Lancei um olhar tórrido ao Bryan.

— Pega uns dias de folga Mirela, peço para a Rebeca cuidar dos seus clientes. Podemos chamar alguém por uns dias, para fazer um *freelance* — sugeri e a abracei. Mirela encostou a cabeça no meu ombro e desabou a chorar.

Bryan chacoalhou a cabeça e murmurou, só para que eu entendesse:

— Só me faltava essa agora!

Estreitei os olhos e fitei-o, fuzilando-o. Eu sei que a preocupação dele é comigo, a mãe da Mirela é drogada e está grávida. Ele teme pela minha segurança, entretanto, poderia ser um pouco mais sensível com a garota.

— Poxa Bryan, que grosseria! — protestei, voltando à minha cadeira. — Que impressão as pessoas terão de você? Daqui a pouco ninguém vai querer trabalhar pra você — acrescentei.

Ele recostou-se na cadeira, dobrou a perna,

deixando o tornozelo em cima do joelho, coçou a barba e com os olhos estreitados, perguntou:

— Do que está falando? Não é só dessa garota, que já te pedi mil vezes para dispensar — ressaltou.

— Não! — repliquei, empinando o queixo. — Estou falando do seu mau humor, a equipe está o tempo todo em alerta, com você no escritório. Estou sobrecarregada, ficam com medo de te procurar e vêm a mim. — Cruzei os braços no peito.

Bryan levantou os lábios, com um sorriso maroto e foi nesse momento que percebi que minha batalha estava mais do que perdida. Corri os olhos pelo seu corpo e comecei a fazer uma análise do material. Vestido com um terno cinza claro, quadriculado com riscas finas, rosa. Camisa rosa e gravata prata. Meu perfume favorito – exalava do seu corpo. A barba bem aparada e os cabelos

meticulosamente penteados para trás, com alguns fios caídos na testa. A calça, de alta costura, marcava suas coxas e o volume no meio das suas pernas estava descaradamente elevado. Senti meu sexo formigar e lembrei-me das palavras do Ethan. Um arrepio passou pelo meu corpo, me fazendo estremecer. Respirei fundo e passei a língua pelos lábios, ressecados. Antes mesmo de eu pensar em algo, Bryan me puxou para o seu colo.

— “Porra”! — exclamou no meu pescoço. — Quer me matar de “tesão”? — balbuciou, com os lábios grudados na minha orelha. — Que olhar faminto foi esse agora, Beatrice? Por que essa palhaçada de ficar sem sexo? Sei que você quer tanto quando eu, “caralho”! — lamuriou-se, mordendo meu pescoço. Contorci-me em seu colo e tentei empurrá-lo – sem sucesso. Ele me prendeu em seu colo e fungou em meu decote. — Vamos parar com essa brincadeira idiota? Hum? —

Lambeu a entrada dos meus seios.

— Pare Bryan, estamos no escritório e minha sala não tem persiana. — Mal terminei de falar, ele me levantou com ele, entrelaçou os dedos aos meus e saiu, me puxando em direção a sua sala. No caminho, nós encontramos o Ethan, falando ao celular.

— Que bom que estão os dois aqui, estou com a pessoa do Buffet ao celular. — Levantou o celular nos mostrando. — Não podemos demorar, porque...

— Depois — interrompeu, Bryan.

— Ui, a coisa vai ficar quente hoje — provocou Ethan. Bryan lançou um olhar hostil a ele. Ethan soltou uma gargalhada e continuou: — Ok... Ok... Eu aprovo. Assim a tempestade será acalmada.

— Cale a "porra" da boca e suma da minha

frente, Ethan — bradou Bryan. Ethan não deu a menor importância à agressividade do Bryan.

— A pressa é sua de se casar, “ogro” — jogou as palavras por cima do ombro e voltou a sua sala, falando ao celular.

Entramos na sala do Bryan e fomos imediatamente atacados pelo desejo. Rapidamente ele acionou as persianas e trancou a porta. Tirou o paletó e colocou no encosto da sua cadeira. Afrouxou a gravata e abriu os dois primeiros botões da camisa. Todos os seus movimentos foram calculados e em nenhum momento ele desviou o olhar do meu. Permaneci parada no meio da sala, mordendo os lábios e admirando o homem incrível, a minha frente, só meu – mesmo sendo “ogro”.

O som externo dos telefones tocando e pessoas falando, não diminuíram a luxuria que tomou conta do ambiente. Bryan se encostou à beirada da mesa e estendeu as mãos para que eu as

pegasse. Forcei minhas pernas a obedecerem ao comando do meu cérebro, não foi fácil, estavam bambas. Assim que nos tocamos, as sinapses fizeram-me estremecer. Ele abriu um sorriso de satisfação e me puxou para ele. Colocou a mão na minha lombar e me apertou contra sua ereção.

— Estou com saudades — sussurrou, roçando meu nariz com o dele. O hálito quente, com cheiro de hortelã, me embriagou.

— Estamos juntos quase todo o tempo — afirmei e cruzei os braços em seu pescoço.

— Exatamente Srta. Beatrice tem uma palavrinha incômoda no meio da sua frase: quase. — Ele criticou e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Por conta disso, as pessoas ao seu redor são obrigadas a tolerar seu mau humor? Não acha que é bem grandinho para saber quando esperar? — Salpiquei um beijo na ponta do nariz dele. —

Hum?

— A questão é que isso é uma tremenda de uma idiotice. — Bufou. — Não percebe a estupidez? Depois eu é que sou retrógrado! — Içou as sobrancelhas e abriu mais as pernas, me encaixando entre elas. Bryan desceu a mão até a beirada da minha saia e começou a subir pela minha coxa, a outra mão manteve na minha lombar, me prendendo a ele. Com um dedo ele contornou a borda interna da minha calcinha, me encarando, com um olhar lascivo e a respiração falhada. Pousou a mão na minha bunda e beliscou. Soltei um gemido e encolhi o corpo.

— Isso dói — contestei, ofegante.

Ele pegou meu lábio inferior com os dentes e puxou. Arregalei os olhos e aguardei ele soltar. Assim que soltou passou a língua e assoprou.

— Bryan... — suspirei. — Devagar, não pre... — Não tive a oportunidade de concluir a

frase. Ele afastou minha calcinha e espalhou minha excitação por todo meu sexo. Subiu a mão da minha lombar até minha nuca e colou nossos lábios.

— Não resista — murmurou. — Você quer tanto quando eu. — Passou o nariz pelo meu maxilar e desceu minha calcinha até as coxas. Com o caminho livre, introduziu um dedo em mim e com o polegar fez movimentos circulares no meu clitóris.

— Argh! — gemi e afundei o rosto em seu pescoço, sentindo o latejar da sua veia, com as batidas descompassadas do seu coração.

— Isso, relaxa... — Afastou meu cabelo e mordiscou meu pescoço. Encolhi os dedos dos pés e puxei os cabelos da sua nuca, segurando meu lábio inferior, com os dentes. — Não faça barulho, controle-se — alertou, assim que um gemido alto escapou dos meus lábios. Seus dedos estavam

acabando com a minha capacidade de raciocinar.

Quando achei que a tensão, guardada por dias em meu interior, seria abrandada, Bryan tirou a mão do meio das minhas pernas. Levantei o rosto e enruguei a testa, questionando-o. Ele abriu um sorriso malandro e brincou:

— Quer alguma coisa senhorita? — Foi uma pergunta supérflua. Claro que nem deu tempo de responder. Ele levou as mãos até o zíper da sua calça e o abriu, junto com os botões. Afastei um pouco o corpo e baixei os olhos. Passei a língua pelos lábios e puxei o ar com vigor. Bryan, percebendo meu desejo, soltou os braços ao lado do corpo e fez um sinal com a cabeça, para que eu desse a continuidade. Não pensei duas vezes.

Esse homem me tornou em uma libertina, com ele fico sem reservas. Ele consegue fazer com que eu esqueça meus traumas e me entregue a ele de corpo e alma. Tenho medo da explosão que

sinto dentro de mim, quando estou com ele. Um desejo indomável me toma – algo que me consome. Mesmo sabendo que é essa a arma que ele usa contra mim, não tenho força suficiente para rejeitar.

Antes de continuar o trabalho, decidi aproveitar um pouco mais. Afrouxei mais sua gravata e fui desabotoando lentamente sua camisa. Fixei o olhar no dele e assim que os pelos do peito foram surgindo, encostei o nariz e funguei. Cheirei, beijei, lambi, por todo o trajeto dos botões sendo abertos. Não tirei a camisa, só a afastei, deixando meu acesso mais fácil. Dei dois passos para trás e medi-o de cima até em baixo, com a cabeça inclinada. *Meu Deus! Como vou resistir a esse deus grego? Sou uma agraciada, que homem delicioso. Está aí a resposta da minha entrega a ele.*

Bryan apoiou as mãos na beirada da mesa e abriu mais as pernas. Calça e camisa abertas, gravata solta no peito e um sorriso de pura malícia

nos lábios.

— Vamos senhorita, vai ficar aí admirando o material? Não temos muito tempo — divertiu-se. — Eu sei que sou irresistível, pode me atacar, estou preparado — emendou e alargou mais ainda o sorriso.

Pensei em repreendê-lo, chamá-lo de convencido, porém, o desejo e o tempo que tínhamos me impediram, eu não desperdiçaria. Aproximei o corpo do dele e fiz uma trilha com o indicador, do seu peito até a entrada da cueca.

— Esse é o meu caminho preferido — sussurrei, com os lábios encostados a sua orelha.

Ele deu um longo suspiro, no momento em que eu invadi a cueca e abracei seu membro pulsante.

— Beatrice — murmurou. — Estou tentando me controlar. — Respirou fundo. — Tentando ser o homem que você precisa. — Soltou

um gemido do fundo da garganta, no momento em que tirei para fora meu brinquedo favorito e circulei a cabeça com o polegar. — Mas... — Apertou a beirada da mesa e contraiu o abdômen. — Você precisa colaborar comigo. — Fiquei de joelhos no meio das suas pernas e me transformei em outra pessoa. Uma que não se preocupa com nada, além de sentir prazer, de deixar a libido dançar na chuva. Bryan segurou o lábio inferior e franziu o cenho, sem soltar as mãos da beirada da mesa.

Sem o menor pudor – sem pensar onde estávamos – nem colocar na balança os prós e os contras. Desviando a imagem e as palavras racionais, da Dra. Perci, da mente. Agindo apenas pela emoção, deixando o instinto animal dominar a situação. Permiti-me, extrapolei, me entreguei de corpo e alma ao desejo. Abocanhei-o, sem aviso prévio.

— “Porra... Porra... Porra, Beatrice”! —

Pegou minha cabeça com as duas mãos e fez-me olhar para ele. Balançou a cabeça, negando. — Você não pode fazer isso, não depois de me deixar dias sem sexo. — Passou as mãos no meu cabelo e sorriu puramente. — Vem aqui, me deixa cuidar de você — balbuciou. Pensei em me levantar, porém, resolvi abusar mais um pouco. Segurei seu mastro sólido e passei a língua por toda a extensão, fitando os olhos dele. Ele puxou o ar dos pulmões com força e encaixou as mãos embaixo dos meus braços, me puxando para cima. — O que eu criei? Está me assustando. — Esboçou um meio sorriso e meneou a cabeça, avaliando a situação.

— Não gosta? — brinquei, beijando seu pescoço.

— Claro que eu gosto, mas tenho medo — confessou.

Afastei o tronco e o encarei, estreitando os olhos.

— Vai estragar todo o clima se disser o que eu acho que está pensando — alertei-o. Ele abriu um largo sorriso, juntou meus cabelos na minha nuca e puxou-os, deixando minha cabeça inclinada e meu pescoço exposto. Começou a mordiscá-lo.

— Minha estressadinha... — Desceu os lábios até a entrada do meu seio. — Desde o dia que eu voltei do hospital... — Abriu os primeiros botões da minha camisa de seda. — Você está me assustando. — Passou a língua entre meus seios. Escapou um gemido sofrido da minha boca. Apertei seus bíceps, me segurando para não dobrar os joelhos. — Ainda não decidi se gosto ou não dessa nova Beatrice... — Soltou meus cabelos e puxou meus seios para fora do sutiã, deixando os bicos, enrijecidos, empinados. Admirou-os por uns instantes e apertou-os, com os indicadores e polegares. Olhou em meus olhos e declarou. — Tenho medo de você perceber que eu não te

mereço. Essa segurança... — Lambeu cada bico do meu seio, fazendo meu corpo quase entrar em colapso. Mais um pouco eu explodiria. — Coragem... e... — Foi desabotoando minha camisa, me fitando. — Ousadia... — suspirou. — Podem te dar asas e fazer você voar para bem longe de mim.

Ah... É disso então que ele tem medo. Ufa! Achei que ele soltaria alguma besteira relacionada a outros homens. Levantei o canto dos lábios, com um leve sorriso e contornei seu rosto com o indicador. Passei o polegar pelo seu lábio e acalmei-o:

— Isso não vai acontecer. — Beijei seu queixo e o abracei, com força, encostando a cabeça em seu peito. Seu coração estava acelerado. Ele beijou o topo da minha cabeça e passou as mãos pelas minhas costas. Levantei o rosto e continuei. — Sabe por quê? — Ele negou com a cabeça. Seus olhos estavam faiscando. Não consegui discernir se

eram de desejo ou medo. — Porque nos amamos e faremos de tudo para ficarmos juntos. Eu sei que você vai mostrar para mim que consegue se controlar. Porque só assim terei certeza do seu amor por mim — ponderei, suspirando.

Ele levantou meu queixo com o indicador e iniciou um beijo doce. Foi introduzindo de leve a língua dentro da minha boca. Apertou os olhos e meu queixo. Seu beijo estava cauteloso. Por mais que seus lábios estivessem convidativos, para serem atacados com furor, esperei por ele, controlei a chama que estava dentro de mim. Permaneci de olhos abertos, admirando as expressões que se formavam em seu rosto. Era como se ele estivesse lutando com uma força muito maior que ele. Percebendo, abriu os olhos e afastou os lábios dos meus. Enrugou a testa, questionando em silêncio. Dei de ombros e grudei novamente nossos lábios.

— Queria te levar pra casa agora —

sussurrou entre nossos lábios. Pegou meu rosto com as duas mãos e roçou nossos narizes. — Quero fazer amor com você. — Beijou minha testa. — Amor preguiçoso e carinhoso. — Apertou os braços em volta de mim. — Quero que você tenha certeza de que é tudo pra mim e farei qualquer coisa por nós — concluiu.

— E não é o que estamos fazendo, desde o momento em que entramos em sua sala? Amor? — perguntei, com o rosto enterrado em seu peito.

— É diferente... — suspirou. — Quero na nossa casa, em nossa cama. Como um casal normal. — Pegou em meus ombros e me afastou do seu corpo. Olhou dentro dos meus olhos e completou. — Vou à sala do Ethan – apressar o casamento. Quero pra ontem. Não aguento mais ficar sozinho naquela cobertura. — Levou a mão até a beirada da minha saia e subiu-a, puxou minha calcinha pra baixo e tirou-a. Pegou em minha mão e me levou

até o sofá. Deitou-me de costas e se deitou por cima, apoiando seu tronco nos cotovelos. Tirou uma mecha de cabelo do meu rosto e colocou atrás da minha orelha. Salpicou vários beijos por todo meu rosto. — Agora vou fazer amor com você. Devagar e carinhoso.

Se eu pudesse enquadraria aquela cena e sairia mostrando para todos. Provando que, por mais que o Bryan pareça uma pessoa intragável, ele é um homem amoroso. Que toda a carapuça que veste é de defesa. Defesa de um coração que foi partido. Que é o homem mais protetor da face da terra. Que jamais me machucaria ou deixaria alguém o fazer. Mostraria ao mundo minha conquista, meu troféu. Como não era possível, minha tarefa seria árdua. Fazê-lo entender que seu comportamento estava afastando as pessoas e deixando-as com medo, medo até de que ele me fizesse mal.

Ele gentilmente subiu minha saia até as coxas e verificou se eu estava preparada para recebê-lo. Calmamente conduziu seu membro até a entrada do meu sexo e esfregou-o, espalhando minha umidade. Arqueei as costas e soltei um longo suspiro. Bryan satisfeito com meu gesto entrou em mim e iniciou o movimento de vai e vem, lentamente, tirando minha sanidade. Segurou meu rosto com as duas mãos e continuou os movimentos, com os olhos fixos nos meus.

— Quero mais forte — balbuciei.

— Não... — sussurrou, com os lábios entreabertos e a respiração descompassada. Aumentou o ritmo, porém não intensificou.

— Bryan... — resmunguei —, mais forte.

— Shiiiii... — Colocou o indicador no meu lábio. — Amor... Devagar... Carinhoso. — Desceu a mão para o meio das minhas pernas e, simultaneamente aos movimentos que fazia,

estimulou meu clitóris. Uma onda de calor começou a tomar conta do meu corpo. Inclinei a cabeça pra trás e fechei os olhos. — Olhe pra mim — repreendeu, pegando em meu queixo e abaixando-o. Os olhos dele transmitiam tanto carinho e amor, que meu coração estava desfarelando.

Eu preciso encontrar uma maneira de resgatar esse Bryan para o mundo. Ele é adorável.

Bryan encostou os lábios na minha orelha e me levou às nuvens, com suas palavras. Poucas vezes ele deixou de lado seu instinto animal, seu desejo descontrolado e fez verdadeiramente amor comigo.

— Minha menina, eu sou o homem mais sortudo do mundo. Encontrei a mulher mais linda e inteligente de todas. — Encostou os lábios, entreabertos, na minha testa. — Meu anjinho... Minha redenção. — Aguardou uns instantes. — Se

eu pudesse nunca te magoaria.

Seus movimentos estavam devagar, porém, constantes. Não demorou muito para que o meu vulcão interno entrasse em erupção. Como em uma dança sincronizada, nós dois chegamos ao clímax. Nossos gemidos foram abafados e nossos corpos estremeceram. Em nenhum momento, nossos olhos se desviaram. Enxergamos nossas almas. Foi a maior declaração que já tínhamos nos dado. Constatamos, mais uma vez, o quanto precisamos um do outro. O quanto nossas vidas estão entrelaçadas. Que o destino nos uniu por um único propósito: torna-nos um só.

Capítulo 10 – Acertando os Detalhes

— **EU TAMBÉM NÃO ESTOU NADA CONFORTÁVEL** com essa decisão Yuri — justifiquei-me – apertando minha nuca.

Sendo sincero, dizer que estava desconfortável seria raso em relação ao que eu realmente sentia. Uma parte de mim estava morrendo em pensar que a minha menina estava ganhando asas. *E se ela voar para bem longe de mim?* Um calafrio passou pela minha espinha. Apoiei os cotovelos na mesa e massageei as têmporas com os polegares. Eu não sabia mais o que dizer ao Yuri, para convencê-lo de que a decisão tinha vindo da Beatrice e não de mim. Apertei o botão do interfone e pedi ajuda a minha assistente:

— Carol, preciso da Beatrice aqui.

— Senhor Bryan, ela está em reunião com a

equipe dela. Pediu para não ser interrompida. — A voz da Carol vacilou um pouco. Eu soube naquele instante que Beatrice tinha razão, não estava facilitando – em nada – para as pessoas ao meu redor, porém... *Hoje as coisas mudaram!* Agradeci a Carol e decidi eu mesmo ir atrás, dela. Minha esperança era que o Yuri a convencesse de que ela ainda precisava dele. Eu não tinha mais argumento. As coisas estavam mudando, ela estava com todas as cartas na mão. Por vezes, me ameaçou: "Ou isso ou nada!" *Não posso arriscar.*

De longe, avistei minha linda empresária diante do telão, apresentando as estatísticas à equipe. Parei um pouco antes de entrar em seu campo de visão e fiquei admirando-a. *Deus existe!*

Assim que abri a porta Beatrice me encarou, arqueando as sobrancelhas – alertando-me.

— Bom dia — cumprimentei as garotas e me aproximei dela, exibindo um sorriso de

satisfação. Um orgulho tomou conta de mim. Tudo o que mais desejei nos últimos meses estava se concretizando. Nós trabalhando no mesmo espaço e em poucos dias nos casando. — Preciso de você — balbuciei, com os lábios colados em sua orelha.

Beatrice deu dois passos para trás e me fuzilou, com o olhar.

— Quando disse que não poderia ser interrompida era para todo mundo, inclusive você — sussurrou – advertindo-me, com as mãos na cintura. Não resisti, peguei em seus braços e a trouxe para o meu corpo.

— Eu já te disse como fica linda bravinha? — murmurei, encarando-a. — Yuri quer falar com você — completei.

Ela soltou os ombros e revirou os olhos.

— Ok! — Se desvencilhou de mim e se virou à equipe. — Meninas, a Rebeca continuará com vocês. Já passei a minha parte. — Olhou para

a Rebeca e acenou com a cabeça, para que ela assumisse.

— Senhorita Beatrice, foi algo que eu fiz? — indagou Yuri, com uma expressão preocupada. Beatrice aproximou-se dele e fez algo inesperado; imediatamente contraí o abdômen e respirei fundo.

— De maneira alguma Yuri. — O abraçou. *Quando foi que ela ficou íntima dele?* Comecei a agradecer a decisão dela. *Que "porra"... Ela e essa mania de intimidade com os homens.*

Yuri não soube o que fazer com os braços. Alto e forte. Beatrice abraçando-o era como um cisco. Ele olhou para mim desesperado, com medo da minha reação. Meneei a cabeça e mordi a parte interna das bochechas, controlando meu instinto de puxá-la.

— Tenho certeza de que o Carlos te porá num serviço mais calmo, Yuri — continuou e se

afastou. Soltei o ar, aliviando a tensão do meu corpo. — Acontece que estamos passando por uma crise. Perdemos clientes e estamos nos adaptando – com nossos escritórios juntos — expôs e sentou-se na poltrona, apontando o sofá para que o Yuri se sentasse. Olhei o local que horas antes a tive em minhas mãos. — Sem contar que, quase não tenho saído daqui. Não tem sentido você ficar sentando na recepção. — Sentou-se na beirada da poltrona e alcançou a mão do Yuri. Colocou-a entre as suas e deu uma batinha. Eu continuava em pé, sem saber o que fazer. Praticamente mastigava meus lábios inferiores. *Cristo! Essa mulher é frustrante! Por que precisa ficar tocando nele?* — Nós só temos a agradecer — salientou e olhou para mim, com as sobrancelhas levantadas, sem soltar a mão do Yuri. — Não é mesmo Bryan? — chamou minha atenção. Fechei os olhos e chacoalhei a cabeça. Caminhei até a poltrona ao lado dela e sentei-me.

Estiquei o braço e trouxe suas mãos para meus lábios, beijando o dorso.

— Ela tem razão Yuri — apoiei, sem tirar os olhos dela. Yuri me olhou confuso, minha postura mudou, após eu ver a intimidade dos dois. Achei melhor não facilitar as coisas. *"Caralho" de onde surgiu essa insegurança? Odeio me sentir vulnerável!*

— Vamos olhar a parte boa disso, Yuri — continuou Beatrice. — Agora você e a Rebeca poderão namorar sossegados — declarou e olhou para mim, com um sorriso de menina arteira. *Como assim?* Enruguei a testa e olhei de um para o outro, intrigado.

— Como é que é? — inquiri.

— Sem estresse Bryan — Beatrice disse com desdém, fazendo um gesto com a mão, para eu deixar pra lá. *Garota... Garota... Está literalmente ganhando asas.*

— “Cara” que revolução. — Otávio disse ao entrar em minha sala. Caminhou até minha mesa, estendeu a mão, me cumprimentando. Abriu o botão do paletó e sentou-se à frente da minha mesa. — Parabéns, agora consigo entender o porquê da sua entrega — assumiu e aproximou o corpo da mesa. — Qual o segredo para ganhar uma dessas? — indagou baixinho. Cerrei os punhos sobre a mesa.

— Não chega “fodendo” comigo não, Otávio — repreendi, com o cenho franzido. — Trouxe alguma coisa pra mim?

Ele levantou as mãos se rendendo e, com um sorriso provocador nos lábios, se encostou novamente na cadeira.

— Nossa... Direto ao ponto — reclamou, entortando os lábios. — O que vai fazer em sua despedida de solteiro? — perguntou, em um tom natural.

— Nada — respondi rapidamente, batendo uma caneta na mesa. Só se eu estiver dopado – para concordar com uma despedida de solteiro. Primeiro – só minha menina importa pra mim; segundo – e mais importante – nem pensar que eu permitiria que fizessem uma para a Beatrice. *Nem sob meu cadáver.*

— Você ficou um homem de poucas palavras? E... sério pra "cacete". Argh! — Balançou a cabeça. — Cadê meu amigo? Quero ele de volta. — Me encarou por uns instantes, como não reagi, continuou. — Vou te dizer uma coisa, eu sabia que um dia você sossegaria, mas... Não achei que fosse tão rápido "cara"!

— Nem eu — confessei, mentindo. Depois de Alicia, nunca pensei em compartilhar minha vida com mais ninguém. Estava confortável. Fiquei em pé e caminhei até as vidraças, observando o mar de carros na avenida. Coloquei as mãos nos bolsos

da calça e me calei.

— Bryan... "Meu" se está bem? — Otávio parou ao meu lado, deu uma batidinha no meu ombro e deixou a mão ali. Meneei a cabeça, confirmando. — Você não demonstrou nenhum sinal de que as coisas estavam caminhando para esse lado — emendou. — Um dia você está me ligando para sairmos e pegarmos umas garotas e no outro... — Sorriu, sem vontade. — Está desesperado por causa de uma "porra" de uma ultrassonografia.

Virei-me em direção a ele, buscando as palavras certas. Não existe palavra que descreva o que aconteceu dentro de mim, quando encontrei a Beatrice. Por mais que eu tentasse, tudo ficaria superficial. Estreitei os olhos e mordi a parte interna da bochecha.

— Um dia você vai entender, Otávio. — Respirei fundo. — É só encontrar a pessoa certa.

Ele achou graça. Balançou a cabeça e o silêncio reinou, por um tempo.

— O detetive responsável pelo seu caso... — disse e parou. — A propósito, como você está?

Agora foi minha vez de achar graça. Depois de praticamente ter servido de padre, para eu me confessar, ele se lembra de me perguntar como estou? Abri os braços e rastreei meu corpo, com os olhos.

— Estou aqui — brinquei, sorrindo. — Novinho em folha e pronto para colocar o “filho da puta”, que me fez passar pelo inferno, na cadeia.

Otávio abriu um largo sorriso e caminhou até mim, batendo em minhas costas.

— Esse é o Bryan que eu conheço. Não o “bundão” que está se tornando. Deixando uma mulher o desestabilizar — provocou e sentou-se novamente.

Quando pensei em responder, com um

repertório de insultos, a porta da sala abriu-se. Achei que teria que demitir minha assistente, que história era aquela de pessoas entrarem em minha sala, sem serem anunciadas? Perda de tempo. Beatrice entrou falando, sem perceber que não estávamos sozinhos.

— Bryan, precisamos conversar sobre a sala de reuniões. Preciso dar um treinamento para a equipe do Rodri... — Ela parou de repente, me dando o prazer de olhá-la de cima em baixo. Beatrice me desconcentra. Otávio tem razão, *estou virando um "bundão"*. Os cabelos pretos emoldurando seu rosto delicado, os olhos azuis como o céu, tranquilizantes, e seu corpo cheio de curvas, me hipnotizam. *Algum dia estarei na presença dela sem sentir o chão sumindo dos meus pés?* Imediatamente minha mente voltou a nossa manhã, no sofá da minha sala. Seu cheiro, sua pele – sobre meus dedos e sua determinação em fazer as

coisas darem certo. Tudo é visceral.

Beatrice encarou o Otávio e me olhou de volta, com um ar interrogativo.

Otávio levantou-se, abotoou o paletó e caminhou em direção a ela, com um sorriso se expandindo em seu rosto.

Senti a irritação tomar conta de mim. A necessidade de proteger a pessoa mais importante da minha vida. Endireitei-me e a atração que senti me fez caminhar a passos largos e acelerados até ela, antes que o Otávio pudesse fazer qualquer gracinha.

— Meu anjinho — sussurrei e beijei sua têmpora. Passei o braço pelo seu ombro e a trouxe para próximo do meu corpo. — Esse é o Otávio, nosso advogado — conclui.

Ela entendendo do que se tratava relaxou um pouco. Estendeu a mão e abriu um lindo sorriso, formando a covinha em sua bochecha, que

tanto amo. Otávio não se contentou com apenas a mão da minha menina. Pegou-a e a puxou para um abraço apertado. Como se não bastasse acrescentou:

— Garota linda e cheirosa Bryan — pronunciou e fungou os cabelos dela.

Antes mesmo de eu ter um surto, ou um enfarto, Beatrice antecipou-se, me fazendo o homem mais orgulhoso de todos.

— Se está brincando com fogo, Otávio — disse, empurrando-o de leve. — Achei que conhecesse bem o Bryan — chamou a atenção dele, alisando sua camisa e ajeitando os cabelos atrás da orelha. — Você está ocupado, meu meninão... volto depois. — Ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios de leve. Segurei em seu punho, com força, e a outra mão levei até a sua lombar, apertando-a contra mim.

— Fica — balbuciei, olhando dentro de

seus olhos.

— Querem que eu saia? A empresa funciona com vocês dois no mesmo ambiente? "Cara" vocês exalam sexo! — Otávio instigou, voltando a sentar-se. — Sinto ter que ser o estraga prazeres, mas... Eu tenho coisas importantes para tratar com o Bryan — completou.

Passamos um tempo razoável conversando. Acabei agradecendo o fato de Beatrice não ter ficado. Otávio me colocou a par de toda a situação do atentado, que resultou no assassinado do Scott – um alívio, diga-se de passagem – e quase o meu. Estremeci em pensar a que ponto Alicia chegou. *Como pude me apaixonar por ela? É muita crueldade!*

O próximo passo será abrir um processo contra ela, por ter me dopado, ela e a Felícia. Sabemos que provavelmente não dará em nada,

porém, assim que encontrarem o pai da Beatrice – outro “filho da puta” – ela não será ré primário. Terão um bom motivo de colocá-la na cadeia, *o que eu acho difícil.* Infelizmente, ela tem dinheiro, e a corrupção corre à solta. A única coisa que me deixa mais esperançoso é o fato de a família do Scott ter mais dinheiro e muito mais influência, isso com toda certeza dificultará as coisas para o lado dela.

Verifiquei com o Otávio a possibilidade de tirá-los do espaço em que Beatrice ocupava, porém, eles têm razão. Nestor faz parte da sociedade e Beatrice ficou um bom tempo sem pagar aluguel. Nesse primeiro momento terei que engolir essa, até encontrarmos uma saída.

Olhei no “Rolex” e me assustei já se passava das catorze horas. Levantei-me rapidamente, peguei o paletó na cadeira e enquanto fui vestindo-o, apressei o Otávio:

— Tudo certo então? — perguntei,

forçando-o a levantar-se. Apertei o botão do telefone interno e solicitei a minha assistente. — Carol, peça para a Beatrice vir até aqui – para almoçarmos. — Fiz um sinal de positivo ao Otávio, confirmando se iria conosco. Ele apenas concordou com um aceno da cabeça e foi juntando seus pertences.

— Senhor Bryan — respondeu e limpou a garganta. — Beatrice foi almoçar com a amiga Mary. Pediu para eu avisá-lo; assim que o senhor terminasse.

— De que “porra” você está falando Carol? Ela não fez isso? Fala que está brincando? — bradei, passando a mão pelos cabelos.

Otávio parou a minha frente e abriu os braços, indignado.

— Enlouqueceu? — balbuciou, com as sobrancelhas arqueadas.

Desliguei o telefone e cruzei as mãos na

nuca, baixando a cabeça.

— Bryan, está me assustando “cara”! Qual é o problema de a garota ir almoçar com a amiga? Isso não faz bem, nem pra você e muito menos para ela? E a coitada da sua secretária? Tem que se desculpar com ela — disparou tudo de uma vez, com uma expressão séria. — Sabe quem segurou as pontas enquanto você ficou naquela “porra” de hospital? — Colocou as mãos na cintura e se aproximou de mim. — Sua assistente e sua garota. Deixa de ser “imbecil”! — exclamou e apertou o indicador no meu peito.

Aguardei a minha respiração voltar ao normal e ficamos nos encarando.

— Você não tem noção do quanto àquelas duas sozinhas é um perigo — exclamei e peguei o celular em cima da mesa, me arrumando para ir atrás delas. — A Mary não tem nada a perder, e não corre perigo algum, enquanto que a Beatrice... —

Suspirei. — “Caralho”! Ela está sempre me desafiando.

Otávio ficou a milímetros de mim, pegou em meus ombros e me chacoalhou.

— Bryan! — gritou. — “CARA” ACORDA “MEU”, não existe mulher nenhuma nesse mundo que tolere isso — terminou de falar e me deu um empurrão para trás. — Vamos almoçar só nós dois, e você não vai nem ligar para ela. Você está me entendendo? — disse, com o indicador no meu nariz. — Mais pra frente você vai me agradecer por isso.

Meu corpo estremeceu em pensar na quantidade de vezes que a Beatrice fugiu de mim. Otávio podia estar com a razão. Fechei os olhos e busquei controlar minha respiração, mesmo ouvindo as batidas do meu coração zunirem nos meus ouvidos. *Será que só vamos conseguir vencer todos os obstáculos se eu aprender a ceder?*

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice testa todos os meus limites!

Nosso almoço foi praticamente um monólogo, já que eu não fui capaz de construir nenhuma resposta coerente ao Otávio. Suas palavras eram como ruído aos meus ouvidos. Por vezes, fui chamado à atenção. Eu tentei. Juro que eu tentei, mas... Saber que a Beatrice estava à solta na cidade, sem segurança e longe de mim, estava acabando com a capacidade de funcionamento do meu cérebro. Não sei dizer qual o sabor da comida, do restaurante que o Otávio nos levou. O ambiente era agradável, porém, se me perguntarem como era a decoração, eu não saberei responder.

Em meio a emoções desordenadas, meu celular tocou, em cima da mesa, fazendo meu coração se acalmar, por uns minutos, na esperança de ser a Beatrice, entretanto... Foi o nome da Gaby que surgiu na tela.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi Gaby — atendi, seco.

— Bryan, corre pra cá, agora — exclamou, com a voz embargada.

— O que aconteceu Gaby? — inquiri, me levantando.

— Levaram a Cristine — disse, entre soluços.

— Que “porra” é essa? Quem a levou, Gaby? — gritei e fiz sinal para o Otávio que tínhamos que ir.

— Traficantes Bryan — concluiu.

Capítulo 11 – O cavalheiro

A AGITAÇÃO DA MANHÃ me fez esquecer de que precisava me alimentar. *O que não tem sido novidade, nos últimos meses*. Tenho medo, cada vez que me olho no espelho, minhas costelas estão começando a ficar evidentes. Preciso me policiar, o que tenho de diferente – das loiras altas – que frequentavam a cama do meu futuro marido, são minhas curvas.

— Beatrice, tem um minuto? — Carol, assistente do Bryan, me chamou na porta da sala.

Confirmei que podia entrar e apontei a cadeira para que se acomodasse a minha frente. Carol estava, mais uma vez, apreensiva. *Estou começando a sentir dó dessa coitada.* Toda a pressão está em cima dela. Enquanto o Bryan descarrega suas inseguranças em cima de mim, para ela sobra sua grosseria.

Os dias estão pesados dentro do escritório. Clientes indo embora e equipe se adaptando. Sem contar as ligações de Buffet, decoração, gráfica e todos os envolvidos com o casamento. *Meu Deus! Vou enlouquecer!* Ainda tenho que controlar o apetite insaciável do Bryan – por sexo. Tudo bem que essa parte não me incomoda nem um pouco, porém, tenho medo de o nosso casamento estar sendo baseado só em sexo. *E se a doutora Perci tiver razão?* Chacoalhei a cabeça, desvencilhando os pensamentos, para me concentrar na Carol. Com toda a certeza estava com algum problema que faria o Bryan explodir e resolveu vir até mim. Porque, a minha principal função – nessa empresa – vem sendo essa, intermediar a comunicação com o meu noivo estressado.

— Em que posso te ajudar Carol? — Me recompus e procurei soar o mais calma possível. *Não posso surtar também!*

Carol engoliu em seco e espremeu os lábios. Puxei uma longa respiração, me preparando para o pior.

— Beatrice — suspirou. — Pouco antes de ocorrer o atentado ao Sr. Bryan, um cliente estava muito nervoso, porque os materiais dele haviam sido colocados errado. Como o casamento dele estava marcado para a mesma semana, não houve tempo hábil de serem trocados. — Parou um pouco e soltou os ombros. — O advogado dele acabou de falar comigo. Ele nos processou e está pedindo uma indenização absurda.

Apoiei os cotovelos na mesa e coloquei o rosto entre as mãos, pensando em como deveria agir. Se eu levasse o problema fresquinho ao Bryan, ele desceria pelas escadas até o décimo andar e voaria no pescoço do Nestor. Se a intenção do Nestor era detonar com a empresa, ele estava conseguindo. Ele não se contentou em levar a

equipe e boa parte dos clientes, todas as “merdas” que fez – junto com o Marcelo e a Alicia –, deixou para que o Bryan resolva.

Tenho feito o meu melhor com os bancos e fornecedores, com a ajuda da Polyana – que graças a Deus tem experiência na área. Não posso fazer o mesmo com os clientes, Bryan é quem cuida do comercial. Primeiro, ele me mataria, pois é muito bom no que faz. Segundo, não posso, tenho uma carteira de clientes, na minha empresa, que já me consome. Não fosse a Rebeca comigo nessa jornada, já teria pendurado as chuteiras. *Ufa! O que eu faço?*

Bryan estava com o advogado em sua sala, poderia ser o melhor momento, contudo, eu sabia que estavam tratando de assuntos mais urgentes. *Isso pode esperar*.

— Carol, vamos fazer o seguinte: liga ao advogado e diga que já comunicou o Bryan e que

em breve ele retorna — solicitei e respirei fundo. — Deixa aqui comigo a pasta do cliente e o contato do advogado. Pode deixar que encontraremos uma saída.

Ela foi se levantando e antes que saísse da sala chamei sua atenção:

— Ah... Carol... — Inclinei a cabeça e sorri. — Dá um tempo para ele, sabe que ele está nervoso.

— Tudo bem, Beatrice. Eu o conheço bem. Não se preocupe, eu sei que assim que estiver casado tudo voltará ao normal — assegurou, amenizando a situação.

Ainda absorta, digerindo as palavras da Carol, uma figura apareceu a minha porta. Saltei da cadeira e grudei em seu pescoço – feliz.

— Não acreditoooooooo! Você está aqui — regozijei-me e apertei os braços em seu corpo, beijando sua face, forte.

— Uau! Que recepção calorosa. Se eu soubesse disso tinha pedido férias antes — divertiu-se, enfiando os dedos em minhas costelas – fazendo eu dar um pulo.

Mary, minha amiga de todas as horas. Nos piores momento da minha vida ela estava lá, para me apoiar. Meu ombro amigo, a voz da razão. Ela me repreende, me apoia, me acorda para a realidade, faz eu me sentir muito especial. Com ela não tem tempo ruim, ela dá jeito pra tudo. Nada a pode parar, encara qualquer situação.

— Então, você pediu férias para ficar comigo? Cadê a Letícia? — perguntei, olhando em volta, procurando pela garota que segue o exemplo da mãe, em beleza.

— Deixei com meus pais, como vou correr atrás das coisas do seu casamento com ela a tiracolo — confessou, entortando os lábios.

— Oh minha amiga, sabe como eu te amo,

não sabe? — declarei, beijando todo o seu rosto.

Tínhamos conversado uns dias antes e contei à Mary a correria que estava no escritório, que não sabia o que fazer para dar andamento aos preparativos do casamento. Que o Bryan estava quase me levando em um cartório e se casando, sem festa nenhuma. Ela prontamente solicitou suas férias, vencidas, com a Gaby, para ficar comigo. *Agora a coisa vai andar. E melhor, ganho confiança ao lado dela!*

Olhei o relógio e sugeri:

— Já são treze e trinta, vamos almoçar? Assim colocamos a fofoca em dia.

— E cadê o deus grego, ou melhor... — Abriu um largo sorriso. — O “Shrek”.

Caí na risada, balançando a cabeça. Estava começando a temporada de Mary e Bryan se atacando... e para completar...

— E aí garota gostosa, o que a trás a

capital? — perguntou Ethan, no corredor, vindo ao nosso encontro.

Os dois se abraçaram e fiquei observando a afinidade das pessoas mais importantes da minha vida, claro que a principal estava a algumas salas de nós.

Convidamos o Ethan para almoçar conosco, mas não pôde. Estava atolado com um projeto grande, que a Alicia iniciou. Ethan tem comido lanche em sua sala, desde o dia em que veio trabalhar conosco. Está lutando para manter os clientes. Alicia pode não valer um centavo, todavia, é uma ótima profissional; é preciso muita dedicação para manter o padrão. Ethan está conseguindo.

Avisei a Carol da nossa saída e não quis incomodar o Bryan. Pedi que o avisasse assim que terminasse sua reunião com o advogado.

— Trice, você vai querer escolher a cor dos

vestidos das daminhas ou vai deixar por minha conta? — Mary questionou levando uma garfada de tutu de feijão à boca.

Não foi preciso discutir muito sobre o que iríamos comer. O prato típico da capital paulista deve ser apreciado sempre que possível, principalmente se você não mora na capital. Sem titubear, Mary quis comer “Virado à Paulista”. Fiquei mais do que feliz com a opção.

Escolhemos um restaurante próximo ao escritório, assim não precisaríamos enfrentar o trânsito caótico da cidade. Um lugar aconchegante, com uma iluminação baixa, cadeiras e mesas de madeira escura e a comida servida em cumbucas de cerâmica marrom. Sentamos em um lugar reservado, depois de uma porta de vidro. Uma música clássica de fundo preenchia o ambiente, amenizando o burburinho de pessoas e carros, externos, da região, que é super movimentada.

Olhei a mesa repleta com: arroz branco, tutu de feijão, ovos e bananas, fritos, couve refogada, linguiças e bistecas de porco; meu estômago deu sinal de vida. Há dias que não se alimentava corretamente. *Hoje não farei cerimônia.*

— Quais são as opções — indaguei, completando meu prato.

— Bryan faz questão de ter tulipas brancas e vermelhas na decoração — falou, revirando os olhos. — Eu disse a ele que vermelho é uma cor forte para um casamento, mas... — Entortou o nariz, fazendo um gesto com as mãos – de desistência. — Ele não vai ceder, então... Podemos fazer os vestidos das damas vermelhos, o que acha?

Pensei um pouco. *Vermelho? Vai ficar chamativo.*

— Não vai ser bizarro? — indaguei, com as sobrancelhas arqueadas.

— E o que não é bizarro nesse

relacionamento de vocês, Trice? — provocou e continuou comendo, sem se importar com a ofensa que tinha feito.

— Podemos misturar as cores para não ficar muito chamativo — continuei. — Os vestidos podem ser brancos com o barrado bordado de vermelho e uma faixa larga de cetim, na cintura, vermelha também. O que acha? — Enquanto a Mary pensava sobre minha sugestão, degustei o vinho tinto que havíamos pedido. Eu não sou muito forte para bebidas, mas uma taça de vinho não me derrubaria, *assim eu espero!*

Tratamos dos detalhes do casamento, durante todo o nosso almoço. As daminhas seriam: Cristine – sobrinha do Bryan, Aninha – minha sobrinha e Letícia – filha da Mary. As três têm quase a mesma idade. Pedrinho ainda é de colo, não poderá participar do time. Mary confessou o tanto que está envolvida com o Pablo e orgulhosa dele.

Tem sido como um pai à Letícia e ela só pôde tirar férias, porque ele assumiu seu lugar na academia, deixando a Gaby mais tranquila.

— Caramba, o "ogro" ainda não ligou e nem entrou como um rompante por aquela porta? — disse, apontando para a porta de vidro. — O que está acontecendo, Trice? Os dias de hospital o mudaram? Será que aconteceu um milagre? — sintetizou com uma expressão divertida.

Olhei para o celular, também curiosa. Está certo que venho me impondo, mas até ele não ligar, aí a mudança é muito grande, para um período muito curto.

— Deve estar em reunião ainda, com o Otávio — esclareci, mais para mim do que para ela. Ele não passa tanto tempo sem se comunicar comigo.

Meu celular começou a vibrar na mesa e Mary bufou, com desdém.

— Falando do diabo — completou.

Fiquei decepcionada ao olhar no visor e não ver o rosto dele.

— Alô — atendi, sem saber de quem se tratava.

— Beatrice — ofegou. — Eu sei que o senhor Bryan disse para eu me virar com meus problemas, mas... — Parou e pude ouvir seus soluços. — Não sei a quem recorrer.

Levantei os olhos, encarando a Mary, que me questionava: quem era? *Vou ajudar essa garota, mesmo contra a vontade do Bryan, não sou capaz de ignorar um pedido de socorro.* Mary está comigo, ela vai saber o que fazer.

— Se acalme Mirela, diga o que aconteceu, agora — sosseguei-a e fiz um sinal para a Mary aguardar.

— Ela fugiu do hospital, Beatrice. Como é que eu vou cuidar dela desse jeito? Não sei mais o

que fazer, tem que procurá-la. Se eu for à polícia, vão prender ela, não posso deixar isso acontecer. — Respirou fundo. — Ela só tem a mim — murmurou.

— Tudo bem... vou te ajudar. Onde você está?

— Meu Deus, Trice! O Bryan vai me matar por deixar você se meter num lugar desses — advertiu Mary, franzindo a testa. — Vou te dizer uma coisa, eu discordo dele em quase tudo, mas dessa vez, “meu” o “ogro” tem razão — emendou. — Trice de Deus... Você enlouqueceu — sussurrou.

Assim que a Mirela passou o local onde estava, pegamos o carro da Mary, que estava em um estacionamento ao lado do prédio onde fica meu escritório, e fomos ao encontro dela. No trajeto atualizei a Mary do que se tratava. De início

ela me apoiou, mas ao chegarmos ao local, se arrependeu de entrar comigo na história. Sempre que acontece algo comigo e ela está junto, o Bryan parte para cima dela, como se eu fosse uma criança.

— Shiiiii... — repreendi, com o indicador na frente dos lábios. — Estão todos drogados Mary, não está vendo? Nem conseguem se levantar — disse, andando nas pontas dos pés, pulando os corpos – largados ao chão. Mirela ia à frente, nos guiando. Ela havia conseguido um contato que passara o local, que provavelmente sua mãe estaria. Com medo de enfrentar sozinha, me ligou. Não achou que eu viria pessoalmente, pensou que eu mandaria o Yuri, porém, dispensamos ele pela manhã. Então, a solução foi encararmos, nós três, pelo menos não estávamos sozinhas.

Procurávamos embaixo de um viaduto, na região central de São Paulo. Tinham várias pessoas deitadas no chão, com cobertores velhos, sacos de

estopa ou de plástico. Sofás e pneus velhos por todos os lados. Cachorros maltratados e muito lixo. O fedor embrulhava o estômago. Ao invés de sentir medo e a crise de pânico me dominar, minha vontade era de ajudar a todos. Os olhos suplicavam. Em alguns cantos, via-se mulheres com bebês nos braços. Um sentimento de culpa tomou conta de mim. *Como posso reclamar da minha vida? Olha a situação dessas pessoas?*

Logo que a Mirela nos disse sobre a condição de sua mãe, comecei a pesquisar sobre o crack. Descobri que a maior parte das pessoas que usam, são moradores de rua. É uma droga barata e inibe a fome. Eles a usam como uma medida paliativa. Por outro lado, recorrer ao crack não é uma boa ideia, ele deixa a pessoa mais agitada e impulsiva, gera uma dependência de forma muito intensa. Eles, em geral, só ficam violentos quando estão em abstinência, pela intensidade que a droga

causa no organismo.

Mesmo tendo consciência de todos os riscos que estava correndo, em meio a várias pessoas dependentes de uma droga tão avassaladora, não recuei. Uma força maior me dizia que eu tinha obrigação de ajudar a mãe da Mirela, quem sabe mais pessoas.

Apertei a bolsa no peito e dei uns passos para trás, quando um rapaz se aproximou de mim. Seus olhos estavam vagos. Ele fedia e tremia. Seus cabelos minavam óleo. Meu coração apertou-se ao analisar, com cuidado, seus traços. No máximo uns vinte anos, negro e alto. Seus ossos saltavam na altura dos ombros, formando um buraco logo abaixo do seu pescoço.

— Só preciso de R$ 10,00 — implorou o rapaz, estendendo a mão para mim. — Não vou te machucar — completou.

Não hesitei, mesmo tendo consciência de

que estava contribuindo para o vício dele, sabendo a dor que estava sentindo, com a falta da droga, abri a bolsa, tirei uma nota de R$ 10,00 e entreguei a ele. Não adiantava, naquele momento, querer consertar o mundo. Teria que pensar de maneira mais ampla. Montar uma instituição ou ajudar uma, porém, alí eu só podia acalmar o alvoroço que estava no organismo de um rapaz.

— Você não deveria fazer isso, e nem estar aqui. — Uma voz grave e suave ecoou nas minhas costas. Virei-me e me deparei com um homem bem-apessoado. Que também não deveria estar ali. Franzi o cenho e o encarei, questionando-o. Ele estendeu a mão e continuou:

— Eu sou Gustavo e você é? — cumprimentou-me, com um sorriso singelo no rosto. Um rosto muito bonito, mas com traços extremamente familiares. Busquei em minha mente de onde o conhecia, mas não encontrei. Segurei a

bolsa com uma mão só e estendi a outra, recebendo seu cumprimento.

— Oi... — Tinha um nó tão grande na minha garganta, em ver àquela situação precária e não poder fazer quase nada, que minha voz saiu embargada. — Beatrice.

— Beatrice — repetiu meu nome e ficou me encarando, sem soltar minha mão. — Um nome bonito, tem a ver com a tela?

Fiz uma expressão interrogativa.

— Dante e Beatrice, do inglês Henry Holiday — completou.

— Ah... — Entendi do que se tratava. Claro que ninguém nunca tinha me perguntado sobre isso, somente uma pessoa muito culta para saber. — Acho que não... — continuei. — Meus pais nem devem saber da existência dessa tela. — Dei um leve sorriso, baixando o olhar.

— Você tem um lindo sorriso Beatrice, usa-

o com frequência? — Sorriu também, soltando minha mão.

— Trice... Vem — gritou a Mary. — Achamos ela — avisou.

— Preciso ir — disse e fui me virando.

— Me deixa ajudar, não acho uma boa ideia uma bela garota estar por aqui — propôs e continuou andando atrás de mim.

— E o que você faz por aqui, Gustavo? Se eu não deveria estar aqui, acho que você também não... — questionei-o por cima dos ombros.

— Estava passando e vi o rapaz te abordando, vim salvá-la — confessou, com uma voz divertida.

Parei e me virei novamente em direção a ele. Antes de dizer o que tinha em mente, rastreei-o com os olhos. Não era só o seu rosto e sua voz que eram bonitos. Ele era todo bonito. *Hum, preciso conversar com a Mary e com a Mirela, nem pensar*

que o Bryan pode saber de uma coisa dessas.

— Agradeço sua preocupação, mas... — Olhei para o meu corpo. — Como pode ver, estou bem e... — Apontei para as meninas que estavam próximas a nós. — Não estou sozinha.

Ignorando minha fala ele não recuou. Passou por mim chegando até o local onde as garotas estavam.

— Olá, sou Gustavo — cumprimentou-as, estendendo a mão a elas, como tinha feito comigo. As duas o cumprimentaram, me olhando de esguelha. Dei de ombros, sem saber o que dizer.

— Quem é a senhora no chão? — perguntou para nós.

— Minha mãe — adiantou-se Mirela.

— Então... — Abaixou-se e começou a pegá-la no colo. Sem se importar com sua roupa de grife. — Ela precisa de um hospital.

Vestido com uma calça jeans e uma camisa

polo, azul marinho. Ao agachar-se a calça marcou suas coxas, e pudemos admirar os músculos que se formaram. Olhamos uma para a outra, eu e a Mary, e já entendemos o que estava passando pelas nossas cabeças. Claro que um homem bonito tinha que se admirar, porém, nem ela e muito menos eu, poderia dar qualquer sinal de que estávamos gostando da visão.

Gustavo foi muito prestativo, até demais para o meu gosto. Ajudou-nos a levar a mãe de Mirela até o carro e acomodou-a no banco de trás. Conversamos sobre os próximos passos e Mirela levou-a para o hospital.

— Bom, acho que por ora está resolvido, podemos voltar — falei para a Mary. — Muito obrigada, Gustavo. Teríamos muito trabalho para tirá-la de lá — admiti, estendendo a mão para me despedir dele.

— Posso pagar um café para as damas? —

perguntou sorrindo, colocando minha mão entre as suas.

Olhei para a Mary, pedindo socorro. Só de pensar no Bryan sonhar com uma situação daquela, meu corpo estremeceu.

— É que, realmente precisamos voltar — acrescentou a Mary. — Deixamos os celulares no carro, com toda a certeza o noivo dela deve estar arrancando os cabelos atrás de nós — completou, com um sorriso tímido no rosto.

— Noivo é — indagou com as sobrancelhas arqueadas. — Acho que sua amiga está exagerando, se fosse assim você não estaria aqui — concluiu sem soltar minha mão.

Puxei a mão da dele e fui me afastando. *Meu Deus! A Mary tem razão, o Bryan deve estar enlouquecido atrás de mim.* Deixamos os celulares no carro, para não sermos roubadas.

— Vou acompanhar vocês até o carro. Onde

estacionaram? — perguntou, andando ao nosso lado.

Mary apontou para o estacionamento.

— Olha só, no mesmo lugar em que está o meu. Melhor assim, senão vão achar que eu sou um perseguidor — abriu um sorriso encantador. — Vamos fazer o seguinte — prosseguiu —, chegando ao carro, você liga ao seu noivo, acalmando-o e então podemos tomar um café. Vocês me devem um, ou não? — brincou.

Seu sorriso era muito singelo, seu porte, fala, postura, dentes, tudo nele indicava um homem com dinheiro. A Mary olhou para mim, esperando minha decisão. *Que mal ele pode nos fazer em um lugar público, tomando um café?* E realmente nos ajudou, um café seria o mínimo que poderíamos fazer. Claro que o Bryan não poderia nem sonhar com a possibilidade.

— Tudo bem — ponderei. — Falo com ele

e podemos tomar café. — A Mary fez uma expressão engraçada, desacreditando.

Entrei rapidamente no carro, procurando pelo meu celular. Como era de se esperar, tinham muitas ligações do Bryan. Imediatamente retornei, esperando os gritos dele, porém, foi direto para a caixa postal. Liguei mais duas vezes e nada. Me preocupei na hora. Liguei para o escritório e pedi para a Camila passar para a Carol.

— Carol, o Bryan está na sala dele? — indaguei, sentindo meu corpo estremecer.

— Não Beatrice, ele saiu para almoçar com o Dr. Otávio e não voltou.

Agradeci a Carol e tentei novamente o celular; nada. Antes de me desesperar vi que tinha uma mensagem de voz:

— Onde você se meteu Beatrice? Que "porra"! Quer me matar do coração? Me

liga assim que ouvir essa mensagem. Celular pra quê? Aconteceu algo em Santos e estou descendo pra lá. Era para você estar comigo, mas... — Suspirou. — Você é "foda"!

Meus nervos pularam assim que ouvi a última frase dele. Odeio quando ele faz isso. Não vou ligar mais. *Idiota!*

— Podemos ir — disse, guardando o celular na bolsa. Mary estava conversando com o Gustavo. Eles aguardavam eu conversar com o Bryan.

— Falou com ele? Tudo bem? — Mary perguntou, receosa.

— Precisou pegar a estrada, deve estar em um trecho sem sinal para celular, está indo direto para a caixa postal, mas... — Sorri, tranquilizando-a. — Sem problemas.

— Você tem certeza do que está fazendo

Trice? Sabe que está comprando uma briga das grandes e me colocando no meio — advertiu a Mary, estacionando o carro na Starbucks da Avenida Paulista. Gustavo sugeriu irmos com ele, porém, jamais que eu iria fazer uma coisa dessas. Nunca o vi, vai saber se não é um estuprador ou sequestrador.

— Não mando ele ser idiota — esbravejei.

— Deve ser algo sério o que aconteceu em Santos, para ele descer sem te achar antes — atestou, abrindo a porta do carro e saindo.

Entramos na cafeteria e avistamos o Gustavo sentado, nos aguardando. Assim que nos aproximamos e levantou-se e como um bom cavalheiro, afastou as cadeiras para que pudéssemos nos sentar.

— Então, em que as garotas trabalham, além de se colocarem em risco, com drogados? Fazem parte de alguma instituição? — indagou

Gustavo.

Nossa conversa foi agradável. Assim como eu, a Mary também achou os traços dele muito familiar, chegou até questioná-lo. Pelos lugares que frequentamos, não seria possível de termos nos cruzado, com a Mary mais difícil ainda, já que ela é de Santos.

— Você deve conhecer meu noivo, Gustavo, já que trabalha no ramo imobiliário — argumentei. — O nome dele é Bryan Soutto.

Ele abriu um largo sorriso e levantou apenas uma sobrancelha.

— O Rei das Noitadas — disse e me encarou sério.

— Acho que ele foi fisgado — brincou a Mary, quebrando o clima pesado.

— Que bom... boa sorte, Beatrice. — Estreitou os olhos e continuou: — A empresa em que eu trabalho está precisando de uma consultoria,

exatamente como a que você oferece. Acha que pode nos atender? Mesmo sendo concorrente do seu noivo? — Cruzou os braços no peito e aguardou minha reação.

Dei de ombros e respirei fundo.

— Não misturo as coisas, vou atender, com toda a certeza — confirmei, tomando um gole do meu cappuccino.

Capítulo 12 – Encontro Forjado

— **HA... HA... HA... EU DISSE** que ela cairia como um patinho! — comemorou Alicia. — Leandro, preste atenção, ela não é garota para o Bryan. Não sei como ainda está com ele. Ela é toda sensível — disse, revirando os olhos. — Esse é o ponto fraco dela. Você – com todo o seu cavalheirismo – é a pessoa certa para ela — completou.

— Não gosto disso Alicia — falou, sentando-se à mesa de jantar. — Agindo dessa maneira estou me igualando a ele. — Balançou a cabeça. — O “cara” é o mais “filho da puta” que eu conheço e ganhou o coração da garota mais meiga que já conheci — protestou. — Você precisava ver o olhar dela para aquelas pessoas drogadas, não era de nojo, era de dó. Tenho certeza de que se ela pudesse levaria todas para casa.

— Pode parar Leandro, que caretice é essa agora? Eca! — Entortou os lábios. — Não vai me dizer que se apaixonou por ela logo no primeiro encontro?

Leandro deu um longo suspiro e passando a mão pela nuca prosseguiu:

— Nem posso né. — Encarou a irmã. — Assim que ela descobrir que eu não sou Gustavo e sim Leandro, irmão da sua rival, vai me odiar para o resto da vida.

Alicia levantou-se, deu a volta em torno da mesa e pousou a mão no ombro dele.

— Leandro... — Pegou no queixo dele erguendo-o, para que ele olhasse para ela. — Não é para você se apaixonar por ela, isso vai estragar tudo. — Se afastou e voltou. — E seu nome é Leandro Gustavo, não é de tudo mentira.

Ele apenas meneou a cabeça, engolindo em seco e umedecendo os lábios com a língua.

— O que temos para o jantar? — Nestor perguntou, assim que entrou na sala.

— Está fazendo o que aqui, Nestor? — indagou Leandro. — Não tem casa e nem esposa para te fazer comida? — provocou.

— Caramba, que amor fraternal — brincou, dando um tampinha nas costas do irmão. — Fiquei sabendo que o encontro foi um sucesso. E aí, quando ela começa a atender a sua empresa? — questionou Nestor, se acomodando à mesa e colocando comida em seu prato.

— É... Acho que fui bem-sucedido na minha primeira missão — respondeu, desanimado.

Nestor questionou Alicia, com um olhar, sem entender o tom de desânimo do irmão. Alicia fez um gesto com as mãos para que deixasse pra lá.

Capítulo 13 – Difícil Decisão

— **Você é uma idiota Karin.** Eu não queria estar na sua pele a hora que o Bryan te pegar — bradou Gabi.

Assim que coloquei o pé na porta da casa dos meus pais pude ouvir o alvoroço, lá dentro. A voz da Gabi soava num tom de indignação e desespero.

Entrei e parei imediatamente, ao ver o cenário. Minha mãe largada no sofá enquanto que o meu pai a consolava. Passando as mãos em suas costas e sussurrando ao seu ouvido. Seu corpo chacoalhava, com rosto enterrado no peito dele. Gabi, de um lado para o outro, com o celular ao ouvido. Nathan apareceu com o Pedrinho no colo.

Dei uma vasculhada em volta para tentar entender que "merda" estava acontecendo alí. A sala estava revirada, os fios da TV pendurados no

painel, mostrando claramente que tinha sido arrancada. Alguns vasos no chão, quebrados, as cadeiras da sala de jantar derrubadas e os tapetes embolados.

Meu corpo endureceu, antes que enfartasse, senti sua mão apertando meu ombro.

— “Cara”, tenha calma — Otávio disse baixinho.

Assim que Gabi ligou, dizendo que eu precisava descer para Santos, comecei a busca insana pela Beatrice. A cada dia que passa percebo o quão forte é o meu coração. Beatrice testa todos os limites da minha razão. Depois de algumas tentativas em seu celular, sem sucesso, busquei pelo GPS e apontou para um estacionamento no centro da cidade. Não entendi que “porra” ela estava fazendo lá, porém, deduzi que esqueceu o celular dentro do carro. Liguei no celular da Mary e foi direto para a caixa postal. Foi o suficiente para

acionar todos os botões do meu cérebro. Não fosse o fato de o Otávio estar comigo falando – na minha orelha – para eu agir como um homem racional e a Gabi me ligando a cada segundo, eu teria ido até o local que apontou o GPS.

Otávio vendo meu estado deplorável decidiu me acompanhar. No trajeto, tentei várias vezes falar com a Gabi, para que me passasse os detalhes da situação, porém, ela simplesmente disse que eu precisava me apressar, não podia ficar comigo na linha.

— Que "porra" aconteceu aqui, Gabi? — gritei e caminhei até ela. Arranquei o celular da sua mão e vociferei na linha. — Karin — suspirei. — O que foi que você aprontou dessa vez? — A linha ficou muda, ouvi ao fundo:

— Vem docinho, não precisa se preocupar eu cuido de você. — Aguardei uns instantes e percebi que ela tinha desligado.

Larguei os braços ao lado do corpo, fechei os olhos e puxei o ar dos pulmões com toda a força que pude. Joguei o celular no sofá e passei as mãos pelos cabelos.

— Dá pra alguém me dizer que “merda” aquela “imbecil” fez dessa vez? — Apontei para o ambiente e continuei. — Pelo jeito foi exatamente o que eu previa. — Olhei para os meus pais e encarei-os, com os olhos estreitados. Minha mãe colocou a mão na frente da boca e voltou a chorar.

— Bryan, pelo amor de Deus! — protestou a Gabi, com os braços abertos. — Se foi para torturar nossos pais que você veio, pode voltar pra trás, eu resolvo — advertiu e saiu andando pela sala, juntando os cacos dos vasos quebrados.

No meio da sala, em frente aos meus pais, coloquei as mãos no quadril e entre os dentes trincados perguntei novamente:

— QUE. “PORRA”. ACONTECEU.

AQUI?

— Senta "cara", vou te explicar o que aconteceu — amenizou o Nathan, entregando o Pedrinho para a babá e sentando. Apontou para o sofá para que eu e o Otávio nos acomodássemos.

Karin chegou alterada na noite anterior. Fazia dois dias que ela não aparecia. Meus pais já estavam pensando em me ligar. Ela não se deu ao trabalho de dar explicações. Subiu para o seu quarto e capotou na cama, do jeito que chegou da rua.

Gaby passou na casa dos meus pais logo cedo, preocupada com a ausência da Karin, porém, quando soube que ela estava no quarto, deixou o Pedrinho com o Nathan e subiu em disparada. A situação chegou a um nível insustentável. Alguém precisava fazer alguma coisa. Eu bem que tentei, por várias vezes, entretanto, meus pais me impediram – sempre na esperança de que ela

tomasse jeito.

Nathan parou e olhou para cima, encarando a esposa. Gaby fez um gesto para que ele continuasse. Sentou-se ao lado da minha mãe, puxou-a dos braços do meu pai e entregou-lhe um copo de água.

— Toma mãe — ordenou, entregando um comprimido. — A senhora precisa se acalmar, ela não vai deixar ninguém fazer nada com a Cristine. — Suspirou. — Ela pode ser maluca, mas ama a filha.

Naquele momento que caiu a ficha, *ela levou a Cristine*, por isso o desespero dos meus pais. *Como eu posso ser tão burro? Foi a primeira coisa que a Gaby me disse.* Dei um pulo do sofá.

— Para onde aquela "filha da puta" levou a Cristine? — esbravejei, passando as mãos pelos cabelos, praticamente arrancando-os. Comecei a andar em círculos na sala. Os nervos do meu corpo

estavam doloridos, tal o controle que estava tendo, desde cedo. Senti o gosto da bílis na minha garganta. Engoli em seco e respirei fundo. As batidas do meu coração me ensurdeciam. Sentei novamente, na beirada do sofá, coloquei os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos.

Nathan prosseguiu, expondo a situação, para que pudéssemos agir com a razão.

— “Cara”, não reconheci minha esposa — disse, arqueando as sobrancelhas.

Gaby entrou no quarto, abrindo as portas de vidro que levam à varanda, deixando todo o sol e o ar da manhã entrar no quarto. Arrancou as cobertas da Karin e a chacoalhou para que acordasse. Vendo que não resolvia, desceu as escadas correndo, foi até a lavanderia e voltou com um balde cheio de água.

— Só escutamos os gritos da Karin, aqui debaixo — comentou Nathan, segurando para não

rir. O momento não era propício para rir, porém, até eu fiquei com vontade de rir e bater palmas para a minha irmã.

As duas iniciaram uma discussão que, segundo meu cunhado, toda a vizinhança ouviu. Meus pais tentaram intervir, Gaby impediu. Fechou a porta do quarto e exigiu uma posição da Karin. Ou ela tomava jeito ou saía da casa dos meus pais. Karin não pensou duas vezes, sacou o celular e ligou para alguém vir buscá-la. Gaby voltou para a sala batendo uma mão na outra e disse:

— Resolvido, chega de palhaçada. O Bryan tem razão, isso não pode continuar.

Quando eles acharam que a tempestade seria acalmada, Karin desceu com a Cristine no colo e uma mala de roupas. Nathan parou e olhou para os meus pais, antes de seguir. Respirou fundo e prosseguiu:

— Bryan, "cara". — Meneou a cabeça. —

Achei que seus pais morreriam aqui na minha frente. Fiquei sem saber o que fazer. — O rosto da minha mãe enterrou-se novamente no peito do meu pai e seu corpo voltou a chacoalhar. Meu pai encostou o queixo no topo da cabeça dela e continuou em silêncio, olhando para o vazio.

— Voei nela e puxei a Cristine de seu colo, Bryan — recordou a Gaby. — Ela é mais forte do que eu — completou. Abaixou a cabeça balançando-a. — A Cristine estava muito assustada, se eu insistisse só pioraria a situação.

— Ah, então você achou por bem deixar a drogada levar nossa sobrinha? — indaguei, indignado.

— Não foi bem assim que aconteceu — repreendeu-me o Nathan. — Logo ela permitiu a entrada dos seus colegas e quando tentamos argumentar ou tirar a Cristine dela... — Parou e olhou em volta. — Fizeram isso que você está

vendo.

— “Caralho” — resmunguei. — Que tamanho eram esses “colegas” dela — perguntei. — Não dava para vocês enfrentarem eles? — Franzi o cenho.

— Você está maluco, Bryan? — exclamou a Gaby, levantando-se rapidamente. — Eram quatro brutamontes, exalavam álcool e seus olhos mostravam nitidamente que estavam drogados. Ficamos com medo do que eles fariam com a Cristine, se insistíssemos. Por isso, te ligamos. Juntos podemos pensar melhor. Se eles foram capazes de causar essa destruição, o que mais eles podem fazer? — Gaby ofegava.

Afundei o rosto entre as mãos e massageei as têmporas, buscando uma saída.

— Vocês comunicaram a polícia? — Otávio, que até então só observava, indagou.

— NÃO! — gritou minha mãe. Trazendo o

corpo para a ponta do sofá, com a mão no coração.

Nathan e Gaby olharam para nós, com as sobrancelhas içadas. Dizendo, em silêncio, o por quê não tinham colocado a polícia em ação.

— “PORRA... PORRA... PORRA...” — bradei. — Que “CACETE”! — Levantei-me e voltei a andar em círculos, mastigando o interno das bochechas e puxando os cabelos da nuca. — Como é que vocês esperam que resolvamos isso, sem a polícia? — alertei, com as palmas das mãos para cima.

— Fi...lho — gaguejou minha mãe. Esticou o braço e pegou minha mão. O toque gelado, da ponta dos seus dedos, amoleceu meu coração. Aproximei-me dela, e ela me abraçou pela cintura, encostando a testa na minha barriga. — Por favor, tragam elas de volta. — Estreitei os lábios e meneei a cabeça. Passei as mãos pelos cabelos brancos da minha mãe, inclinei o corpo e salpiquei um beijo no

topo da sua cabeça.

— Eu trarei — prometi, convicto que teria que mover céus e terra para cumprir.

***

O céu parecia mais escuro, o ar mais carregado, as pessoas mais silenciosas. Tudo era uma sombra, a cor havia sumido. A tranquilidade da brisa do mar não foi suficiente para acalmar a tempestade que a Karin havia criado em nossas almas. Ver meus pais destruídos foi o bastante para eu abandonar qualquer vontade de acabar com a raça daquela ingrata. Se eu agisse da maneira que eu gostaria, com toda a certeza, acabaria com a vida dos meus pais. Eles não merecem. Tudo o que sempre fizeram foi em função dos filhos e agora da neta.

Nathan conseguiu com que a Karin o atendesse o celular e marcou um local para

conversarmos. Fomos nós três: Eu, Nathan e o Otávio. Registrei na minha mente o quanto o meu amigo estava me ajudando. *De alguma maneira terei que recompensá-lo.*

O local era assustador, bem afastado do centro. Tivemos que andar um longo pedaço de terra. Vimos, se aproximando, uma casa de madeira e um galpão grande ao lado. Alguns carros caros estacionados em frente, contrastando com o ambiente. Paramos o carro e nos olhamos, receosos. *Será que estamos fazendo a coisa certa?*

— Bryan — pronunciou Nathan, apertando meu joelho. — Se acha que vai perder a cabeça, melhor deixar eu e o Otávio cuidar disso.

— Nem “fodendo” — resmunguei abrindo a porta e descendo. Os dois se olharam balançando a cabeça. — O que foi? Eu sei onde estou me metendo — defendi-me. — Estão me chamando de desiquilibrado? — inquiri, com cenho franzido.

— Deixa pra lá — completou o Nathan.

Caminhamos até a porta da casa e quando íamos bater, Otávio fez um sinal para ouvirmos, colocando a mão na orelha.

— Vai recuar "vadia"? Não pedi para você vir, você que me ligou — bradou uma voz grossa dentro da casa.

— Eu sei... — Vacilou. — Mas... Eu não achei que vocês fariam aquilo? — A voz da Karin estava baixa e trêmula. Irreconhecível. A tão valente Karin estava acuada?

— O quê? — gritou. — O que fizemos já devia ter sido feito há muito tempo. Esqueceu-se que me deve? Fica pagando de riquinha e não quita sua dívida. Olha onde você mora mina! Agora sim estamos feitos, sua filhinha será nossa moeda de troca.

Meu corpo estremeceu. Cerrei os dentes e os punhos e busquei controlar meu instinto animal.

Acabei de sair do hospital "caralho"!

Nathan olhou para mim, com os olhos arregalados, me alertando. Fechei os olhos e respirei fundo. Batemos na porta de leve e aguardamos.

Gaby não exagerou quando disse que eram brutamontes. O "cara" parecia um monstro. Mediu-nos de cima em baixo e fez sinal para que entrássemos. Karin permaneceu de cabeça baixa. Assim que entramos, Cristine, que estava no canto da sala, brincando com uma "Barbie", veio correndo e pulou no meu pescoço.

— Titio... — Beijou meu rosto e apertou meu pescoço. — Mamãe "trazeu" eu pra "paxear". — Levantou a boneca. — Olha a minha "Barbie" nova, "voxê" gostou? — Me deu outro beijo melado e continuou. — Eu "tava" com "xaudades", ainda sou sua "pincesa"? — Meu coração se acalmou, soube naquele instante que minha irmã

não era tão maluca assim. Havia poupado à menina. Abri um sorriso e apertei os braços em volta dela. *Ninguém tira você daqui.*

— Sim, meu amor. Você sempre será minha princesa — balbuciei. — Fica aqui no meu colo, estava morrendo de saudades — sussurrei, batendo na ponta do seu nariz.

O alívio não durou muito. O brutamonte número dois, veio até mim e tentou puxar a Cristine do meu colo. Imediatamente Karin levantou-se e puxou seu braço impedindo-o. Tudo aconteceu muito rápido. Ele virou com o punho cerrado e acertou em cheio o rosto da Karin, jogando-a longe.

— O que pensa que está fazendo sua “vaca”? — rugiu e a chutou na barriga. Karin soltou um gemido e se encolheu no canto.

Agarrei a Cristine com força e me virei para a porta, na esperança de tirá-la dali. Cristine, vendo a mãe sendo espancada, começou a gritar e grudou

no meu pescoço.

— Calma “cara”, nós viemos em paz, só queremos conversar, não precisa fazer isso — reivindicou Otávio. Nathan ficou transtornado, perdeu completamente o rumo. O único que conseguiu manter-se na razão foi o meu amigo.

Chegando à porta fui impedido, pelo brutamonte número três, de sair. Ele olhou para mim e meneou a cabeça, cobrindo toda a extensão da porta com seu corpo. *“Caralho” estamos “fodidos”! Preciso tirar a Cristine daqui.*

— Comigo não tem essa de conversa não “playboy” — ressaltou o brutamonte número um, com um sorriso diabólico no rosto. — Aqui é preto no branco, se querem a garota terão que pagar e... — Olhou para mim, estreitou os olhos e prosseguiu. — Aquele ali é o dono da grana. — Apontou com o queixo em minha direção. — Então, não vai ser tão difícil assim — concluiu e foi

até a Karin. Pegou-a pelos cabelos e a levantou. Passou a língua pelo seu rosto, olhando para nós, com desdém. — Essa fica.

Indecifrável, essa é a palavra que define o que meu corpo sentiu naquele momento. Tudo e nada ao mesmo tempo. Frio e calor; endurecimento e moleza; desespero e ódio. Foi como se eu estivesse em meio a um redemoinho, sendo arrastado – tentando segurar em algo –, sem sucesso. Não podia perder a cabeça, eles nos matariam. *Eu prometi a minha mãe que levaria as duas de volta.* A frase martelava em minha mente.

— Shiiiii... — acalmei a Cristine, empurrei seu rosto para o meu pescoço e beijei sua têmpora. Respirei fundo e olhei em volta. Estavam todos esperando que eu dissesse algo. O que eu poderia dizer? Se fosse só dinheiro que ele queria seria fácil, porém, como eu o convenceria que teria que voltar com a Karin também? Sem contar que esses

tipos de pessoas são um saco sem fundos, nenhum dinheiro no mundo é satisfatório. Teria que envolver a polícia, caso contrário, nunca mais teríamos sossego. Tudo passava pela minha cabeça enquanto todos na sala aguardavam que eu me manifestasse.

— Olha só... — ponderou Nathan. — Viemos aqui para negociar, então podemos acalmar os ânimos, não é mesmo Bryan? — Olhou para mim, suplicando.

Confirmei com a cabeça e resolvi que tinha que entrar em ação.

— De quanto estamos falando? — perguntei.

— Agora sim, isso é tudo que eu precisava ouvir. Até que seu irmão é um "cara" sensato "mina". Você disse que ele é um pé no saco, mas... — Inclinou a cabeça e me analisou por uns segundos. — Ele é bem-apessoado. Se eu não

gostasse tanto de mulher daria um trato nele.

Senti um nó no estômago e contraí o abdômen. O almoço, que fazia horas que tinha comido, veio até minha garganta e voltou. Otávio e Nathan me encararam com uma expressão desesperada.

— Pra começar cem mil — disse, sem titubear.

Balancei a cabeça e sorri sem a menor vontade.

— “Cara” não é tão simples assim conseguir cem mil reais. Tenho que vender algum imóvel. Eu tenho dez aqui comigo, em dinheiro vivo.

— Tá me achando com cara de trouxa “meu”? Você está mentindo. Cem mil é troco pra você — bradou do outro lado da sala.

O brutamonte número dois chegou perto e disse algo ao ouvido dele. Ficamos tensos,

aguardando.

— Tudo bem, tem uma parada aí que precisamos resolver ainda hoje, seus dez vai resolver, mas... — Levantou o indicador. — Só vai levar a menina, a gostosa fica. Pra garantir que vai conseguir o resto. — Puxou a Karin para o seu corpo e lambeu seu rosto novamente. — Nem vai ser sacrifício para ela, afinal foi ela quem quis vir pra cá, não é mesmo mina?

***

A felicidade que estampou no rosto dos meus pais, quando entramos com a Cristine nos braços, não tem nada que pague. Não sabiam o que fazer, se a beijavam se a pegavam e quem fazia isso primeiro. Ficamos todos observando a euforia deles, preparando o discurso. *Como vou falar que não consegui trazer a Karin?* A frustração tomou conta do meu ser.

Depois de alguns minutos, minha mãe levantou o rosto e fez a pergunta temida:

— Cadê a Karin? — Olhou para mim em especial e franziu o cenho. — Vo...cê prome...teu fi...lho — murmurou, com a voz embargada.

Meu maxilar chegou a doer com a travada que eu dei nos dentes. Fechei os olhos e coloquei as mãos na nuca.

— Sogra, ele tentou de tudo — defendeu-me o Nathan.

Minha mãe sentou-se no sofá, colocou o rosto entre as mãos e desabou. *Aquela "filha da puta"!* Caminhei até ela, me ajoelhei na sua frente e peguei em suas mãos, tirando-as do seu rosto. Passei o polegar pelas suas lágrimas e beije-lhe a testa, permanecendo com os lábios entreabertos, ali. Respirei fundo e levantei seu queixo com o indicador.

— Mãe... — suspirei. — Foi uma escolha

dela, ela não é mais criança e...

— Filho, ela é criança... — Soluçou. — Não pode desistir dela, me prometeu.

Apertei suas mãos e mordi a parte interna das bochechas, buscando as palavras certas. Se eu dissesse com quem a Karin tinha se metido, e o quanto eles queriam para solta-la, minha mãe não aguentaria.

— Mãezinha, presta atenção. Eu não desisti dela, por você... — Ergui as sobrancelhas e encostei a testa na dela. — Só que vamos ter que esperar um pouco. Ela precisa entender o quanto está encrencada. Se eu sair correndo para tirá-la de lá, ela nunca vai aprender.

— Fi...lho... — Espremeu os olhos e os lábios. — Você não entende. — Soluçou de novo. — Quem vai fazer o chocolate dela de manhã? Ela não gosta de cebola na comida — ressaltou e desencostou-se da minha testa. — Ela é intolerante

a lactose, como eles vão saber que tem que ser leite de soja?

Balancei a cabeça e esbocei um sorriso desanimado.

— Isso é o de menos mãe — deixei escapar.

Ela arregalou os olhos e colocou a mão em frente à boca.

— O que é pior então filho? O que você não está me contando?

Olhei para o Nathan e o Otávio, na esperança que me socorressem. Nathan, percebendo, se aproximou, sentou-se ao lado dela e passou o braço pelo seu ombro, levando-a para perto dele.

— Sogra, confia no Bryan, ele sabe o que está fazendo. — Beijou o topo da cabeça dela e continuou. — Em poucos dias ela estará aqui, a senhora vai ver.

Passado todo o alvoroço, nos sentamos nas

cadeiras, da parte externa da casa dos meus pais: eu, Gaby, Nathan e o Otávio, para decidirmos o que faríamos.

Por mais que eu tenha ficado assustado com as pessoas que a Karin se envolveu. Que eu quase tenha perdido a cabeça quando eu vi o “filho da puta” bater nela. O que eu disse a minha mãe não estava de todo errado. Não posso sair correndo arrumando dinheiro para eles, afinal, como ele mesmo disse: “ela quem os procurou”. É diferente de um sequestro. Sem contar que eles nunca estarão contentes, assim que eu der o dinheiro vão pedir mais e assim sucessivamente. *Por quanto tempo?*

— O que vamos fazer? — perguntou Gaby.

Dei de ombros.

— Esperar um pouco — afirmei, olhando em seus olhos. Nós somos os irmãos, preciso saber a posição dela, não posso assumir sozinho a responsabilidade.

— Bryan... — Suspirou. — O Nathan disse que são bem barra pesada. E se eles fizerem alguma coisa com ela — argumentou e segurou o lábio inferior nos dentes.

— O que você acha Otávio? — indaguei meu advogado. Uma pessoa de fora tem uma visão mais ampla da situação.

— "Cara" eu fiquei bem assustado. Mas, sua irmã não me parecia muito desconfortável com eles. Pareciam bem íntimos — confessou. — Eu acho que você tem razão em esperar um pouco. Eles não vão matar ela, antes, vão querer dinheiro.

Decidimos esperar o próximo passo deles. O mais difícil seria controlar meus pais. E pior ainda, não poder colocar a polícia para resolver o problema. Todas as vezes que tentei falar sobre isso, minha mãe quase entrou em pânico. Ela tem medo de levarem a Karin junto.

Tenho que voltar para a capital. Parece que

fui atropelado por um trator, tal o bagaço que estou me sentindo. Não precisou de muito para eu me lembrar de que fazia horas que não falava com a Beatrice. Senti uma pontada no peito, em pensar que tinha deixado ela sozinha, sem segurança, e eu a quilômetros de distância.

Capítulo 14 – Me Convença

TOMADA POR VÁRIOS COMPROMISSOS, a tarde passou voando. Mary me deixou no escritório e foi para o apartamento acomodar suas coisas. Combinamos de nos sentar à noite para traçarmos os planos dos preparativos do casamento. Bryan não entrou em contato comigo a tarde toda, fato que me deixou muito preocupada. A minha teimosia me impediu de ligar para saber o que estava acontecendo. Boa coisa não era, afinal, ele saiu correndo para Santos, antes mesmo de me encontrar. Sua falta de delicadeza na mensagem deixada ao meu celular me enfezou.

— Trice, preciso de aprovação desse orçamento, hoje. O Bryan não voltou. O que eu faço? — Polyana entrou na minha sala, com algumas pastas em mãos.

— Deixa-me ver, Poly — Apontei para que

se sentasse e peguei as pastas.

Quase não estou conseguindo orientar a Rebeca com meus clientes, pois, a empresa do Bryan está me consumindo.

Analisei o orçamento a que Polyana se referia e a autorizei a dar continuidade. Correndo o risco de o Bryan achar ruim, contudo, ele simplesmente desapareceu. Não teria o direito de questionar.

Polyana levantava-se e parou – no momento em que um loiro alto, de olhos claros e corpo esbelto, apareceu à minha porta, com um sorriso encantador nos lábios.

Levantei-me e fui até ele.

— Olá Rodrigo, a que devo a honra? — cumprimentei-o, sorrindo também. Ele, como todas às vezes, me puxou e me deu um forte abraço.

— Como está minha garota? — provocou, beliscando minha bochecha.

Bati em seu ombro e repreendi-o.

— Não chuta o pau da barraca Rodrigo. — Franzi a testa.

Olhei para a Polyana que estava estática, com a boca aberta, vidrada no Rodrigo. Foi quando me dei conta de que os dois ainda não se conheciam.

— Ah... Rodrigo. Essa é minha irmã, Polyana — apresentei-os.

Ele caminhou até ela, com os olhos estreitados. Olhou para mim, olhou para ela. Mediu-nos de cima em baixo e concluiu:

— Ela é muito bonita, tanto quanto você — elogiou e a puxou para um abraço. Fungou em seu cabelo e continuou. — Cheirosa também. — Afastou-a, pegou em seus ombros. — Não vai me dizer que também tem um Neandertal, vai? — perguntou.

Polyana ficou tensa, na hora. Ele franziu o

cenho e olhou para mim, com uma expressão interrogativa.

— Ela é a viúva — murmurei, com uma sobrancelha içada. Ele entendeu na hora do que se tratava. Abraçou-a novamente e desculpou-se:

— Oh... Que grosseria minha, sinto muito... Ou não? — Se afastou e olhou nos olhos dela. — Pelo que eu soube ele não valia muita coisa, estou enganado?

Polyana deu um longo suspiro e negou com a cabeça.

— Não, as pessoas estão certas, porém... — Hesitou um pouco antes de continuar. — Eu o amava e ele era o pai da minha filha.

Conversamos um pouco, sobre como as coisas estavam indo sem o Scott, as investigações, onde Polyana estava morando, as mudanças que tínhamos feito e muitas outras coisas. Rodrigo

ficou encantado com a Polyana e pelo que pude ver foi recíproco. Minha irmã voltou para a sua sala e nos deixou sozinhos. Tratamos de negócios e ele, diferente das outras vezes, ficou com pressa de ir embora. Logo percebi que queria passar na sala da Polyana. Perguntou-me quais lugares ela gostava de frequentar e se eu achava que ela aceitaria jantar com ele. Fiquei feliz, pois, seria de grande valia para mim, o Rodrigo desfocar de mim. Mais ainda para o Bryan.

Olhei no relógio do meu pulso e me espantei com a hora. Já passava das dezenove. *Meu Deus! Cadê o Bryan?* Parece que ele me ouviu, no mesmo instante meu celular vibrou. Senti um alívio quando vi o rosto dele aparecer na tela do meu "iPhone".

— Oi — atendi, receosa.

— Oi minha menina — sussurrou. A voz dele estava cansada.

Um pouco da tensão dos meus ombros se dissipou. Estava chateada com ele, a frase que dissera ainda estava fresca em minha mente. Mas, ouvir o som da sua voz e a forma carinhosa como falou comigo, me desarmou.

— O que aconteceu? — indaguei, preocupada. Ele não ligou e achei que assim que nos falássemos ele gritaria na minha orelha, me questionando.

— Onde você está? — Minha resposta veio com outra pergunta, pra variar um pouco. *Quando é que ele vai mudar?*

— No escritório — balbuciei. Estávamos falando tão baixo, que quase não nos ouvíamos.

— Preciso de você — suplicou e suspirou.

— Estou aqui — respondi e também suspirei. Meu corpo tem vida própria quando se trata do Bryan. Nada passa pelo cérebro. Tudo que se trata dele é emocional, nada racional.

— Vou chegar lá pelas nove da noite, quero você me esperando na cobertura. — Não foi um pedido. O tom de voz dele engrossou e tenho certeza de que suas pupilas estavam dilatadas.

— Não posso, combinei com a Mary de acertarmos os detalhes do casamento, hoje à noite — falei rapidamente. Eu também estava desapontada com a minha resposta, mas não podia ceder sempre. Sem contar que eu realmente tinha compromisso.

— "Porraaaaaa" — resmungou baixinho. — Só eu sinto sua falta? — sussurrou. — Por que tenho que sempre implorar para estar com você? — *Como assim? Implorar? Ele nunca pede nada, ele toma.*

— Bryan... — Ele não me deixou continuar.

— Não "fode" comigo Beatrice, as nove, em ponto — concluiu e desligou.

Fiquei olhando para o visor do celular, por

uns instantes, inconformada. E o pior é que eu não conseguiria deixar de ir. *Sentia muito a falta dele, mais do que eu gostaria.*

— Vamos Trice — chamou o Ethan, encostado no batente da porta da minha sala. — Tem algum ET aí no visor do seu celular — brincou, apontando com o queixo para o meu celular.

— Não vou para casa hoje — comuniquei e comecei a juntar meus pertences. — Você dirige, me deixa na cobertura e segue com meu carro — informei e joguei as chaves do carro para ele.

— Ok... Você manda — concordou, dando de ombros.

***

Entrei na cobertura e tive a sensação de que ali era o meu lugar. Não me sentia mais em casa no meu apartamento. Vivi muitos anos com o Pietro lá

e estar com o Bryan no mesmo espaço não me parecia justo. A decisão de não ficar na cobertura foi minha, porque naquele momento me pareceu o melhor a fazer, porém, depois de um dia cansativo, como o de hoje, não tem coisa melhor do que terminar nos braços do Bryan. Tenho certeza de que o dia dele não foi dos melhores, fato que confirma a necessidade de estarmos juntos.

Subi para a suíte, tirei os sapatos e joguei-os no canto, acomodei a bolsa no espaço que o Bryan reservou para mim, dentro do closet e, antes de começar a me despir para tomar um banho relaxante, resolvi mexer nas coisas dele. Comecei a cheirar suas roupas, abrir as gavetas, a xeretar em tudo. Na parte de cima do armário descobri uma caixa e a tirei para olhar o que tinha dentro. Encontrei várias fotos. Sentei-me no chão do closet e espalhei-as. O sorriso tomou conta do meu rosto vendo meu homem quando era criança.

As fotos não deixaram dúvidas de que eu sou uma agraciada, Bryan desde pequeno é muito lindo. O rosto cheio de sardas, olhos verdes, nariz desenhado e queixo empinado. Em todas elas estava sorrindo. Uma família perfeita. Fui juntando as fotos para guardá-las, no momento em que percebi que estava me deixando triste. Saber que eu nunca tinha tido aqueles momentos com a minha família e pior, saber que nós nunca poderíamos ter um Bryan para nós. *Se ele tivesse um filho, seria um principezinho.*

Guardei as fotos e antes de fechar a caixa uma delas me chamou a atenção. Um tremor me dominou quando eu vi quem estava na foto. Peguei-a e fiquei encarando-a. Nestor, Bryan, Alicia pendurada no braço dele e mais um rapaz, que eu não conheço. Aproximei a foto do rosto e fiquei observando.

Era uma formatura, estavam todos sorrindo

e o rapaz que eu desconhecia se parecia muito com a Alicia e o Nestor. *Será que é primo deles? Ou irmão? Bryan nunca me disse que eles têm mais irmãos*. Eles deviam ter uns vinte anos, mas o rapaz não, mais novo. Olhei de novo a foto e analisei o rapaz, me pareceu tão familiar. Busquei na mente e não consegui associar a ninguém. Como se parecia muito com a Alicia e o Nestor, deduzi ser essa a familiaridade.

— O que é que tem de tão interessante nessa foto? — Dei um pulo de susto.

— Nossa... Bryan... Quer me matar do coração? — disse, com a mão no peito.

— Eu não, mas já você... — Passou as mãos pelos cabelos e ficou me encarando. — Onde você se meteu? Que "porra" estava fazendo no centro da cidade?

Soltei uma lufada de ar e revirei os olhos. Virei a foto para ele e perguntei:

— Por que ainda tem foto dela aqui? — Icei as sobrancelhas. — E quem é esse aqui? — Apontei para o rapaz que me deixou curiosa.

Ele agachou, pegou a foto da minha mão e bufou.

— Sei lá o que essa “porra” está fazendo aí — jogou ela no chão. — Joga fora essa “merda”. Ainda mais que tem esse cretino “filho da puta”, igual aos irmãos. O nome dele é Leandro. *Leandro, realmente, não conheço nenhum Leandro. A familiaridade é mesmo por conta dos irmãos.*

Peguei a foto e guardei de volta na caixa. Não tinha motivo para jogá-la fora. Tampei a caixa e a estiquei para o Bryan, que estava em pé, com as mãos nos quadris.

— Não vai jogar fora? — indagou, com uma sobrancelha levantada.

Neguei com a cabeça e me levantei também. Parei em frente a ele e ficamos nos

encarando, por uns instantes. Ele virou-se, guardou a caixa no lugar dela, respirou fundo e voltou a me fitar. Estávamos a milímetros de distância, dava para sentir o hálito de hortelã dele no meu rosto.

— O que aconteceu? — sussurrei, olhando dentro dos seus olhos. A aparência dele estava péssima e mesmo assim ele estava irresistível. Camisa pra fora das calças, com as mangas dobradas até os cotovelos e os primeiros botões abertos. Sem gravata e sem paletó. Os cabelos o mais bagunçado possível, deixando-o incrivelmente sex. Os olhos avermelhados e as olheiras fundas. Algo muito forte tinha acontecido.

— Eu perguntei primeiro — rebateu baixinho. Um lindo sorriso começou a surgir no canto dos seus lábios. Ele não aguentou, contornou meu rosto com o indicador e beijou a ponta do meu nariz. — Por que você faz isso comigo? — balbuciou.

— Isso o quê? — Me fiz de desentendida.

— Beatrice... Beatrice... Você sabe muito bem do que eu estou falando. — Me alertou, estreitando os olhos.

Cruzei os braços em seu pescoço, fiquei na ponta dos pés e juntei nossos lábios.

— Senti sua falta — confessei em seus lábios.

— Eu muito mais. — Colocou a mão em minha nuca e começou a massageá-la. — Fica comigo, não volta mais para o seu apartamento — implorou. Havia um sofrimento por trás da sua voz – que me comoveu mais do que as palavras.

— Me convença — provoquei-o com um sorriso maroto nos lábios.

Uma chama acendeu em seus olhos. Ele fixou o olhar em mim, passou as mãos pelos meus quadris me levantando do chão. Passei as pernas em torno da sua cintura e me derreti com sua boca,

em todas as partes do meu pescoço. Os dentes arranhando meu maxilar e a barba me fazendo cocegas. Eram demonstrações de toque e prazer, gestos para estreitar a conexão entre nós. Eu estava adorando seu esforço em me convencer, mas na verdade – ele já tinha ganhado a batalha –, só não precisava saber.

Apesar do dia conturbado que tínhamos tido, eu estava ali em seus braços. Sua força controladora assumindo o comando, como sempre foi e sempre será. Ele me protege de uma forma descontrolada. Nem que eu queira – isso nunca vai mudar – esse é o Bryan. O meu Bryan.

— Preciso entrar em você — murmurou ao meu ouvido, passando a língua abaixo, trazendo um arrepio para meu corpo. — Meu “pau” está doendo — ofegou.

Qualquer outro homem que usasse essas palavras comigo me faria correr, mas Bryan tem

um poder sobre meu corpo, que eu não consigo explicar.

— Hum... — gemi.

Quando Bryan me encontrou eu estava com um buraco emocional enorme. Achava que nunca mais me recuperaria. Que não seria capaz de amar novamente. Ele conseguiu quebrar todas as barreiras e invadiu meu coração, meu corpo e minha vida.

Ele foi andando comigo no colo até o banheiro e me sentou na pia. Encaixou-se entre minhas pernas e me puxou para a ponta. Juntou meus cabelos na nuca e puxou para trás, deixando meu pescoço livre. Ele sabe exatamente como me desestabilizar, *não que com ele precise de muito.* Sabe dosar a força para me deixar subindo pelas paredes. O cuidado que o Pietro tinha comigo, achei que nunca me sentiria à vontade com um sexo mais forte. Bryan mudou completamente meus

conceitos.

— Vou cuidar de você primeiro — avisou e lambeu meu pescoço. Soltou meus cabelos e se concentrou em me despir. Não foi muito delicado ao tirar minha camisa. Tentou abrir os botões, quando viu que demoraria, levantou meus braços e a tirou por cima. Em seguida tirou minha saia, me deixando só de lingerie.

— Melhor eu tomar um banho primeiro — alertei-o. — Passei o dia trabalhando, estou suada.

— Shiiiii... — Colocou a mão em minha nuca, aproximando nossas bocas. Invadiu minha boca com sua língua, percorrendo todos os espaços. O dançar de nossas línguas afetou diretamente o meio das minhas pernas. Senti meu sexo formigar.

Bryan desceu a mão pelas minhas costas e desabotoou meu sutiã – sem deixar de me beijar, tirou-o e jogou longe. Fez uma trilha de beijos do meu pescoço até os meus seios. Segurou os dois e

ficou admirando-os antes de lamber cada bico. Abocanhou um e logo após o outro.

— “Caralho” isso é bom pra “cacete” — gemeu. — Adoro seu sabor.

Estiquei os braços pra trás, apoiando as palmas das mãos na pia e deixei acesso livre para ele.

— Fala o que eu gosto de ouvir — rosnou com o rosto enterrado no meio dos meus seios, lambendo-os.

Bryan às vezes é uma incógnita pra mim. Como pode ser uma pessoa tão segura, protetora, dominadora e ao mesmo tempo tão vulnerável.

— Você sabe que eu sou sua — afirmei, com a voz falhando. — Que eu te amo — completei.

— Eu gosto de ouvir — repetiu e foi descendo os beijos pelo meu abdômen. Colocou um dedo na borda interna da minha calcinha, e,

enquanto continuou beijando minhas coxas – trabalhou com o dedo no contorno dela. Quando sentiu o quanto eu estava excitada, em um movimento rápido, arrastou minha calcinha pra baixo, abriu o zíper e os botões da sua calça e entrou em mim.

Joguei o rosto em seu ombro e me permiti sentir o poder do seu membro dentro de mim.

— Não ia cuidar de mim primeiro? — brinquei, cutucando suas costelas.

Ela me apertou contra ele e intensificou a estocada, sem responder minha pergunta. Um gemido escapou do fundo das nossas gargantas. Segurei os cabelos da sua nuca e os puxei.

— Você sabe o que faz comigo, não sabe? — perguntou, ofegante. — Me deixa tão louco e tão excitado que perco o controle. Se eu não te “foder” com força vou explodir de tanto tensão — declarou, aumentando o ritmo dos seus

movimentos. — Eu... — Estocada forte. — Preciso... — Mais estocada. — Disso... “Caralho”!

A posição me favoreceu, meu clitóris sendo esfregado e o ponto dentro de mim atingido em cheio. Senti uma onda de calor se formando dentro de mim, o suor começou a escorrer no meio dos meus seios e nas têmporas do Bryan.

— Bryan... Eu... Ai meu Deus... — gemi.

— Eu sei gostosinha... Vai... Vamos juntos... Agora... — O comando foi como se tivesse apertado um botão. O clímax nos dominou e juntos gozamos, urrando. O espelho atrás de nós embaçou com o calor que esvaiu dos nossos corpos.

Ficamos abraçados, por um bom tempo, com o Bryan dentro de mim. Funguei em seu pescoço me deliciando com seu cheiro. Terminei de abrir os botões da sua camisa e a tirei, jogando-a na pilha com as minhas roupas. Mordi seu ombro e o gosto do seu suor supriu minha necessidade dele.

— Eu amo seu cheiro e seu sabor — admiti. — Eu amo tudo em você — corrigi.

— Minha nota — balbuciou com o rosto enterrado na curva do meu pescoço.

— O quê? Como assim?

— Convenci? — concluiu. Levantou o rosto, colocou meu cabelo atrás da orelha e continuou. — Eu sei que não chegou nem perto de ser uma das melhores, você me deixou muito puto da vida, não consegui me segurar, mas... — Beijou a ponta do meu nariz. — Eu tentei.

— E se eu disser que não convenceu? — irritei-o.

— Vou ser obrigado a começar de novo, vai ser um sacrifício pra mim. — Me olhou de esguelha, com um sorriso safado no rosto.

— Acho que você se esforçou em vão — diverti-me.

Bryan fechou a cara e cerrou os dentes.

— Por quê? É tão ruim assim ficar comigo? — rugiu.

Deixei os lábios em uma linha fina, segurando para não rir. Eu estava provocando-o e ele estava caindo direitinho.

— Eu já ia ficar... Mesmo se não tivesse tentado me convencer — confessei e senti seu corpo relaxar na hora.

Beijei seus lábios de leve e rocei nossos narizes.

— Eu te amo — sussurrei.

— Eu muito mais... — suspirou. — Não consigo respirar sem você.

Cerrou os olhos e me beijou forte. Colocou a mão na minha nuca e apertou nossos lábios. Bryan continuava dentro de mim, senti seu membro crescendo e soube que ele precisava de outra rodada. A decisão estava tomada, se iríamos nos casar, era hora de começar a encarar tudo de frente

e o primeiro passo era morarmos juntos.

Ele me levou até o chuveiro. Terminou de se despir, ligou os jatos quentes e embaixo da água refrescante, começamos tudo de novo. Agora com mais calma, mais amor, mais carinho.

Ele é o meu tudo, eu preciso dele. Nós precisamos um do outro.

Capítulo 15 – Outra Chance

SÓ QUERIA FICAR COM ELA – DAQUELE JEITO – PRA SEMPRE. O medo de reparti-la, me consumia. Tinha necessidade de tocá-la – o tempo inteiro – de possui-la por completo. Passei os dedos pelo seu ombro e pelas suas costas. Levantei seu queixo e admirei seu rosto perfeito. Os lábios entreabertos e a respiração suave, no compasso certo. *Só minha!*

Minha menina dormia em meus braços como um anjo, *meu anjinho*. Inclinei-me e beijei de leve seus lábios carnudos e macios. Ela soltou um gemido e apertou os braços em volta do meu corpo. Aninhou o rosto no meu pescoço e continuou dormindo. *Sou um tremendo de um "filho da puta" e mesmo assim Deus foi muito amável comigo.*

Cada vez que olho pra ela, tranquila, relaxada, segura, a frustração dá lugar a um

sentimento de conquista. Consegui trazê-la do inferno. Beatrice tinha problemas com o sono, à voz nojenta, do “desgraçado” do seu pai, soava constantemente em sua mente. Saber que eu sou o remédio dela aumenta minha coragem de enfrentar o mundo, por ela.

— Gatinha manhosa — ciciei. — Temos que levantar. — Beijei sua têmpora e afastei os cabelos do seu rosto.

— Hummmmmm... Não quero... Que horas são? — gemeu.

Sorri e a puxei pra cima de mim. Seu corpo estava todo mole. Do jeito que eu puxei ela ficou. Encostou a orelha no meu peito e largou os braços ao lado do corpo.

— Bem que eu gostaria de ficar aqui meu bebê, mas precisamos ir — pronunciei as palavras com um aperto no coração. Se eu pudesse a deixaria ali, aproveitando do conforto da nossa

cama, contudo, infelizmente, estava acontecendo muita coisa em nossas vidas. Eu precisava dela ao meu lado. *Beatrice é o meu combustível e meu norte.*

Depois que ela veio trabalhar comigo, sinto-me mais seguro. Quando estou perdendo o controle, saindo dos trilhos, ela me traz de volta.

— Se eu sou seu bebê me deixa mais um pouquinho — reclamou, subiu o corpo e enterrou o rosto no meu pescoço, fungando.

— "Porra" — resmunguei. — Não faça isso gatinha manhosa — repreendi-a. — Meu "pau" está ficando muito duro. — Esfreguei-me nela, provando minha fala.

— Seu "tarado" — falou e enfiou o dedo na minha costela. Levantou o rosto, cruzou as mãos em meu peito e apoiou o queixo nelas. — Agora me conta, você ficou por horas, fora, ontem, e ainda não me disse o que aconteceu.

Bufei e franzi a testa. Só de lembrar a "merda" que a Karin aprontou os meus nervos endureceram.

— A Karin... — Suspirei e balancei a cabeça. — Ela conseguiu se superar, dessa vez ela chegou no fundo do poço.

Relatei a Beatrice, meu dia. Lembrando-a de que ela também tinha abusado.

— Onde você foi? — questionei-a.

Seu corpo ficou tenso e ela desviou o olhar.

— O que está me escondendo, Beatrice? — solicitei nos mudando de posição. Deixei-a embaixo de mim e apoiei o corpo nos cotovelos. Segurei o rosto dela com as duas mãos, impedindo-a de tirar os olhos dos meus.

— Nada... — Engoliu em seco.

Levantei as sobrancelhas e fitei-a.

— Você é uma péssima mentirosa. — Beijei a ponta do seu nariz. — Não vou ficar bravo,

me conta — amenizei, mesmo sentindo meus nervos endurecendo.

— Só fomos atrás de algumas coisas para o casamento — justificou-se e segurou o lábio inferior com os dentes.

— No centro da cidade? — Franzi o cenho. — Vamos nos casar na praia, a decoração e o Buffet estão contratados. Que coisas vocês foram atrás? — inquiri, sem soltar seu rosto, encarando-a. *Ela está mentindo pra mim.* — Beatrice... Não faça isso.

— O quê? — murmurou.

— Não minta pra mim — salientei e mordi a parte interna da bochecha, controlando-me.

Ela deu um longo suspiro e prosseguiu:

— Fomos ajudar a Mirela com a mãe dela — falou rapidamente, espremeu os olhos e franziu os lábios.

Mas é claro que eu explodi. Que outra

reação eu poderia ter? *Ela só pode estar brincando comigo. Não é possível!*

Soltei seu rosto. Levantei-me devagar. Fiquei em pé, balancei a cabeça e fiquei olhando para ela. Passei as mãos pelos cabelos e controlei a respiração.

— E... — Fiz um gesto com a mão para que continuasse.

Ela deu de ombros.

— Só isso — resumiu e me fitou, com o queixo empinado. — Ela não tem ninguém Bryan, o que você queria que eu fizesse? Ignorasse um pedido de socorro? Eu não sou egoísta como você! — bradou e levantou-se. Foi marchando até o banheiro. Antes que chegasse corri e segurei seu punho. Virei-a e a encostei no meu corpo.

— Você é a pessoa mais frustrante da face da terra, Beatrice — esbravejei com o rosto a milímetros do dela. — Você é “FODA”.

Ela me deu um empurrão, com toda a força que conseguiu, entrou no banheiro e bateu a porta, trancando-a.

— Já falei pra você não fazer isso "CARALHO" — gritei. — Abra a "porra" dessa porta, Beatrice.

— "Seu grosso, estúpido, idiota, imbecil" — disparou. — Me deixa em paz. Eu sou uma "trouxa" mesmo. Sempre acho que você mudou e não demora muito para você provar o contrário — reclamou e soluçou. — Vou me arrumar e ir embora. Não vou trabalhar hoje e vou voltar para a minha casa.

— Vai sua covarde mimada — repliquei. — Não sabe enfrentar nada, está sempre fugindo.

Apertei o botão errado ou... o certo. Beatrice escancarou a porta, batendo-a na parede. Veio até mim e cravou o indicador no meu peito, ficou na ponta dos pés e disse:

— “VÁ. SE. FODER”! — Passou as costas das mãos nas lágrimas e voltou ao banheiro. Começou a higienização matinal, sem olhar pra mim.

Achei graça da sua valentia, mas segurei o riso, para não atiçá-la.

— Oi querida, você está aqui. Se eu soubesse tinha comprado seus croissants. — Cida a bajulou, assim que Beatrice apareceu no balcão da cozinha para tomar café.

— Por isso que ela é difícil, Cida. Todo mundo fica mimando ela — incitei, vestindo meu paletó. Sentei no banco em frente ao balcão e observei minha menina ir até a Cida e beijar seu rosto, com todo carinho.

— Obrigada, você é muito atenciosa — agradeceu e sentou-se, longe de mim.

— Ele está te tratando bem? — Apontou

com o queixo em minha direção. — Se estiver te enchendo o saco me fale que eu coloco alguma coisa na comida dele — brincou a Cida, percebendo o clima entre nós.

Beatrice esboçou um sorriso de canto e meneou a cabeça.

— Tudo bem, Cida. Um dia deixo de ser "tonta" — balbuciou e tomou seu café.

Tomamos café em silêncio. Por mais que eu tentasse entender o lado dela, não conseguia. Que pessoa em sã consciência se meteria numa história bizarra como a daquela garota? Eu nem quis saber dos detalhes da ajuda que deram para a mãe da garota. Depois de um dia como o anterior, mais um pouco meus nervos não aguentariam. Só o fato de saber que a Beatrice se meteu com uma drogada, já foi o bastante para eu sentir o corpo tenso. O silêncio foi quebrado pelo toque do celular dela. Levantamos juntos para pegá-lo – no aparador da

sala. Recuei, com o olhar fulminante que ela me lançou. *Ah... Beatrice... Beatrice... Vou soltar a linha. Vamos ver até onde vai! Uma coisa é certa, não vou deixar você voar pra longe de mim.*

— Oi Ethan — atendeu, séria. Ouviu um pouco, fechou os olhos e colocou a mão na testa, tensa. Caminhei até ela e tentei ser o mais delicado possível.

— Coloca no viva-voz — solicitei, com calma. Não precisei insistir.

— Trice... Você está aí ainda? — perguntou o Ethan, com uma voz preocupada.

— O que aconteceu, Ethan? — indaguei, e a aconcheguei no meu peito.

— A Paola, Bryan... — Hesitou. — Há um tempo que faz quimioterapia, pediu para não contarmos para a Beatrice, mas... — Suspirou. — Ela está muito mal.

— "Cacete" — praguejei. — Onde Ethan?

— Beatrice apertou os braços no meu corpo e senti minha camisa ficar molhada.

Não tinha a menor ideia do que estava passando pela cabeça dela. Desde a adolescência que se afastou da mãe. As duas não podem ficar no mesmo ambiente que a Beatrice tem ataque de pânico. *O que eu faço?* Para mim mãe é sagrada, estou fazendo de tudo para resolver a situação da Karin, pela minha mãe, entretanto, o que a mãe da Beatrice fez a ela, é muito grave.

— Onde o quê, Bryan? Seja mais específico — contestou o Ethan, na linha.

— Em que parte do corpo? — esclareci.

— No sangue, leucemia — concluiu, baixinho.

Escapou um gemido abafado no meu peito, da minha menina.

— Ok, Ethan. Depois nos falamos. Obrigado por nos avisar. — Deliguei o celular e

voltei-o para o aparador. Caminhei com a Beatrice até o sofá, sentei-a e me agachei em sua frente. Levantei seu queixo e enxuguei suas lágrimas, com o polegar.

— O que quer fazer? — perguntei, com as sobrancelhas içadas.

— Não sei. — Encolheu os ombros e abraçou o próprio corpo. — Eu sou uma pessoa má? — murmurou.

— Tss-tss... — Bufei. — Se você for má eu sou o quê? — Coloquei seu rosto entre minhas mãos. — Quer que eu diga o que eu faria?

Ela deu de ombros e fez um bico com o lábio inferior.

— Você vai dizer de qualquer jeito — salientou.

Sentei-me ao lado dela e a coloquei em meu colo. Ela passou os braços pelo meu pescoço e afundou o rosto em meu pescoço. Enquanto

passava a mão em suas costas decidi expor o que eu achava.

— Eu não tenho o direito de defender sua mãe e nem faria isso — comecei, buscando as palavras certas. — Porém... — Vacilei, antes de continuar. Não sabia se ela concordaria com o meu ponto de vista. — Mãe é uma só. — Ele levantou a cabeça e me encarou, com uma expressão perplexa.

— Não por esse caminho Bryan — alertou-me.

— Shiiiii... Não corta meu raciocínio — repreendi, e respirei fundo. — Ela errou muito com você Beatrice. Precisava ter enxergado os sinais, os mesmos que o Pietro viu — falei o nome dele e entortei os lábios. O cara é uma sombra em minha vida.

— Ele me salvou, Bryan. Não pode fazer careta quando fala dele — censurou-me. — Tudo o que tenho e sou devo a ele... Tudo... — enfatizou.

— Tá... tá... — Bufei. — Desculpa ok? Posso continuar? — Ela meneou a cabeça, confirmando. — Se eu fosse você, tentaria olhar por outro ângulo. Nem que soubesse que estivesse se enganando. Pelo menos estaria fazendo a sua parte. Se existe um sentimento horrível – nessa vida – é o remorso. Evite ele minha menina. — Beijei sua testa e permaneci com os lábios entreabertos, nela.

— E que outro ângulo seria esse? — sussurrou.

Dei um longo suspiro e prossegui:

— Seu pai não valia nada, não parava em emprego algum. Toda a responsabilidade da casa era dela. Ela quase não ficava em casa. Quando estava, preferia acreditar que tudo que fazia valia a pena. Se acreditasse em você, teria que rever tudo. — Parei um pouco e analisei o rosto dela, para saber se estava tudo bem. Fiz um gesto com a

cabeça, para saber se eu podia continuar. Aguardei a confirmação e segui. — Quando a Polyana fez a mesma reclamação, e aí você já tinha fugido, caiu a ficha dela. Só que ela já tinha feito a "merda". — Dei de ombros. — Pode ser tudo uma baboseira isso que estou falando, mas não deixa de ser outro ângulo.

— Você me surpreende sabia? — Encostou os lábios nos meus. — Queria que o mundo conhecesse esse Bryan — sugeriu. — E por que eu veria por esse ângulo?

— Porque o Rogério me parece um cara bem legal e tenta de todas as formas unir à família. Ele não faria isso se a Paola fosse uma pessoa má. — Suspirei. — Cometemos muitos erros, Beatrice, que infelizmente não têm concerto. — Coloquei os cabelos dela pra trás e beijei seu pescoço. — Acha que eu me orgulho do que fiz para a Alicia? Que se eu pudesse não voltaria atrás? E se você não me

desse uma chance? O que seria de mim?

***

Trabalhei com vontade, cumprindo meus compromissos, preparando o terreno para poder dar mais atenção a minha menina. Senti um aperto no coração e precisei me conter um pouco, ao se lembrar de que ela tinha aceitado ficar comigo na cobertura.

— Senhor Bryan — chamou Carol pelo telefone interno. — Tenho algumas coisas urgentes para passar ao senhor, posso ir à sua sala?

— Claro, Carol — confirmei e me ajeitei na cadeira.

Carol acomodou-se a minha frente, pegou o tablet e começou a me passar os compromissos. Estava concentrado nela quando vi um conjunto de pernas passarem do lado de fora da sala.

Eu poderia ficar observando seu andar por

horas. Um andar determinado, com o queixo erguido, desafiando o mundo e principalmente o meu lado dominador. Os quadris mexendo, afetando meu lado animal, desejando voltar pra casa para "fodê-la" inteira. Falava com a Rebeca e gesticulava. Beatrice estava com o cabelo preso em um rabo de cavalo. Vestia uma saia lápis e uma camisa de seda, com sapatos altos. A camisa tinha um decote provocante, mas eu nem pensei em questioná-la. Depois do empurrão que me deu, estava correndo o risco de levar outro tapa na fuça. *O que está acontecendo comigo? Estou deixando ela me dominar?*

Antes de contornar no corredor e sair do meu campo de visão ela parou e olhou para a minha sala. Nossos olhos cruzaram-se e um sorriso escapou dos nossos lábios. Ela beijou a ponta dos dedos e assoprou pra mim. Não aguentei.

— Um minuto Carol — solicitei e levantei-

me, correndo. Abri a porta, rápido, antes que ela pudesse sair dali.

Peguei em seu pulso e a trouxe para o meu peito. Ela me segurou pela gravata, me deixando de “pau” duro no ato.

— O que foi meninão? Temos muito trabalho, não podemos ficar se pegando nos corredores — falou e colou a boca na minha. Não existe nada que substitua os momentos que temos. A sensação dos seus lábios contra os meus, me tira dos trilhos.

— Carol me disse que você está a par dos assuntos, entra aqui para decidirmos o que fazer — solicitei, mais para ficar com ela do que qualquer outra coisa.

— Você precisa do seu advogado não de mim — retrucou e voltou a me beijar, como se fosse a coisa mais deliciosa do mundo. O toque delicado da sua língua me excita de tal maneira,

que chega a doer. Ela pegou nos meus cabelos da nuca e soltou um gemido.

— Beatrice... — suspirei. — Meu “pau” vai explodir na calça, desse jeito. Vou “gozar” aqui no corredor com esse beijo.

— Jesus... Bryan... Fala baixo... — Me empurrou de leve e olhou em volta. — Vamos trabalhar. Eu não estou brincando, liga para o Otávio, vai precisar dele, hoje.

— Não me diga... — brinquei. — Estou passando mais tempo com ele do que com você. — Trouxe seu corpo contra o meu e me esfreguei nela. — Na hora do almoço vai ter que resolver isso aqui — adverti, peguei em seu rabo de cavalo, puxei para trás e beijei seu pescoço. Dei um tapinha em sua bunda. — Vai lá gostosinha, temos mesmo muito o que fazer.

— Não vai prestar vocês dois no mesmo ambiente. — A voz do Otávio surgiu no corredor,

vindo ao nosso encontro.

— "Puta merda" vou ter que passar o dia com você de novo "cara" — zombei.

— Olá garota linda, como você aguenta esse "cara"? "Meu" ontem ele me deu muito trabalho, achei que surtaria. Você está mexendo com a cabeça dele, garota — disse e a abraçou, beijando o rosto dela.

Tive que controlar a vontade de tirar o braço dele de cima dela.

— Ah... então foi por isso que ele ficou tão comportado ontem? — divertiu-se a Beatrice. — Gostei da ideia de você passar tempo demais com seu advogado — emendou.

— Eu disse que você me agradeceria — lembrou-me Otávio.

— Não estou agradecendo nada — retruquei. — Entra logo "cara" e tira já as patas da minha menina. — Beijei de leve os lábios dela, e eu

e o Otávio entramos em minha sala.

Mais uma manhã que ficaria trancado na sala, resolvendo as “merdas” que o Nestor me fez o favor de deixar. Acomodamo-nos e ouvimos atentos todos os detalhes que a Carol tinha para nos passar.

Capítulo 16 – A Chantagem

A SEDE DE VINGANÇA DE ALICIA havia roubado sua racionalidade. As palavras dos seus irmãos quase não eram ouvidas, tal era o ódio que a consumia. O primeiro nome que aparecia em sua mente era: Beatrice.

Lá estavam eles, juntos, planejando quais seriam os próximos passos. Nestor, apesar de centrado, estava fora de controle. Bryan tinha secado suas fontes de dinheiro fácil. Alicia, mal conseguia fazer seu trabalho, só pensava em como tirar o Bryan da Beatrice. E Leandro, esse sim, estava arrependido em ter topado ajudar os irmãos.

Mudara para a Capital, ainda estava se adaptando aos novos hábitos, fazendo novas amizades e novos clientes. E já no primeiro encontro com o alvo, percebeu que tinha cometido um erro. Agora era tarde para voltar atrás, só faria o

que prometeu, porque amava os irmãos. *Sempre unidos!* Era a frase que o incentivava a continuar.

O toque do celular da Alicia interrompeu a conversa deles. Ela colocou-o no centro da mesa e ativou o viva-voz.

— Alicia falando — atendeu apreensiva, não reconhecendo o número do identificador de chamadas.

— Como está minha garota? Aproveitando bastante a liberdade?

Desceu um frio pela espinha de Alicia. Ela arregalou os olhos e encarou os irmãos, com uma expressão de espanto.

— O pai da Beatrice — balbuciou e apontou para o celular.

Limpou a garganta, respirou fundo e respondeu:

— Quem é vivo sempre aparece — descontraiu, na tentativa de desarmá-lo.

— Acabou meu dinheiro — disse, sem titubear. — Onde vamos nos encontrar para você me abastecer?

Os irmãos se entreolharam franzindo o cenho.

— Como assim? — contestou Alicia. — O que combinamos eu te paguei, não me lembro de ter ficado algum valor pendente.

— Ahahahahahaha... Faz-me rir — debochou. — Está aí com essa bunda gostosa livre para ir e vir e eu fugindo. Ainda me pergunta se ficou algo pra trás?

Nestor balançou a cabeça, reprovando a atitude da irmã. Agora os três teriam que lidar com um estuprador chantagista, por causa do deslize da irmã.

— Sempre unidos! — murmurou Alicia para os dois.

Leandro levantou-se e começou a andar

pela sala, com as mãos na nuca. Nestor colocou os cotovelos na mesa, cruzou os dedos e apoiou o queixo neles.

— Desculpe-me, mas você já estava fugindo quando nos conhecemos — arriscou Alicia.

— Não de assassinato — completou. — Não vou me ferrar sozinho, pode ter certeza disso. Eles estão muito próximos, se me pegarem levo você junto.

— “Cara”, ela não te pagou para matar ninguém, era só para você assustar o Bryan — manifestou Nestor.

— E quem é esse aí, garota? Tem mais gente envolvida? Não foi isso que combinamos — rugiu.

— Calma — amenizou Alicia. — É meu irmão, Nestor.

— Você acha que eu estou me lixando pra que ela me pagou? Estamos os dois “fodidos”. Se

eu matei alguém é porque me pagaram para isso, e quem pagou foi ela.

Engoliram em seco e se entreolharam. Alicia tinha ido longe demais. Nunca acharam que ela seria capaz. A frase: *"Sempre unidos"* começou a ser questionada.

— De quanto você precisa? — indagou Leandro.

— Ehra... Tem mais alguém aí — reprovou ele. — Isso é o que garota? Uma quadrilha?

— Eu sou o outro irmão, Leandro — defendeu-se.

— O suficiente para eu poder sair do país e me manter lá, por um bom tempo. Vocês são três, vai ser fácil me arrumar a grana. Ah... Vou precisar de passaportes falsos, também, acho que não consigo sair do país com o meu. Não acham? — completou e soltou uma gargalhada.

Assim que a ligação foi encerrada, ficaram os três se encarando. Leandro foi o primeiro a se manifestar:

— Nem sei o que dizer para a “merda” que vocês me trouxeram — bradou. — Sabe por que eu vou continuar? — Colocou as mãos nos quadris. — Não é por causa da “porra” de uma frase inútil não. É para garantir que vocês não façam nenhum mau para a Beatrice. — Balançou a cabeça, inconformado. — Não acredito no que vocês se tornaram. Meu Deus... Não reconheço meus próprios irmãos. Me dá náuseas olhar para vocês. — Saiu e bateu a porta.

Capítulo 17 – Coincidência?

MEU CORAÇÃO PULAVA NO PEITO. Estar sentada na cadeira da frente de uma montanha russa, assim eu sempre me sentia ao lado do Bryan. As emoções são fortes, nada é normal com ele. Subimos e descemos em fração de segundos.

De volta a minha mesa – absorta – tentava definir as sensações que se debatiam em meu corpo. Euforia, excitação, raiva, frustração... Emoções dúbias – indefinidas.

Quando pensei em retomar ao meu trabalho, Ethan parou na porta da minha sala, com uma expressão de súplica. Apontei para a cadeira para ele sentar-se.

— Estou indo ver sua mãe — avisou-me e esperou minha reação.

Engoli em seco e tampei o rosto com as mãos, apertando os olhos com força.

— Trice... — suplicou baixinho.

Levantei o indicador, pedindo um minuto, sem olhar para ele.

— Ela está em casa? — indaguei, caçando um jeito de escapar daquela situação, que sem sombra de dúvida me traria confusões, pelo menos para a minha sanidade.

— Não... — suspirou. — Está internada, Trice... — Respirou fundo. — Ela está muito mal, não faça nada que se arrependa depois. Eu te conheço melhor do que qualquer pessoa, em seu coração cabe todos nós – juntos –, ainda sobra muito espaço. Se não ceder agora, vai se torturar pelo resto da sua vida. Não faça isso com você.

Olhei para ele e digeri as suas palavras, junto com as que o Bryan tinha dito pela manhã, e decidi ir vê-la. Correndo o risco de voltar a ter ataques de pânico.

— Tem que ser agora? — indaguei,

esperando que pudesse me preparar melhor.

— Sim, a Mary vai também.

— O Bryan está com o advogado, Ethan. Ele vai querer me acompanhar e eu fico mais segura — confessei. — Ontem teve que lidar com um monte de problemas de família, não posso tirá-lo dos seus compromissos, agora, a empresa está em chamas.

— Eu e a Mary não servimos mais pra você? — protestou e levantou apenas uma sobrancelha.

— Tudo bem — concordei e fui me levantando. Peguei minha bolsa e saí. — Vamos até a sala do Bryan, preciso avisá-lo.

De longe, avistei-o andando de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos. Otávio falava e gesticulava. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo lá dentro e não podia fazer

nada. Nestor conseguiu o que queria, desestabilizou tudo. Clientes processando a empresa, outros a deixando. Denúncia de sonegação de impostos. Políticos revoltados por ter perdido a mamata.

Os funcionários se entreolhavam, receosos com o que poderia acontecer. Estava complicado segurar o Bryan, por mais que eu tentasse amenizar os problemas antes de chegar a ele, era impossível, afinal, ele é o dono. O que me tranquiliza é a calma do advogado e a confiança que o Bryan tem nele.

Fiquei com medo de bater na porta e deixá-lo mais irritado, mas se eu saísse sem falar com ele seria pior.

Abri a porta devagar e entrei sorrateira. Ele parou assim que me viu. Otávio abriu um sorriso e aliviou a pressão dos ombros, sentando-se.

— Desculpe-me — balbuciei. — Preciso falar com você – murmurei.

O Ethan nem se arriscou a entrar.

Ele veio até mim, a passos largos. Pegou na minha nuca e grudou nossos lábios, me invadindo com sua língua quente e deliciosa. Amoleci o corpo e o abracei, sentindo os nervos do seu corpo, tensos.

— Pare com isso de pedir desculpas, pra você eu sempre estou disponível — censurou-me e encostou a testa na minha, vidrado em meus olhos. — O que aconteceu?

Soltei os ombros e baixei o olhar. Ele pegou em meu queixo e o-levantou fazendo-me olhar em seus olhos.

— Ei, o que foi? Não me assusta — chamou minha atenção, com expressão preocupada.

— Vou ao hospital... — Engoli em seco. — Visitar a Paola.

— Tudo bem, conversamos sobre isso, não foi? Está fazendo a coisa certa. Deixa eu pegar minhas coisas e podemos ir. — Ele foi se afastar eu

segurei-o.

— Não precisa ir, vou com o Ethan e a Mary — comuniquei-o, esperando a explosão. Bryan agiu diferente do que eu imaginava. Colocou meu rosto entre suas mãos e me questionou, sério.

— É o que você quer? Sente-se melhor assim? — Respirou fundo e aguardou minha resposta.

— Você precisa estar aqui, Bryan. A empresa está na corda bamba, não podemos marcar bobeira, agora. Fica tranquilo, que eu vou ficar bem — tranquilizei-o. Disse as palavras em voz alta, fazendo minha mente registrar bem elas, assim quem sabe conseguiria me controlar, quando estivesse de frente com a minha mãe.

— Cadê o Ethan, preciso dar as instruções para ele. — Me soltou e foi até a porta. — Preste atenção, você dirige e com muito cuidado. Não deixe ela sozinha, nenhum minuto, está me

entendendo? Vou matar você se algo acontecer a ela.

Balancei a cabeça e revirei os olhos, fazendo o Otávio cair na risada.

— “Cara”, você está pirado “meu” — divertiu-se Otávio, na cadeira.

— Larga de ser besta, Bryan — atacou o Ethan. — Preciso te lembrar de que cuido dela muito antes de você?

— Olha como fala comigo, Ethan, pelo que eu sei continuo sendo seu chefe — repreendeu-o com o cenho franzido.

Ethan bateu continência, provocando-o.

— As ordens cacique, pode deixar, seguirei tudo à risca — disse, engrossando a voz. — Agora vamos Beatrice. Aff... Quanto drama! — resmungou e saiu andando.

***

PERIGOSAS ACHERON

Pegamos a Mary no caminho. Ela estava correndo atrás dos vestidos das daminhas de honra e do meu vestido, já que o Ethan estava atolado de serviço, assim como eu. Ele ficou responsável pelo Buffet e decoração. Estava negociando tudo por e-mail e telefone, assim não precisava sair do escritório.

Mary falou o caminho todo. Mostrou-me revistas e desenhos de vários vestidos. Eu só concordei com a cabeça e não fiz comentário algum. Minha concentração estava toda no fato de estar indo me encontrar com a minha mãe, por vontade própria. Preocupada com a reação do meu corpo. Todas as vezes que estou de frente com ela, as lembranças despencam em minha cabeça. Meu corpo não resiste e desaba.

Ethan parou o carro em uma vaga próxima a entrada do hospital, o mesmo em que passei dias com o Bryan. Não gostei da ideia. Mais lembranças

para provocarem reações em meu corpo. Ele desligou o carro e apertou meu joelho, fitando meus olhos.

— Tudo bem? Preparada?

Concordei e segurei o lábio inferior com os dentes. Fechei os olhos e respirei fundo.

Obriguei minhas pernas a saírem do carro. Ethan e Mary me olhavam de esguelha, ao meu lado. Ergui o queixo e segui em frente, pronta para enfrentar qualquer situação.

As portas automáticas abriram-se, o ar condicionado bateu nas minhas pernas e as visões começaram a vir. — *Não podemos perder ele...*

Senti a mão pegando em meu braço e me puxando.

— Venha, eu te ajudo. — Ethan me carregou pra dentro.

Os olhares das pessoas em mim me incomodaram, até o momento em que uma

aproximou-se e me abraçou.

— Querida, como você está linda. E o nosso garotão, como está? — A enfermeira da noite, que me ajudou tanto. Uma senhora muito simpática e carinhosa.

— Oi — respondi baixinho. — Ele está muito bem. Obrigada por perguntar.

— O que a trás aqui então? Algum parente? — Afastou o corpo e inclinou a cabeça para o lado, aguardando minha resposta.

Olhei para o Ethan, pedindo socorro. Não queria dizer que era minha mãe. A relação nossa não é bem de mãe e filha. A enfermeira entenderia tudo errado e faria de tudo para eu passar muito tempo com a Paola. Coisa que eu preferia evitar.

— Vamos Beatrice — disse Ethan, me puxando. — Desculpa, estamos com um pouco de pressa — esclareceu para a enfermeira.

Dei de ombros e o acompanhei. Sorte que a

ala de oncologia era bem longe de onde o Bryan tinha ficado. Senti um alívio, sabendo que não precisaria explicar nada a ninguém.

Fomos nos aproximando e meus nervos foram endurecendo. Cada vez mais minha respiração se alterava, era involuntário. Eu fui conversando comigo mesma o caminho todo, porém, não estava funcionando.

Paramos na porta, Ethan e Mary me olharam, com as sobrancelhas içadas. Meneei a cabeça, confirmado que eu estava preparada.

A porta abriu-se e fiquei um pouco aliviada, minha avó estava na poltrona ao lado da cama e assim que me avistou levantou-se e veio ao meu encontro.

— Meu Deus! — exclamou, com a mão em frente à boca e os olhos cheios de lágrimas. — Obrigada senhor, achei que eu morreria e não veria isso — agradeceu, com as mãos e os olhos voltados

para o céu.

Minha avó me abraçou forte e cochichou ao meu ouvido:

— Que saudades de você, Trice. Muito obrigada por vir. — Afastou o corpo e me analisou. Beijou várias partes do meu rosto e contornou-o com os dedos. — Você está mais linda, o brilho voltou para os seus olhos. Está mais corada. Qual o nome dele mesmo? — Sorriu. — Ele está te fazendo muito bem. Não o trouxe para eu conhecer? — Olhou atrás de mim e ficou desapontada quando não encontrou ninguém.

— Eu também senti sua falta — balbuciei, com a voz embargada.

Minha avó sempre foi muito carinhosa conosco. Quando soube o que aconteceu, ficou consternada. Por um tempo se afastou da minha mãe, mas depois conseguiu perdoá-la. Poucas vezes, tivemos a oportunidade de ficarmos juntas,

afinal me afastei completamente de todos ao redor da minha mãe.

— Filha... — O som da voz dela me congelou. Engoli em seco e fechei os olhos. Minha avó, percebendo, pegou em minhas mãos e apertou-as.

— Você consegue — murmurou e beijou minha bochecha.

— Chega aqui perto. — Sua voz estava embargada e tão baixa que quase não ouvíamos. — Quero tocar em você, para ter certeza de que não estou sonhando.

O nó na minha garganta me impedia de engolir e estava tampando a passagem de ar. Comecei a inspirar e expirar, com toda a força. Não soltei as mãos da minha avó e permaneci de olhos fechados. Depois de umas dez respirações, criei coragem. Abri os olhos e caminhei até ela.

Ethan e Mary estavam do outro lado da

cama e me observavam, receosos. A posição deles era de ataque, preparados para me socorrer.

Encostei-me à cama e respirei fundo.

— Oi, como você está? — Fiz a pergunta mais idiota de todas. O que eu esperava ouvir como resposta? *Estou ótima filha. Desconsiderando o fato de eu estar em uma cama de hospital, com uma leucemia, tudo corre as mil maravilhas.* Limpei a garganta e tentei consertar. — Quero dizer, está sentindo dor? — Torci os lábios e fiquei sem graça. Não sabia como me portar.

— Se esse câncer veio para você me perdoar, posso dizer que nunca estive melhor — declarou e pegou em minha mão.

O toque dela era gelado. Quase puxei a mão, por instinto, mas me controlei. As palavras dela me atingiram – em cheio. Meu peito doía. Minha garganta queimava. O suor escorria em minhas costas e minhas mãos estavam congeladas.

As batidas desacertadas do meu coração me ensurdeciam. Os sintomas do ataque de pânico estavam evidentes. Eu precisava sair dali, naquele momento, nem que fosse por alguns minutos.

— Ai... desculpe-me. — Puxei a mão e me virei em direção à porta. Ethan e Mary ameaçaram vir atrás. Estiquei o braço e neguei com a cabeça. Coloquei a mão na frente da boca e corri a procura de um banheiro.

Entrei na primeira cabine vazia que encontrei... me ajoelhei e coloquei pra fora tudo o que tinha no estômago. Encostei-me à parede e desabei a chorar. Juntei os joelhos no peito e enterrei a cabeça neles. Chorei... chorei e chorei. Quando me senti melhor. Levantei-me, lavei o rosto e saí.

Antes de voltar para o quarto resolvi ir à cafeteria. Precisava me recompor. O caminho era bem familiar pra mim. Enviei uma mensagem de

texto ao Ethan:

> *"Estou bem, vim tomar um café. Não saia daí. Eu volto."*

Pedi um cappuccino e sentei-me na mesma mesa que usei por dias. Meio afastada, encostada à janela. Estava mexendo no rótulo do copo descartável, quando uma pessoa se aproximou.

— Você está bem?

Levantei o rosto e dei de cara com um homem muito bonito. Analisei novamente o rosto dele e tive a mesma sensação, de conhecê-lo de outro lugar.

— Você por aqui, Gustavo. Sente-se — ofereci, apontando para a cadeira a minha frente. — Algum parente internado? — questionei-o.

— Não, vim doar sangue — disse, desviando o olhar. — Você não me parece muito bem — continuou. — Está branca, com os olhos

fundos. Aconteceu alguma coisa? E o que está fazendo aqui?

Sorri e tomei um gole do cappuccino.

— São muitas perguntas ao mesmo tempo — brinquei. — Uma cidade desse tamanho e nos encontramos novamente, que acaso — falei, com os olhos estreitados.

— Realmente, como é possível né? Acho que é porque você ainda não me ligou — enfatizou. — Aí o destino me colocou em sua frente para você se lembrar de que eu preciso dos seus serviços. — Abriu um sorriso singelo.

— Pode ser — concordei —, acompanha-me no café? Assim já combino com você quando posso visitar sua empresa e iniciar o trabalho.

Ele esfregou as mãos e levantou o dedo chamando o garçom.

— Agora eu vi vantagem.

Ter encontrado com o Gustavo foi ótimo.

Trabalho sempre foi um santo remédio pra mim. O fato de ele não ter me feito mais perguntas sobre meu estado deplorável e o porquê de eu estar ali, me fez gostar mais ainda dele.

A conversa com Gustavo fluiu leve, como da outra vez. Ele transmite serenidade. Espera a pessoa expor suas ideias e mesmo quando vai contestar o faz com muito cuidado. Combinei em visitar a empresa dele na próxima semana, não posso marcar no escritório, eles são concorrentes do Bryan. Farei o primeiro contato, como sempre faço e em seguida designo uma das meninas para atendê-los. Verei quem tem o melhor perfil.

Estávamos empolgados no assunto quando Mary chegou.

— Nossa Trice, que demora. Achamos que tinha ido embora — reclamou e encarou o Gustavo, franzindo a testa.

— Ah... Lembra-se dele né Mary —

perguntei e apontei para o Gustavo.

— Como não me lembraria, se acabamos de nos ver — disse entortando os lábios. — Acho que está seguindo a Beatrice — acusou-o e cruzou os braços no peito.

— Que isso Mary, claro que não. Que paranoia, está parecendo o Bryan — repreendi-a, se desculpando com um olhar para o Gustavo.

Gustavo ficou tenso, mas rapidamente abriu um sorriso tímido.

— Vim doar sangue — justificou-se.

A Mary não se contentou muito com a resposta dele.

— Tudo bem, deixa pra lá. Só quero adverti-lo de que o noivo dela é bem problemático. O "cara" vai surtar se souber desses papos de vocês — informou e me encarou, com o cenho franzido. — Vamos doninha, sua presença é solicitada no quarto de sua mãe.

Fechei os olhos e respirei fundo, esperando o bombardeio de perguntas do Gustavo. Inesperadamente ele calou-se. Ignorou o fato de acabar de saber que minha mãe estava internada. Soltei os ombros com alívio e levantei-me.

— Foi bom te encontrar novamente, Gustavo. Adorei conversar com você. Muito obrigada pela discrição. — Estiquei a mão para me despedir.

Ele levantou-se e me abraçou. Sussurrou, com os lábios grudados em minha orelha.

— O prazer foi todo meu. Foi o melhor café de todos. Sinto-me bem com você. — Beijou meu rosto, acenou para a Mary e saiu.

A Mary olhou pra mim e levantou uma sobrancelha.

— Isso vai dar “merda”.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18 – Eu te Avisei

O JATO DE ÁGUA FRIA BATEU NO MEU CORPO, amenizando o calor da minha pele. Fechei os olhos e entrei de vez embaixo dele, desejando que toda a “merda” da minha cabeça fosse varrida para longe.

Estremeci, meus pensamentos se voltaram para a minha menina, que estava dormindo como um anjinho na cama, *em nossa cama*. Precisava desesperadamente dela, me perder dentro de seu corpo – quente e acolhedor, entretanto, se o fizesse naquele momento, não conseguiria me controlar. *Não posso fazer isso com ela*.

Desci a mão pelo meu corpo e senti meu “pau” como um aço. Soltei um gemido de frustação e deixei a água fria fazer o trabalho dela – me acalmar.

Que semana “fodida”! Uma avalanche de

problemas nos atingiu. Além dos que já sabíamos que teríamos que lidar, apareceu os da família. A mãe da Beatrice com câncer e Karin batendo recorde em aprontar.

Já se passaram quatro dias e continua tudo igual. Pelo menos a Karin está tendo a decência de ligar para saber como está a filha. Meus pais estão à base de tranquilizantes, isso porque não a presenciaram apanhando. Não posso sair correndo, arrumando dinheiro para eles. *Ela escolheu... Arque com as consequências*.

Beatrice voltou do hospital e não me disse nada, percebi que não foi nada fácil para ela. Com apenas um olhar eu soube que ela não queria falar a respeito.

Meus domingos costumavam ser tediosos. Era sempre a mesma coisa. Eu dormia poucas horas, pois chegava de madrugada, depois de ter

"trepado" – como um animal, com alguma gostosa. Passava horas na esteira, ouvindo música no volume máximo e saía para comer alguma coisa, na hora do almoço. À tarde me encontrava com o Marcelo ou Otávio, para jogar conversa fora e tomar um "Chopp". E quando eu me dava conta, era segunda-feira e tudo começava novamente.

O mais engraçado é que, durante um bom tempo, não me incomodei. De repente, um vazio tomou conta do meu ser e então... Minha menina, literalmente, caiu aos meus pés. Desde então, meus dias passaram a ter sentido. Os finais de semana tornaram-se sagrados. Posso paparicar meu anjinho.

Aproximei-me do fogão e continuei preparando uma omelete. Faço tudo o que ela gosta. E não me incomodo, muito pelo contrário, só me sinto completo cuidando dela. Protegendo-a. Virei à omelete na frigideira e ouvi o celular da Beatrice tocar, sobre o balcão.

Deixei-a dormindo, ela precisava descansar. Desci para preparar o café e carreguei comigo os dois celulares, garantindo que nada atrapalhasse o sono da minha menina.

Olhei no visor, endureci os nervos e fiz uma careta. *Porque ela tem esse “cara” nos contatos? E ainda como cunhado!*

— Bryan falando — grunhi, com minha saudação usual.

— É... Hum... Acho que eu liguei errado — gaguejou um pouco.

— Não, você ligou certo, só não entendi o porquê de estar ligando para a minha noiva, em pleno domingo — rugi, apertando o aparelho na orelha. Respirei fundo e esperei uma resposta razoável.

— Acho que começamos com o pé esquerdo “cara” — continuou, agora com a voz mais firme. — Foi bom você ter atendido, assim

podemos esclarecer as coisas.

— Eu não tenho nada para esclarecer — retruquei, me preparando para uma conversa nada agradável. *Não acredito que esse imbecil vai estragar meu momento com a minha menina.*

— Olha... — suspirou. — Pode me ouvir por uns minutos? Sair da defensiva? Eu não sou seu inimigo — propôs e, sem esperar minha confirmação, prosseguiu. — Veja bem Bryan, não preciso explicar, para você, a relação da Beatrice com a minha família.

— Ligou para ter uma "DR" com a minha noiva? — bradei.

— "Cara", me deixa terminar "meu". — Bufou. — Nossa... Você é mesmo durão. Não precisa mais provar, já entendi. Mas... — Limpou a garganta. — Eu realmente preciso esclarecer as coisas... — Aguardou uns instantes e disse baixinho. — Pelos meus pais.

Quando pensei em dar uma resposta, nada agradável, meu anjinho surgiu.

Como é possível ela ficar cada vez mais linda? Meu corpo vai sempre reagir de forma indecente a ela?

Uma camisa minha cobria seu corpo, os pés descalços, os cabelos emaranhados e olhos inchados de dormir. Meu "pau" reclamou assim que ela se aproximou e me envolveu com seus braços, encostando o rosto no meu peito. Rocei o nariz pelos seus cabelos e beijei o topo de sua cabeça. O cheiro de baunilha misturado com o cheiro inebriante do meu anjinho invadiu o ambiente.

— Bom, Murilo — continuei. Beatrice levantou o rosto e franziu a testa, me encarando. Foi aí que percebeu que era o celular dela que estava ao meu ouvido. Afastou-se um pouco, colocou as mãos nos quadris e levantou apenas uma

sobrancelha, em sinal de aviso. Esticou a mão e balbuciou:

— Não se atreva... me dá.

— Eu entendo e aprecio o cuidado que tiveram com Beatrice, porém, vou ser bem claro. Não me sinto à vontade com ela próximo a vocês — expliquei e a puxei de volta para o meu corpo, prendendo-a. — E pode tranquilizar seus pais, ela está muito bem cuidada. Morro e não deixo ninguém fazer nada a ela. — Funguei no pescoço dela e passei a língua logo abaixo de sua orelha, causando um arrepio pelo seu corpo.

Beatrice me empurrou de leve e estreitou os olhos. Eu fui ficando cada vez mais excitado. *Que "caralho", assim vai ser difícil!* Pedi um minuto ao Murilo.

— Se continuar com essa cara de brava terei que te "comer" em cima desse balcão — ameacei e soltei seu lábio – que mantinha preso nos dentes.

— Eles só querem vê-la Bryan, você tem pais vivos? — insistiu o Murilo.

— Sim.

— Tenho certeza de que entende o que estou dizendo. Ela é como uma filha para eles. Mesmo que o Pietro tenha se isolado com ela, por proteção. Sempre que possível, meus pais foram participativos na vida deles. Não pode impedir que eles a vejam.

Algum tempo, foi necessário, para o meu cérebro assimilar a ideia da Beatrice de volta a casa dos pais do Pietro. O "cara" pegou o caminho certo. Quando me coloquei no lugar dele, sabendo o quanto meus pais estavam sofrendo por causa da Karin. Fiz um esforço fenomenal em concordar. *Eu odeio ser egoísta, mas é maior do que eu*. O que tem feito eu me controlar é a presença dela. Um sorriso dela e tudo se ilumina. O olhar apaixonado

do meu anjinho me faz mover o mundo – por ela.

— Acha que consegue sem mim? — balbuciei, com o rosto dela entre as mãos, roçando nossos narizes.

— O quê? — perguntou, com uma expressão intrigada em seu lindo rosto.

Sempre adorei surpreendê-la e, por enquanto, parece que ela vai gostar.

Por mais que eu tentasse, a ideia de estar na casa do ex de Beatrice, fazia meu estômago se revirar. *Eu sei... Sou um “filho da puta”... Mas... Não consigo “caralho”!*

— Você está me dizendo que não vai comigo? — Tentou fazer uma cara de chateada – falhando miseravelmente.

Beatrice ficaria muito mais confortável se eu não a acompanhasse. Ela nunca admitiria isso.

— Com uma condição — prossegui,

levantando o indicador. — Ethan e Mary junto com você. — Dei uma batidinha na ponta do nariz dela. — Vou ligar para o Yuri voltar — comuniquei e me virei, para terminar de colocar os itens do café da manhã no balcão.

— Ah não Bryan — reclamou e me abraçou por trás, encostando a cabeça nas minhas costas. — Ele está namorando à Rebeca, não vai querer quebrar uma regra que você mesmo criou — confessou, achando que seria um empecilho para mim.

Virei-me, peguei-a no colo e coloquei-a sentada sobre o balcão que divide a cozinha da copa. Afastei seus joelhos e me encaixei entre eles. Com a ponta dos dedos fui subindo pelas suas coxas até confirmar o que eu já suspeitava, ela estava totalmente nua por baixo da camisa. Um gemido escapou no fundo da minha garganta.

— Deliciosa — suspirei, com o rosto

enterrado na entrada dos seus seios. — O Carlos tem uma equipe de segurança — segui e desabotoei um botão da camisa. — Não precisa ser o Yuri. — Mais um botão. — Só não gosto de saber que está andando sozinha por aí. — Terminei de desabotoar a camisa toda. Abracei os dois seios com as mãos e passei a língua em cada bico enrijecido.

Beatrice gemeu e se contorceu. Deu um longo suspiro e pegou em meu queixo, fazendo-me olhar para ela.

— Por que, então, o Ethan e a Mary têm que me acompanhar? — Fui falar e ela colocou o dedo em frente aos meus lábios, me calando. — E por que o Ethan é tão necessário, agora? Não foi você quem deu mil recomendações? *“Sem intimidades Beatrice”* — repetiu as minhas palavras, engrossando a voz, me imitando.

Achei graça e uma onda de felicidade passou pelo meu corpo. Minha menina estava cada

vez mais se abrindo pra mim. A intimidade que estávamos atingindo – trazia junto – uma série de outras vantagens.

Tirei a camisa pelos seus ombros e joguei-a no chão. Coloquei seus cabelos para trás e beijei a sua clavícula, enquanto acariciava os bicos dos seus seios.

— Hummmmm... Fala comigo Bryan — repreendeu-me, me empurrando de leve.

— É isso mesmo... — assegurei e segui meu caminho, com a boca. — Sem intimidades. — A essa altura da conversa eu já estava com a boca no umbigo e os dedos roçando sua virilha. — Mas... Pelo menos sei que ele não vai deixar ninguém te machucar. — Passei a língua pela sua virilha e dei uma mordida de leve.

— Aiiiiii... Assim fica difícil de conversarmos, Bryan — reclamou, com a voz falhando.

Afastei mais suas pernas e admirei a umidade no meio das suas pernas. Levantei os olhos para encontrar os dela e umedeci os lábios, com a língua, antecipando a satisfação do seu gosto em minha boca.

— Ele foi bem macho para enfrentar o Scott — continuei, como se eu não estivesse a um passo de me perder no paraíso. Inclinei o corpo e aí sim... Perdi-me.

***

Pensar que estava a um passo de me casar, com o amor da minha vida, adveio um calafrio pela minha espinha.

Beatrice não facilitava em nada. Tinha ganhado uma confiança e segurança que me assustavam. O que antes eu só comunicava, hoje tem que convencê-la e nem sempre consigo. Ouvir o Otávio me chamando de "bundão" tem sido

rotina. Parte disso é culpa dele.

Otávio, praticamente mudou-se para o meu escritório. A quantidade de pepinos que vem aparecendo, obrigou-o há passar mais tempo comigo do que com qualquer outro cliente. Decidimos então, deixar uma sala disponível para ele.

— “Cara” não estou confortável com ela saindo por aí com o assassino, do pai dela, solto — admiti e me virei em direção ao meu advogado, coçando a barba. — Conversei, expliquei, manipulei-a com sexo — revelei e levantei os olhos, encontrando um sorriso safado no rosto dele. — Cuidado com o que vai pensar, não quero minha garota em suas fantasias.

Ele levantou as mãos se rendendo.

— Não estimule minha imaginação. Facilita bem as coisas.

— Me apaixonei pela garota mais teimosa

de São Paulo... Dá pra acreditar? — Balancei a cabeça e passei as mãos pelos cabelos. — Ela impôs uma condição que está sendo impossível de cumprir — confidenciei e me aproximei da mesa dele, apoiando as palmas das mãos no tampo de vidro. — Vou enlouquecer “caralho”.

— Bryan, “meu”, use a cabeça — advertiu-me e bateu os dedos na têmpora. — Ela não precisa saber. Liga para o Carlos e peça para mandar outro segurança. Instrui o “cara”. Assim você pode trabalhar tranquilo e deixar a “coitada” respirar.

Pensei um pouco a respeito e congelei, no momento em que me lembrei de como quase a perdi, quando fiz as coisas escondido dela. Olhei para ele e neguei veemente.

— É uma péssima ideia. Se eu vacilar, dessa vez, vou perdê-la — contestei e puxei o ar com força. Sentido meus nervos retraírem.

— Deixa de ser “bundão”. Como que ela

vai descobrir? Só se o cara for um tremendo de um "vacilão".

Mesmo sabendo dos riscos que estava correndo, decidi ligar para o Carlos. O risco dela andando, sem segurança, por São Paulo era maior.

Beatrice havia saído com o Ethan e a Mary, para visitar os pais do Pietro. Eu estava me torturando, em pensar na possibilidade de algo ruim acontecer com ela.

Carlos prontamente enviou o segurança ao meu escritório. Dei todas as recomendações possíveis. Avisei-o que se ela desconfiasse que tivesse um segurança, sem consentimento, a carreira dele estaria destruída e suas bolas com toda certeza seria servida em uma bandeja, por mim. Caio me passou confiança, garantindo que a probabilidade era remota. Imediatamente localizei minha menina pelo GPS e disse a ele que podia começar seu trabalho.

— Senhor Bryan. — A voz da Carol soou no aparelho em cima da mesa. Estava apreensiva. Antes de ela continuar, olhei para a mesa dela, através das paredes de vidro da minha sala e, entendi o porquê. — A senhorita Alicia está aqui e precisa conversar com o senhor. — *Que "porra" Alicia quer agora?*

Respirei fundo e agradeci a todos os deuses por ter concordado da Beatrice sair. Só de pensar o estresse que ela sentiria, com a Alicia na minha sala, fico apavorado.

Alicia entrou e fechou a porta com a chave. Caminhou até a minha mesa, com um sorriso diabólico estampado no rosto. Eu não me movi. Permaneci sentado, encostado na minha cadeira, com as mãos apoiadas nos braços dela.

Alicia usava sapatos vermelhos de saltos altos e um vestido tomara que caia da mesma cor, mostrando bem suas pernas compridas e pele clara.

Os cabelos loiros e lisos estavam caídos no ombro. Mesmo muito bonita Alicia é o oposto da Beatrice. Se antes de conhecer minha menina eu não conseguia ter mais nada com a Alicia, depois então... Nem pensar, fora de cogitação.

— Bryan, leãozinho, que saudades. Achei que teria uns minutos para mim. — Aproximou-se da minha cadeira e inclinou o corpo, com a intenção de me beijar. Afastei o corpo e segurei seu braço, afastando-a também.

— Não abusa da minha cortesia de te deixar entrar na minha empresa, sem chamar os seguranças — grunhi, empurrando-a para longe e ficando ereto na cadeira. Apontei para a cadeira a frente da minha mesa e esperei que se acomodasse. Ela trazia uma caixa nas mãos, que deduzi ser para mim.

Alicia sentou-se, com uma expressão de desgosto no rosto e colocou a caixa sobre a mesa.

— Espero que seja breve, estou atolado de serviço, principalmente resolvendo as “merdas” que o “filho da puta” do seu irmão deixou — bradei, cerrando os punhos em cima da mesa. *Seja lá o que ela tem para me dizer, boa coisa não deve ser.*

Ela empurrou a caixa em minha direção.

Fiz uma careta e levantei as sobrancelhas.

— O que é isso?

— Abra — disse, apontando com o indicador.

A primeira reação que tive, quando vi o conteúdo da caixa, foi acionar o botão fechando as persianas da minha sala. Alicia provavelmente daria um show e eu não estava a fim de plateia.

— O que isso significa? — rosnei.

— O nosso precioso passado — respondeu com um ar vitorioso no rosto. *“Vaca ela está decidida a acabar comigo.”*

— Deixa de ser “idiota” e fala logo o que pretende com essas fotos — vociferei, sentindo meu coração disparar.

— Eu te avisei — advertiu e bateu as unhas vermelhas nos dentes superiores.

Peguei algumas fotos e vi duas pessoas visivelmente apaixonadas. Estávamos sorrindo e nos tocando. Beijos, abraços e toda a intimidade que um casal pode ter. Claro que fomos íntimos, passamos boa parte da nossa adolescência juntos. Não fosse o fato de enfiar um par de chifres na minha testa, provavelmente estaríamos juntos até hoje.

— Certo — ponderei. — Marcou seu ponto, estávamos apaixonados, e...?

— E... — hesitou. — As pessoas vão saber disso e o quanto o empresário bem-sucedido-senhor-Bryan-Soutto é um tremendo “filho da puta” assassino de bebês.

Levantei-me subitamente, fazendo minha cadeira cair de costas no chão. Dei um murro na mesa e vi quando Alicia levantou-se e foi se afastando, com a mão na boca.

Dei a volta em torno da mesa e me aproximei dela. Sentindo o sangue ferver nas minhas veias. Minha vontade era grudar no seu pescoço e apertar – até ver que ela não era mais capaz de respirar. Parei e lembrei-me da Beatrice. Precisava encontrar o controle. Ela não merecia perder o noivo, faltando poucos dias do casamento. Se eu continuasse a andar, com toda a certeza, em poucas horas estaria em uma cela.

— Independente do que você faça, eu nunca vou voltar para você e, nada... Nada mesmo, vai me impedir de casar com o amor da minha vida. — Respirei fundo e passei as mãos pelos cabelos. — Se algum dia eu senti algo por você, foi faísca perto do que eu sinto pela Beatrice. Admita de uma vez

que perdeu "porra"! — gritei. — Dá o fora daqui — bradei entre os dentes trincados, apontando com o indicador para a porta.

Alicia não esperou eu repetir, o medo estava estampado em seu rosto. Tenho certeza de que minha expressão era de assassino. Saiu da sala, largando as fotos em cima da minha mesa. Se a intenção dela era me desestabilizar, ela atingiu seu objetivo.

Sentei-me e coloquei o rosto entre as mãos, baixando a cabeça. Como eu poderia evitar que minha cara estivesse estampada na capa de algum tabloide barato? Alicia não estava brincando. Eram muitas fotos, eles teriam muito que falar. *Como eu vou dar essa notícia à Beatrice?*

Capítulo 19 – Fantasmas do Passado

Aceitar e superar o passado não são tarefas fáceis, pelo menos não para mim. O profundo sentimento de perda promove a dúvida de que um dia eu conseguirei. No entanto, apesar de não ser possível alterá-lo, podemos ao menos encará-lo como um aprendizado.

Alguém, um dia, me disse que a melhor maneira de enfrentar uma situação é ir de encontro a ela. Achei a maior idiotice que já tinha ouvido. Agora, me vejo fazendo exatamente isso. Fico pensando se não estou me cobrando demais. Em menos de quinze dias estar diante dos fantasmas que me cercam. Eu sei que pensar na família do Pietro como fantasmas é uma tremenda falta de consideração, mas preciso ser honesta comigo mesma – o medo está me consumindo.

No hospital, tive para onde correr. O pânico

tomou conta de mim sem que eu desse vexame. *Para onde eu vou correr quando estiver perante os pais do Pietro?*

— Não podemos nos demorar — ciciei.

Mary virou o corpo e me olhou, com as sobrancelhas arqueadas e Ethan me encarou pelo retrovisor, com a mesma expressão da Mary.

— Não sei se você percebeu, mas... — Ethan apontou para o interior do carro e para nós três. — Isso aqui que está acontecendo é em função sua. Vou-me "foder" para entregar meu trabalho na data certa, servindo de babá pra você. — Entortou o nariz. — Essa frase deveria ser minha — concluiu e bufou.

Contraí o corpo no banco e engoli em seco, antes de comunicar ao Ethan o que faríamos depois.

— Preciso atender um cliente depois que sairmos de lá — falei rapidamente e desviei os olhos do retrovisor.

— Tá brincando lindinha? Eu não posso garota, você pirou? Você pode me deixar no escritório e ir atender seu cliente. — Parou e me olhou novamente. — A não ser que...

— Quem é o cliente Trice? Não me vai dizer que é aquele cara que está te seguindo? — inquiriu a Mary, cruzando os braços no peito.

— Deixa de maluquice Mary, já não basta o Bryan com paranoia — contra-ataquei e fiz o mesmo que ela – cruzei os braços no peito. Ficamos nos encarando por alguns segundos.

— Ei... O que eu perdi? De quem vocês estão falando?

— De um cara muito estranho, Ethan — alegou a Mary e virou novamente pra frente. — Tenho certeza de que já o vi em algum lugar, é uma pena que não consigo me lembrar de onde, mas... — Me olhou de esguelha. — Eu vou me lembrar e confirmar que ele está seguindo a Beatrice.

— Bem que você gostou dele no dia — alfinetei, tentando amenizar o clima.

— Claro, ele é bonitão, qualquer uma ia gostar.

— Hello... Estou aqui, alguém pode me colocar a par do assunto? — Ethan chamou a atenção, estalando os dedos no ar.

— O nome dele é Gustavo. Só não vou atendê-lo no escritório porque é concorrente do Bryan. Não quero causar um desconforto para as duas partes.

— E... — Fez um gesto com as mãos, para eu continuar.

— Nos encontramos duas vezes. Na primeira ele foi cavalheiro nos ajudando e na segunda, foi no hospital, por coincidência.

— Só uma parte me interessou nessa história e você ainda não me disse. Como é que ele é? — Ethan perguntou e passou a língua pelos

lábios, piscando pra mim.

— Aff Ethan! — Bufei. — Ainda bem que o Bryan não viu a cara que você fez agora. Depois ele te chama de pervertido você acha ruim — censurei, balançando a cabeça. — E por falar no meu “ogro”. Ele não pode saber do Gustavo. Sabe como é paranoico, vai surtar. — Revirei os olhos em pensar no escândalo que ele faria.

— Ah Trice, dessa vez se ele fizer um escândalo ficarei do lado dele. Só um cego pra não ver que o “cara” te quer “comer” — admitiu a Mary, com a testa franzida.

— Uiiiii... A conversa está começando a esquentar. Coooooomoooo assimmmm Mary? Ele quer “comer ela”? E vale a pena? — Ethan sugou a saliva entre os dentes e fez uma cara de safado pra mim, pelo retrovisor.

— Preste atenção no trânsito Ethan e pare de safadeza — repreendi-o.

— Genteeeeee... Ô duas... Podem me falar, por tudo que é mais sagrado, como é que é o “cara”? — continuou, Ethan, ignorando completamente o que eu tinha dito.

— Alto, loiro, corpo bem-definido, olhos claros, não sei se azuis ou verdes...

— Azuis... — corrigi, baixinho. Os dois me olharam, arregalando os olhos. Dei de ombros. — Conversei mais tempo com ele — defendi-me.

— Tudo bem — ponderou a Mary. — Anda de carro esportivo e roupas caríssimas. Playboy na certa. Deve ter a nossa idade. Quantos anos ele tem Trice? — Mary virou o corpo pra trás, novamente, e colocou uma perna embaixo dela.

— Como eu vou saber Mary? — retruquei.

— Oras bolas, ficou tanto tempo com ele. Deveria saber a idade do “cara”.

— Só falamos de negócios Mary — repliquei, fechando a cara.

Será que a Mary tem razão? Eu também tenho a impressão de que o conheço, mas não consegui associa-lo a ninguém. E se ele quiser me fazer mau? *Nada disso Beatrice, sem psicose.* Acasos ocorrem, nem todas as pessoas são maldosas. Tudo culpa do meu pai, ele nos deixou apreensivos. E a Alicia é claro, que quase matou o Bryan. *Meu Deus! Não posso nem me lembrar desse fato que meu corpo estremece.*

Entramos na Rua dos pais do Pietro e a sessão nostalgia voltou à minha mente...

> *— Tudo bem? Está se sentindo melhor? — indagou o Pietro, levantando meu queixo – me olhando nos olhos. Confirmei, com um aceno da cabeça.*
>
> *— Se quiser podemos voltar outro dia, Trice. Eles vão entender. — Enxugou uma lágrima que escapou dos meus olhos. —*

Vem aqui. — Me aconchegou em seus braços, carinhosamente, e beijou o topo da minha cabeça.

— Eu vou conseguir, Pietro. — Respirei fundo. — Será que eles vão me odiar? — Afastei o rosto do seu peito para olhá-lo.

— Impossível, você é a pessoa mais dócil do mundo. E... — Colocou a mão na nuca e desviou o olhar. — Eles querem minha felicidade. — Limpou a garganta. — Eu meio que... Estou amarradão em você — declarou, todo encabulado.

— Tudo bem, só fico preocupada porque você é muito novo para fazer o que está fazendo por mim.

— Trice... Trice... Garota, fale com a gente "porra". "Cara" queria descobrir o que se passa com essa garota, ela apaga de repente. — Ethan

batia de leve no meu rosto e chacoalhava meus ombros.

Tínhamos chegado ao nosso destino. Ethan já tinha estacionado o carro e estava junto com a Mary, em cima de mim, me trazendo de volta dos meus devaneios.

Eu sabia que não seria nada fácil voltar ao passado, sem ser atingida por uma torrente de lembranças e emoções. Controlei minha respiração, que obviamente estava alterada. Endireitei o corpo e me preparei para sair do carro, sem dizer uma palavra. Mary e Ethan se entreolharam balançando as cabeças.

— Querida, você veio. — Dona Joana, mãe do Pietro, veio ao nosso encontro e me envolveu num abraço apertado.

Tudo estava exatamente da maneira que eu me lembrava. A casa simples, paredes brancas –

com a pintura descascando, grades e portão de ferro – baixos, um belo jardim na frente – cheio de rosas coloridas. O piso era uma junção de vários cacos coloridos, formando praticamente uma colcha de retalhos. Um carro modesto na garagem estreita. As janelas e portas pintadas de verde. Em cima dos muros gatos espreguiçados, tirando suas horinhas de sono.

Os pais do Pietro moraram a vida toda no Ipiranga, um dos bairros mais antigos de São Paulo. São conservadores. Mesmo que os filhos tenham tentado modernizar a vida deles, estão confortáveis e relutantes.

Pietro saiu cedo de casa, decidindo morar com um colega, mesmo contra a vontade dos pais, e distante do seu trabalho. Segundo ele, precisava de independência, seus pais os sufocavam com tamanha proteção. Agradeço a todos os santos por ele ter tomado essa decisão, caso contrário não teria

se mudado para perto da minha casa.

Após uma recepção calorosa, entramos na casa pela porta da sala e, imediatamente, meu corpo reagiu. O cheiro de feijão cozinhando, almofadas e xales de tricô jogados nos sofás. Cortinas perfeitamente alinhadas e limpas – cobrindo as janelas. Um piano no canto da sala – repleto de porta-retratos. Todos os lados que eu olhava me remetiam ao passado – ao Pietro.

Fechei os olhos e soltei um longo suspiro, controlando minhas emoções. Aproximei-me das fotos, inclinei o corpo e fui lançada de verdade aos melhores anos da minha vida.

> *— Acho que está gostando mesmo desse sorvete — disse Pietro e com o polegar limpando o canto dos meus lábios. — Mãe, sempre que viermos aqui compra desse aqui, dá uma olhada na Trice, lambuzou até a*

> *ponta do nariz — divertiu-se e passou sorvete no meu nariz.*
> *— Olhem pra cá – chamou Murilo, com uma máquina fotográfica nas mãos.*
> *— Não... — reclamei e tentei me desvencilhar. Pietro prendeu minhas mãos nas costas e encostou o rosto no meu. A luz do flash quase me cegou.*

Segurei o porta-retratos nas mãos e senti uma lágrima quente escorrer pelo meu rosto.

— Assim que eu soube que viria comprei um pote pra você — balbuciou dona Joana ao meu lado, passando as mãos em minhas costas. — Ele te amava muito, o tempo que ficou com você – estava sempre sorrindo. Você despertou o melhor do meu filho. — Virou meu rosto em sua direção e o encostou ao seu ombro. — Também sinto a falta dele, mas Deus precisava de um anjo *nerd* lá em

cima. — Beijou o topo da minha cabeça. Levantei o rosto e engoli em seco. As lágrimas tomaram conta do meu rosto. O canto dos seus lábios levantou-se e seus olhos encheram-se de lágrimas. — O que você acha? Os tempos modernos... Até Deus precisa de um programador lá em cima. Como ele iria controlar tanta bagunça que estão fazendo aqui embaixo?

Balancei a cabeça e sorri. *Como ela consegue me consolar? Por isso o Pietro a amava tanto.*

Pietro era um ótimo filho, amava seus pais incondicionalmente, porém, eles sempre foram muito religiosos e queriam que o filho seguisse o mesmo caminho. Foi nesse momento que Pietro entendeu que, para não magoá-los e agir de acordo com suas ideologias, precisaria se afastar.

Vendo a força e coragem da mãe do Pietro, baseada na fé de que ele está em um lugar muito

melhor, quase perguntei o que eu tinha que fazer para participar da igreja deles.

Não ficamos muito tempo com eles, tomamos café e sorvete... Sim... Ela realmente tinha comprado o pote de sorvete, do porta-retratos. Foram muito discretos quanto as minhas escolhas, só demonstraram preocupação. De uma maneira sutil, garanti a eles que estou bem e que o Bryan, apesar de aparentar desiquilibrado, me protege tanto quanto o Pietro.

— Você não imagina o quanto ficamos felizes com a sua visita — agradeceu o pai do Pietro, me abraçando. — Não desapareça filha — sussurrou ao meu ouvido e beijou minha testa.

***

Desci do carro com a cabeça inclinada para cima, admirando o arranha céu que eu iria entrar. Um prédio imponente e uma recepção glamorosa.

Identifiquei-me no balcão e com o crachá de visitante me encaminhei até os elevadores.

No caminho, deixamos a Mary em uma loja de noivas. Ethan foi estacionar o carro, de cara emburrada. Prometi que não me demoraria. Ele não poderia chegar sem mim no escritório, o Bryan o mataria.

As portas de vidro jateado, com o nome da construtora adesivado, indicaram que eu havia chegado ao meu compromisso. Arrumei a postura e me apresentei à bela recepcionista, que prontamente me anunciou ao Gustavo.

Um sorriso encantador surgiu nos lábios dele assim que me avistou. Caminhou até mim – calmamente e me cumprimentou com um beijo no rosto.

— Me acompanha até minha sala — disse ele, todo educado.

A empresa não difere muito da empresa do

Bryan e também não está muito distante, estamos na mesma região; acredito que apenas uns cinco quarteirões de distância.

Acomodei-me na cadeira de frente a mesa dele, colocando a bolsa na cadeira ao lado. Peguei meu "iPad" e alinhei as costas.

— Vamos lá — iniciei, com um sorriso tímido no rosto. — Preciso de algumas informações da sua empresa para poder montar um plano de ação. — Quando fui fazer a primeira pergunta ele me interrompeu:

— Eu soube que vai se casar no final desse mês, é verdade? — indagou, taciturno.

Relaxei um pouco os ombros soltei um longo suspiro. Fechei a capa do "iPad" e o coloquei em cima da mesa.

— Tudo bem, se achar melhor eu usar o conhecimento que tenho desse ramo, podemos pular essa parte. Só não será tão específico para sua

empresa. Você apenas me diz, então, qual o departamento que está com maior deficiência. Ou melhor, não sei qual sua autonomia aqui dentro, talvez eu tenha que conversar com algum superior seu. — Terminei de falar quase sem fôlego. Não queria de maneira alguma ser grosseira, com ele, afinal, desde o inicio ele tem sido um cavalheiro, porém, se continuasse pelo caminho que pegou, eu levantaria e o deixaria falando sozinho.

Gustavo estreitou os olhos e abriu um sorriso torto.

— Tá certo, pode perguntar.

Precisei de poucos detalhes para entender o ponto fraco da empresa. Minha experiência e agora o contato direto com a empresa do Bryan, facilitam muito na hora de montar um plano de ação. Por esse motivo, continuo fazendo o primeiro contato com os clientes.

Juntei meus pertences, peguei minha bolsa e

me desculpei com o Gustavo:

— Eu sei que não é muito educado da minha parte, mas eu realmente preciso ir. — Estiquei o braço a ele, assim que fiquei em pé.

Rapidamente ele estava em pé ao meu lado.

— Eu é que tenho que me desculpar — argumentou, todo constrangido. — Não tinha o direito de interferir nos seus assuntos pessoais. — Sorriu e passou a mão pela nuca. — Posso te desejar felicidades? — perguntou, cabisbaixo.

— Claro que sim, é que... — Engoli em seco. — As pessoas não entendem o nosso relacionamento e isso me chateia sabe — confessei, torcendo o nariz.

— Posso imaginar — murmurou, ainda, cabisbaixo. Levantou os olhos e me encarou. — O mais importante é se você está feliz — teorizou de uma maneira estranha, como se nos conhecesse muito bem.

Franzi o cenho e continuei o analisando. Ficamos nos olhando por alguns segundos.

— Vai ser aqui mesmo, na capital? — inquiriu, meio sem graça.

Neguei com a cabeça, ainda encabulada com a expressão do seu rosto. Apesar de nos conhecermos a pouquíssimo tempo, a inquietude do corpo dele demonstrava outra coisa. Estava muito incomodado. Um calafrio passou pela minha espinha e senti medo. Desviei o olhar e me virei para sair. Ele pegou de leve no meu cotovelo e se desculpou novamente:

— Desculpe-me, não sei o que deu em mim. — Olhei para a mão dele no meu cotovelo, assustada. Ele tirou-a imediatamente, levantando os braços em sinal de rendição.

— Prefiro que fiquemos só no âmbito profissional — me posicionei com uma expressão séria.

— Não vai mais acontecer — esclareceu e segurou a porta da sala para eu passar.

Encontrei com o Ethan na cafeteria do andar térreo. Assim que me avistou franziu a testa e me questionou – em silêncio – se estava tudo bem. Confirmei com um aceno e fomos para o carro. Tentei por vezes, empurrar para o fundo da minha mente o alerta que, teimava em apitar no meu cérebro. O inconveniente da situação era o fato de eu não poder desabafar com ninguém. Qualquer coisa que escapasse da minha boca causaria um grande alvoroço. Fiz o mais sensato. Calei-me.

Capítulo 20 – Agora é Tarde

AS PALAVRAS DO DETETIVE ADEMIR SOAVAM sem cessar na mente da Alicia. Por mais que ela tentasse evitar, o desespero estava a tomando. Todos os seus planos estavam desabando. A polícia estava cada vez mais próxima, para piorar, Bryan tinha aberto um processo contra ela. *"Como fui burra, não devia ter aberto minha boca"*. Nunca passou pela cabeça dela a possibilidade do seu antigo noivo gravar uma conversa e usá-la na delegacia.

— Vocês estão enganados em achar que a Beatrice é presa fácil — advertiu Leandro.

Depois da ligação do detetive e as constantes ameaças do pai da Beatrice, Alicia convocou os irmãos para uma reunião urgente.

— Eu me odeio por ter concordado com essa palhaçada — reclamou mais uma vez,

Leandro. — A garota está me olhando muito estranho, não vai demorar muito para descobrir minha procedência. — Respirou fundo e se afastou dos irmãos.

— Nestor, e a sua carta na manga? — questionou Alicia.

Nestor balançou a cabeça e franziu a testa.

— Otávio é muito bom no que faz. Montou sua sala dentro da empresa e está conseguindo driblar todas as situações. Eu me esqueci desse detalhe. — Bufou.

Leandro aproximou-se novamente dos seus irmãos.

— Deixa-me ver se entendi... — Estreitou os olhos e deixou os lábios em uma linha fina. — Vocês são dois “filhos de uma puta”... — Fechou os olhos e cerrou os dentes. — Melhor... Não vou colocar nossa mãe nessa “merda” — corrigiu. — Agora que estamos mais do que “fodidos” querem

que eu... — Apontou com o indicador para o próprio peito. — O único que não tive “porra” nenhuma com isso. Resolva. — Colocou as mãos no quadril e fechou a cara. — Nem contem com isso, não farei absolutamente nada que prejudique a Beatrice.

Alicia estava mais magra e a sua postura, que sempre fora ereta, estava caída. Os olhos arregalados demonstravam que se pudesse voltaria atrás.

Nestor, apesar de estar muito “puto”, por ter perdido os meios de aumentar seu dinheiro, deixou seu lado sensato falar mais alto e estava arrependido. Agora era tarde. Precisava pensar em como consertar tudo aquilo sem ir para a cadeia.

— E você Alicia? — indagou Nestor, chegando bem perto do rosto da irmã. — Foi a que fez mais “merda”, o que pretende arranjar para consertar?

— Já arranjei. — Abriu um sorriso maléfico. — Tentei argumentar com o Bryan, ele me colocou para fora da sala dele, quase a pontapé.

Os irmãos fizeram uma expressão de espanto e se jogaram no sofá.

— Você só pode estar brincando, Alicia — retrucou Leandro. — Que "porra" você foi fazer na sala do Bryan? Quer "foder" mais ainda com a nossa vida?

— Vocês queriam o que? — gritou e começou a andar pela sala. — Não sei mais o que fazer — confessou e sentou-se. Colocou o rosto entre as mãos e fez algo que nenhum deles esperava. Chorou. — Eu amo ele — murmurou, com a voz embargada.

O silêncio invadiu o ambiente. Medo, insegurança, desespero, remorso, arrependimento, esses eram o sentimento deles. A frase: *"Sempre unidos"* – estava causando um efeito negativo na

vida deles. Não foram criados para ser mau-caráter. As circunstâncias os levaram a chegar ali.

Leandro foi o primeiro a se manifestar. Levantou-se e indagou:

— Qual o próximo passo?

— Vamos esperar o estrago que fará na vida deles, depois que a bomba estourar na mídia — balbuciou Alicia.

— Doce ilusão — ironizou Nestor. — Ela está achando que o Bryan é uma celebridade. Acorda Alicia! — bradou e bateu palmas na frente dela. — Ele só vai ter mais munição contra você, na delegacia. Acha mesmo que um tabloide barato, publicando fotos de vocês, dizendo que ele te levou para fazer um aborto, vai afetar a vida deles? Aff! — Bufou. — Ele não é o *Leonardo DiCaprio* não garota, é só um empresário bem-sucedido de São Paulo.

Leandro balançou a cabeça e soltou uma

lufada de ar. Saiu e bateu a porta com força.

Os dois irmãos permaneceram se olhando, sem saber ao certo qual caminho tomar.

Capítulo 21 – Um Passo a Frente

ASSIM QUE CAIO ENTROU EM MINHA SALA, ergui os olhos do e-mail que estava lendo. Em pé, diante da minha mesa, sua expressão estava apreensiva. Apontei a cadeira – para que ele se acomodasse.

Alguns dias se passaram e eu havia pedido um relatório sobre os lugares que Beatrice estava indo sem mim, não por desconfiança e sim por segurança. Preciso acompanha-la de perto, pois tenho certeza de que seu pai está tramando alguma coisa. O que eu não esperava era o que ele me apresentaria.

— Senhor Bryan — cumprimentou-me sentando-se a minha frente. — Eu quis vir antes do prazo, porque tem algo me preocupando e preciso alinhar com o senhor.

Franzi a testa e gesticulei para que

continuasse.

— Tem um rapaz seguindo a senhorita Beatrice — disse, com uma expressão de preocupação.

— Que “porra” de conversa é essa Caio? — bradei, me levantando e passando a mão na barba. — Quanto tempo? Espero que não sejam muitos dias, senão juro que suas bolas serão arrancadas agora mesmo.

Ele engoliu em seco e limpou a garganta.

— Esperei para ter certeza, pois o primeiro dia que o vi estava saindo com ela de um prédio — admitiu, assustado.

— Se tá de brincadeira comigo, é isso? Fala sério... Isso não aconteceu, porque se aconteceu e você não me disse nada, na hora, considere-se um homem morto — exclamei, fui até a porta para trancá-la. Acionei as persianas da sala e me sentei novamente. *“Caralho”... Beatrice é mesmo*

frustrante!

Beatrice tem saído muitas vezes sem mim, por conta dos preparativos do casamento. Mary tirou o mês para ajudá-la e não posso impedi-las, mesmo porque, o mais interessado que esse casamento aconteça logo, sou eu. Só pude atender o Caio, em minha sala, porque ela está em uma prova do vestido de noiva. Se eu soubesse desse fato, na hora que aconteceu, de maneira alguma ela estaria sem mim, agora.

Caio conseguiu me acalmar e pediu para que eu o deixasse explicar. Sentei-me e escutei, sentindo os nervos do meu corpo pular. De acordo com ele o tal rapaz é um cliente, por isso, ele não me comunicou de imediato. Após perceber que ele a estava seguindo, resolveu me colocar a par do assunto.

— Deixa-me esclarecer algo pra você Caio — interrompi-o me controlando. — Tudo que se

refere à Beatrice, qualquer pessoa que se aproxime dela, qualquer passo que ela dê... — Aproximei o corpo da mesa e o encarei. — Tudo... Tudo mesmo é problema meu e devo ser comunicado na hora.

Ele concordou com a cabeça, passou a língua pelos lábios e prosseguiu:

— Eu tirei uma foto deles dois saindo do prédio, o dia que o vi pela primeira vez — disse e esticou o celular para eu dar uma olhada.

Assim que bati o olho na foto quase caí da cadeira, do pulo que eu dei.

— “Filho da puta”! — praguejei alto. — O que esse “imbecil” quer com a minha menina? E por que ela não me disse que estava se encontrando com o Leandro? O que está acontecendo “caralho”? — Me sentei novamente, coloquei os cotovelos na mesa e o rosto entre as mãos, sem saber o que pensar.

Minha mente foi lá para o dia em que

Beatrice estava com a foto dos irmãos nas mãos. Ela claramente estava intrigada, até então nunca tinha visto o Leandro. Na foto ele estava bem mais novo, *será que ela não o reconheceu?*

Apertei o botão do telefone interno e pedi para que a Carol encontrasse a Rebeca e a trouxesse para a minha sala. Não demorou muito para ouvirmos alguém bater na porta. Levantei-me e assim que abri encontrei uma Rebeca apreensiva.

— Precisa falar comigo senhor Bryan? — indagou receosa.

Pedi que entrasse, apresentei Caio a ela – sem dizer a função dele – e apontei para a cadeira ao lado dele, para que ela se acomodasse.

— Rebeca, reconhece esse homem da foto? — Estiquei o braço entregando o celular a ela.

Ela olhou e confirmou com um aceno da cabeça.

— Gustavo — falou sem hesitar. —

Beatrice o conheceu na rua, quando ele a ajudou com o problema da mãe da Mirela. Logo ele requisitou nossos serviços. Beatrice não o atendeu aqui, porque é concorrente do senhor — esclareceu e respirou fundo, antes de continuar. — Algum problema?

— Quem está atendendo a conta dele? — questionei já querendo matar a Beatrice por não me contar um fato tão importante como esse. *Claro que ela não contaria, foi no dia que não a achei e desci para Santos, sem ela.*

— A Mirela, Gustavo mesmo solicitou que fosse ela, pois já se conheciam — explicou e mordeu o lábio inferior. — Aconteceu algo senhor Bryan?

— Não Rebeca, fique tranquila, está tudo bem. Poço te pedir um favor?

Esperei a confirmação dela e continuei:

— Não fala nada para a Beatrice sobre isso,

ok?

Rebeca saiu da sala e fiquei analisando como agir com a razão. As últimas vezes que me desesperei e agi no impulso, quase perdi minha menina. *Pensa Bryan, pensa.* Ele usou o segundo nome para que ela não associasse. Garantia total de que Beatrice nem desconfia que ele seja irmão do Nestor e da Alicia.

— O que o senhor quer que eu faça? — inquiriu Caio.

Cocei a barba, passei a mão na testa e comecei a assassinar as bochechas pelo lado de dentro, com os dentes.

— Posso dar uma sugestão? — indagou temeroso, com a testa franzida.

Acenei que sim.

— Acredito que o senhor saiba quem ele é... pela reação que teve. Podemos usá-lo — sugeriu e me analisou.

— Como assim? — perguntei, sem saber onde ele queria chegar.

— Vamos fingir que não sabemos de nada, fico de olho nele para saber o que está almejando. Quando for dar o bote, estaremos um passo a frente — falou animado.

— Está sugerindo que eu deixe a Beatrice servir de isca? — inquiri, com as sobrancelhas içadas.

— Dou garantia total que não sairei da cola dele — assegurou todo confiante.

Sentado na poltrona da minha sala, tinha Otávio a minha frente. Explicava a ele sobre a sugestão do Caio, ainda decidindo se tinha ou não feito a melhor escolha. Peguei o copo de uísque e dei uma longa golada, antes de continuar meu raciocínio.

— E se eu tiver dando um tiro no pé —

argumentei.

— É um risco — emendou Otávio. — Ainda assim é a melhor opção. Se a Beatrice nem desconfia de quem ele é, fica mais fácil ainda — completou.

Assenti. Otávio sempre sensato e seguro de suas palavras. Fiquei mais confiante, tê-lo como aliado facilitaria bem as coisas. Sua dedicação e competência não me surpreendem. Comprometimento é a palavra que o define. Tem conseguido sair por cima de todos os pepinos que surgiram na minha empresa, sem se exaltar.

Tomamos nosso drink e quando estávamos relaxados Otávio trouxe à tona, novamente, o tal assunto.

— Já que não quer festa de despedida Bryan, vamos marcar uma noitada antes do seu casamento “cara” — falou e abriu os braços,

indignado.

Neguei.

— Nem pensar, conheço bem a Mary e o Ethan, vão usar isso contra mim e querer o mesmo para a minha menina.

— Então tenho a solução — alegrou-se Otávio. — Vamos todos para uma noitada, assim você pode curtir o resto da solteirice com a sua garota... — Balançou a cabeça. — Virou um “bundão” mesmo. Bem que dizem que o amor deixa os homens “babacas”.

Concordei com a ideia dele e combinamos em fazermos tudo sem que a Beatrice soubesse. Farei uma surpresa para ela. Difícil será manter todos de boca calada.

Otávio saiu da sala e peguei o telefone para ligar para a minha menina, horas sem falar com ela, meu corpo reclama, ela é o meu oxigênio. Mau o coloquei entre as mãos e vibrou. Abri um sorriso,

ela também sentiu minha falta. Minha felicidade durou segundos. O identificador mostrava um número desconhecido.

— Bryan falando.

— Bryan... — Soluços. — Me desculpe, eu preciso que me ajude, por favor, faço qualquer coisa — implorou Karin.

Meu coração disparou, achei que ia pular do peito. *Como pode uma pessoa só fazer "merda" na vida?* Fiquei atônito, paralisado, sabendo o tipo de pessoas que estavam com ela, só conseguia vê-la ensanguentada, amarrada, torturada. Senti as pernas amolecerem e a barriga se contorcer em pensar que eu poderia ser o responsável por ela estar assim. *Meus pais nunca me perdoariam.* Comecei a me martirizar por não ter dado o dinheiro logo, a eles.

— Karin... — balbuciei. Perdi completamente as forças. Nem sei como ela ouviu. — O que aconteceu?

— Estou presa.

Por incrível que possa parecer, foi a melhor notícia que ela poderia me dar. Se estiver presa, está segura.

— Ufa! — Soltei os ombros e puxei o ar, aliviando a tensão do corpo.

— Você... — gaguejou. — Caram...ba, você... — Fungou. — Está feliz Bryan?

— É melhor do que estar morta, não acha? — ironizei. Retomei minha postura e decidi encostá-la à parede. — Como foi parar aí? Se for tráfico... Sinto lhe dizer que, será muito difícil de eu te ajudar — assustei-a.

Karin precisa acordar para a vida. Posso estar sendo duro com ela, contudo, só um susto dos bem grandes pode fazê-la entrar na linha.

— Não foi tráfico... Assalto — Sua voz saiu tão baixa que eu quase não entendi.

— “CARALHO” garota, você se superou!

— passei a mão pelos cabelos e comecei a andar pela minha sala. — “PORRA” Karin, você sempre teve tudo garota, como pode trocar por essa vida? “Meu” você chegou ao fundo do poço! — bradei.

— Bryan... — A voz dela estava embargada e a cada palavra – era um soluço. — Só posso fazer essa ligação, se você não me ajudar estou “fodida”. Vou repetir: faço tudo o que você quiser, mas... — Pausa. — Me tira daqui, por favor. Eles vão me estuprar aqui dentro. Estou com medo, por favor.

Respirei fundo e coloquei a mão na nuca, apertando-a. Claro que eu a socorreria, faria qualquer coisa para que meus pais pudessem dormir em paz novamente.

— Qualquer coisa? — inquiri.

— Ahram — respondeu.

— Você vai se tratar em uma clinica de reabilitação — informei. — Pago a melhor que tiver, mas você tem que ir por conta própria, sem

drama nem escândalos.

— Prometo, mas... — Mais soluços. — Me tira daqui, hoje, eu imploro.

Desliguei e verifiquei as horas, já se passava das 15:00. Não via a Beatrice desde cedo. Almoçamos separados e não nos ligamos nenhuma vez. A distância que eu estava sendo obrigado a aceitar estava acabando comigo. Uma recomendação da doutora Perci e das pessoas ao nosso redor. Pra mim é tudo uma tremenda idiotice, porém, como estou na corda bamba, aceito qualquer coisa que garanta que ela não vá me deixar.

Com o telefone ao ouvido meu corpo relaxou, assim que o som da sua voz adentrou minha mente.

— Oi meninão, estou com saudades. — Todas as “merdas” do meu dia foram para o ralo, naquele instante.

— Oi meu anjinho, onde você está? Preciso de você urgente — supliquei sem o menor constrangimento.

— Fiquei decepcionada agora, achei que você me seguia pelo GPS — brincou.

— Já te disse que te amo? Que você é o meu remédio? — sussurrei.

— Hum... acho que hoje ainda não — balbuciou. — Por que a persiana da sua sala está fechada? Anda aprontando senhor Bryan? — divertiu-se.

— Vou concluir que você está em frente a ela — sintetizei e caminhei até a porta. Abri a porta e dei de cara com a mulher da minha vida, com um lindo sorriso nos lábios. — Posso aprontar agora, com uma garota gostosa que acabo de encontrar na minha porta, o que acha? — respondi ao celular, olhando pra ela.

Beatrice estava com um semblante

iluminado, um brilho nos olhos e um sorriso singelo. Deixou-me de quatro no mesmo instante. Usava um vestido azul transpassado e sandálias de saltos altos. Havia tirado o dia de folga. Os óculos de sol estavam apoiados no alto da sua cabeça e tinha uma bolsa pequena cruzando seu corpo. Totalmente descontraída. Contraí o abdômen em pensar que estragaria o resto do dia dela, resolvendo problemas da Karin.

Ela pulou no meu pescoço, o corpo macio e quente contra o meu. Puxou minha cabeça para um beijo doce. Coloquei as mãos em seus quadris e a levantei, fazendo-a cruzar as pernas na minha cintura. Andei de costas para dentro da sala e chutei a porta, para fechá-la.

— Isso tudo é saudade? — indaguei, adorando o fato de ela estar cada vez mais à vontade comigo. *No final das contas essa babaquice de ficarmos longe até que está surtindo*

um efeito positivo.

Ela respondeu com um gemido, afundando o rosto no meu pescoço.

— Adoro seu cheiro — murmurou e fungou logo abaixo da minha orelha.

Meu corpo inteiro entrou em alerta. O “pau” endureceu no ato.

— Gatinha, bem que eu gostaria de acabar com você agora, mas... — Suspirei.

Beatrice levantou o rosto e me encarou, mudando completamente a expressão, para uma que não me deixou nada feliz.

— O que aconteceu? — Entortou os lábios.

— Karin... Está presa... Tenho que descer a serra e dessa vez você vai comigo. Sem negociação. — Comuniquei-a, franzindo a testa.

***

Passei os dedos sobre os lábios e fiquei

admirando a minha menina. Virada de lado no banco do passageiro conversava com sua amiga, que estava no banco de trás.

O trânsito, como de costume, não estava colaborando. As duas aproveitaram para terminar de acertar os últimos detalhes do casamento. Mary decidiu nos acompanhar para visitar sua família.

Ver Beatrice empolgada com o casamento fez meu coração palpitar mais forte. Não me canso de olhar para ela. Vestida, nua, no banho, em cima de mim, embaixo, descabelada, cabelos presos, cabelos soltos, enfim... Deleito-me sempre.

Ao perceber que estava sendo admirada, Beatrice parou de falar e me encarou, com os lábios entreabertos. Estiquei o braço e passei o polegar por eles. Inclinei o corpo e beijei seu pescoço. Coloquei a mão em sua nuca e a trouxe para mais perto.

— Meu "pau" está duro só de olhar você

conversando — sussurrei, com os lábios grudados em sua orelha.

— Uau! Estou aqui — protestou a Mary. — Eu ouvi “cara”, controle-se “meu”. Jesus! — Se abanou.

— O pior não é você ouvir e sim eu... Argh! — reclamou Otávio, fazendo careta.

Inclinei a cabeça pra trás, com a gargalhada que soltei. O rosto da Beatrice ficou da cor de um tomate, ela me empurrou de leve e colocou a mão em frente à boca, espantada com a minha ousadia. Dei de ombros e balbuciei:

— Onde e quando eu quiser. Você é minha! — Pisquei para ela e voltei minha concentração para o trânsito, que resolveu andar.

— Garota, como você aguenta esse “cara”? — divertiu-se Otávio, depois de fazer minha leitura labial.

Estávamos em comitiva dentro do carro. De

maneira alguma chegaria em uma delegacia sem meu advogado. Otávio é muito mais que um advogado, é meu amigo de muitos anos e acompanhou toda a “merda” da Karin. Só ele conseguiria argumentar para pagarmos uma fiança e tirá-la de lá, no mesmo dia.

A música nos alto falantes do carro foi interrompida, com o toque do meu celular. Apertei o botão no volante e atendi com a saudação habitual, sem olhar no identificador:

— Bryan falando.

— Bryan... — cumprimentou Gaby, com voz embargada. — Viu as notícias?

— Está falando da Karin? — *Pergunta inútil*. Fiquei tenso em pensar que tipo de notícia tinha saído. Dependendo do grau, mata meus pais do coração.

— Sim... — suspirou.

O carro ficou em um silêncio total. Todos

apreensivos. Não sabíamos ao certo o que nos esperava.

— Me diz que não chegou até nossos pais. — Torci para que a resposta fosse positiva.

— Ainda não... — Pausa e suspiros. — Não sei por mais quanto tempo — concluiu baixinho.

— O que especificamente foi noticiado? — Otávio perguntou, trazendo o corpo para o meio do banco.

Expliquei à Gaby que a Karin tinha me ligado e que estávamos a caminho. O relato da notícia foi chocante. Saíram todos para um assalto e quando foram pegos teve um tiroteio, somente a Karin se safou, porque se rendeu, assim que os policiais apareceram. Os demais foram baleados e mortos. Meu corpo estremeceu, ao pensar nos meus pais ouvindo tal atrocidade. Afundei o pé no acelerador para chegar logo. *Eu preciso resolver essa "merda" antes que eles saibam.*

***

Uma emoção forte me dominou ao ver os olhos dos meus pais se encherem de lágrimas, quando entramos na sala. Foram surpreendidos. Karin fedia, parecia uma maltrapilha. Seu rosto estava tomado pela maquiagem escura, borrada. A roupa chegava a estar dura de sujeira. E mesmo assim minha mãe beijou cada pedaço do seu rosto.

Gaby e Nathan nos esperavam. Ficaram de tocaia na casa dos meus pais, garantindo que eles não veriam nenhum noticiário.

Beatrice acompanhou a Mary na visita aos pais, enquanto eu e o Otávio enfrentávamos uma delegacia abarrotada. O assalto teve uma repercussão grande, o que dificultou no pagamento da fiança. A sorte da Karin é que era ré primária, não estava com drogas e se rendeu.

Meus pais nem nos enxergaram. Carregaram a Karin para a suíte dela e só depois de

um longo tempo desceram para falar conosco.

Minha mãe caminhou até mim e enterrou o rosto em meu peito.

— Meu filho... — Chorou. — Eu te amo. Deus vai te recompensar. Não... — Olhou para a Beatrice e estendeu a mão. Beatrice foi puxada pela minha mãe para juntar-se a nós. — Ele já te recompensou. — Passou a ponta dos dedos no rosto da minha menina e beijou-a, carinhosamente.

Capítulo 22 – Inseguranças

— **ESTOU TE ACHANDO ESTRANHO** — analisei, abotoando os últimos botões da sua camisa. — Você está bem?

Ele pegou meus punhos e apertou com firmeza. O familiar toque autoritário fez minha respiração acelerar.

— Tem algo que deva partilhar comigo? — perguntou me fitando.

Do que será que ele está falando? Da mãe da Mirela? Do Gustavo? Nenhuma das duas coisas posso partilhar com ele. Estamos bem próximo do casamento e não sei se serei capaz de lidar com uma sessão de um Bryan descontrolado, deixando seu ciúme e possessão falar mais alto do que sua razão. Qualquer uma das duas coisas que eu compartilhar, colocará em risco minha decisão de ter uma vida a dois – com ele.

— Tem? — indaguei, segurando o lábio inferior com os dentes e içando as sobrancelhas.

Ele me soltou e se afastou. De costas pra mim ajeitou a camisa dentro da calça e escolheu uma gravata. Passou a gravata pelo pescoço e se aproximou do espelho.

Bryan fica mais alto e esguio em suas calças sob medidas e camisa branca. Estava de meias pretas, alinhando a gravata, e eu admirava seu reflexo, encostada no batente da porta do closet. Tem uma coisa curiosa que acontece comigo ao vê-lo se arrumar, uma excitação... Um calor... Uma intimidade que adquiri muito rápido.

Franzi a testa e limpei a garganta. Estava incomodada com o fato de ele estar distante, sem a habitual concentração – exclusiva – em mim. Sua mente estava em outro lugar. Dei alguns passos e o envolvi com os braços. Encostei o rosto em suas costas largas e funguei. O cheiro do seu perfume,

junto com o seu próprio, enviou um formigamento para o meio das minhas pernas.

Ele pegou em minhas mãos e a levou até os lábios, beijando a palma delas.

— Você respondeu minha pergunta com outra. — Colocou meu polegar na boca e ficou roçando os dentes nele. — Ainda está de lingerie, o que vai fazer hoje? Não vai trabalhar? — Nossos olhos cruzaram-se no espelho.

A sugestão de um sorriso adornou seus lábios, deixando-o incrivelmente sex.

Bryan vem se mostrando um novo homem, ou deixando o verdadeiro ressurgir. Há dias que não discutíamos por ciúmes ou por sua possessão descontrolada. Criamos uma rotina na terapia e, mesmo vendo um controle descomunal da parte dele, as sessões estão surtindo efeito.

Morando juntos e trabalhando no mesmo ambiente, durante o dia estamos nos policiando

para ficarmos distantes. O fato de a Mary ter ficado comigo por um mês, ajudou, pois deixou o Bryan mais seguro, por eu não estar sozinha. E acima de tudo, tratando dos assuntos do casamento.

Hoje é o último dia da Mary comigo. Faltam apenas sete dias... *Ufa! Estou com medo.* Não posso me acovardar, casamento é um passo muito importante. Tudo bem que, no mundo contemporâneo, as pessoas não deem tanta importância. Eu, todavia, continuo o encarando como para a vida toda – até que a morte os separe –, e o Bryan, apesar de ter tido seus momentos de “Bad-boy” e “Don-Juan”, é bem conservador.

— Vou sugar até o meu último dia de noiva, sendo paparicada pela madrinha. — Beijei suas costas. — Me promete uma coisa?

— Qualquer coisa meu anjinho. — Voltou minha mão para seus lábios e manteve-os abertos na palma dela. — Desde que não seja te colocar em

risco. — Sua expressão ficou séria. *Aí está meu Bryan, protetor!* — Do que você precisa minha gatinha manhosa?

Coloquei-me de frente com ele e afundei o rosto em seu pescoço, absorvendo todo seu cheiro.

— De você — provoquei-o, mordendo o lóbulo de sua orelha. — Totalmente... — Lambi. — E... Loucamente apaixonado por mim. — Eu estava na ponta dos pés e Bryan não esperou eu me esticar mais, me levantou encaixando-me em sua cintura. Andou comigo até o banheiro e me sentou na pia. Abriu minhas pernas e se colocou entre elas. Pegou meu rosto com as duas mãos. Encostou nossos lábios e ficou me encarando, com os olhos saindo faíscas.

— Não me provoque, sabe que tenho uma reunião e detesto atrasos — sussurrou, roçando nossos narizes. — Peça minha menina. — Beijou meus lábios. — Moverei o mundo para te atender.

E... — Invadiu minha boca com sua língua quente e macia. Colocou a mão na minha nuca e me apertou em seus lábios. Cruzei os braços em seu pescoço e saboreei aquele beijo sedutor. Soltei um gemido de insatisfação, assim que ele afastou sua boca da minha. — Já sou loucamente apaixonado por você. — Contornou meu rosto com o indicador.

— Confia em mim? — murmurei.

Ele deixou escapar um suspiro suave, e percebi a tensão que emanava do seu corpo.

— Sempre... — Tocou minha testa com a dele e me segurou firme pela nuca. — Só quero te proteger, mas nunca... Jamais, desconfiei de você.

Permanecemos naquela posição, por alguns minutos, assistindo nossas respirações ficarem descompassadas. Acariciei suas costas, sentindo o músculo quente e rígido sobre o tecido fino da camisa.

Seu celular apitou, anunciando uma nova

mensagem. Ele salpicou um beijo em minha testa e se afastou.

***

Expectativa e contentamento fluíram através de mim ao me olhar no espelho.

— Uau! Assim você vai matar o noivo na primeira noite de núpcias — brincou a Mary, entrando no provador da loja de lingerie. — "Puta que pariu" garota você tá gostosa pra "caralho"!

Fechei a cara e entortei os lábios.

— Por favor, Mary. Meu ouvido não é penico. Controle seu vocabulário — repreendi-a e me virei novamente, admirando o conjunto sex de lingerie – que estava comprando – para a minha primeira noite, como senhora Soutto. Um arrepio passou pelo meu corpo em pensar o quão próximo estava daquilo se tornar realidade.

— Acha mesmo que é apropriado? — perguntei, insegura com a minha escolha.

Espartilho transparente com uma sustentação em volta dos seios, deixando-os empinados; cinta-liga; meias sete oitavos – com barrado rendado; calcinha fio dental – minúscula e totalmente transparente na frente. Para completar o look: luvas três quartos de renda; “hobe” transparente – com as beiradas rendadas; tiara fina – com um véu curto de tule. Todos os itens na cor branca.

— Muito mais do que apropriado. Não sei se o Bryan vai aguentar “tarado” como é. Perigoso ele ter o enfarto que tanto teme — divertiu-se, sentando-se no pufe.

O provador da loja era quase do tamanho do meu quarto no meu apartamento. Mary estava aproveitando que o Bryan tinha liberado o cartão para ela. Só me levou em lojas de marcas famosas. Segundo ela foi instrução do meu noivo.

Sorri e enxerguei brilho nos meus olhos,

através do espelho, no momento em que pensei como meu homem reagiria.

— Chega de se admirar Trice, está linda pra "cacete". Temos que comprar os sapatos, então acelera o passo aí, vai. — Despejou as palavras em cima de mim e foi levantando-se. Chamou a vendedora e começaram a negociar o que eu levaria.

Estávamos no caixa quando meu celular apitou, avisando a chegada de um e-mail. Olhei no visor e estremeci.

> *"Empresário bem-sucedido de São Paulo, o "Rei das noitadas"- Bryan Soutto –, não passa, na realidade, de um assassino de bebês. – Clique aqui e veja mais detalhes. Não deixe de ir até uma banca e adquirir o nosso exemplar impresso."*

Um calafrio passou pela minha espinha. As

pernas viraram gelatinas. Dobrei os joelhos e me apoiei no balcão, colocando a mão na frente da boca. Náuseas, olhos turvos, boca seca, mãos frias, coração acelerado, respiração descompassada... De novo não... Dei alguns passos para trás e caí sentada no confortável sofá da loja.

— Meu Deus... Trice... Trice... Fala comigo... "Porra" — Mary chacoalhava meus ombros. — O que aconteceu? Trice... Trice... Vocês viram alguma coisa? Alguém pode me trazer um copo de água, por favor?

Senti uma toalha molhada sendo colocada na minha testa e meu corpo sendo levantado.

— Trice, abra os olhos, senão terei que chamar socorro. — A voz da Mary estava alterada.

Abri os olhos devagar e puxei com força o ar dos pulmões. Um nó gigante na minha garganta me impedia de falar. Meu rosto queimava de

vergonha. Tinham várias pessoas em volta de mim, inclusive o segurança da loja. Estavam apreensivos, sem saber o que fazer.

— Pessoal! Muito obrigada pela atenção, mas preciso que vocês se afastem. Ela está sufocando — pediu a Mary e me entregou um copo com água. Peguei o copo, com dificuldade, ele tremia em minhas mãos. Tomei toda a água em segundos, de olhos fechados. — O que aconteceu, Trice? — balbuciou, ajoelhada à minha frente.

Sem força de falar, peguei o celular e mostrei a tela, a ela. Ela deu uma olhada e meneou a cabeça.

— “Filha da puta, vaca do caralho” — praguejou baixinho. — Se eu pegar essa “puta” eu quebro a cara dela. Nem se o “Ivo Pitanguy” estivesse vivo, consertaria aquela “fuça nojenta” — continuou praguejando, não se importando com quem estava ouvindo as ferocidades que falava.

Tirou o celular da minha mão e me puxou, pra cima.

— Vamos, levanta essa bunda daí. Não vou deixar aquela "vaca" estragar nosso dia de compras. Bryan fez a "merda", Bryan resolve a "merda" — resumiu, fazendo uma careta.

Eu mal fiquei em pé, meu celular vibrou na mão dela. Mary olhou o visor e revirou os olhos.

— Bryan começando a resolver a "merda" — ironizou, me entregando o telefone. — O que é? Vocês se comunicam por telepatia ou ele está te seguindo? — continuou, agora, criando teorias sobre o momento em que o meu noivo decide me ligar.

— Oi — atendi, minha voz quase não saiu. Controlei-me ao máximo para ele não perceber meu estado crítico. Conhecendo bem meu noivo, sairia correndo para vir me buscar. E o pior, colocaria todo mundo louco, com sua superproteção

desmedida.

— Ei... Que oi foi esse? O que aconteceu? Onde você está? Está tudo bem? Beatrice fala comigo. Cadê a Mary? Deixa-me falar com ela, agora — disparou a falar, sem me dar tempo de responder. Estava parecendo um maluco. Cheguei a pensar que a teoria da Mary estava certa. Muita coincidência, ele me ligar naquele momento e, somente por um oi, fazer um escarcéu daqueles.

Minhas forças ainda não tinham voltado. Eu continuava igual a uma gelatina. Se eu tentasse falar com ele, só pioraria a situação, começaria a chorar no ato. Passei o telefone para a Mary e voltei a me sentar.

— Fala Bryan. — Mary estava “puta” da vida. Eu sabia que se ela pudesse voaria no pescoço dele, afinal, ele era o culpado por todo aquele transtorno. Ela nem se preocupou se ele não gostaria do seu tom de voz. Estava totalmente

agressiva. Ouviu algumas coisas que ele disse e respondeu na mesma intensidade:

— Ela recebeu a “porra” de um e-mail com a notícia que a sua ex fez questão de espalhar para o mundo. — Aguardou novamente ele falar. — Como eu vou saber Bryan? — Olhou para mim e perguntou. — Por que você recebeu esse e-mail? — Levantou as sobrancelhas.

Dei de ombros.

— O “Google” me avisa tudo o que sai sobre o Bryan. — Franzi a testa. — Google alerta, não conhece?

— Ouviu Bryan? Então, alguma das vantagens de ser casada, por quinze anos, com um nerd dos computadores — provocou o Bryan. E ouviu-o falar novamente. Afastou um pouco o celular da orelha, entortando os lábios. Bryan falava tão alto que eu quase conseguia entender o que falava com ela. — Tá...tá... ok... Estraga

prazeres. Só faltam os sapatos. Já levo ela de volta. — Ouviu novamente. — Bryan, estou indo embora hoje, não vou, sem antes comprar os sapatos. Se você vier até aqui, te dou um chute na bunda, "cara", ela já está bem. — Terminou de falar e me entregou o telefone, de volta.

Encostei o celular na orelha e ouvi a respiração alterada do Bryan.

— Estou bem — balbuciei.

— Meu anjinho, não era para você saber dessa maneira. Não pode se preocupar com as "merdas" que soltam na mídia. Você sabe que não é da maneira que eles colocam. — Claramente Bryan estava se controlando. Eu sabia que, por ele, estaria esmurrando a cara da Alicia. Só tentava ignorar os fatos para me poupar.

— Tudo bem — ponderei e dei um longo suspiro.

— Promete que não vai demorar? —

suplicou.

— Prometo — sussurrei.

— Eu te amo... Não se esqueça disso – nunca. — Suspirou. — Mais que tudo. Você sabe, não sabe?

— Eu também. Não vou demorar. Beijos.

Levantei os olhos e encontrei uma Mary emburrada, com os braços cruzados no peito.

— Não é mais a mesma, deixa ele fazer o que quer com você. Tss-tss. Vamos — retrucou, balançando a cabeça, virou as costas e saiu da loja.

***

Assim que coloquei os pés pra dentro da sala do Bryan, ele levantou-se e veio ao meu encontro. Otávio, que estava em pé, virou-se e tratou de se retirar da sala, fechando a porta e nos deixando a sós.

Bryan, rapidamente, passou por mim e trancou a porta. Abraçou-me pelas costas, tirou

meus cabelos do ombro e beijou logo abaixo da minha orelha. Abaixou a alça do meu vestido e começou a beijar meu pescoço e ombro. Contorci-me e soltei um gemido de satisfação.

— Você sabia? — inquiri, sentindo-me traída novamente.

Sem responder minha pergunta ele se colocou a minha frente, voltou à alça do meu vestido para o lugar, colocou meus cabelos atrás da orelha e beijou a ponta do meu nariz.

— Vem aqui. — Pegou minha mão e me carregou até sua mesa.

Acionou as persianas e sentou-se. Bateu a mão na perna, convidando-me a sentar-me. Mesmo chateada, com o fato de ter certeza de que ele já estivesse preparado para a notícia que tinha saído. Aconcheguei-me em seu colo. Envolvi o corpo dele com meus braços e funguei seu pescoço.

— Por que você está sempre me

escondendo as coisas? — choraminguei.

Bryan deu um longo suspiro e me apertou contra seu corpo. Apoiou o queixo na minha cabeça e ficou em silêncio por alguns instantes.

— Fiquei apavorado quando soube que teve outro ataque de pânico — disse, entre os dentes trincados.

Tentei levantar a cabeça e olhar nos olhos dele, para perguntar como que ele soube. Bryan me segurou, mantendo-me no mesmo lugar.

— Odeio pensar que eu fui, mais uma vez, o responsável — admitiu e levantou meu queixo com o indicador. Tocou minha testa com seus lábios entreabertos e permaneceu ali por um tempo, como era seu costume. Pareceu-me uma eternidade. Desde cedo ele estava estranho e agora eu sabia o motivo. — Tudo o que eu tenho tentado fazer, nos últimos meses, foi te proteger, e o que eu consigo? — Balançou a cabeça, desviou o olhar e passou a

mão pelos cabelos.

— Se tivesse me preparado eu não seria pega de surpresa — argumentei, pegando em seu queixo para que olhasse em meus olhos. — Por que não me disse nada?

— Não queria estragar sua felicidade, estava tão empolgada com as coisas do casamento e a presença da Mary — declarou, com uma expressão de decepção.

Virou a cadeira giratória para trás, empurrou-a com os pés, para se aproximar do móvel com várias gavetas. Abriu uma delas e tirou uma caixa de dentro, entregando-a em minhas mãos.

Ergui as sobrancelhas e o encarei. Ele deu de ombros e fez um sinal para eu abrir. Meu coração deu uma breve falhada, quando eu vi o conteúdo da caixa. Como se tivesse em chamas – joguei-a para longe – espalhando as fotos pelo

chão. Coloquei a mão em frente à boca e senti minha garganta se fechando.

— Shiiiii... — me confortou, puxando-me de volta para o seu peito. Bastou esse gesto para as minhas lágrimas inundarem a camisa dele. *Covarde! Fracote!*

O ódio passou pelas minhas veias. Não sei dizer se mais de mim ou da Alicia. Queria ser forte o bastante para pegar o elevador e ir até lá, falar poucas e boas a ela. Dizer que era uma invejosa, que nunca mais teria o Bryan. Que tudo aquilo iria passar e eu continuaria com ele, enquanto ela só teria exposto, gratuitamente, sua vida pessoal. Queria ser "mulher" para enfrentá-la e não desmaiar todas as vezes que fosse encostada à parede. Ser diferente. Forte. Corajosa. Destemida. Queria... *Ah... Como eu queria ser suficiente para o Bryan.*

Um medo tomou conta de mim, comecei a

tremer, meus lábios mal conseguiam ficar parados. Os soluços ficaram descontrolados. *Não posso... Não posso... Ele não vai me aguentar... Pietro não era desejado e popular, por isso me aguentou. O Bryan não vai aguentar, ele se comportou completamente diferente, hoje. Ai Meu Deus!*

Levantei correndo do seu colo e fui ao banheiro da sua sala. Ajoelhei-me e coloquei tudo pra fora, no vaso sanitário. Senti as mãos de o Bryan segurarem meus cabelos e som de sua voz, aflita:

— "Porra... Porra... Porra... Aquela filha da puta", eu vou matar ela — praguejava sem parar. Ajoelhou-se atrás de mim e me abraçou. Beijava continuamente minha nuca. — Meu anjinho não faz assim, está me matando – aos poucos. — Me levantou com cuidado. Pegou o enxague bucal, colocou a quantidade certa na tampa e me entregou. Fiz a higienização da minha boca, sem olhar para

ele, com vergonha.

— Ainda está em tempo — balbuciei, limpando a boca com as costas das mãos.

Ele me encarou pelo espelho e franziu a testa.

— Do quê? — indagou – taciturno.

— De desistir — murmurei, sem encará-lo. — Eu sou muito fraca, por mais que eu tente, não consigo. — Respirei fundo. — É mais forte do que eu — resmunguei.

Bryan me virou de frente para ele, pegou em meus ombros e me fez olhar em seus olhos.

— Está insinuando que eu esteja arrependido? Que essas fotos mexeram comigo? Que tudo isso é por sua causa? — entornou as perguntas em cima de mim, com a expressão mais desesperada de todas que eu já tinha visto. — Responda, Beatrice! Você enlouqueceu? Já não passamos dessa fase? O que é? Está regredindo? —

Chacoalhou de leve meus ombros e puxou o ar dos pulmões, com força. Começou a morder a parte interna das bochechas, controlando sua raiva, enquanto me encarava, esperando respostas.

As lágrimas voltaram a cair pelo meu rosto. Minha voz não saia. O cérebro parecia um liquidificador, uma mistura de sentimentos – total. Fechei os olhos e busquei uma força anormal para responder.

— Estou confusa — declarei, com o meu coração pulsando nos ouvidos.

Ele se afastou, um pouco, passou as mãos pelos cabelos e balançou a cabeça, indignado.

— Eu não ouvi isso. Vou sair um pouco... "Caralho" — resmungou. — Agora eu é que preciso de espaço. — Virou as costas e me deixou sozinha.

Covarde... Fracote... Ele tinha razão, eu nunca terei coragem pra nada nessa vida. Estou

condenada a ser infeliz.

— Fica de quatro sua "puta" — gritou na minha orelha.

— Eu não aguento mais, por favor — gemi, desesperada, já sentindo a dor me tomar.

— Faz-me rir, anda logo "vadia". — Me encolhi no canto do quarto e balbuciei:

— Hoje não.

— Como é que é? Vai fazer o quê? Chamar a polícia? Você é uma covarde – nunca vai ter coragem... Fracote... Ahahaha... Chega a ser cômico! — Me pegou com força pelos braços e me jogou na cama. Levantou meu vestido e puxou minha calcinha pra baixo. A dor veio logo em seguida, me cegando.

— Você é um idiota Bryan! — Ouvi de longe a Mary gritando. — Como foi capaz de deixar ela sozinha? Eu não acredito! O que deu em

você? Vem aqui olhar onde ela está...

O chão frio do piso do banheiro latejava embaixo de mim. Eu estava em posição de feto, em um canto do banheiro e balbuciava:

— Hoje não... Hoje não... Por favor, hoje não...

Bryan deu um pulo em minha direção e me pegou no colo. Levou-me até o sofá da sua sala. Eu não conseguia olhá-lo, não sabia o que estava passando por sua cabeça. O pânico me tomou de tal maneira que eu só queria ficar sozinha. Bryan tirava meus braços dos meus joelhos e eu os abraçava novamente, me balançando pra frente e pra trás.

— Hoje não... Hoje não... Por favor, hoje não...

— Meu Deus... Beatrice fala comigo. — A voz do Bryan estava embargada e seu rosto lavado de lágrimas.

— Saia daqui, agora — gritou a Mary. — Chama o Ethan, por favor, anda Bryan, saia. — Pegou ele pelos braços e o puxou.

Sentou-se a minha frente e tentou tirar novamente meus joelhos do meu peito. Agarrei-os com mais força.

— Hoje não... Hoje não... Por favor, hoje não... — A dor me consumia. Eu queria, como eu queria, que aquilo tudo sumisse da minha mente. Nada estava conseguindo empurrar para longe, estava impregnado em mim. Continuava balançando em minha mente e corpo – para frente e para trás.

— Jesus Amado, o que aconteceu com ela? Bryan seu imbecil o que você fez? Eu vou quebrar a sua cara — Ethan foi para cima do Bryan e o empurrou com força. — Saiam daqui os dois, eu preciso trazer ela de volta. Meu Deus ela está em choque.

Ethan se aproximou de mim e me abraçou. Puxou-me para o seu colo, e começou a sussurrar no meu ouvido:

— Acabou lindinha, acabou, foi há muito tempo, ele nunca mais vai se encostar em você. Estou aqui Trice, fala comigo, por tudo que é mais sagrado nessa vida, fala comigo. — Tirou um braço e depois o outro. Esticou um joelho e depois o outro. Colocou meu rosto entre suas mãos e olhou dentro dos meus olhos. — Sou eu, Ethan, fala comigo. Eu prometo que chuto as bolas do Bryan, por ter deixado você chegar nesse estágio. Fala comigo lindinha. Vamos... — Respirou fundo. — Só que se eu chutar as bolas dele, pode ser que ele não funcione mais, é isso mesmo que você quer? — A sombra de um sorriso surgiu no canto dos seus lábios.

Senti a tensão do meu corpo saindo. Meus ombros foram ficando mais leves. Abracei o

pescoço do Ethan e afundei o rosto nele.

— Ele não vai querer mais se casar comigo, o que vou fazer agora? Por que você deixou eu me apaixonar? Eu queria seguir seu conselho e só me divertir, olha no que deu — murmurei.

— Você bebeu? — Me fez levantar o rosto e olhar para ele. — Cheirou cocaína? — Franziu a testa. — Não tem outra explicação para a idiotice que acabou de falar. De onde tirou isso, sua "maluca"? Só pode ter sido dessa sua cabeça lesada. Nunca vi alguém mais desesperado para se casar do que o imbecil do seu noivo.

Capítulo 23 – Recompensa

— O QUE DEU EM MIM, “PORRA”? COMO EU PUDE? Recuei vários degraus. “Caralho” estou “fodido” uma semana para o casamento e eu ajo como um moleque.

Andando de um lado para o outro e quase arrancando os cabelos, na sala do Otávio. Tentava entender o que tinha dado em mim para deixar a Beatrice sozinha naquela condição.

— Como eu pude? — resmungava sem parar. — Falta apenas uma semana “cara”. Ela vai recuar, tenho certeza. Estou “fodido” “meu” — praguejei e me joguei na cadeira. Coloquei os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. — Não consegui trazê-la de volta, eu não consegui — balbuciei, completamente frustrado. — Ela vai querer ficar com o Ethan, dá última vez foi assim. Beatrice disse que só ele a entendia. O que eu faço?

"Porra... Porra... Porra"! — Soltei uma lufada de ar e continuei: — Não estou conseguindo lidar com isso "cara". Um dia ela vai para a casa dos pais do ex-marido, no outro tem ataque de pânico e somente o "irmão" consegue a consolar. Eu detesto isso, preciso de controle.

Meu dia começou uma "merda". Por mais que eu tentasse controlar minha frustração, em saber que, Beatrice estava ocultando algumas coisas, e que Alicia exporia nossas vidas, foi impossível. Beatrice logo percebeu.

Fiz a reunião com minha equipe, em seguida atendi um cliente em potencial, foi o que me desfocou dos incômodos.

Antes mesmo de me sentir aliviado, meu telefone tocou:

— Senhor Bryan. — Caio estava aflito, na linha.

Como de costume, estremeci.

— O que aconteceu Caio? — bradei e me levantei. Com toda a certeza era algo com a Beatrice. Comecei a andar pela sala.

— Acredito que a senhorita Beatrice está tendo uma crise de pânico — falou e limpou a garganta. — Pelo menos olhando de longe é o que está me parecendo. O senhor me disse para ligar quando acontecesse qualquer coisa incomum e...

Interrompi-o.

— Obrigado Caio, estou ligando para ela agora.

Fiz a ligação e tomei o maior cuidado para não parecer que eu sabia de algo. Fui pego de surpresa, quando tomei conhecimento do motivo do seu pânico. Achei que eu teria tempo de conversar com a Beatrice, mostrar as fotos antes que ela visse

na mídia. Falei com a Mary e pedi que me trouxesse a Beatrice de volta, precisava cuidar dela, esclarecer as coisas.

Enquanto Beatrice não chegou, minha concentração ficou uma “merda”. Otávio buscava um meio de tirarmos as fotos da internet quando Beatrice adentrou, com uma aparência péssima, claramente abalada.

Minha menina é muito esperta, pela minha cara, soube que eu estava a par da situação. Senti-me um lixo. *Só pioro as coisas.*

Com ela em meus braços, buscava uma maneira de consertar aquilo. Foi quando tive a pior ideia de todas. *Como pude?* Vendo a Beatrice vulnerável, ainda se recuperando de uma crise de pânico, coloco em seu colo todo o meu passado. *Você é muito burro Bryan!*

Eu não me contentei em cometer um erro só, investi pra valer na minha burrice. Fiz questão

de cometer uma sequência deles. Ainda estou tentando entender o que passou pela minha cabeça. Provavelmente fui drogado sem perceber. *É muita burrice minha!*

— Bryan — Otávio chamou minha atenção, puxando a cadeira e sentando-se a minha frente. — Detesto ser o "cara" chato, mas... — Respirou fundo. — Se lamentar não resolve seu problema. Tem que ir lá e recuperar o seu lugar "meu". Vai deixar o Ethan resolver isso? E depois? Quando estiverem casados? Ela vai correr para os braços do irmão?

— Nem "fodendo" — resmunguei abafado. — O idiota nem é irmão dela — protestei. — Ela não me quer — murmurei.

— Como você sabe? Nem tentou. Acorda Bryan! — advertiu, estalando os dedos no meu rosto. — Deixa de ser "bundão"! Não estou gostando nada desse seu lado "cara". Levanta esse

“rabo” daí. Vamos — me repreendeu se levantando e me puxando junto.

Mary estava na porta da minha sala, com os braços cruzados no peito e a “carranca” fechada. Parei em frente a ela e levantei as sobrancelhas, com as mãos nos quadris, ameaçando-a. Ela empinou o queixo e fechou mais ainda a cara.

— Vai sair ou ver ter que te tirar? — intimidei-a.

— Só saio daqui quando o Ethan disser que ela está bem — comunicou, sem se mover.

— Você não quer conhecer meu lado agressivo, eu garanto isso — avisei e peguei em seu braço, com força. — Como prefere? Por bem ou a força?

Mary puxou o braço e saiu da frente.

— “Idiota, ogro” — resmungou.

Fitei bem seus olhos e alertei-a:

— Eu continuo sendo seu chefe, controle-se — comuniquei e abri a porta.

Eu tentei, eu juro que tentei, porém, meus nervos estavam à flor da pele. Tudo estava contribuindo para eu explodir. Quanto tempo eu teria que “engolir sapo”?

— QUE “PORRA” É ESSA BEATRICE? — gritei de braços abertos.

Ela levantou o rosto do pescoço do Ethan e me olhou assustada. Os olhos inchados e vermelhos. Abriu e fechou a boca, várias vezes, sem conseguir falar.

— “Caralho” Ethan, tira minha menina do seu colo — mandei e me inclinei para pegá-la. — Não dava para você conversar com ela sem ser no seu colo? — bradei e respirei fundo, umas três vezes. Meu coração estava disparado. Coloquei a Beatrice no sofá e encarei o Ethan. — Agora chega, pode ir trabalhar, eu assumo daqui.

— De nada — retrucou. Continuou falando, por cima dos ombros, enquanto saia da sala. — É sempre a mesma coisa, você faz a merda e eu conserto. E o que eu ganho? Grosseria — reclamou. — Tss-tss, imbecil — murmurou.

Pensei em sair e ter uma conversa séria com ele e a Mary, porém, minha missão era outra, não podia desviar o foco.

Parado em frente à Beatrice, não sabia se a pegava no colo ou se a jogava em cima da mesa e "fodia", até cansar. *Eu sei... Sou um imbecil... O que eu posso fazer? Todas as vezes que fico nervoso preciso estar dentro dela.*

Ela me olhava desconfiada, mordendo o lábio inferior. Um silêncio perturbador se instalou entre nós, por um tempo – que pareceu muito longo. Nenhum dos dois sabia como quebrá-lo. Balancei a cabeça, desviando o olhar e sentei-me ao lado dela. Pensar que estava tudo tão bem e, que, de

repente, tem que começar tudo de novo, detonou com todos os ligamentos dos meus nervos.

Beatrice baixou o olhar e manteve as mãos em seu colo, apertando-as. Cuidadosamente peguei a mão dela e coloquei em minha perna, sustentei a minha em cima da dela. Cruzei nossos dedos e decidi acabar de vez com aquele desconforto insuportável. Peguei em seu queixo e a virei pra mim.

— Você ainda me quer? — Foi à primeira coisa que saiu da sua boca. Sua voz estava rouca e baixa.

Franzi a testa e balancei a cabeça.

— Como assim? O que foi que eu fiz para você achar que eu não te quero mais? — perguntei, completamente perdido. *O que deu nela?*

Eu achando que ela não me quereria mais, por ter sido “vacilão” e ela me vem com uma pergunta maluca dessas.

Ela deu de ombros e fez um bico com o lábio inferior.

— Você está estranho. — Suspirou. — Me largou sozinha no banheiro — sussurrou.

— Desculpe-me, é que... — Passei as mãos pelos cabelos. — Você disse que estava confusa, eu surtei — confessei. — Não suportaria se desistisse de se casar comigo.

Beatrice esticou o braço e acariciou minha barba. Inclinei a cabeça e apoiei o rosto na palma da sua mão. Ficamos nos olhando, enxergando as nossas almas. Ela veio até mim e encostou seus lábios nos meus, sem desviar o olhar.

— Perdão — suplicou baixinho.

— Pelo quê — contestei.

— Eu tenho certeza absoluta de que quero passar o resto da minha vida com você. Não devia ter dito que estava confusa. Na verdade... — Fechou os olhos e estreitou os lábios. — Estava

confusa se você me queria — declarou, olhando para baixo.

— Meu Deus... Meu anjinho... Nunca... — Puxei-a para o meu colo, encaixei suas pernas em minha cintura e a abracei com força. — Eu sei que hoje eu vacilei, mas, eu nunca deixaria você ir, nunca... — Terminei de falar e levantei seu queixo. Os lábios carnudos da minha menina foram como imãs.

Encostei nossos lábios e foi mais forte do que eu. Encaixei minha mão em sua nuca e a apertei contra minha boca. Um duelo de línguas teve iniciou. Senti o sabor adocicado da sua boca, a maciez dos seus lábios e o calor da sua língua. Percorri todos os espaços, enquanto o meu polegar desceu até os seios – redondinhos. Os bicos estavam entumecidos. Um vestido de alça ajuda muito nessas horas, principalmente quando não tem um sutiã no caminho.

Desci uma alça e logo após a outra. Tirei a mão da sua nuca e abracei os dois seios expostos. Os polegares provocavam os bicos incessantemente. Tirei meus lábios dos dela, arrancando um gemido de reclamação. Comecei a beijar o maxilar, o queixo, o pescoço e cheguei ao meu destino inicial. Lambi no meio dos seios.

— Bryan... A Mary está na porta — avisou-me, ofegante.

— "Foda-se" — murmurei. — Como eu não vi você saindo com esse vestido facinho? — Circulei um bico com a língua. — Espero que nenhum homem tenha ficado muito perto. — Ataquei o outro bico. — Passou o dia sem sutiã? — Segurei-o com a ponta dos dentes, causando um tremor pelo corpo dela. Levantei o olhar e sorri, ainda com o bico do seu seio preso nos meus dentes.

— Dói sabia? — disse, com um ar

divertido.

— Quer que eu pare? — aticei. Ela só meneou que não com a cabeça.

Meu controle estava se esvaindo. Esforcei-me mais do que imaginei que conseguiria. Antes da Beatrice, descarregava todas as minhas frustrações nas noitadas, bebendo e “fodendo”. *Meu anjinho merece coisa muito melhor.* Meu lado animal estava me enfraquecendo. Sentia a pele queimar e o “pau” latejar. Os músculos das pernas doíam de tanto que eu os comprimia.

Os gemidos de prazer que ela soltava fez a onda de calor do meu corpo se intensificar. Meu desejo escapou de mim em forma de grunhido. A respiração acelerava a cada investida da minha boca em sua pele.

— Preciso estar dentro de você — disse, com voz rouca. Detestando o fato de precisar comunicar algo que já é direito meu. — Me deixa

ter você, agora — supliquei com os lábios grudados em sua orelha.

— Só faremos sexo no sofá da sua sala daqui pra frente? — indagou, com uma sobrancelha levantada.

Sexo? Ela tem razão, é o que tenho feito. Preciso me controlar, mas... Como? Fiz uma concha com a mão e peguei em seu queixo, levantando-o.

— Eu nunca faço sexo com você, minha menina — sussurrei e roceis nossos narizes. — Te recompenso, prometo. Que tal jantarmos fora? Hum? O último jantar, solteiros?

— Está me comprando? — Estreitou os olhos e entortou os lábios, divertindo-se com a situação.

Meu tempo foi curto. Levantei os olhos e vi a pedra do meu sapato em pé, atrás da Beatrice. Beatrice levantou as alças do vestido e arrumou a

postura rapidamente.

— Vocês são muito engraçados, para não falar retardados — atacou a Mary. — Estou igual a uma palhaça na porta, esperando a doninha aí... — Apontou com o indicador para a Beatrice. — Se recuperar, e quando resolvo entrar, o que eu encontro? Faça-me o favor né, Trice! — Bufou e colocou as mãos na cintura. — Saia de cima do seu “ogro” e vem se despedir de mim. Estou indo embora. Deixar tudo em ordem em Santos, para os “dondocos” se casarem. — Balançou a cabeça indignada. — Que patético! — Virou e foi saindo.

Entreolhamo-nos, encolhendo os ombros e segurando o riso.

***

A vista de onde sentamos, no “Terraço Itália”, era perfeita. Liguei em cima da hora para fazer a reserva, ainda assim consegui um lugar

privilegiado na “Sala Panorama” – *algumas das vantagens de ser conhecido na cidade.* O “Terraço Itália” é um dos melhores restaurantes da cidade. Sua fachada toda de vidro nos permite ter a melhor visão da cidade.

Alicia expôs nossas vidas e o que conseguiu? Constituiu inimigos, pois, a primeira coisa que o “Maître” nos disse foi:

— Linda sua noiva senhor Bryan, agora entendo o motivo da senhorita Alicia estar tão enfurecida. — Foi até a Beatrice, pegou em sua mão e beijou o dorso. — Seja bem-vinda. Não se deixe abalar por notícias de tabloides baratos, as pessoas que acompanham esse tipo de mídia não são do mesmo nível que o seu. — Afastou a cadeira e fez um gesto, de um perfeito “gentleman”, para que ela se sentasse. Assim que Beatrice sentou-se, nos entregou o cardápio e sugeriu. — Nosso chefe está com um prato especial hoje. Posso apresentar a

vocês?

Acomodei-me na confortável cadeira, estiquei o braço e peguei na mão da minha noiva, em cima da mesa. Por alguns minutos, fiquei admirando-a. Escolhemos o que vestir, juntos. É um dos melhores benefícios em compartilhar sua vida, principalmente com o amor, que você nunca imaginou que existisse.

No closet, posso aproveitar todos os pedacinhos da minha conquista, sem ser interrompido. Cada peça uma carícia, cada gesto um beijo. Momentos únicos de um casal apaixonado, que ficam registrados para sempre. Beatrice colocou um vestido branco, de um tecido fino, acinturado, saia rodada – com o barrado de renda. Completou com um blazer rosa claro. A noite paulistana costuma ser fresca, principalmente por estarmos entrando no outono. Calçou sandálias altas, fez uma maquiagem leve e deixou os cabelos

soltos. Eu estava com uma calça slim de sarja na cor creme, uma camiseta gola V, cinza, e um blazer grafite.

Os olhos da Beatrice brilhavam e o encantamento estampava sua feição. Era a sua primeira vez, ali. Meu ego elevou-se, em pensar que eu era o responsável por aquele momento. Ela abriu um sorriso tímido, formando as lindas covinhas que me desestabilizam.

— É maravilhoso — balbuciou.

— Claro que pode nos apresentar — respondi educadamente ao "Maître". Levantando o olhar.

O ambiente de um requinte total. Luzes amareladas e baixas. Um recipiente de acrílico – quadrado, ao meio da mesa, com uma vela acesa e um vaso com flores frescas, ao lado, dando um toque romântico. Estar acima dos prédios da cidade que nunca para, faz nos sentirmos invencíveis. A

noite estava maravilhosa. O céu onde poucas vezes conseguimos ver as estrelas – estava nos agraciando com a presença de várias delas. São Paulo vista de cima é algo impagável.

Aceitamos a sugestão do “Maître”. A entrada foi: berinjela a parmegiana, junto com uma salada de camarão e “quinoa” ao perfume de azeite de oliva. Como prato principal: arroz italiano com cogumelos e escalope de vitelo ao limão. Um vinho tinto completou nosso jantar.

Passamos momentos únicos a 165 metros de altura, vislumbrando a cidade brilhando, com as luzes dos prédios. Ao som de um lindo piano, ao fundo. *“Uma festa aos olhos e ao paladar” – Terraço Itália.*

***

— Bryan... Jesus... Estamos no elevador — murmurou, tentando me empurrar.

Eu tinha chegado ao limite. O “pau” estourava dentro das calças. Encurralei-a contra a parede do elevador, do meu prédio, e levantei seu vestido até a cintura.

— Esse elevador é privado — lembrei-a, mordendo seu pescoço. — Só da cobertura — concluí.

— Eu sei... Ai... Pa...ra... Não vou conse... guir olhar para o portei...ro.. — Estava difícil para ela completar seu raciocínio. Minhas mãos percorriam seu corpo, por baixo do vestido, e minha boca investia na entrada dos seios. — Bryan... Por Deus... Tem câmera aqui — emendou, ofegante.

— Ninguém vai ver nada, não vou deixar nenhum pedacinho seu de fora, só uma parte minha dentro de você — comuniquei, com a respiração pesada.

— E se eu disser não? — me provocou,

puxando minha cabeça para trás, pelos meus cabelos.

— Você não vai. — Peguei em sua nuca e trouxe seus lábios até os meus. Lambi o lábio inferior e olhei dentro dos seus olhos. — Você nunca mais vai conseguir dizer não para mim. — Esfreguei minha ereção nela e puxei uma perna dela, encaixando-a em minha cintura. Contornei a borda interna da calcinha, melando meu dedo. — Sem joguinhos — sussurrei. — Está adorando ser encurralada por mim — me gabei, com um sorriso lascivo nos lábios.

Arrastei sua calcinha pelas pernas, até estarem no chão. Espalmei seu sexo e brinquei no clitóris, com o polegar. Beatrice se contorceu e apertou meus ombros. Subi a outra mão e apertei seu mamilo entre o indicador e o polegar. Um gemido alto escapou do fundo da sua garganta e sua cabeça pendeu para trás. Tirei vantagem do

pescoço exposto e lambi dali até o queixo.

— Vou te "comer" até você gritar — alertei, com a voz rouca.

A entrega total foi no momento que introduzi um dedo em seu sexo. As pernas dela amoleceram e o seu rosto enterrou-se no meu pescoço. Fiz alguns movimentos de vai e vem e, quando senti mais acessível, introduzi outro. Nesse momento ela praticamente gritou.

— Acho que nem vou precisar te "comer", para você gritar — diverti-me.

Segurei em seu queixo e a fiz me olhar nos olhos.

— Agora eu vou te "foder" de uma maneira que você nunca mais vai querer o Ethan para te consolar, está me ouvindo? — Sem soltar seu queixo, desci a outra mão e abri os botões e zíper da calça. — Coloque a outra perna na minha cintura — ordenei e tirei o "pau" latejante pra fora.

Beatrice obedeceu a todos os comandos, com os olhos cheios de luxuria. Cada investida minha, engolia em seco e fechava os olhos.

Adentrei em seu sexo apertado e senti um tremor. Nossas respirações estavam erráticas. Os corações disparados e nada conseguiria acalmá-los. Apertei-a mais ainda contra a parede e não poupei esforços nas investidas. Coloquei as mãos em sua bunda, mantendo seu corpo na posição certa para eu atacar.

— “Caralho” — resmunguei. — Você é gostosa demais, “porra”.

Penetrei com mais força a preenchendo por inteira, arrancando todo o ar dos nossos pulmões. Levei uma mão até o meio das suas pernas e iniciei movimentos circulares no clitóris. Gemi e estoquei mais uma vez, mais outra, mais outra... até ouvir um grito engasgado da minha menina.

— Vou “go...zar...” Bryan... Oh... Deus! —

Encravou as unhas nas minhas costas e mordeu meu ombro, abafando o grito.

— "Goza" delícia, quero sentir você apertar meu "pau" com seu sexo — grunhi. — Grita... Vamos... Quero ouvir você gritar — aticei. Mal terminei de falar, senti meu corpo entrar em colapso. Uma onda de calor passou por mim e estremeci. A visão ficou turva e senti todos meus músculos relaxarem. Um prazer indescritível, levando embora toda a "merda" dos últimos dias. Meu líquido quente foi despejado dentro da minha menina.

— V.O.C.Ê É M.I.N.H.A — enfatizei, pausadamente. — Entenda de uma vez por todas... Nada de Ethan "PORRA" — completei, totalmente exalto.

Continuei dentro dela, com alguns espasmos em nossos corpos e meu "pau" pulsando. Ondulei os quadris, com o propósito de arrancar

todo o prazer dos nossos corpos. Enchi a boca da minha menina de beijos, enquanto gemia e girava os quadris. Encostei a boca em seu pescoço e o chupei, com ímpeto, me sentindo um “filho da puta” adolescente.

Saí lentamente de dentro dela e meu líquido escorreu pelas suas pernas. Abri um sorriso satisfeito.

— “Caralho” adoro te melecar e te marcar — confessei descaradamente. Por mim, ela nem tomaria banho, dessa maneira não deixaria nenhuma dúvida de que ela é só minha.

— Machista — reclamou. — Pensa que é bonito eu entrando de noiva com um chupão no pescoço? — repreendeu-me, passando a mão no pescoço.

Já fazia um bom tempo que o elevador tinha parado na cobertura e a porta estava aberta. Não impedindo de eu me satisfazer.

Beatrice olhou para cima, em direção a câmera e fez uma careta.

— Vou me certificar de não passar pela portaria por um bom tempo. — Abaixou-se para pegar a bolsa, que tinha caído da sua mão e quando foi pegar a calcinha, impedi.

Apanhei a calcinha e a trouxe até o nariz. Dei uma fungada e pude sentir o cheiro da excitação dela.

— Essa fica comigo. — Embolei a calcinha e guardei no bolso do blazer.

Estávamos saindo do elevador, peguei-a pelas costas, levanto-a do chão e grudei meus lábios em sua nuca.

— Essas foram só as preliminares — incitei e passei a língua logo abaixo da sua orelha. Ela deu uma encolhida no corpo e soltou um gemido.

— Insaciável — brincou.

— Eu te amo — sussurrei. — Nunca vou

me saciar de você.

Capítulo 24 – Uma Condição

— **São só quatro dias, Nestor...** Quatro malditos dias — pronunciou Alicia, sentindo-se tomada por desespero.

O anúncio do casamento do Bryan saiu no dia seguinte da notícia que Alicia tinha soltado na mídia. Mais uma vez o tiro saiu pela culatra. Fotos do Bryan e da Beatrice estampavam as capas das revistas mais conceituadas, anunciando: *"A Redenção do Rei das Noitadas"*.

O casal foi entrevistado, Bryan se desculpou pelo deslize do passado e assumiu a sua esterilidade. Fez uma declaração de amor a sua noiva e confessou que ela entrou em sua vida como um anjo e o redimiu. A exposição do casal encobriu o que foi noticiado nos tabloides baratos.

— Eu te avisei "porra" — gritou Nestor, perdendo a compostura. — Não sei porque criou

expectativas com àquela porcaria de notícia. E agora? — Sentou-se e jogou a cabeça no encosto do sofá. — Estamos “fodidos” — murmurou. Nestor não tinha o hábito de falar palavrões, porém, seu sistema nervoso estava em estado de alerta.

Alguma atitude eles teriam que tomar, com urgência. Bryan, casando-se com a Beatrice, tudo se complicaria. Alicia perderia totalmente a esperança de reconquistá-lo. Nestor seria tirado da sociedade, sem sombra de dúvida. Otávio já tinha o alertado, em um encontro no elevador, que estava conseguindo provas para entrar com um processo contra ele. Alguns clientes e fornecedores estavam dispostos a servirem como testemunhas.

A porta da sala se abriu e Leandro entrou ressabiado.

— Imagino que já tenham visto as notícias. “Cara”... — Sentou-se ao lado do Nestor. — Estão em toda parte, na internet. Eu sabia que daria nisso,

e agora? O que os dois gênios pretendem fazer? — ironizou, fazendo um gesto com o indicador para os dois irmãos.

Depararam-se com um silêncio agonizante. A tensão se instaurou entre eles. Estavam faiscando de ódio, qualquer passo, em falso, explodiriam. Cada um tinha uma linha de raciocínio. Com interesses distintos. Dificultando de chegarem a um acordo.

O celular da Alicia tocou, em cima do aparador da sala, assustando os três. Ela pegou o celular e fechou os olhos, deixando os lábios em uma linha fina. Deu um longo suspiro e mostrou aos irmãos quem era.

— Alô — atendeu, com a voz trêmula.

— Cadê a minha grana? — O pai da Beatrice foi direto ao ponto.

Alicia engoliu em seco e colocou no viva-voz.

— É que... — gaguejou. — Ainda não conseguimos — informou Alicia.

— Se tá brincando comigo? Você não tem ideia onde se meteu — bradou, completamente alterado.

— Calma “cara”, só precisamos de mais tempo — argumentou Nestor.

— Ah que bom que a quadrilha está toda aí, porque hoje nós vamos resolver essa parada, senão eu farei o mesmo que fiz com o playboy do meu genro. A família do defunto colocou os melhores atrás de mim, volto a dizer: eu vou, mas levo a gostosona aí junto — ameaçou, com uma voz nada divertida.

O pânico rondava o ambiente. Nem no pior dos pesadelos eles imaginariam estar em uma situação como aquela. Já tinham pensando em várias maneiras de se livrarem do pai da Beatrice, mas eles não eram bandidos. Apenas quiseram usar

os meios mais fáceis de atingirem seus objetivos, sem pensar nas consequências. Estavam quase entrando em contato com a polícia, só não o fizeram porque na certa Alicia ficaria detida. Estavam em um beco sem saída.

Leandro praticamente furava o piso da sala, de tantas voltas que dava. Alicia tinha ganhado um novo hábito: chorar. E Nestor... Esse já contava com o pior cenário. Ele sempre foi muito correto e sensato, ainda não entendia como resolveu se desviar por aquele caminho.

— Quanto tempo acha que eu tenho? — Pausou. — Depois de amanhã... É o prazo máximo que vocês têm... Ah... Tem mais uma coisa... Eu quero acertar as contas com a minha filhinha do coração. No dia que forem me entregar o dinheiro, quero ela junto. Caso contrário, vou depor. Tenho certeza de que vão me recompensar por estar entregando a mandante do crime.

— Você enlouqueceu? — gritou Leandro. — Como acha que vamos conseguir levar a Beatrice até você?

— Se vira playboy, é minha condição. Cansei de fugir, quero um acerto de contas. É por causa dela e da sua irmãzinha que estou fugindo.

— Alicia, Nestor, falam alguma coisa. Não podemos concordar com um absurdo desses. Daqui a quatro dias ela vai se casar, é impossível o que ele está nos pedindo — exclamou Leandro, exasperado. Andando de um lado para o outro, movimentando os braços, com raiva.

— Não estou pedindo não fulaninho, é uma exigência. Ou isso ou cadeia para sua maninha.

— Nem contem comigo, estou caindo fora, agora. Eu disse a vocês que não deixaria nada de mau acontecer a ela, nada... Vocês entenderam? — advertiu Leandro, apontando com o indicador para os irmãos.

— Pelo jeito tem alguém aí que foi enfeitiçado, por isso preciso acertar as contas com ela. “Caralho” ela tem esse poder sobre as pessoas. Não vou passar o resto da minha vida na cadeia por causa dela, nem pensar. Antes vou colocar os pingos nos “is”.

— O que pretende fazer com ela? — indagou Alicia, gaguejando.

— Por que a preocupação gostosa? — rateou na linha.

— Que tipo de acerto de contas é esse? — continuou Nestor.

— Fiquem tranquilos, só quero conversar, não vou fazer nada, até porque vocês estarão juntos — garantiu, sem mudar o tom de voz.

Os ânimos estavam exaltados, entre os irmãos. Leandro era o que estava mais exaltado. Buscava de alguma maneira tirar a Beatrice daquela

enrascada, entretanto, era a única forma que tinham – para que eles se livrarem do pai dela.

Depois de muitas discussões, combinaram de encontrar um jeito de leva-la até o pai, contanto que não a deixassem nem um minuto sozinha com ele. Leandro foi o mais categórico, garantindo proteção total a ela.

Por mais que Alicia quisesse separar Beatrice do Bryan, nunca passou pela sua cabeça fazer uma maldade daquele nível. Quando soube do pai da Beatrice, viu uma oportunidade de separá-los, contudo, não contava que ele era um psicopata. Que mataria o Scott, e que quase havia matado o Bryan, a sangue frio. Ela e o Nestor afirmaram ao Leandro que estariam com ele nessa jornada, não deixariam nada de mau acontecer a Beatrice, desde que ele a trouxesse...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25 – Na Véspera

OLHEI PARA O CELULAR, meu coração batendo forte ao desligá-lo. Coloquei o aparelho sobre o peito e respirei fundo.

Rogério não quis me pressionar, entretanto, uma ligação – logo cedo – expondo a condição precária de sua mãe, é muito mais do que pressão. Eu não queria fazer uma análise dos meus sentimentos. Confusos – apenas uma palavra – essa era a definição deles.

Paola, minha mãe, ainda era uma incógnita pra mim. Por anos, ignorei a existência dela – como mecanismo de defesa. Aprendi a lidar com meus demônios internos sem sua ajuda. Nos piores momentos da minha vida, onde ela estava? Às vezes me perguntava o que eu havia feito, de tão ruim, para merecer ser tão menosprezada. *Ação e reação? Isso é válido?* Como devo retribuir os anos

que me martirizei, que me senti como um lixo? *O fato de ela estar em cima de uma cama – muda alguma coisa?*

Quanto mais se aproximava, o dia mais importante da minha vida, mais aflita eu ficava. Tudo estava acontecendo muito rápido e de uma só vez. Ao mesmo tempo em que eu sentia orgulho, de mim mesma, em estar lidando com tudo – sem esmaecer – eu me perguntava o que mais poderia sobrevir a nós. *Será que todos os casamentos são assim? Na véspera à loucura toma conta?*

Ajeitei meus pertences no móvel, ao lado da minha mesa, coloquei o celular e me sentei. Liguei o computador e senti a bílis na garganta, quando olhei através das paredes de vidro.

Bryan estava ao lado do Rodrigo, exalando confiança, olhando uns papéis. *Oh, meu dia só tende a piorar.*

Fiquei perdida, observando a postura formal

dos dois, enquanto decidia o que fazer. Antes de acontecer à terceira guerra mundial, resolvi ir até eles e entender que diabos estavam conversando.

Aproximei-me e como se tivesse olhos atrás, Bryan sentiu minha presença e me olhou. Lancei um olhar como quem diz: “controle-se” – cheguei mais perto.

— Rodrigo — cumprimentei, me colocando entre os dois. Bryan ficou tenso.

Rodrigo abriu seu sorriso registrado e quando foi me beijar, Bryan só levantou as sobrancelhas em aviso. Rodrigo recuou balançando a cabeça.

— Beatrice — respondeu —, o treinamento é hoje — justificando sua presença.

— Ah... Verdade — confirmei, constrangida com a minha falta de profissionalismo.

Bryan segurou meus ombros e me virou aos

poucos, até meu rosto ficar diante do dele.

— Meu anjinho, eu cuido disso, já estava indo direcionar a Rebeca. Pode fazer suas coisas. — *Descarado. Desde quando ele cuida dos assuntos da minha empresa?* Quando é que ele ia deixar de ser possessivo? Fitei bem os olhos dele, estreitando os meus.

— Posso eu mesmo procurar a Rebeca — disse Rodrigo.

Rodrigo já estava tarimbado, sabia que seria uma luta perdida. E eu: envergonhada. Desde o dia em que apresentei o Rodrigo à Polyana, minha vida tinha mudado. Os dois estavam se dando bem, saíram algumas vezes para jantar e se falavam todos os dias.

Bryan me virou novamente para o Rodrigo, passou o braço pelo meu ombro, juntou nossos corpos e beijou minha testa. *Isso foi tão pouco profissional.* Não passou despercebido ao Rodrigo

– a demarcação de território – que o Bryan estava encenando.

— Deve estar uma correria para vocês. Não quero atrapalhar — amenizou Rodrigo, constrangido.

— Sim — confirmou Bryan, beijando minha têmpora e cheirando meus cabelos.

— Bryan — repreendi-o. — É o meu trabalho, Rodrigo — esclareci, retomando a postura profissional.

— Ela é linda, não é? — provocou Bryan. *O que ele pretende com isso?* — E toda minha — acrescentou, com a voz baixa, mas alto o suficiente para o Rodrigo ouvir. — Meu anjinho, faltam só três dias. — Levantou meu queixo e beijou a ponta do meu nariz. — Pode relaxar e nada de trabalho. A Rebeca vai cuidar de tudo — disse e roçou nossos narizes.

Rodrigo quase não esperou o Bryan

terminar. Virou as costas e foi procurar pela Rebeca.

— Por que você continua fazendo isso? — inquiri baixinho, olhando para o nada.

Bryan se abaixou, eliminando a diferença de altura entre nós.

— VOCÊ É MINHA — afirmou, com seu ar prepotente, me irritando profundamente.

Soltei um suspiro desanimado.

— Preciso trabalhar — comuniquei e fui saindo. Senti sua mão agarrando meu punho e me puxando de volta. Ficou de frente pra mim, sem largar meu punho.

— Eu te amo — sussurrou e beijou onde segurava. Soltou-me e deu um tapinha na minha bunda. Olhei feio pra ele e recebi uma piscada, junto com um sorriso maroto.

Concentrada na tela do meu computador,

respondendo a vários e-mails, um alvoroço, do lado de fora da sala me chamou a atenção.

— Me solta, vou falar com ele, nem que eu tenha que sentar na porta e esperar ele sair. Ele não pode simplesmente me ignorar. — Gelei, no momento em que reconheci a voz.

Levantei-me rapidamente e fui ao encontro da confusão.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei, olhando bem dentro dos olhos da Felícia, com os braços cruzados no peito.

O segurança do prédio tentava impedir que ela entrasse. Camila, Rebeca e Carol, conversavam com ela.

— Eita barraco dos bons — Ethan falou atrás de mim. — O que se sucede aqui? Quem é a doida? — divertiu-se.

Olhei-o com expressão homicida. Ele levantou as mãos em sinal de rendição.

— Só quero ajudar lindinha, credo — defendeu-se.

Voltei meus olhos novamente para a cena patética.

— Solta ela — pedi ao segurança. — O que você quer Felícia?

— Não vim aqui falar com você. Cadê seu noivo? Quanto tempo mais ele vai me ignorar? — gritou, empurrando as pessoas à sua frente, até ficar a poucos centímetros do meu rosto.

Mesmo sentindo os nervos de o meu corpo pularem, não demonstrei insegurança. Ergui o queixo e icei uma sobrancelha.

— E por que ele deveria falar com você? — desafiei-a.

Ela fez algo que eu nunca imaginaria. Levantou a mão para me empurrar. Sua mão foi agarrada no ar. Um corpo quente, com músculos firmes, encostou-se a mim. O cheiro, próprio dele,

preencheu todo o ambiente. A sensação de alívio me dominou, porém, atiçou minha libido. Fiquei constrangida – em pensar que estava sentindo desejo do meu noivo – só pelo motivo de ele me proteger.

— Nem pense nisso — grunhiu em minhas costas.

Bryan permaneceu segurando o punho da Felícia, no ar, provocando um ciúme monstruoso em mim. Puxei seu braço com força e o fiz soltá-la. Franzindo o cenho para ele. O canto dos seus lábios subiu, fazendo-me enrubescer. Bryan passou os braços pelo meu corpo e me manteve ali, grudada a ele.

— Pessoal, podem voltar aos seus postos. É comigo que ela quer falar, estou aqui — alertou a todos e voltou sua atenção à Felícia. — Sou todo ouvido — emendou.

— É particular — rebateu Felícia.

Soltei uma risada forçada, sentindo um frio na espinha. De maneira alguma eu me deixaria ser tomada pelo pânico. Por esse motivo, eu respirava com dificuldade, mas ainda assim estava controlada.

— Vamos a minha sala — disse Bryan, entrelaçando os dedos aos meus.

— Não vou conversar com você com essa aí junto — desdenhou Felícia, apontando pra mim.

Foi à vez de o Bryan rir, só que ele não economizou. Soltando uma gargalhada que moveu sua cabeça para rás.

— Agradeça minha cortesia de te ceder meu precioso tempo, Felícia. E nem perca o seu, achando que vai me intimidar ou que a Beatrice vai sair do meu lado. — Aproximou o rosto do dela, comigo no meio, e sussurrou. — Essa aqui é o que você jamais será: a mulher da minha vida. Daqui a três dias, minha esposa.

Os olhos da Felícia encheram-se de lágrimas. Ela engoliu em seco e nem quis ir para a sala do Bryan. Percebeu que tinha plateia e decidiu dar um show. Voltou a atenção às pessoas, que estavam trabalhando em suas baias, e gritou:

— O chefe de vocês é um tremendo de um "filho da puta"! — Apontou para o Bryan e passou as costas da mão no rosto, limpando as lágrimas.

Senti o Bryan embrutecer. Apertei seu braço em volta de mim, para que ele não saísse dali. Ela o provocava descaradamente, pois sabia que não precisaria de muito, para ele perder o controle. Felícia só não contava com o meu controle. Fiz um sinal para a Camila, ela entendeu na hora e saiu para chamar o segurança novamente. Antes que eu ou o Bryan reagisse, Rodrigo apareceu ao nosso lado. *Caramba, me esqueci de que ele estava aqui.*

— Felícia — disse, baixo. Respirou fundo. — Por que essa gritaria? — repreendeu-a,

franzindo a testa. Pegou no braço dela e foi tirando-a para fora da sala de atendimento.

Felícia se jogou nos braços do Rodrigo, seu corpo chacoalhava. A barriga ampla despontava a gravidez adiantada. Arrastei o Bryan até eles, precisava entender que raios ela queria. Afinal, Bryan é estéril e todos já sabiam disso.

— O que você quer? — questionou o Rodrigo.

Rodrigo a sentou no sofá da recepção e acomodou-se ao lado. Pediu um copo de água à Rebeca e entregou a Felícia.

Estávamos todos em volta, boquiabertos. Olhei de esguelha e vi a expressão de decepção da Polyana. Rodrigo mostrava claramente preocupação com sua ex.

— Todos me abandonaram — resmungou Felícia. — Como eu vou criar uma criança sozinha? — falou, entre soluços.

— Simples, procure o pai dela — sintetizou o Bryan.

Virei à cabeça para ele e fechei a cara, pedindo que ficasse calado.

Rodrigo deu um longo suspiro e continuou:

— Quem é o pai dessa criança? — indagou, indignado – balançando a cabeça.

Eu fiquei imaginando o que se passava pela cabeça dele. A mulher que um dia tinha sido sua noiva. Que ele amou por muito tempo, chegou até a perdoá-la, na primeira vez que ela saiu com o Bryan. *Será que ele ainda a ama?*

— Eu achei que fosse dele. — Apontou com o queixo para o Bryan.

— É uma "vaca" mesmo, não sabe nem quem é o pai — resmungou Bryan. Dei outro apertão em seu braço.

Rodrigo lançou um olhar felino ao Bryan e conteve seu instinto animal. Tenho certeza de que

se pudesse esmurraria o Bryan e quem entrasse em seu caminho.

— Bom, já sabemos que não é — disse o Rodrigo. — Quais são as opções? — perguntou, torcendo os lábios.

Polyana não aguentou mais presenciar aquela cena. Bufou e voltou a sua sala. Rodrigo ameaçou ir atrás dela, Felícia o segurou pelo braço.

— Volta pra mim — suplicou Felícia ao Rodrigo.

Ele arregalou os olhos.

— Você enlouqueceu? Por que eu faria isso? — retrucou.

— Por que eu te amo, e sei que também me ama.

Rodrigo bufou.

— Você tem uma maneira muito estranha de demonstrar seu amor — resumiu e levantou-se. — Vá pra casa Felícia. E tente recuperar sua

dignidade, porque para mim, você acabou. — Beijou a testa dela e voltou para dentro, deixando-nos perplexos.

O segurança estava a postos na porta. Fiz um gesto com a cabeça para que tirasse ela dali. Felícia percebeu e levantou-se.

— Não precisa, estou saindo — disse, com a voz embargada. — Você destruiu minha vida, seu "filho da puta" — atacou o Bryan, vindo em nossa direção. Bryan foi querer me colocar atrás dele, impedi-o.

— Suma daqui e nunca mais nos incomode, Felícia. A única responsável, pela sua derrota, é você mesma. Bryan nem sabia quem você era — defendi-o, me sentindo muito forte.

— Ele vai te destruir também — concluiu e saiu com o segurança a seguindo.

***

Voltando pra casa, com Bryan dirigindo seu carro imponente, observei que as engrenagens do cérebro dele estavam a mil por hora. Nós quase não conversávamos. *Que falta me faz dirigir meu carro e poder extravasar.* Desde que aceitei morar com o Bryan, meu carro não saiu da garagem.

— Tenho uma proposta pra você. — Bryan quebrou o silêncio, virando o rosto na minha direção.

— Imaginei que algo sairia dessa cabecinha — brinquei.

Ele abriu um lindo sorriso, dissolvendo todas as barreiras do meu ser.

— Otávio me convidou para uma balada hoje à noite, eu disse que não saio mais sem a minha metade — expressou-se, mudando seu estado de espirito – de estranho para animado.

Pensei na possibilidade de poder dançar e gostei da ideia.

— Eu topo — respondi eufórica, batendo palminhas. Meu corpo começou a mexer-se sozinho no banco.

Bryan achou graça, pegou minha mão e levou até os lábios.

— Eu adoro ver você feliz. — Beijou a junção dos meus dedos.

De lado, na ponta dos pés, me encarava no espelho.

Quanto tempo que não saio para dançar. Bem que o Bryan podia me deixar convidar o Ethan.

— Amor — chamei-o.

Ele colocou a cabeça pra dentro do *closet*, com o cenho franzido.

— Do que você me chamou? — perguntou, formando muitas linhas em sua expressão.

Caminhei até ele, passei o polegar pelas

linhas em sua testa.

— Tem que franzir menos a testa, vai ficar marcado — provoquei-o. — Vão achar que você é ainda mais velho do que eu — diverti-me.

Ele passou os braços pelo meu corpo e me pegou. Jogou-me na cama e subiu em cima de mim, tudo em questão de segundos. Colocou um braço de cada lado do meu rosto e me encarou, sério.

— Está me chamando de velho? — indagou, estreitando os olhos.

Encolhi os ombros e deixei os lábios em uma linha fina, antes de continuar a provocação.

— Você já vai quarentar — falei baixinho e fechei os olhos. Esperando o ataque.

Bryan subiu meu vestido até a cintura e atacou minhas coxas com os dentes. Enquanto apertava minha cintura. Comecei a me contorcer e tentar me livrar dele. Claro que eu não consegui. Sua boca me torturava. Hora ele me mordia... Hora

chupava... Hora lambia... Eu não conseguia parar de gritar e rir.

— Trégua... Por favor, Bryan... Minha barriga está doendo — implorei gritando.

— Eu sou velho? Hum? — Me virou de bruços na cama e mordeu minha bunda. — Não estou ouvindo, me diga, sou velho? — Beliscou minha poupa. Dei um grito de dor.

— Você é o meu velho... — disse, engasgando. — Só meu... Velhinho, gostoso. — Continuei rindo. — Meu amor... Eu te amo... Meu amor... Meu amor... Meu amor... — repeti várias vezes, para não deixar dúvidas.

Bryan parou, de repente, e me virou de frente pra ele. Seus olhos verdes estavam com o contorno vermelho e as pupilas dilatadas.

— Fala de novo — sussurrou, segurando meu rosto com as duas mãos.

Ele estava com o seu corpo todo sobre o

meu, apoiando o peso nos cotovelos. Nossa respiração estava fora de compasso, não sei se pelo esforço da brincadeira ou... Mais provável a segunda opção.

— Meu amor — murmurei.

— Acho que estou sonhando, não deixa ninguém me acordar? — declarou, emocionado.

— Não é um sonho. Daqui a três dias seremos um só — lembrei-o. Sentindo meu coração falhar.

Casamento... Caramba... Será que eu estou sonhando? Algo inédito para os dois. Por mais que eu tenha vivido por quinze anos com o Pietro, nunca tivemos uma festa. Tudo aconteceu como consequência. Eu o amava, porém, hoje tenho absoluta certeza de que era muito mais fraternal.

Bryan se afastou o suficiente para me olhar por inteiro. Levantou uma sobrancelha.

— Acha mesmo que vai com esse

vestidinho, que mal cobre a bunda?

Revirei os olhos e torci os lábios. *E tudo começa novamente...*

***

Horas depois... Vestidos e mais vestidos descartados... Cabelo preso, cabelo solto... Sandália, *scarpins*... Bolsa de mão, sem bolsa... Batom vermelho, batom nude... Camisa, camiseta... Calça jeans, calça de sarja... Azul marinho, preto... Vermelho, branco...

Nosso *closet* poderia ser cenário de uma comédia romântica. A maioria das nossas discussões se dava ali dentro. Eu batia o pé... Bryan ria... Eu emburrava... Bryan me beijava. Ele sempre vencia... Sempre. Hoje não foi diferente.

Meu cabelo ficou solto, minha maquiagem suave, *scarpins* nos pés, vestido pouco acima dos joelhos... Tudo bem que ele era tomara que caia

vermelho e bem justo, mas... Poderia ser um pouco mais curto. *Poxa, estamos indo dançar!*

Chegamos à porta do local e fiquei impressionada, não era uma balada comum, era muito chique. Entramos por uma porta lateral, saindo da multidão. Bryan entrelaçou nossos dedos e me carregou com ele, para o interior do lugar.

Abri e fechei a boca algumas vezes, controlando minhas emoções, quando fomos nos aproximando das pessoas que nos esperavam. O primeiro que veio até nós, foi o Ethan. Puxou-me dos braços do Bryan e me abraçou.

— Eu te amo — sussurrou ao meu ouvido. — Não podíamos deixar vocês sem despedida de solteiro.

Capítulo 26 – Noite de Despedida

LÁ ESTAVA EU, sentado entre as pessoas que se preocupam com a nossa felicidade, admirando a beleza singela da minha menina.

Otávio certificou-se de trazer nossos melhores amigos: Mary e Pablo; Ethan e Andrey; Rebeca e Yuri; Carol; Eduardo; Polyana e Rodrigo. Ele e uma garota que nunca vi. Gaby e Nathan não puderam vir – Pedrinho ainda é muito pequeno.

Quando digo melhores amigos, não inclui o Rodrigo, entretanto, melhor tê-lo sob meus olhos. Espero, de verdade, que ele ingresse no relacionamento com a Polyana.

Beatrice estava conversando, animada, e eu não conseguia me concentrar em mais nada a não ser nela. Meu estômago doía só de pensar em alguém fazendo mal a ela. *Hoje ela está devastadoramente linda.* Todas as vezes que

terminamos de nos arrumar, dentro do *closet*, sinto meu sangue agitar-se. É como se eu a visse pela primeira vez, sempre. *Meu Deus, não posso a deixar ir dançar, sem mim. Espanco qualquer um que se aproximar dela.*

— Bryan... — Eduardo chamou minha atenção, em pé na minha frente. — Levante esse "rabo" daí e vamos para o bar.

Neguei com a cabeça.

— Traga um uísque pra mim — desconversei.

— Nem "fodendo" que eu vou deixar você sentado o tempo todo, feito um cão de guarda, na noite da sua despedida. Você queria que fosse junto, tudo bem, aceitamos. Agora ficar aí, nem pensar.

Rosnei e ergui as sobrancelhas para ele – ameaçando-o. Beatrice percebeu o movimento, pediu um minuto e virou-se para mim.

— Amor... — Sorriu.

Meu Deus! O que eu fiz para merecer essa mulher? Ela não poderia me fazer mais feliz. Chamando-me de amor!

— Vai se divertir um pouco — continuou, pegando em minha mão. — Não vou sair daqui, prometo.

— Não promete o que não pode cumprir, lindinha. Estou louco para fazermos nossa coreografia — gritou Ethan, sentado do outro lado.

— Tire o cavalinho da chuva, vocês dois. — Apontei para o Eduardo e para o Ethan. — Não saio daqui e muito menos a Beatrice.

Beatrice olhou para mim e fez um biquinho com o lábio inferior. Aproximou-se da minha orelha e sussurrou:

— Por favor, é a nossa despedida, prometo que é a última vez. — *Ela está me pedindo para fazer àquela dança pervertida com seu "nada*

irmão"?

— Sem chance — balbuciei.

— "Cara", já disse e vou repetir: nenhuma mulher gosta disso. O que hoje é romântico, se é que ela considera isso romântico – num marido – ela vai achar sufocante, amanhã — alertou Otávio, em pé ao lado do Eduardo.

Olhei para a Beatrice e estava com as mãos juntas, como se fosse orar, me convencendo. Pensei um pouco e fiquei com medo das palavras do Otávio. Beatrice já tinha me dito, várias vezes, que eu a sufocava.

Respirei fundo, algumas vezes, criando coragem.

— Vai lá Bryan, deixa de ser "careta" — berrou a Mary. Olhei feio para ela.

Coloquei o rosto da Beatrice entre as mãos e encostei nossos lábios.

— Não saia da minha vista, por favor —

implorei, sentindo meu corpo endurecer. — E... fechei os olhos. — Não beba, você é muito fraca para bebida. — Enfiei a língua, com ímpeto, em sua boca. Peguei em sua nuca e a apertei contra meus lábios. Ela soltou um gemido e me empurrou de leve, envergonhada.

Beatrice nem desconfiava de que seu cliente Gustavo, na verdade era Leandro, irmão da Alicia e Nestor. Também não sabia que estavam tramando alguma. Caio não saiu da cola dele, desde que descobrimos sua identidade. Pedi ao Caio cobertura para a festa, mesmo assim, fiquei desesperado só de imaginar... *Ufa... Preciso me controlar.*

Bati com o indicador na ponta do nariz dela e levantei-me, acompanhando meus amigos até o bar, contra a minha vontade.

Acomodamo-nos bancos altos, e pedimos uísque.

— Eu sei que é uma noite especial e tal,

mas... — começou Otávio. — Encontrei com a Alicia hoje. — Respirou fundo e deu uma golada em sua bebida. — "Cara", você deixou a mulher muito brava. Estou preocupado, não gostei das coisas que ela me disse.

Virei-me em sua direção e estreitei os olhos, esperando que continuasse.

— Fala aí qual é o segredo — brincou Eduardo, dando um soco no meu braço. — Tem alguma técnica especial na cama? "Meu" a Alicia é gostosa pra "caralho". Eu faço o seu papel — concluiu e sorriu.

— Está achando graça de uma coisa nada engraçado, Eduardo. Ela é maluca! — retruquei. — Foi capaz de me drogar para eu ficar com a Felícia e depois pagou o pai da Beatrice para atirar em mim. — Franzi o cenho e o fitei. — Acha isso engraçado?

Ele levantou as mãos se rendendo.

— Bryan, você está ficando velho. Está chato pra “cacete”. Argh! — resmungou Eduardo, virando para o outro lado.

— “Foda-se”, Otávio — continuei. — Eu não quero saber nada a respeito daquela família. Só preciso que continue com seu trabalho para tirarmos o Nestor de sócio da empresa e, se possível, como brinde, colocar Alicia atrás das grades. — Pausei uns instantes. — Apesar de que essa parte nem vamos ter trabalho. — Levei o uísque até os lábios e dei uma longa golada, sentindo rasgar meu peito. — A família do Scott não vai sossegar enquanto não ver isso acontecer.

Alicia na cadeia. Soa estranho. São muitos anos de convivência. Por mais que fui obrigado a aturar ela, por anos, não achei que seria capaz das coisas que fez. Nestor então, nem se fala. Nunca passou pela minha cabeça que ele poderia me trair. Desde a faculdade era o mais correto. Foram anos

trabalhando duro, para chegarmos aonde chegamos. *O que o dinheiro faz com as pessoas!*

— "Caralho" esse lugar está recheado de mulher gostosa — disse Otávio, mudando de assunto.

— Fui só eu que vi você acompanhado? — provoquei-o.

— E daí? — Deu de ombros. — Esqueceu-se de como as coisas funcionam, Bryan? Apenas uma noite, e olhe lá, se eu achar coisa melhor por aqui, nem uma noite.

Fiz uma careta, lembrando-me do tempo em que vive naquela vida. Usava as mulheres e as descartava. Na maioria das vezes, nem lembrava o nome delas. Senti nojo de mim mesmo. Dei uma olhada em volta e várias delas estavam seminuas. Por toda parte se via seios e bundas. Os vestidos mal cobriam os bicos dos seios e o comprimento favorecia o conhecimento da cor das calcinhas –

quando as usavam.

Direcionei o olhar ao meu anjinho e meu coração deu um salto. *Linda... Só minha!*

Eduardo pegou meu olhar e viu o sorriso que escapou dos meus lábios.

— O "cara" da foto está aqui na sua despedida de solteiro, o que eu perdi? — perguntou, com uma expressão inquisitória.

Contraí o abdômen, ao me lembrar daquela maldita foto. Um episódio que se eu pudesse apagaria da minha mente. Eduardo demorou um tempo para confiar na Beatrice, depois do que presenciou. Principalmente por ele morar longe. Foram poucas as oportunidades de estarmos juntos. Como eu explicaria aquela confusão a ele?

— A história é longa — resumi. Levantei um dedo ao "barman" pedindo outra dose.

— Não tem medo de que ela tenha uma recaída? É como deixar um maço de cigarros perto

de uma pessoa que parou de fumar — continuou Eduardo.

— Pare de falar “merda” “cara” — exclamei. — Eles nunca tiveram nada. Foi culpa da “vaca” da Alicia que aquela “porra” aconteceu. — Tomei todo o uísque que o “barman” tinha acabado de colocar no meu copo. Chacoalhei a cabeça e pedi outro.

Se a intenção dos meus amigos era que eu aproveitasse minha última noitada como solteiro, estavam falhando inteiramente. Cada assunto que surgia deixava meu corpo mais tenso. E eu estava cometendo um erro terrível, que não fazia há tempos: enchendo a cara. *Controle-se Bryan!*

— Você não se preocupa que as coisas possam mudar depois do casamento? — Otávio disse, passando a mão na nuca. — Sei lá “cara”, as mulheres mudam, sabe.

— “Caralho” — bradei, abrindo os braços.

— Vocês chamam isso de diversão? O que pretendem com essas “porras” de assuntos? — Cerrei os punhos ao lado do corpo.

— Calma “cara” — ponderou Eduardo, colocando a mão no meu ombro. — Só queremos que você tenha certeza. Dizem que a diversidade é o tempero da vida, e quando se casa... — Levantou as sobrancelhas, chegou mais perto e falou baixo. — Esqueça a diversidade. Sabe a mesma coisa sempre? Coloca a boca aqui, aperta ali, lambe acolá... Geme... “Goza...” Toma banho e vai dormir? Então... Isso é casamento. Está preparado?

Desacreditei do que estava ouvindo. Estavam decididos a me atormentar.

— Falou a voz da experiência. São especialistas no assunto não é mesmo? — ironizei.

— Estatísticas — resmungou Otávio. — Dificilmente elas mentem — concluiu.

— “Foda-se” as estatísticas — exclamei. —

Nos amamos e só não temos o papel, mas já somos casados. Garanto pra vocês – que não tem nada de rotina. E essa coisa de mesmice, é para os acomodados. Não são as mulheres que mudam quando se casam, são os homens que acham que com a mulher deles, não podem fazer o que faziam com as outras. Isso tem nome: machismo. Fora de casa “os caras” têm criatividade, quando chegam em casa – ficam entediados.

Os dois se entreolharam e caíram na risada, batendo palmas.

— Aprovado. Sério “cara”, você está pronto! — Eduardo bateu nas minhas costas, divertindo-se.

Soltei os ombros e suspirei. Aliviado. Achei que teria um desentendimento estrondoso com meus amigos, na minha despedida de solteiro. Desviei o olhar em direção a multidão, em círculo, batendo palmas. Fechei os olhos e cerrei os dentes.

Beatrice e Ethan.

Controlei a respiração e levantei-me, calmamente. *Você concordou, Bryan.* Caminhei até lá, afastei algumas pessoas, me aproximando. Precisei de um controle anormal.

Ethan estava nas costas da Beatrice, se esfregando nela, e ela... *Pai do céu*... Abaixava e subia de volta, rebolando. O Vestido subia deixando suas coxas à mostra. O cabelo estava grudado no suor do pescoço e os lábios entreabertos. *Não consigo*... Apenas uma olhada e pude ver os homens a "comendo" com os olhos. Alguns faziam caras e bocas. *"Porra"*...

— É... acho que não tem rotina mesmo — atiçou Eduardo, falando no meu ouvido.

Dei uma cotovelada nele e saí em direção a minha menina. Puxei-a dos braços do Ethan e a trouxe para o meu corpo. Abracei-a com força.

— Chega — sussurrei, com a boca colada à

sua orelha.

A multidão soltou um ahhhhh... Logo após começaram as vaias. Ignorei. Com meu anjinho nos braços, fui afastando a todos e a levei para um corredor. Encostei-a na parede e esfreguei minha ereção nela. Trouxe sua boca até minha, pela nuca. Minha língua invadiu a sua boca e minhas mãos apertaram os seios, por cima do vestido. Baixei os lábios e lambi a entradas deles.

— Bryan — reclamou, ofegante. — Você bebeu. Pare... Não gosto disso... Você sabe... Ai... — gemeu, assim que subi minha mão pelas suas coxas. Beatrice tentou empurrar minha mão e me afastar. Apertei mais ela contra a parede.

— Também não gosto nada daquilo — retruquei. — E mesmo assim você estava lá — completei. Minha mão continuou a percorrer o caminho, chegando à bunda, deliciosa, apertei.

Um grunhido escapou do seu peito.

— Bryan... Deus... Estamos em uma boate... Está me assustando. — A respiração dela estava acelerada e o peito subia e descia, com o coração disparado.

Um soluço me assustou. Parei imediatamente. Levantei a cabeça e encontrei o rosto dela lavado de lágrimas. Foi quando caiu a ficha. *"Caralho" o que estou fazendo?*

Ajeitei o vestido dela, coloquei os cabelos atrás da orelha e comecei a beijar todas as lágrimas.

— Me perdoe... Por favor, perdão... Perdão... — implorei, sem deixar de beijar cada pedacinho do seu rosto.

Abracei o meu anjinho e comecei a praguejar. Beijava o topo da sua cabeça e praguejava. *O que eu fiz "caralho"?* Por que fico tão excitado quando ela me desafia? Esqueço-me que ela é vitima de estupro. *"Porra"... Não... Preciso concertar isso!*

Levantei seu queixo e me certifiquei se tinha parado de chorar. Limpei a última lágrima, com o polegar. Ela sorriu pra mim, desconcertada.

— Tudo bem — murmurou. — Eu sei que não foi por maldade — completou. — Qualquer outra no meu lugar adoraria. Mas... Desculpe-me... Eu sou problemática.

— Não faça isso — repreendi. — Eu que fui um escroto. Desculpe-me, por favor. Eu prometo... — Respirei fundo. — Nunca mais... só que... — Parei um pouco, recuperando a razão. — Já deu essa história de Ethan... eu juro... — Passei as mãos nos cabelos. — Eu não consigo — confessei.

Recuperados, nos juntamos novamente aos nossos amigos. Os olhares para nós eram desconfiados. Fingimos que nada tinha acontecido. Sentamo-nos e pedimos uma bebida, à garçonete

que estava disponível.

Tomei meu uísque e vi a mão da Beatrice tremer, segurando o copo de “marguerita”. Aproximei-me de sua orelha e alertei-a:

— Essa bebida é muito forte. — Tentei tirar da sua mão. Ela me lançou um olhar ameaçador. — “Porra” — resmunguei. — Vai te fazer mal — completei, tentando novamente tirar da sua mão.

— Bryan, relaxa “cara”, hoje é a despedida de vocês. Deixa a Trice em paz, pelo menos por hoje — exclamou Ethan.

— Cale a “porra” da sua boca e não se meta onde não é chamado — bradei. — Sua cota já foi preenchida hoje, Ethan.

— Não dá gente, esse “cara” é muito estressado. Acho que sua ideia foi péssima, Otávio. Devíamos ter feito essa “merda” separados. Ele está sufocando ela, vocês não estão vendo isso? — Ethan teimava em me provocar.

Beatrice pegou minha mão e colocou em seu rosto, apoiando-se nela e fechando os olhos.

— Shiiiii... Esquece ele — murmurou. — Relaxa, está tudo bem. Vamos curtir um pouquinho.

Uma ideia surgiu na minha cabeça. Levantei-me, rapidamente, indo até o “DJ”. Pedi uma música e voltei. Era a oportunidade que eu tinha de melhorar as coisas. Estendi a mão a minha menina. O sorriso que ela abriu, limpou todo o estresse da noite. Assim que ela se levantou, as palmas atrás de nós e os assobios nos assustaram.

— Agora sim “ogro”, tenta ser um “príncipe”, pelo menos uma vez — Ethan continuou com a provocação.

Levei meu anjinho até a pista de dança e coloquei minhas mãos em sua lombar, unindo nossos corpos. Beatrice cruzou as mãos atrás do meu pescoço e encostamos nossas testas. Nossos

hálitos se misturaram. Os olhos se congelaram, um no outro. Foi como se estivéssemos expulso todos, só o que ouvíamos era a música e nossas respirações. Na melhor parte da música eu sussurrei para ela:

“See, you brought out the best of me
A part of me I'd never seen
You took my soul and wiped it clean
Our love was made for movie screens” – All I Want – Kodaline

Veja, você trouxe o melhor de mim
Uma parte de mim que nunca tinha visto
Você pegou minha alma e a purificou
Nosso amor foi feito para as telas de cinema

— You took my soul and wiped it clean – *(Você pegou minha alma e a purificou).* Nunca se esqueça disso — repeti, assim que a música terminou. O “DJ” deu um berro, animando a galera e voltou às músicas agitadas. Não nos importamos, permanecemos na mesma posição.

Uma multidão invadiu a pista de dança e aos poucos fomos nos afastando, sem nos largar. Antes de nos sentarmos, abracei-a mais forte e mantive meus lábios, entreabertos em sua testa.

— Eu te amo — balbuciei.

Beatrice levantou o rosto e beijou meu queixo.

— Eu também — declarou baixinho. — Preciso usar o banheiro. — Passou as mãos nos meus cabelos.

— Vou com você. — Me adiantei.

— A Mary vai comigo, fica aqui com seus amigos. Aproveita sua solteirice porque depois vou

te amarrar — brincou e mordeu meu maxilar.

Abri um sorriso de satisfação. *Ah, se eu pudesse, com toda a certeza, eu que te amarraria!*

Demorou um pouco para eu voltar a si. Fiquei um bom tempo observando as duas caminharem até o banheiro.

— E aí, mais uma dose? — Otávio esticou um copo pra mim.

Engatei no papo com eles e acabei me esquecendo da Beatrice. Quando me dei conta, tinha se passado trinta minutos. Coloquei o copo na mesa e quando pensei em me levantar a Mary chegou eufórica. Olhei atrás dela e não vi a Beatrice. Gelei.

— Cadê a Beatrice? — perguntou ofegante.

— Como assim? Eu que te pergunto: CADÊ A BEATRICE? — gritei. Cerrei os punhos ao lado do corpo e fui pra cima dela.

— Calma aí "cara" — Pablo entrou na

frente da Mary. — O que aconteceu, Mary? — indagou, tentando entender.

— Ela... — gaguejou. — Não sei... — Começou a soluçar. — Eu não me distraí, eu juro. — Colocou as mãos no rosto e desatou a chorar.

Não esperei ela terminar, saí em disparada na direção em que elas estavam. Fui empurrando as pessoas. Entrei nos corredores escuros. No banheiro feminino, assustando todas as garotas.

— Beatrice, você está aqui? Responda, por favor. Não faça isso comigo, "porra" — gritei, batendo nas portas das cabines do banheiro.

— Eu posso ser a Beatrice, gostosão. — Uma garota veio pra cima de mim, bêbada. Praticamente nua. Dei um empurrão nela e saí.

Vi uma saída de emergência, próxima ao banheiro, tive esperança de ela estar lá, tomando um ar. Coloquei os pés pra fora e não a encontrei. Andei por todos os lados, gritei o nome dela e nada.

Comecei a sentir o desespero me tomar. Andava em círculo, mordendo a parte interna das bochechas e arrancando os cabelos.

— “PORRA... PORRA... PORRAAAAAAAA! Cadê você, CARALHO?” — praguejei para o ar. *O celular.*

Peguei meu celular. Olhei no visor e tinha várias ligações perdidas do Caio. *“Merda... Fodeu”* Era tudo o que eu menos queria ver. O que eu mais temia estava acontecendo. *Pegaram ela “caralho”*

— Caio, me diz que você está com ela — disse, assim que ouvi a voz dele.

— Desculpa, senhor Bryan. — Pausou. — Estou seguindo o carro, mas... — Pausa novamente. Ele estava acabando com o meu sistema nervoso. *Não devia ter deixado ela sozinha “caralho”.* — Tem muitos carros nas ruas e eles estão fazendo umas ultrapassagens perigosas. Senhor Bryan, não posso falar, agora. Já retorno. — Desligou.

Ele realmente queria que eu enfartasse.

“Não devia ter concordado com isso, Caio. Como você os deixou a levarem, “porra”? Onde você está? Não posso ficar aqui, sem saber o que está acontecendo. Caio me retorne agora, “porra”! — Deixei mensagem de voz, porque ele não atendeu a ligação.”

Voltei para dentro da boate, desesperado. *Como eu vou explicar isso para as pessoas? A Mary e o Ethan vão surtar e me matar.* Como eu pude deixar ela sozinha, sabendo que estavam tramando alguma? Caio me garantiu que não deixaria eles chegarem perto dela, *eu vou matar ele.*

— Achou ela? — Ethan me perguntou, vindo ao meu encontro.

Meneei a cabeça.

— Pegaram ela — murmurei. Engoli em seco. — Temos que comunicar a polícia. A equipe de segurança está seguindo o carro deles — completei.

— Quem pegou ela? Equipe de segurança? Do que você está falando, Bryan? — bradou o Ethan.

Uma mensagem, com a foto do carro que estava com a Beatrice, chegou ao meu celular. Mostrei a eles a mensagem e me afastei. Disquei o número da polícia.

Capítulo 27 – Acerto de Contas

O BANHEIRO FEMININO ESTAVA MUITO CHEIO. O suor escorria pelas minhas costas. Lavei as mãos e decidi esperar a Mary do lado de fora. Encostei-me à parede e me arrependi de estar sem o celular. Poderia estar vendo alguma rede social, para me distrair. Olhei para a direita e vi uma saída de emergência. *Será que é perigoso?* Estava me sentindo tão sufocada, arrisquei.

Com poucos passos estava do lado de fora. O vento gelado, da noite paulistana, bateu em meus ombros nus. Senti um alívio. Inclinei a cabeça pra trás e respirei fundo, absorvendo todo o frescor da noite.

— Está quente lá dentro, né! Também precisei de um pouco de ar. — Alguém falou comigo e a voz me pareceu familiar.

Voltei minha atenção em direção àquela voz

e imediatamente o reconheci: Gustavo. Ele estava encostado, com uma perna dobrada e o pé apoiado na parede. Estava escuro e só uma faixa de luz, vinda do poste, iluminava seu rosto. Senti um calafrio passar pela minha espinha. Mesmo estando com muito calor. *Não existe tanta coincidência assim. Ele está me seguindo.* Engoli em seco e senti as mãos suarem. Meu cérebro me mandava entrar correndo e as pernas teimavam em não responder. *Covarde... Fracote!*

— Oi — disse, baixinho. — Outra coincidência? — Tentei amenizar a situação – me convencendo de que eu não estava paranoica.

— Não! — respondeu, seco. — Vim te buscar. — Se aproximou de mim e pegou em minha mão. Seus olhos estavam vermelhos e a respiração alterada. — Não vou te machucar — sussurrou. — Preciso que você venha comigo. — Puxou minha mão, tentando me levar.

Franzi o cenho e engasguei nas palavras:

— O quê? Não... Por quê? Me solta. — Puxei a mão, mas ele a segurou firme e respirou fundo.

— Beatrice — suspirou. — Colabore comigo, por favor, prometo que ninguém vai te machucar. — Chegou perto e balbuciou. — Eu te protejo.

— Gustavo, se é que é esse o seu nome; não vou com você a lugar algum. Quem é você, afinal? Por que está fazendo isso? Me solta, eu vou gritar — disparei a falar, tremendo dos pés a cabeça.

Não deu muito tempo pra eu continuar. Ele colocou a mão em minha boca tapando-a, me levantando do chão e me carregando até um carro. Fui esperneando e batendo nele. Ele abriu a porta e me colocou dentro. Entrou logo atrás e fechou a porta.

— Pronto, podemos ir? — O motorista

olhou pra trás, confirmando.

Quando vi quem eram as duas pessoas, que ocupavam os bancos da frente arregalei os olhos e não contive as lágrimas.

— O que vão fazer comigo? — Olhei de novo ao Gustavo e foi quando tive a confirmação de que eu realmente o conhecia. — Você não se chama Gustavo — acusei.

— Leandro Gustavo — murmurou. — Desculpe-me, Beatrice. — Balançou a cabeça. — Eu não queria, mas... — Passou as mãos pelos cabelos. — Preciso te proteger, eu não sei do que eles são capazes.

— Eles quem? — perguntei, aterrorizada.

Alicia e Nestor olharam pra trás e repreenderam o irmão, com um olhar.

Como eu sou lerda. Eu vi a foto dele e não o reconheci.

— Pra onde estão me levando? — gritei,

estarrecida.

Eu soluçava e apertava as mãos no colo. Meu choro foi tomando uma proporção assombrosa. O corpo chacoalhava. Ninguém me dizia o que estava acontecendo. Nestor dirigia como um louco, cortando os milhares de carros. Gustavo, ou Leandro, ou os dois, não sei... Passou o braço pelo meu ombro e me aproximou dele. Começou a falar comigo, tentando me acalmar:

— Shiiiii... Calma... Eu te protejo. — Beijou minha têmpora.

Empurrei-o com força e encostei-me à outra porta.

— Não se encoste em mim, seu mentiroso. Fez tudo isso para me sequestrar. O que vocês querem? Dinheiro? Torturar-me? Digam, vamos... Eu tenho direito de saber — cobrei, aos berros. Fazendo movimentos bruscos com os braços.

Alicia virou pra trás e resolveu se

pronunciar:

— Pare de histeria garota, tem que nos agradecer. Estamos aqui pra te proteger.

— Proteger do quê? Chamam isso de proteção? Quero sair. — Mexi na maçaneta do carro, incessantemente, estava travada.

— Só vai se cansar garota. Achei que fosse mais esperta. Fica quietinha aí, não vamos demorar a chegar — alertou-me Nestor. Encarando-me pelo retrovisor. — Estão nos seguindo — comunicou os irmãos, com a testa franzida. — Alguém te viu Leandro?

— Claro que não! — retrucou, olhando pra trás.

Bryan... Ai meu Deus! Ele deve estar enlouquecido atrás de mim.

— Vocês não podem fazer isso com a gente, poxa... É nossa despedida — murmurei, soluçando. — Por que tanto ódio? Ele não é um monstro como

vocês pintam — defendi meu noivo. Sentindo meu peito apertar-se, só de pensar no desespero que ele estaria naquele momento.

— Ele é um “filho da puta” — balbuciou Leandro.

— Não é — retruquei. — O que ele te fez? Me diz... Vamos, justifique seus atos. — Ele me olhou e não respondeu nada. Depois de um tempo, disse:

— Ele não te merece. — Balançou a cabeça. — Como você pode amá-lo? — Colocou as mãos na nuca e fechou os olhos. — Tudo isso porque você e a trouxa da minha irmã amam aquele “imbecil”.

Soltei uma risada alta.

— Alicia ama o Bryan? Que modo peculiar de demonstrar. Mandar matar ele foi à maneira que encontrou de provar seu amor, Alicia? — provoquei, sem pensar nas consequências.

O silêncio pairou por uns instantes.

— Era só para assustá-lo — murmurou Alicia.

Fiz uma careta e levantei as sobrancelhas.

— É... conseguiu... — Limpei a garganta. — Só não sei o que você vai achar dos sustos que vai levar, nas madrugadas, dentro da prisão — amaldiçoei, sem um pingo de remorso.

— Despistei — comemorou Nestor. — Verifica, Leandro.

— Tudo certo — confirmou Leandro, olhando pra trás.

Fiquei tensa e comecei a conversar com Deus, de olhos fechados.

Pedi mentalmente:

Deus, acalma o coração do Bryan.

Deus, ilumina o caminho das pessoas, para me acharem.

Deus, não deixa ninguém me machucar.

Deus, não me deixa ter uma crise de pânico.

Deus, me ajuda.

— Chegamos — disse Nestor, entrando em um chão de terra, com uma casa de madeira ao fundo. Estacionou o carro e desceu.

— O que vocês vão fazer comigo? — perguntei mais uma vez, com a voz embargada.

— Vou te proteger — repetiu Leandro. Deixando-me mais confusa.

Desci do carro observando o lugar. Uma recordação, atingiu em cheio minha mente...

> *"— Filha vem aqui conhecer a vovó — chamou-me, meu pai, parado na porta da casa de madeira.*
>
> *Eu devia ter uns seis anos. Nunca tinha visto meus avós paternos. O lugar me assustou um pouco, mas meu pai estava lá, o que podia acontecer comigo? Minha mãe estava*

trabalhando e a Polyana na escola. Meu pai estava desempregado e me levou para passear. Ele nunca fazia isso. Na maioria das vezes estava bêbado e muito zangado.

Uma onda de felicidade me tomou. Poxa, meu pai estava me levando para passear. Coloquei os pés pra dentro da casa e meu estômago embrulhou. O cheiro era insuportável. Uma mistura de fezes, urina, cerveja, cigarro, álcool, e ervas... Prendi a ponta do nariz, entre o indicador e o polegar e fiz uma careta.

— Quem está aí? — Uma voz rouca soou do outro cômodo.

— Sou eu mãe — respondeu meu pai, pegando em minha mão.

Havia latas de cerveja, garrafas de bebidas, bitucas de cigarro e restos de comidas; estavam espalhados por todo o chão. Meu

pai me levou até o lugar onde estava sua mãe. Arregalei os olhos e coloquei a mão em frente à boca. Senti um nó na garganta e muito medo. Agarrei as pernas do meu pai e afundei o rosto nelas.

A aparência da minha avó era assustadora. Os cabelos grisalhos, ensebados e desarrumados. Mais da metade dos dentes faltando e os que tinham eram podres. Magra, muito magra. Vestia uma calça de moletom e uma regata, sujas. Um chinelo, com as correias amarradas, nos pés. Sentada em um sofá rasgado, com um cigarro pendurado nos lábios. Assistia a um programa na TV, que mal dava para se ver alguma imagem, de tanto riscos horizontais que subiam pela tela.

— Venha aqui menina — me chamou, esticando a mão, trêmula."

— Não esquenta não, logo ela volta. — A voz que me atormentou a vida toda, soou na minha orelha. — É o modo que ela encontrou de chamar a atenção — concluiu.

Abri os olhos e dei de cara com meu pai, agachado ao meu lado. Eu estava deitada no mesmo sofá nojento. E o mesmo cheiro embrulhou meu estômago.

Dei um pulo e me sentei. Puxando meu vestido pra baixo. Agradeci mentalmente, por Bryan ter me feito colocar um mais comprido. Abracei meu corpo e lancei um olhar desesperado para o Leandro.

— Está assustando ela — disse Leandro, afastando meu pai e sentando-se ao meu lado. — Passou a mão pelo meu ombro e me encostou ao seu corpo. — Pronto, já viu sua filha, agora pega a grana e dá o fora. — Leandro tremia, e seu rosto se contorcia.

— Qual é a desse playboy, gostosa? — Meu pai estava ao lado da Alicia e assim que terminou de falar mediu ela de cima em baixo. — Eu disse que era um acerto de contas — continuou, passando a língua nos lábios e andando em volta da Alicia. Pegou na bunda dela e deu um apertão. — Primeiro vai ser a fracote aí. — Apontou com o queixo pra mim. — Depois... — Chegou bem perto do pescoço dela e passou a língua. — A gostosa aqui. Que idiota aquele Bryan, trocar um mulherão desse aqui por essa franguinha aí. — Apontou em minha direção, com o revólver.

Jamais imaginei que ficaria com pena da Alicia, mas era exatamente isso que eu estava sentindo. Nunca tinha visto ela tão vulnerável. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Nestor estava pálido, no canto.

— Você disse que era só uma conversa — argumentou Nestor, com a voz falhando.

— Eu tenho um jeito singular de conversar. — Enfiou a mão por debaixo da camiseta da Alicia e apertou o seu seio.

Retraí meu corpo e a bílis veio na garganta. *Meu Deus, o que ele vai fazer comigo?* O tempo parou e começou a se mover em câmera lenta. Um medo avassalador me impregnou, quando olhei e encontrei os olhos do homem que dominou meus pesadelos mais horrendos. Tentei não me focar nas batidas do meu coração, pulsando em meus ouvidos. Meus pensamentos foram roubados pelo medo, me impedindo de ter coerência. O tremor que passava por mim, se misturava com o de Leandro.

— "Cara" não vale a pena. Já marcou seu ponto, deixe elas em paz — pediu Nestor.

Em fração de segundos vimos Nestor cair, com a coronhada que levou. Leandro soltou um gemido ao meu lado e praguejou, me apertando

contra ele. Alicia deu um grito:

— Não, por favor. — Agachou-se ao lado do irmão. — Nestor, ai meu Deus. O que você fez? Nestor... Nestor... — Ele tinha desmaiado e Alicia chorava descontroladamente. Deixando tudo muito mais tenso.

— Vem aqui. — Pegou em meu braço e me puxou pra cima. Leandro levantou junto e empurrou-o, me puxando de volta.

— Nada feito, você não vai machucá-la — enfrentou-o. Erguendo o queixo.

Meu pai chegou pertinho de nós, soltando o bafo de álcool em nossos rostos. Passou o cano do revólver pelo rosto do Leandro e falou pausadamente:

— Tente me impedir, vai fazer companhia ao Scott — advertiu e me puxou para si.

Minhas lágrimas me segavam, as pernas tremiam, batendo uma na outra. A respiração

falhava. As náuseas me faziam engolir em seco. Segurando o vômito, eu mordia os lábios com tanta força, que sentia o gosto metalino de sangue. Um arrepio me dominou, assim que senti a língua dele no meu pescoço.

— Lembra-se disso? Vou matar a saudade — disse, com os lábios grudados na minha orelha e me apertando contra sua ereção.

— Por favor... — gaguejei. — Não faça isso comigo, de novo.

Leandro vendo meu desespero partiu pra cima dele dando socos. Os dois caíram no chão e rolaram. Até que um tiro escapou da arma. Corri até eles e vi o sangue escorrer da perna do Leandro. Ele colocou a mão no local e soltou um gemido alto, em seguida desmaiou.

Olhei para a Alicia que estava passada, com a cabeça do Nestor em seu colo. *Meu Deus o que eu faço?* Para todos os lados que eu pensava em

correr, não daria, sem contar que estávamos afastados de tudo e já passava das duas horas da manhã.

Meu pai se levantou, passou a mão pela roupa, limpando-a. Abriu um sorriso maléfico e veio ao meu encontro. Fui dando passos pra trás até me encostar à parede. Ele colocou as mãos, uma de cada lado do meu rosto e ficou com o rosto a milímetros do meu.

— Agora você não escapa — ameaçou-me.

A reação que tive me surpreendeu. Cuspi na cara dele.

— Seu porco, nojento — gritei e levantei meus joelhos, acertando o meio das suas pernas.

Ele agachou-se e reclamou de dor.

— Sua "vaca... Puta do caralho"... Você vai me pagar — garantiu.

Afastei-me rapidamente, indo em direção à porta. Antes que eu chegasse, senti aquela mão

pegando nas minhas pernas, me derrubando de cara no chão e arrastando-me. Meu rosto foi ralando, no piso de madeira, sujo de terra.

— Vamos ver sua valentia agora, vou "foder" seu "rabo" e relembrar os velhos tempos. — Tentei segurar nos pés da cadeira, ela caiu nas minhas costas, tirando-me as forças. Ameacei me virar e recebi um soco nas costas, roubando-me o meu fôlego. Senti o vestido subindo até a cintura e as mãos rasgando minha calcinha. Ele abriu minhas pernas, quando fechei os olhos e me preparei para a dor. Ouvi uma pancada. — "Caralho" — praguejou e caiu sentado.

Virei-me e vi Alicia com uma cadeira, havia acertado as costas dele. Os dois lutaram, fui me levantando, me arrumando e correndo para a porta. Virei-me rapidamente ao ouvir o disparo de outro tiro. Quando olhei, Nestor estava com a arma em punho e tinha acertado o abdômen do meu pai.

A porta abriu-se e Bryan entrou num rompante. Passando por mim como um foguete. Tentei segurá-lo, mas só consegui rasgar a beirada da sua camiseta.

— "Porra... Porra... Porraaaaaa... Caralho"... Eu vou matar você Nestor — gritou e voou pra cima do Nestor.

Ele começou a esmurrar o rosto do Nestor, com tanta raiva que eu fiquei desesperada. Comecei a gritar:

— PARA... PARA... PELO AMOR DE DEUS, PARAAAAAAAAAA! — Caí sentada no chão, coloquei as mãos no rosto e chorei copiosamente.

Em questão de segundos Bryan estava ajoelhado na minha frente.

— Meu Deus... Meu Deus... O que fizeram com você? Olha pra mim... Por favor, olha pra mim. — Colocou meu rosto entre as mãos e

começou a chorar comigo.

Encostei a cabeça em seu peito e o abracei. Nossos corpos tremiam e chacoalhavam. Ficamos ali, por um longo tempo. Enquanto as luzes das viaturas atravessavam as frestas das paredes de madeira. Os policiais entraram e solicitaram, pelo rádio, ambulâncias.

Nestor estava jogado em um canto. Alicia sentou-se ao lado do Leandro e amarrou um pedaço de pano em sua perna, para estancar o sangue. Meu pai continuava estirado no chão, infelizmente, só desacordado.

Capítulo 28 – Não Sinta Medo

— **“Merda”... Perdemos eles** — praguejou Caio, no alto-falantes do carro.

O que eu senti naquele momento? Impossível descrever. O mundo começou a rodar. Não fosse o fato de o Eduardo estar ao volante, eu teria batido o carro. Apertei a cabeça entre as mãos, conforme o desespero me bateu com força total. Minhas mãos tremiam e as malditas lágrimas inundavam meu rosto.

Eu sabia que o Eduardo e o Otávio falavam comigo, mas eu não conseguia ouvi-los, meu coração martelava nos ouvidos. Passei as mãos pelos cabelos e comecei a socar o painel do carro. Esfreguei as mãos no rosto, não podia manter um único pensamento direito, exceto um: *Eu a deixei, sozinha.*

— Bryan, “cara” me ouça — gritou Otávio,

pegando no meu ombro e apertando. — A polícia tem a foto do carro, vamos avisá-los que a equipe de segurança os perdeu.

Arranquei o celular do painel do carro e tentei enxergar o visor, a vista estava turva e embaçada. Minhas mãos tremiam tanto, que precisei parar um segundo e respirar fundo. Comuniquei à polícia, mordendo o interior da bochecha. Meus lábios e braços começaram a formigar. Abri e fechei as mãos várias vezes, buscando o equilíbrio.

— "Porra... Porra... Porra" — praguejei baixinho. Fechei os olhos com força, inclinei a cabeça pra trás... Inspirei... Expirei... Inspirei... Expirei... Inspirei... Expirei.

— Otávio... "caralho"... "Foda-se" se esse "imbecil" não vai ter um enfarto aqui — bradou Eduardo, batendo no meu rosto.

— Bryan... "cara". Controle-se, vamos ter

que te levar para o hospital — alertou-me Otávio.

Neguei com a cabeça e pedi um minuto, levantando o braço.

— Se você parar ou desviar do caminho, eu juro que arranco suas “bolas” na unha — ameacei o Eduardo.

O celular vibrou na minha mão, meu coração deu uma falhada. Atrapalhei-me com o aparelho. Atendi e coloquei no viva-voz.

— Senhor Bryan, a polícia localizou o carro. Estamos a caminho — comunicou Caio.

Soltei os ombros e puxei o ar dos pulmões.

Saltei do carro e corri em direção a casa, fui barrado de imediato.

— Ninguém entra, eles podem estar armados. Não vamos colocar a vida da refém em risco — comunicou o policial, segurando meu braço.

O lugar era monstruoso. Os pelos do meu corpo se arrepiaram só de olhar. Completamente afastado da civilização. No meio de um matagal. Como a casa ainda estava em pé, não se sabe. Por onde se olhava tinha entulhos. Fedia. *Meu Deus, meu anjinho está lá dentro.*

— Nem "fodendo" que eu vou ficar aqui, enquanto eles fazem, sabe lá o que, com a minha menina — exclamei e fui empurrando-o.

— Senhor, se não colaborar vamos ter que algemá-lo — advertiu com um tom ameaçador, segurando mais forte meu braço.

— Bryan, controle-se. Deixa "os caras" fazerem o trabalho deles. — Otávio me arrastou pra trás e continuou com a mão em meu ombro.

A espera era angustiante. Frustração, medo, impotência, ódio, sentimentos confusos passavam no meu íntimo. Meu cérebro trabalhava na velocidade da luz. O coração hora batia

descontrolado, hora falhava, a tal ponto, semelhando que pararia. O estômago virou um alvoroço. A pressão arterial oscilava. Tudo o que eu mais queria era entrar e pegar o meu tesouro. Socar a cara de um por um e mandar o mundo se “foder”.

As viaturas cercaram a frente da casa e vários policiais ocuparam os fundos. Todos com suas armas em punho. Eu não sabia onde ficar e andava de um lado para o outro, assassinando minhas bochechas e arrancando os cabelos.

De repente, um som de dentro da casa atingiu meu peito. As lágrimas voltaram a embaçar minha visão. *Um tiro... Gritos... Tiro... Não... Não*

— Que “porra” é essa? — gritei, atropelando todos a minha frente.

Arrepios dançaram em minha espinha. Gelos inundaram minhas veias e o meu único objetivo era chegar até ela. *Estou indo meu anjinho.*

— Senhor, não pode fazer isso. — Braços passavam por mim, tentando me segurar. Fechei os punhos e soquei todos. Uma força me tomou, meu corpo saiu varrendo tudo que viu na frente.

Chutei a “porra” da porta e entrei na casa. Em fração de segundos minha vida passou pelo meu cérebro. Meus olhos não esperavam ver a pessoa, que eu confiei por tantos anos – com uma arma em punho. E a mulher da minha vida – acuada. Seu vestido todo rasgado, rosto cheio de terra e... Minha mente tentou processar o que eu via, mas não conseguia compreender, a única coisa que consegui focar foi no sangue... *Sangue... Meu Deus... O que o Nestor fez a ela?*

Parti pra cima do Nestor, na intenção de acabar com a raça dele. *Como ele pôde? Erámos melhores amigos, o considerava da família.* Eu esmurrava o rosto dele e ele não se defendia. Sem sombra de dúvida eu já tinha quebrado seu nariz. O

sangue jorrava. Eu não ouvia, não enxergava, só sentia... ódio. Um grito desesperado me trouxe de volta.

— PARA... PARA... PELO AMOR DE DEUS, PARAAAAAAAAAA!

Olhei pra trás e vi Beatrice sentada no chão, com as mãos no rosto, chorando descontroladamente.

Larguei o corpo mole do Nestor no chão e me ajoelhei na frente dela.

— Meu Deus... Meu Deus... O que fizeram com você? Olha pra mim... Por favor, olha pra mim. — Coloquei o rosto dela entre as mãos e comecei a chorar junto.

Beatrice encostou a cabeça em meu peito e me abraçou. Nossos corpos tremiam. Ficamos ali, por um longo tempo.

A polícia invadiu a casa e o caos se instalou. Era gente pra todo o lado. Solicitaram

ambulâncias e começaram a averiguar o lugar.

— “Caralho”... Que “merda” passou pela cabeça do Nestor? Ele que fez esse estrago? — indagou Eduardo, entrando na casa – com Otávio logo atrás.

— Eu falei que a Alicia estava com uns papos estranhos — continuou Otávio.

As sirenes altas anunciaram a chegadas das ambulâncias.

— Senhor, precisa levantar-se e levar a garota para ser examinada — alertou-me um policial, colocando a mão em meu ombro.

— Gustavo — sussurrou Beatrice. — Ele levou um tiro, socorram ele primeiro. Estou bem. — Direcionou o olhar para o canto. — O Nestor. — Engoliu em seco. — Está cheio de sangue. — Levantou os olhos para o policial. — Eles primeiro, por favor.

Franzi o cenho e me levantei, trazendo-a

junto.

— Deixa de ser altruísta, Beatrice — repreendi-a, levantando seu queixo.

— Eles me protegeram — balbuciou.

— Não, na certa te drogaram. Que “porra” está acontecendo com você? Síndrome de Estocolmo?

— Bryan, por favor — implorou baixinho. — Peça para socorrerem eles primeiro.

— Senhorita, todos serão socorridos juntos. Não se preocupe — comunicou o policial.

***

O som do disparo me acordou. Dei um pulo da poltrona e levei uns segundos para recuperar o fôlego. Esfreguei os olhos e sacudi a cabeça. Rastreei o local com os olhos, até entender onde estava. Beatrice dormia como um anjo, na cama do hospital. *O maldito disparo não sai da minha*

cabeça, “caralho”.

Os médicos acharam por bem deixar Beatrice em observação. Vários policiais circulavam pelos corredores do hospital, aguardando os envolvidos se recuperar, para começarem os depoimentos. De antemão, avisei que minha menina não estava apta. Liguei para a doutora Perci e pedi que fosse ao hospital, o mais rápido possível.

Beatrice permaneceu calada, por todo o tempo. Seus olhos eram vagos. Algo muito grave acontecera dentro daquela casa mal-assombrada. O vestido dela estava rasgado e sua calcinha destruída. O rosto ralado e as unhas cheias de terra, debaixo. *Meu Deus, o que fizeram com ela? E se ela não se recuperar dessa vez? Estamos a dois dias do casamento.*

Toc-Toc. Ethan bateu de leve na porta e entrou, seguido da Mary e da Polyana. Deram um

tampinha nas minhas costas e se aproximaram da cama. Ele pegou em uma das mãos da Beatrice e a Mary na outra. As lágrimas escorriam pelos nossos rostos.

— Como ela está? — balbuciou Mary.

Dei de ombros e cocei a testa.

— Não sei — resmunguei. — Acho... — Coloquei o punho fechado na boca e mordi. Eu tinha vontade de socar a parede, até quebrar todos os meus dedos. — Como eu pude? — balancei a cabeça, fechei os olhos e respirei fundo.

Mary veio até mim e Polyana assumiu seu posto. Ela pegou em minha mão e apertou forte.

— Bryan, olha pra mim — pediu, com uma voz firme. — Você não teve culpa de nada. Se alguém teve culpa fui eu. — Colocou as mãos no rosto e começou a chorar.

Aproximei-me mais e a puxei para os meus braços.

— Eu sabia que o conhecia de algum lugar — declarou, com o rosto no meu peito. — Fui muito burra, deixei ele se aproximar dela.

Ethan veio até nós.

— Gente pode parar com isso. Nenhum dos dois teve culpa. Não vai resolver nada ficarmos aqui tentando descobrir onde erramos. Beatrice tem que contar o que aconteceu e colocar todo mundo na cadeia. — Passou as costas das mãos no rosto. Tirou a Mary dos meus braços e enxugou as lágrimas dela. — Pronto, chega de choro. A hora que a Trice acordar temos que apoiá-la, não ficar se lamentando, ok? — Agachou-se, ficando na altura do rosto da Mary. Pegou em seu queixo e a fez olhar pra ele. — Ok? Mary assentiu.

— Ela acordou — comunicou Polyana.

Corremos todos para o lado da cama.

— Meu anjinho. — Beijei sua testa.

Beatrice olhou para nós e não disse nada.

Uma lágrima escorreu no seu rosto.

— Trice, como você está? — Ethan perguntou, receoso.

Para o meu desespero, ela virou o rosto e não respondeu. Olhamos uns para os outros, perplexos.

— Minha menina... — Engoli em seco. — Não faz assim, por favor — sussurrei. — Estou morrendo minuto a minuto — completei e encostei a testa em sua têmpora.

Lentamente ela sentou-se. Levou os joelhos até o peito e os abraçou, afundando o rosto neles. Seu corpo começou se mover para frente e para trás e os soluços invadiram o quarto.

— Não! — gritei e coloquei as mãos na cabeça. Comecei a andar em círculo pelo quarto e chorar... Chorar como um "maricas". — Oh Deus! Oh Deus! Mil vezes não! O que eles fizeram com ela? — Tudo o que eu queria era colocá-la em meu

colo e dizer que ficaria tudo bem. Fechei o punho e soquei a parede. O sangue escorreu entre meus dedos. Tomei uma decisão. — Vou matar um por um, “filhos da puta”! — Virei-me em direção à porta. Levaria qualquer um que me impedisse, no peito. Um braço passou pelo meu pescoço e me derrubou no chão.

— Nem pensar! Controle-se seu “idiota”. Não está vendo que ela precisa de você “imbecil”? — Ethan me segurava com os braços no meu pescoço e as pernas por cima do meu corpo.

— O que está acontecendo? — perguntou o médico, seguido de uma enfermeira.

Sentado, observando o curativo em minhas mãos, aguardava a doutora Perci me autorizar a voltar para o quarto. Só o fato de a minha menina ter permitido minha saída, mexeu com todos os meus sentidos. Foi como se eu tivesse a perdido.

— Senhor Bryan, pode entrar — chamou-me a doutora.

Acomodei-me na poltrona, ao lado da cama. Peguei na mão da Beatrice, beijei o dorso e mantive presa a minha. Precisava daquele contato, ter a certeza de que ainda a tinha comigo. Seus olhos estavam inchados e o lábio inferior tremia.

A doutora sentou-se a minha frente e iniciou o discurso:

— Senhor Bryan. — Suspirou. — Ela está bastante abalada, será necessária muita paciência.

— O que for preciso — interrompi-a. — É só me dizer o que devo fazer. Ela falou com você? Disse o que fizeram com ela? — indaguei e mordi a parte interna das bochechas, com medo das respostas.

— Um pouco. Os irmãos só a levaram até o local, mas pelo que eu entendi os salvaram do psicopata do pai.

Olhei para ela, pedindo confirmação. Ela assentiu ainda em um funesto silêncio.

— A roupa dela estava toda rasgada — disse baixinho, controlando a respiração.

— O pai tentou estuprá-la. Ao que parece, Alicia e Nestor impediram. — A doutora antes de falar olhava para Beatrice, pedindo permissão. No momento em que ela pronunciou a palavra estupro, Beatrice fechou os olhos e apertou minha mão.

Cerrei o punho sem curativo, levei à boca e o mordi, fechando os olhos.

***

— Bryan, não hesite em me ligar, qualquer hora, está entendendo? — Ethan me alertou parado na porta da minha cobertura.

Ele, Mary e a Polyana, ficaram o tempo todo ao nosso lado. Beatrice só falou com a doutora. Os policiais tiveram dificuldade, porém, a

doutora ajudou bastante.

Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. Meu corpo doía. Estava com a mesma roupa, sem tomar banho, a mais de vinte e quatro horas. Precisava encontrar uma maneira de fazer a Beatrice se recuperar, um pouquinho que fosse. *Se o casamento for adiado novamente, não sei o que será de mim.* O relógio parecia estar dentro da minha cabeça. *Ouço o tic-tac dele.*

— Ethan. — Respirei fundo e medi as palavras antes de saírem da minha boca. — “Cara” estou “fodido” demais com toda essa “merda”. — Passei a mão na nuca. — Não “fode” mais. Por que eu ligaria pra você “caralho”?

— Deixa de ser “ogro”, Bryan. Acha que a Beatrice é sua? — bradou.

— Tenho certeza — disse, entre os dentes trincados.

— Ah... Deixa pra lá. — Jogou as mãos pra

cima. — Não vou brigar com você agora. Você entendeu. — Virou-se e foi até a porta do elevador, onde estavam a Mary e a Polyana.

Subi as escadas até a suíte, de dois em dois degraus. Cheguei à porta e parei. Ouvi barulho de água. Entrei de mansinho e fui até a porta do banheiro. Um alívio passou por mim, ao ver meu anjinho deitada na banheira, com a cabeça apoiada no encosto almofadado, de olhos fechados. Seu corpo estava imerso na água, cheia de espumas.

Os acontecimentos nos desestruturaram. Não vimos mais os irmãos: Alicia, Nestor e Leandro, nem o pai da Beatrice. Apesar de todos terem ficado no mesmo hospital, para facilitar o trabalho da polícia.

Beatrice relatou, com muita dificuldade, para a doutora, os detalhes. Um policial auxiliou que a doutora gravasse, assim, minha menina não precisaria repetir a eles. Quando ouvi a gravação

não acreditei. Ela tentou de todas as maneiras livrar os irmãos, principalmente o Leandro. *Como pode uma pessoa ser tão altruísta?*

Independente do depoimento da Beatrice, Alicia respondia processo por me drogar e agora tinha complicado para o lado dela. Foi acusada de sequestro. Não voltará para casa, do hospital vai direto para a cadeia. Nestor será acusado de cúmplice, mais o processo que abri contra ele, de roubo. Ele roubou descaradamente nossos clientes, colocando material inferior ao que foi contratado. Desviou dinheiro para uma conta em um paraíso fiscal. Otávio conseguiu o número da conta e testemunhas para depor contra ele. Leandro, pelo depoimento da Beatrice, me pareceu ter ido na conversa dos irmãos. Vai ser acusado de cúmplice do sequestro.

Aproximei-me e sentei na beirada da banheira, devagar, com medo de assustá-la. Ela

abriu os olhos e me encarou. Os olhos encharcaram-se na hora. Passei o polegar em sua testa.

— Posso entrar? — Meu corpo se retraiu com a pergunta. Não podia estar acontecendo aquilo. *Quando que eu precisei pedir autorização para entrar na banheira com ela? Se o "filho da puta" não morrer, eu mesmo o matarei...*

Beatrice ficou tensa, mas concordou.

Tirei a roupa, jogando-a em um canto e entrei. Afastei seu corpo e me encaixei em suas costas, abraçando-a. Ela apoiou a cabeça em meu peito e colocou as mãos em meus braços.

— Ele morreu? — Foi à primeira coisa que ela pronunciou, depois de horas sem se comunicar.

— Ainda não — reclamei. — "Filho da puta" — praguejei e beijei o topo da cabeça dela.

— Ele vai morrer? — Eu quase não entendia o que ela dizia. A voz estava embargada e

muito baixa.

— Espero que sim — declarei. — Não quero ir para o inferno, por ter que matar alguém. — Ela endureceu o corpo e apertou meus braços.

A taciturnidade do momento valorizou o som dos jatos da hidromassagem. Mesmo imersos na água quente, nossos corpos estremeciam – involuntariamente.

— Bryan.

— Hum — respondi e beijei seu pescoço.

— É amanhã — completou.

— Ahram — gemi. Retraí o abdômen, temendo que ela dissesse não estar preparada.

— Estou com medo — confessou, baixinho.

— Eu sei — concordei e me calei.

Cuidadosamente a fiz virar-se e colocar uma perna de cada lado do meu corpo, para que eu pudesse olhar nos seus olhos. Ter a certeza de que não estavam mais vagos. Coloquei o rosto dela em

minhas mãos e encostei nossas testas.

— Eu sei que eu falhei, mas... — Respirei fundo. — Me perdoa, nunca mais vou te deixar sozinha — prometi e coloquei rosto dela em meu ombro. Abracei-a forte. — Não sinta medo. Eu sempre vou te proteger. — Parei um pouco e recuperei o fôlego. — Sempre te trarei de volta... Sempre... Eu juro.

O mundo poderia acabar, tínhamos voltado para a nossa redoma. Só nós dois, sem mais ninguém. *É só o que eu preciso, dela*.

Capítulo 29 – Antes que Você Fuja

Meus nervos estavam em frangalhos. Sabia que estava fazendo a coisa certa, entretanto, continuava uma pilha. A casa dos pais do Bryan borbulhava de gente. Um tropeçava no outro. Decidimos nos casar na praia, complicando a vida dos meus futuros sogros.

Eu precisava de um momento, sozinha, para refletir – sobre o grande passo que estava dando – e digerir os últimos episódios. Uma escapadela, consegui me trancar na biblioteca/sala de brinquedos. Soltei o corpo sobre um pufe e relaxei. Não estava sendo fácil, toda àquela movimentação. Sentia o estômago dar cambalhotas. *É o dia do meu casamento.*

O pensamento fez as batidas de o meu coração oscilarem. Não era preciso um papel, para eu me sentir segura, porém, para o Bryan – sim. Na

cabeça dele garantiria minha proteção – do mundo.

O dia mais importante da minha vida aconteceria em uma praia reservada de Santos. Início de outono, as praias não são tão movimentadas. No pôr do sol, o vento estava gelado, carregado da unidade do mar. Teríamos privacidade. *Ou não.* As atenções estavam voltadas para nós. Capas de revistas e sequestro, não são coisas fáceis dos paparazzi ignorarem.

Meu nervosismo não era apenas por ser a noiva. Minha mãe estaria lá, sentada na primeira fileira. Não a vi mais depois da visita ao hospital, mas Rogério me ligava, praticamente todos os dias, me atualizando do seu estado de saúde. A cada ligação eu percebia um abatimento maior na voz do meu padrasto. Ele tentava, a todo custo, me fazer entender como era importante que eu a perdoasse. Mesmo ainda não me sentindo preparada, concordei em deixá-la assistir à cerimônia.

Encarei o teto e mexi os ombros, tentando aliviar a tensão que só aumentava – não funcionou. Estava muito nervosa. Levantei-me e fui até a varanda. Encostei-me à grade e permaneci ali. Pessoas iam e vinham. Umas falavam alto, outras gesticulavam. As crianças não se incomodavam com os adultos, brincavam sentadas no gramado, como em um dia qualquer.

Fechei mais o *hobby* que vestia, sentindo um arrepio passar por mim. Meus cabelos enrolados em grandes bobes. As unhas das mãos e pés ainda cheiravam a esmalte. Levantei as mãos e olhei as francesinhas, pensando em como eu teria que cuidar, para não estragá-las – antes da cerimônia. Voltei para dentro e me aproximei do vestido que eu usaria, estava pendurado na lateral da estante. *Uma grande bobeira isso.* Ficaram procurando um lugar onde o Bryan não o veria. *Como se algo o impedisse.*

Meu homem. Quando que eu imaginaria estar me casando com um deus grego? Não conseguia fazer uma retrospectiva, em minha mente, e entender o exato momento em que tudo aconteceu. Eu tinha a impressão de que foi no instante em que eu ergui os olhos e o vi me oferecendo ajuda, para eu me levantar.

Se o meu pensamento estivesse certo, diria que foi amor à primeira vista. Contudo, muitas coisas aconteceram após o encontro, que aparentemente foi desastroso.

Passei as mãos pelo vestido e fiquei admirando-o. O provei algumas vezes, durante o feitio, porém, vê-lo pronto, mexeu com minhas emoções. *Ele vai perder o fôlego!* O vestido era simples, mas marcante. Mary me ajudou a escolhê-lo, ou, eu a ajudei. Bryan valoriza a simplicidade, gosta de dizer que eu tenho uma beleza singela, sem retoques. Não arriscaria pecar por exageros no

nosso dia. Sem contar que casamento em praia, no final da tarde, não combina com brilhos e pedrarias.

A parte de cima do vestido, rendada, com mangas japonesas e decote princesa. A cintura marcada, com saias de musseline caindo até os pés. *Elegância discreta.* Calçaria sapatos altos, porém, confortáveis.

Em cima da mesa tinha uma caixa com os acessórios que eu usaria. Um conjunto de colar e brincos de platina, com pequenas pedras de safira, discreto. *Algo novo e azul.* Presente da, minha cunhada, Gaby. Uma pulseira de ouro branco, trabalhada com minúsculos brilhantes. Minha avó materna a usou no dia do seu casamento e me fez prometer que a usaria no meu. Como eu recusaria um pedido vindo dela? *Algo velho.* Em cima de tudo estava o véu de tule, que minha irmã usou em seu casamento. Fiquei um pouco receosa em aceitar, afinal o casamento dela não foi feliz. O

olhar de súplica da minha irmã me fez mudar de ideia. Não me faria mal algum, e, o véu combinava. Três camadas de tule curto. *Algo emprestado.*

Tateei todos os itens e analisei o quão supersticiosos éramos. Seguíamos à risca as tradições, para que o casamento desse certo. Soava engraçado, por estarmos no século XXI. *Melhor prevenir do que remediar.*

Comecei a ouvir um burburinho do lado de fora e me aproximei da porta, encostando a orelha nela.

— Cadê ela? — bradou Bryan. — “Porra” Mary, não posso sair um minuto sequer e vocês a perdem? — emendou.

Bryan precisou sair para buscar seu traje e eu aproveitei para ficar sozinha, sem comunicar ninguém. Eu até compreendia o medo dele. *Dois dias*... Respirei fundo, me lembrando do quão difícil foi me deparar com o meu passado

assombroso. Precisei de ajuda médica, caso contrário, não estaria me preparando para me casar. O pânico chegou ao nível máximo em minha vida.

O que me deu coragem de descer a serra para casar-me foi à notícia que recebemos às quatro e meia da manhã:

> *"— Bryan falando — atendeu, com sua saudação formal, sem conhecer o número no identificador. Ouviu o que a pessoa disse e pediu um minuto, colocando o aparelho no viva-voz. — Pode repetir, por favor?*
> *— Então, senhor Bryan, o pai da sua noiva acordou, relativamente bem. Alimentou-se normalmente, chegou inclusive a dar seu depoimento à polícia. Porém, na madrugada, a enfermeira o encontrou morto. O laudo do médico ainda não saiu. Todos se espantaram de ele ter acordado,*

pois o tiro atingiu uma região complicada e não foi possível remover a bala. Sem contar que ele perdeu muito sangue, teve hemorragia interna.

Alívio... Só o que pudemos sentir. Bryan colocou meu rosto entre as mãos e sussurrou:

— Acabou."

Batidas forte na porta me assustaram. *Acabou meu momento de reflexão.* Abri a porta e dei de cara com um Bryan – louco da vida.

— Meu anjinho. — Entrou e me abraçou, como se o mundo estivesse acabando. Mary balançou a cabeça, atrás dele, e colocou as mãos nos quadris, fechando a cara.

Ele me afastou um pouco e verificou minha aparência. Um sorriso surgiu no canto de seus lábios.

— Você está cada vez mais linda. — Pegou em minha mão e me girou.

— Gostou do penteado? — brinquei.

— Chega, xô Bryan. A Trice precisa se arrumar — alertou Mary, puxando o braço dele. Ele só a empurrou, sem se virar. — Bryan... Não estou brincando — exclamou, tentando puxá-lo de novo.

— Esqueça Mary, esse homem é um furacão quando se trata da Trice. Deixa ele marcar o ponto dele, depois voltamos — falou o Ethan.

Bryan virou-se, com o cenho franzido.

— Como assim? Voltamos? Se tá de brincadeira comigo, Ethan? Não vou deixar você arrumar a Beatrice — disse, praticamente gritando.

— Vou arrumar o cabelo e fazer a maquiagem, Bryan. Deixa de ser quadrado “cara”. Não percebeu ainda que você é quem não pode ficar sozinho comigo? — provocou e gargalhou.

— Argh! — Fez uma careta. — Sem

chance, Ethan. Você é pervertido demais — comunicou e foi empurrando a porta contra os dois.

— Trice, não deixa ele ver o vestido, por favor — gritou a Mary, por cima dos ombros do Bryan.

Bryan fechou a porta e trancou-a, encostando-se a ela. Abriu o sorriso mais lindo de todos, devastador. Aquele "ensopa calcinhas" – como diz a Mary. Mantemo-nos em uma profunda conexão no olhar, sem nenhuma palavra.

— Não me canso de admirar sua beleza — falou finalmente, sem se mover.

Dei de ombros e arqueei as sobrancelhas, me sentindo constrangida. *Constrangida? O que esse deus ainda não viu aqui?*

— Abra o hobby — ordenou, com uma voz rouca.

Neguei, mordendo os lábios. Sentindo tudo, em mim, amolecer. *Sempre será assim? Nunca vou*

resistir aos encantos dele?

— É a tradição — esclareci.

— "Foda-se" — retrucou, estreitando os olhos.

Sabia que não o evitaria – "*onde, quando e como eu quiser"*. Mary, Ethan e o cerimonialista, me matariam se o deixasse atrasar tudo, mas... *Ufa! Não consigo resistir.*

Analisei o visual dele, enquanto seu peito se expandia. Bermuda, camiseta larga – gola V, chinelos de dedo, cabelos bagunçados e um olhar quente, cheio de luxúria. *Ai Meu Deus!* Todos ficaram falando para nos evitarmos, perto do casamento. Que a tradição... *Porcaria de tradição*... Pedia que ficássemos no mínimo uma semana sem sexo. Praticamente seguimos a tradição, sem querer. Os acontecimentos nos forçaram.

Bryan não é o tipo de homem que fica uma semana sem sexo.

— Está sem nada aí embaixo? — Apontou para o meu corpo, com olhos cheios de segundas intenções.

Meneei a cabeça. Meu corpo começou com a traição. Assim que Bryan me tocasse todo o controle iria por água abaixo. *Formigamento por toda parte.* Ao mesmo tempo em que eu buscava ser racional, queria...

Que ele me tomasse, sem pensar em nada;

Que ele limpasse da minha mente as horas de horror que passei dois dias antes;

Que ele varresse para o inferno os últimos resquícios do toque do meu pai;

Que ele fosse o Bryan... Meu Bryan...

Abri lentamente o *hobby*, revelando a lingerie rendada e branca. Sutiã meia taça, calcinha fio dental, meias sete oitavos – com barrado de renda e cinta liga. Claro que foi a Mary que me deu. Eu não seria tão ousada. Até ousei na escolha

do que usaria na noite de núpcias, mas... Por baixo do vestido de noiva... *Misericórdia*... Só minha amiga mesmo.

Bryan piscou algumas vezes. Passou a língua pelos lábios e seu peito se expandiu ainda mais.

— Uau! — Respirou fundo.

Seus olhos passearam lentamente pelo meu corpo, enquanto seu peito se movimentava com intensidade. Involuntariamente, meus dedos dos pés começaram a se contorcerem.

— Pronto, já pode ir. — O desejo em minha voz me denunciou. *É impossível resistir.* Bryan me encarou, com olhos repletos de admiração.

Movimentei-me antes que ele. Com alguns passos, estava a milímetros dele. Fixei meu olhar em seus lábios carnudos, sentindo sua respiração acelerar. O movimento do seu peito era tão intenso, que quase se encostou ao meu. Aproximei meu

lábio no dele e permanecemos nos olhando. O único toque entre nós era nossos lábios.

— Isso dá azar, não pode me ver antes do casamento — adverti-o, implorando para ele ignorar.

— É só me dizer pra ir — sussurrou.

Revirei os olhos.

— Você não obedeceria.

— Você está certa — disse baixinho e pegou meu lábio inferior com os dentes. Como de costume, deu uma leve puxada e em seguida passou a língua, sem desviar os olhos dos meus.

Sua boca buscou a minha e a língua pediu passagem, incentivando meus lábios a se abrirem. Tudo foi se dissipando e ficando no passado. A reivindicação do Bryan, por mim, foi assaltando meus sentidos. Continuávamos sem nos tocar, exceto nossos lábios e o baile das línguas. Um calor subiu pelas minhas pernas. O movimento lento da

sua língua provocou um gemido no fundo da minha garganta. Senti seus lábios se mexerem, com um sorriso. Foi inevitável, a sensação entre as minhas coxas aumentarem, enquanto ele me adorava delicadamente.

— Bryan — ofeguei —, vamos nos atrasar.

— Não me peça para parar de te beijar — murmurou e colocou a mão em minha nuca, enviando sinais para todo o meu corpo. Levou meus lábios novamente para o dele e aprofundou o beijo. De delicado passou para sedento.

Coloquei as mãos em seu peito e o afastei.

— Você bebeu — acusei-o. Apesar do gosto de uísque ser agradável, meu histórico com pessoa alcoólatra, me assusta.

— Só uma dose — confessou.

— Está com dúvida? Por isso precisou beber? — *Maldita insegurança.*

Ele não respondeu. Ajoelhou-se a minha

frente e me puxou junto. Pegou meu rosto com as duas mãos.

— Está pronta?

— Está devolvendo a pergunta pra mim? Quer saber se ainda quero me casar com você?

Um sorriso lento se formou em seus lábios.

— Não, isso já está mais do que decidido. Só quero saber se está preparada.

— Adoro saber que o que eu disser não mudaria em nada — ironizei.

Outro sorriso, agora bem atrevido, acompanhado de uma encolhida de ombros.

— Não quero que fique nervosa. — Beijou a ponta do meu nariz. — Eu nunca mais vou te deixar sozinha. — Me abraçou. — Sempre te trarei de volta... Sempre... Não se esqueça disso.

— Preciso me arrumar — balbuciei em seu pescoço. — Eu vou me casar hoje, sabia? — brinquei.

— Hum... Sério? Quem é o sortudo? — divertiu-se, pegando em meu queixo e levantando-o.

— Um deus grego, possessivo, ciumento, descontrolado, com um sorriso que ensopa calcinhas, mas... — Suspirei. — Roubou meu coração.

Ele franziu o cenho e fez uma expressão de perplexidade.

— Deus grego... Ensopa calcinhas... Caramba... Apresenta-me, quero ver de perto esse “cara” — zombou de mim.

Dei um tapa em seu ombro.

— Seu bobo. — Acariciei seu rosto e beijei-lhe no queixo. — Não vejo a hora de me casar com ele.

— Esse “cara” ganhou na loteria — disse e beijou meu pescoço, provocando arrepios em meu corpo. Lambeu meu pescoço até chegar à orelha. —

Eu te amo — sussurrou.

Meus lábios se curvaram em um sorriso de satisfação.

— Eu também.

Batidas estrondosas na porta quebrou completamente o clima.

— Beatrice Maltez, faltam apenas duas horas para o casamento e você está aí, trancada com o “ogro” do seu noivo. “Cacete” dá pra vocês dois pararem de agir como duas crianças? — Ethan gritava.

Bryan fechou meu *hobby* e me levantou junto com ele. Encostou os lábios na minha orelha.

— Daqui a duas horas não vou mais ouvir esse nome Maltez. Você será a senhora Soutto. — Afastou-se e me olhou nos olhos. — Ainda não entendi porque não contratou uma maquiadora e cabeleireira. Ou passou o dia em um SPA, sendo paparicada.

— Não gosto dessas coisas, Bryan. Ethan e Mary estão fazendo tudo com muito carinho. Não os censure.

Ele esticou o braço em suas costas e destrancou a porta. Ethan adentrou e Mary veio logo atrás.

Bryan continuava me encarando. Nossos lábios quase se tocavam. De repente, mãos me agarraram, me afastando do meu homem. Ele não impediu só me lançou um olhar apaixonado e balbuciou:

— Eu te amo. — Virou e saiu, fechando a porta atrás dele.

Um vazio tomou conta do meu ser. Senti um nó na garganta e o peito se apertar. *Isso é maluquice, não tem outra explicação. Acho que precisamos de tratamento.*

— Dá pra parar de se mexer garota —

reclamou o Ethan, puxando de leve uma mecha do meu cabelo. — Aff! Custava vocês esperarem para depois do casamento, para ficarem se lambendo? — criticou, irritado. — Agora olha aí, estou todo atrapalhado. Detesto fazer as coisas correndo. Vou ter um trabalho gigante pra tampar esse chupão no seu pescoço e essa cara toda ralada. Ô garota pra se enfiar em enrascada!

— Vai começar a sessão de reclamações? Velho gagá — brinquei e fiquei ereta, antes de receber outro puxão de cabelo.

— Engraçadinha — me censurou. — Está sabendo do babado?

— Que babado — Mary perguntou de onde tirava o vestido do cabide.

— Melhor contar depois, vai deixar a lindinha abalada.

— Agora pode contar, Ethan — solicitei.

Antes de continuar ele parou e ficou de

frente pra mim. Levantou meu rosto e me fitou sério.

— É sobre seu pai. — Ergueu as sobrancelhas.

Fiquei tensa, mas precisava aprender a lidar. Assenti para que ele continuasse.

— Ok, você viu que eu perguntei antes né, Mary? Se ela entrar em transe você precisa me defender do “ogro”. — Ele não estava brincando e o fato me fez apertar as mãos em meu colo.

— Não te defendo de nada, você que começou, Ethan — protegeu-se Mary, vindo para o nosso lado, com o vestido nas mãos.

— Deixa pra lá, o Bryan vai te contar — emendou Ethan.

— Ethan — adverti-o, levantando uma sobrancelha, encarando-o pelo espelho.

— Ok... Ok... Ok... Alicia se “fodeu”, mais ainda, com o depoimento do seu pai. Pronto falei

— vomitou a informação em cima de mim, rapidamente.

Gelei e comprimi a barriga. Meu estômago deu uma revirada. Respirei fundo.

— Como? — murmurei.

— Simples, ele voltou do inferno só para contar a verdade. Porque o estuprador “filho da puta” já estava no inferno. Mas aí o diabo olhou bem para ele e disse: “Volta pra “foder” à vida daquela gostosa.” — Fitei-o, séria. Ele deu de ombros e prosseguiu. — O que foi Trice? Relaxa esses ombros, vamos. — Pegou em meus ombros e os chacoalhou. — Eu dava qualquer coisa pra ver a “vaca” loira no meio das detentas. Vai ser o prato predileto delas, por *“long time”*. Pensa... Mais ou menos como a lagosta da prisão.

Ethan e Mary bateram as mãos e fizeram uma dancinha idiota, em comemoração. Eu não conseguia me divertir com algo tão perverso.

Quando viram que eu não me movi pararam.

— Quem é o velho aqui, hein? — disse, cutucando meu ombro.

Maquiagem e cabelos prontos. Estava se aproximando o momento. Cada vez que eu pensava, as borboletas se agitavam em meu estômago.

— Já pra dentro desse vestido, Trice — ordenou Mary, segurando-o.

Dei um passo pra frente e me apoiei nela, entrando no meu vestido de noiva. *Vestido de noiva.* Virei-me para que ela pudesse fechar os pequenos botões de pérolas. Assim que terminou, pegou em meus ombros e me colocou novamente de frente pra ela.

— Ethan, traz os sapatos aqui, por favor.

Levantei a barra do vestido e calcei os sapatos, com a ajuda do meu irmão.

— Pronta — disse Mary, ajeitando o véu

em minha cabeça. Com os olhos embargados.

Ameacei abraçá-la.

— Nada feito, tivemos muito trabalho para você estragar tudo, antes de sairmos — repreendeu-me e beijou meu rosto. — Você é a noiva mais linda de todas.

***

— Você está perfeita! — Ethan se aproximou – elogiando-me.

As folhas das árvores cobriam as calçadas e o vento, que outrora era quente, refrescava. O sol ainda permanecia alto, porém, com algumas nuvens o camuflando. A decoração requintada mostrava luxo e bom gosto. Tulipas brancas e vermelhas foram às elegidas para a consagração. O mar azul atrás do altar tornava o ambiente esplendorosamente romântico.

— Como não estaria, Ethan? Olha o brilho

nos olhos dela, qualquer que fosse o vestido escolhido, ficaria linda — concluiu Mary, minha amiga de todos os momentos.

Tudo parecia surreal, uma expectativa se formou dentro de mim, de como seria dali para frente. Emoções misturadas causaram um turbilhão em meu âmago.

Havia gente por todo o lugar, os esforços em manter o evento em segredo e de ter uma cerimônia simples, foram em vão. Mediante o desencadeamento de tantos fatos, a mídia alvoroçou-se. Nada e ninguém contribuíram para que a cerimônia passasse despercebida.

Qualquer uma estaria nervosa. Não era de se estranhar que minha confiança estivesse abalada, depois de tudo o que tinha acontecido.

— Quase lá querida — sussurrou Ethan, ao meu ouvido. — Não tenha medo, nunca vou te abandonar — disse e pegou em minhas mãos,

levando-as aos lábios. Beijou o dorso delas, com os olhos marejados.

Um cheiro invadiu o local, tomando conta das minhas entranhas. Não foi preciso me virar para saber que ele estava ali.

— O que está fazendo aqui? Não sabe que dá azar? — advertiu Ethan, aborrecido, o empurrando para fora.

Nossos olhos cruzaram-se e todo o medo, que estava tirando-me do eixo, deu lugar a um sentimento de ternura e conforto, indescritível. Ignorando a relutância de Ethan, ele caminhou até mim, inclinou o corpo e passou os braços pelas minhas pernas, pegando-me no colo.

— Apoie-se em mim minha menina, daqui para frente esse é o seu lugar. Nada e nem ninguém mudará isso — balbuciou e encostou os lábios na minha testa, com os olhos fechados e a respiração descompassada.

Todos nós ficamos de boca aberta quando entendemos o que ele pretendia fazer. Jogar pra escanteio todas as porcarias de tradições. Mostrar ao mundo que não se importa, nem um pouco, com a opinião das pessoas. Dizer de peito aberto: “Onde, como e quando eu quiser”. Gritar sem palavras: “Ela é minha”.

Ethan colocou a mão na frente da boca e arregalou os olhos.

— Você não vai fazer o que estou pensando, vai? — *Pergunta inocente, Ethan.* — Meu Deus, Mary ele vai acabar com toda nossa programação. Vai detonar com tudo. “Caralho”, ele não pode fazer isso. Alguém tem que parar esse “cara”. Beatrice! Faça alguma coisa. — O desespero tomou conta do Ethan.

Levantei os olhos e encontrei um ligeiro sorriso nos lábios do meu amor.

— O que você está fazendo? — indaguei

baixinho.

Bryan expandiu o sorriso e beijou meus lábios de leve. Seguiu com seus lábios até minha orelha e murmurou:

— Vou correr com você para o altar e dizer sim logo, antes que você fuja. — Seu corpo vibrava enquanto pronunciava as palavras. — Não vou correr o risco. Quero garantir que nada mais vai atrapalhar de você ser oficialmente minha — confessou.

Não sei dizer se me espantei. Do Bryan podíamos esperar qualquer coisa.

— As pessoas estão esperando — alertei-o, concordando com toda aquela loucura.

— Está pronta para me amar, honrar e principalmente me obedecer? — divertiu-se e beijou a ponta do meu nariz.

Sorrimos um para o outro e ouvimos a marcha nupcial avisando-nos que tinha chegado à

PERIGOSAS NACIONAIS

hora.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30 – Quebrando a Tradição

UM TABLADO DE MADEIRA FOI MONTADO na areia, para acomodar o altar e os bancos dos convidados. O clima fresco colaborou para o ambiente ficar agradável. Nossa flor favorita adornava todo o espaço. As tulipas brancas representando o perdão que, mesmo eu não merecendo, Beatrice me concedeu – mais de uma vez. E as vermelhas, o nosso amor.

Era final de tarde e, como programado, o sol se punha – cenário perfeito.

O dia foi corrido, chegamos em cima da hora à cidade, por conta dos obstáculos que tivemos que enfrentar. Quase não consegui dar atenção aos familiares hospedados na casa dos meus pais. Tudo estava correndo dentro do planejado, porém, minha única preocupação era com a noiva – minha menina.

Beatrice recuperou um pouco de segurança, com o passar dos dias, contudo, depois do sequestro, achei que ela surtaria completamente. Demorou horas para ela voltar a si. Serei eternamente grato a Dra. Perci – me salvou. Cheguei a pensar que não teria mais casamento.

Ethan e Mary foram essenciais. Mesmo não me sentindo confortável em dividir meu anjinho, não tive escolha. No início fiquei “puto da vida”, depois entendi que fazia parte do processo. Um processo que trouxe Beatrice até mim. Valeu a pena tolerar os dois.

Observei, por todo o dia, as pessoas se esforçando para eu não ver o vestido da noiva e muito menos ela pronta. Não me adiantei em estragar o prazer deles. Mal eles sabiam que eu a carregaria até o altar, sim, com aqueles infinitos ataques de pânico, não correria o risco de ser largado no altar.

Olhei-me no espelho e gostei do que vi. Calça caqui, camisa branca, gravata borboleta vermelha e suspensórios caramelos... *Sim... Suspensórios!* Sem paletó e sapatos da cor dos suspensórios. Penteei os cabelos pra trás e ergui o queixo – conferindo a aparência.

Beatrice, desde o início, deixou bem claro que queria algo simples e elegante. Foi ela quem escolheu a locação. A decoração, confiamos ao Ethan, para que encontrasse a melhor opção. Claro que estipulamos algumas regrinhas, para ele não transformar a festa em um baile a fantasia, ou coisa do tipo. Minha única e exclusiva exigência foi às tulipas.

Cheguei ao local bem antes da maioria das pessoas, queria garantir que estivesse tudo dentro dos conformes. O *Buffet* contratado dispunha de um espaço à beira mar. A cerimônia aconteceria na areia enquanto que a recepção no espaço fechado,

cercado de vidros.

O lugar, apesar de exalar simplicidade, estava requintado. Tudo fora preparado com muito capricho. Mesas redondas, forradas com toalhas de linho brancas, com vasos de cristais colocados ao meio, repletos de tulipas. Organizadas com perfeição para o jantar, que seria servido logo após a cerimônia.

O cardápio foi selecionado pela Gaby. Disse com todas as letras: *"Nada de frescuras, Bryan. Esses lugares que você está acostumado a frequentar só faz a gente passar fome" – Essa é a minha irmã.* Massas compunham a maioria dos pratos acompanhados de carnes, muitas frutas e pães à vontade.

Os convidados começaram a chegar, receosos. Olhavam-me de soslaio. A impressa não dera trégua. Em toda parte da internet estava à foto da Beatrice e da Alicia. *Sensacionalistas do*

“caralho”. As mais bizarras histórias surgiram sobre o sequestro. Como era de se esperar, estavam acampados na entrada do Buffet. Esperando o momento de atacar. Cuidei para que Beatrice chegasse num carro blindado, com película escura nos vidros. Combinei com a equipe de segurança para despistá-los, quando fosse o momento de ela chegar.

Cumprimentei alguns amigos que não via há algum tempo. Conversei com alguns convidados, mas estava muito... muito nervoso. Sentindo-me um “frouxo”. Respirava fundo, a cada instante. Esfregava as mãos, uma na outra. Coçava a nuca, a barba. Controlei-me para não acabar com o meu cabelo. Mordia tanto a parte interna das bochechas que tive a impressão de sentir gosto de sangue. *Controle-se “porra”!*

— “Cara” acho que estou sonhando — falou Eduardo assim que adentrou. Bateu nas

minhas costas. — Olha pra nós dois, “foda-se” se não estamos parecendo palhaços. — Sacudiu a cabeça, inconformado. — “Meu” nunquinha na minha vida, nem em um sonho, eu achei que veria isso acontecer. Bryan, o “Rei das noitadas” casando-se. E para piorar, eu, Eduardo, “trouxa”, de padrinho, vestido igual ao palhaço do noivo.

Encarei meu amigo, com o cenho franzido, não me dei ao trabalho de responder.

Ethan e suas ideias. Convenceu-me, *não sei como*, para que eu e todos os padrinhos estivéssemos vestidos iguais. Eduardo, Ethan, Otávio, Nathan e Eu... *Será que vamos realmente parecer palhaços?* Chacoalhei a cabeça e desviei o pensamento, até porque, naquelas alturas do campeonato, não resolveria nada eu me preocupar.

As meninas não se safaram das ideias malucas do Ethan. Os vestidos delas também eram idênticos. E a cor nada discreta – vermelho. Mary

me pegou um dia e disse: *"Bryan, vermelho é uma cor muito forte para casamentos, podemos só colocar tulipas brancas na decoração?"* Como a resposta foi não, ela completou: *"É vermelho que você quer? Vermelho terá. Depois não reclame!" – Quando digo que tenho que tolerá-los, não estou exagerando.* Mary, Gaby, Polyana e Karin, compunham a equipe de madrinhas.

Meus pais não paravam de me beijar, quando decidimos convidar a Karin para madrinha. Mérito da minha menina, ela não é só o meu anjinho. Faz toda a diferença em nossa família. Conseguimos a liberação da Karin, da clínica, por três dias. Ela sofreu bastante na primeira semana de tratamento, mas tem conseguido ter um avanço significativo. Ficamos um pouco preocupados com sua aparência. Perdeu peso e suas olheiras eram fundas. Nathan foi buscá-la e conversou com o responsável, ele garantiu que ela estava bem, que

pelo pouco tempo, ainda sentia muito a falta das drogas.

Olhei no “Rolex” e dei uma retraída na barriga. Quase na hora. *Cadê a Beatrice?*

— Preparado para se amarrar? — Otávio perguntou, puxando-me para um abraço.

— Já estou amarrado faz tempo — respondi, aceitando o abraço.

Otávio merecia um pedestal. O “cara” salvou minha empresa. Dedicou-se em tempo integral, até encontrar provas contra o Nestor. Sem contar que me ajudou com a Karin e a Beatrice. Por vezes, me alertou da minha obsessão: *“Bryan, “cara”, mulher nenhuma no mundo tolera isso. Você a sufoca.”*

Examinei todo o espaço e um frio passou pela minha espinha. Estava lotado, ou seja, era chegada a hora. O som de motor de carro, vindo dos fundos, chamou minha atenção. Ergui os olhos

e soube que era Beatrice chegando, com Mary e Ethan. Esperei um tempo, para que se acomodassem. Logo o cerimonialista me avisou que eu tinha que seguir para o altar, acompanhado dos padrinhos. Pedi que eles fossem à frente. Colocaria meu plano em ação.

Meu coração deu uma falhada, quando a avistei – de perfil. Ethan e Mary falavam com ela. Pegavam em sua mão, beijavam-lhe e conferiam os últimos detalhes do seu vestido. Aproximei-me devagar, não queria chamar atenção. Ela sentiu minha presença, assim que coloquei os pés na sala em que estavam. Virou o rosto em minha direção, relaxou os ombros e suspirou. Imediatamente Ethan percebeu e veio pra cima de mim. Empurrava-me e implorava para eu sair. Meus sentidos estavam todos voltados a ela. O único som nos meus ouvidos era da sua respiração acelerada. Nada do que ele dissesse me faria voltar atrás, na minha

decisão. Eu nem ouvia o que ele dizia.

Cheguei até ela a passos largos e a peguei no colo. Beatrice passou os braços pelo meu pescoço e abriu o mais lindo sorriso. Era a confirmação que faltava. Eu sabia que se a deixasse, sozinha, ela não conseguiria. Por mais forte que ela tente ser, é sensível, tudo está muito recente.

Enquanto Ethan se desesperava, e dizia coisas às nossas costas, nós nos admirávamos e conversávamos em sussurros. O mundo não interessava, naquele momento. Tínhamos entrando em nossa redoma. Ninguém seria capaz de invadir. Ali dentro éramos só nós dois.

— As pessoas estão esperando — alertou-me, ainda sorrindo.

— Está pronta para me amar, honrar e principalmente me obedecer? — diverti-me e beijei a ponta do seu nariz.

Sorrimos um para o outro, ouvindo a marcha nupcial, avisando-nos que tinha chegado à hora.

Virei o rosto e adverti os dois:

— Os padrinhos e madrinhas deveriam estar todos no altar, é a tradição — provoquei-os.

Saíram marchando e praguejando.

— Pronta? — murmurei, admirando o rosto do meu anjinho.

— Sim — balbuciou.

— Sempre te trarei de volta... Sempre... Eu te amo — sussurrei.

— Eu também.

Ajeitamo-nos, da melhor forma possível e caminhei entre as pessoas. Chegando à ponta da passarela, o burburinho tomou conta:

"Meu Deus, ele é maluco..."

"Nunca vi isso na minha vida..."

“O noivo não pode ver a noiva, por que ele está carregando ela?...”

As pessoas arregalavam os olhos e colocavam a mão em frente à boca, inconformadas. Eu estava achando muito engraçado toda àquela movimentação. *“Porra de tradição”.* Na verdade, meu olhar permanecia fixo nos olhos da minha menina. Por todo o trajeto me certifiquei se ela estava bem e confortável com o meu plano. Uma onda de felicidade passou por mim, ao perceber que tinha acertado.

O corredor estava ornamentado com pilastras de madeira, envoltas em tule e nas pontas, tulipas. O altar estava preenchido pelos nossos padrinhos que sorriam. Somente Ethan e Mary rateavam, tínhamos estragado o planejamento deles.

Subi os degraus do altar e aí sim, coloquei meu anjinho no chão. Ajeitei o seu vestido, o véu e

limpei uma lágrima no canto dos seus olhos. Aproximei meus lábios de sua orelha e sussurrei:

— Me dê sua mão.

Assim que ela esticou a mão, trouxe-a até os meus lábios e beijei o dorso, sem tirar os olhos dela. Entrelacei nossos dedos e a levei até a frente do juiz.

Ficamos todos em silêncio, durante o discurso do juiz. Quando ele pediu que colocássemos as alianças, uma música começou a tocar e três lindas princesas adentraram pela passarela, espalhando pétalas de rosas por todo o trajeto. Cristine, Aninha e Letícia estavam radiantes, em seus vestidos brancos com barrado bordado de vermelho. Entregaram-me as alianças e juntaram-se aos familiares na fileira da frente.

Respirei fundo e me preparei para discursar meus votos, fiquei dias me preparando para o momento, não poderia falhar. Limpei a garganta,

peguei em suas mãos e olhei dentro dos seus olhos.

— Beatrice... — suspirei. — Minha menina, é impossível expressar em palavras o meu amor por você. Nem se eu ficasse a vida toda falando, conseguiria dizer o que esse momento representa pra mim. Desde o momento em que eu avistei uma menina, com uma beleza singela, adentrar uma cafeteria, eu soube que tinha perdido o direito de controlar meu coração. Meus sentidos foram roubados por você. Não acreditava em destino, em ditados populares como: “Para cada panela tem sua tampa.” Mas no momento em que uma princesa caiu aos meus pés, que meus olhos se cruzaram com as piscinas azuis dos dela, tudo mudou. Eu me tornei outro homem. Você é minha purificação. De hoje em diante você é oficialmente minha. — Virei para os convidados e gritei: — ELA É A “PORRA” DO POTE DE OURO NO FINAL DO ARCO-ÍRIS.

— Agora “fodeu” de vez — bradou o Ethan.

Voltei minha atenção a ela e continuei:

— Sempre te trarei de volta... Sempre... Eu te amo.

Beatrice não conteve as lágrimas. Aguardou uns momentos e pediu para dizer algumas palavras:

— Bryan... — Puxou o ar dos pulmões. — Meu deus grego — disse e enrubesceu.

Assobios ecoaram pelo ambiente. Beatrice engoliu em seco, chacoalhou um pouco a cabeça, arrumou a postura e continuou:

— Você entrou na minha vida como um furacão, sem pedir licença. — Sorriu enquanto meus amigos me zombavam:

— AEEEEEE furacão... Deus grego... — Mais assobios.

— Despertou em mim um lado que eu nem sabia que existia. Deixou-me mais ousada. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Enrubesceu novamente. — Você não mede esforços para me proteger, passa por cima de tudo e de todos. No momento em que ergui meus olhos e vi um homem de olhos penetrantes, estendendo a mão para me ajudar, eu soube que tinha sido fisgada. Você me atropelou com sua persistência. Mesmo com todas as minhas fugas, não desistiu de mim. A partir de hoje você é oficialmente meu. — Virou para os convidados e gritou:

— MULHERES, ATENÇÃO! ESSE DEUS GREGO TEM DONA. — Olhou de volta pra mim e completou. — Eu te amo e sempre te amarei. — Peguei em sua nuca e trouxe seus lábios até os meus. Não foi um beijo simples de aceito, foi um beijo profundo e apaixonado, dizendo: *"Eu não vivo sem você."*

Todos se levantaram e nos ovacionaram, com palmas, gritos e assobios.

PERIGOSAS ACHERON

Não sabia o quanto uma festa de casamento era cansativa. Meu Deus, as pessoas querem sua atenção o tempo todo. Assim que a cerimonia terminou afastaram Beatrice de mim, e desde então não consegui me aproximar dela. De vez em quando o fotógrafo nos puxa para uma foto e logo alguém nos separa novamente. Estampei um sorriso forçado no rosto e permaneci com ele, meu maxilar já estava doendo. Fui criado em Santos e meus pais nunca saíram da cidade, consequentemente conhecemos muita gente.

— Atenção... — Ethan bradou, ao microfone do palco. — Agora é a hora da dança dos noivos. Bryan! Suba aqui e mostre seu cavalheirismo. Qual foi a música que escolheu para esse momento? — Colocou a mão na lateral dos lábios e sussurrou. — Vamos fazer de conta que ele é um príncipe. Mesmo se comportando como o "Shrek". — O salão se irrompeu em risadas e

palmas.

Caminhei até minha menina e peguei em sua mão, carregando-a para o meio da pista. Ethan estava fazendo graça, sabia mais do que ninguém, qual era a música que eu havia separado para aquele momento, mais do que especial.

A música começou a tocar e Beatrice me olhou com uma expressão engraçada. Não era exatamente uma valsa. Não me importei. Peguei em sua lombar e a trouxe para o meu corpo.

She's got a smile that it seems to me
Reminds me of childhood memories
Where everything was as fresh as the bright blue sky

Ela tem um sorriso que me parece
Trazer à tona recordações da infância

PERIGOSAS NACIONAIS

Onde tudo era fresco como o límpido céu azul

Now and then when I see her face
She takes me away to that special place
And if I stare too long
I'd probably break down and cry

Às vezes quando olho seu rosto
Ela me leva para aquele lugar especial
E se eu fixasse meu olhar por muito tempo
Provavelmente perderia o controle e começaria a chorar

Oh, oh, oh
Sweet child o' mine
Oh, oh, oh, oh
Sweet love of mine

PERIGOSAS ACHERON

Oh, oh, oh
Minha doce criança
Oh, oh, oh, oh
Meu doce amor

She's got eyes of the bluest skies
As if they thought of rain
I hate to look into those eyes
And see an ounce of pain

Ela tem os olhos como os céus mais azuis
Como se eles pensassem em chuva
Detesto olhar para dentro daqueles olhos
E enxergar o mínimo que seja de dor

Her hair reminds me of a warm safe place

PERIGOSAS NACIONAIS

Where as a child I'd hide
And pray for the thunder
And the rain to quietly pass me by

Seu cabelo me lembra um lugar quente e seguro
Onde, quando criança, eu me escondia
E rezaria para que o trovão
E a chuva passassem quietos por mim

Where do we go
Where do we go now

Para onde vamos
Para onde vamos agora

Sv

Child O' Mine - Guns N' Roses

M

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Doce Criança

Iniciamos devagar e conforme a música foi ficando agitada, peguei em sua mão e a fiz rodopiar três vezes – pela pista. A parte em que a guitarra faz um solo, nossos amigos invadiram a pista e nos acompanharam. Eduardo e Otávio tiraram minha menina dos meus braços e a rodopiaram. Os convidados foram levantando-se um a um e acompanharam a música, com palmas.

A música terminou e continuamos. Fiz sinal para que reproduzissem novamente. Tomei meu anjinho nos braços e repeti a melhor parte ao seu ouvido. Mudando a letra e direcionando só para ela.

Você tem os olhos como os céus mais azuis
Como se eles pensassem em chuva
Detesto olhar para dentro desses olhos

PERIGOSAS ACHERON

E enxergar o mínimo que seja de dor
Minha doce menina.

Cansados de tanto dançarmos, fomos novamente separados. Mesmo distante não perdia Beatrice de vista. Não poderia cometer o mesmo erro da festa de despedida. Por mais que o perigo tivesse acabado, a ideia de ela ter um ataque de pânico, no dia do casamento, me assustava.

De longe, vi o movimento do Rogério ajudando a Paola a se levantar. Comprimi o abdômen e me preparei para o pior. Eu sabia que esse momento chegaria, mas achei que eles poupariam a Beatrice, no dia do nosso casamento. Pelo que tudo – indicava não. Pedi licença e me movimentei rapidamente, chegando perto da minha esposa. *Minha esposa.*

Beatrice conversava descontraída com Mary e algumas amigas delas.

— Senhora Soutto, está fugindo de mim? — sussurrei ao seu ouvido e beijei sua nuca.

Beatrice tinha os cabelos presos em um coque bagunçado, vários fios estavam soltos, *linda.*

Ela estendeu os braços e acariciou minha barba. Apoiei o rosto na palma da sua mão e fechei os olhos. Ela puxou meu rosto e o encostou a sua bochecha.

— Você sempre me encontra — balbuciou e beijou meus lábios de leve.

— Sempre — assenti.

Antes mesmo que eu puxasse uma cadeira para me sentar, o que temia começou a acontecer.

— Filha. — Paola estava a nossa frente, com o braço entrelaçado com o de Rogério. — Posso te dar um abraço?

A mulher elegante, linda, imponente e cheia de si, havia desaparecido. Paola usava, sobre

a cabeça, um lenço de seda em forma de turbante — cobrindo a falta dos cabelos — que a quimioterapia se encarregou de levar. Sua magreza mostrava os ossos, o corpo fraco se desiquilibrava, a impressão que tínhamos é de que só estava em pé porque Rogério o sustentava. A cor do rosto desaparecera. Os olhos estavam fundos.

Não sabia o que fazer. Esperei por uma atitude da Beatrice. Se eu a forçasse poderia desabar — e se eu não fizesse nada? O remorso seria pior. Continuei em pé, segurando em sua mão.

As amigas foram pedindo licença e se retirando, em fração de segundos, estávamos sozinhos. Esperando que a Beatrice decidisse...

Senti um apertão em minha mão e tremi, em

pensar que ela não estava preparada. Agachei-me e sussurrei ao seu ouvido:

— Não sinta medo, estou aqui. — Beijei sua têmpora. — Independente do que fizer, eu sempre estarei ao seu lado. A decisão é sua. — Tentei passar segurança a ela, torcendo para que perdoasse a mãe. O remorso é um dos piores sentimentos. Fiquei tenso em pensar que a Beatrice cometeria um erro, se perdesse a oportunidade de perdoar a mãe. *Não posso decidir por ela.*

Capítulo 31 – Quem Sabe...

Embaraçoso, inconveniente, inapropriado, desconfortável, desastroso – nenhum adjetivo seria capaz de definir o momento. Foram anos evitando contato com ela. Anos buscando um motivo pelas suas ações. Torturando-me, sentindo-me um objeto descartável. Apegando-me a qualquer resquício da família. Lidando com perdas imensuráveis, sem o apoio dela.

— Mãe... — Solucei. — Estou com dor. — Engoli em seco. — Ele me machucou.

— Quem te machucou menina? — disse e continuou tirando a roupa de cama.

— Mãe... — sussurrei. — Por favor... — supliquei, pedindo que ela acreditasse em mim.

— Lá vem você de novo com essa história. Estou ficando cansada disso. — Pegou os

lençóis e caminhou até a lavanderia. Abriu a máquina de lavar roupas e os colocou dentro.

Fiquei atrás dela, esperando que me desse à atenção.

— Não sei mais o que fazer. Você deve estar sonhando com isso. Conversei com seu pai, ele nega, Beatrice. E a Polyana disse que nunca viu nada. Melhor você parar com isso, não tenho dinheiro para pagar psiquiatra, sabe disso. Porque, não tem outra explicação, você está delirando. — Programou a máquina, foi para a cozinha e começou a tirar os itens do café da manhã, da mesa. — Hoje é sábado, trabalho a semana toda e aos finais de semana tenho que fazer faxina nessa casa. Não dramatiza mais a minha vida, garota. Pega a mangueira e vai lavar o quintal. Acho que

está com muito tempo livre e fica inventando histórias.

Ela se lembra da data do meu aniversário? Sabe qual a minha comida favorita? Sabe qual é a verdadeira cor dos meus olhos? Conhece meus sonhos? Sabe que ele me tirou o direito de ser mãe? Que ele roubou meu amor próprio, minha confiança? Que mesmo ele tendo morrido, sua voz permanece na minha cabeça? Sabe o quanto eu desejei passar Natais em família? O quanto eu gostaria de ter um álbum, repleto de fotos, nossas? Que um simples almoço com a família reunida passou a ser o meu sonho de consumo? Sabe quantas noites eu desejei ter suas mãos acariciando minha cabeça e dizendo que estava ao meu lado? Não... Ela não sabe de nada... Ela não fez parte da minha história. Ela não me concedeu o benefício da dúvida. Preferiu me ignorar. "*O que os olhos não*

veem o coração não sente.” O ditado mais egoísta que eu conheço.

Suas mãos trêmulas e gélidas tocaram meu rosto. Senti um arrepio passar por todo o meu corpo. Permaneci com os olhos fechados, mordendo os lábios e apertando as mãos do Bryan.

— Por favor... — sussurrou, se aproximando mais. — Me deixa consertar meu erro, filha.

Como ela pretendia fazer aquilo? Com uma conversa? E os anos perdidos da minha vida? As dores que senti. As noites intermináveis de insônias e pesadelos? Os incalculáveis ataques de pânico? As incontáveis sessões de terapia? Por que ela merecia o benefício da dúvida e – eu não?

Senti o Ethan se aproximar, pelo seu aroma. Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado. Tirou minha mão, que segurava forte a do Bryan e a pegou. Fez movimentos circulares com o polegar,

no dorso dela – me passando confiança. Eu não conseguia abrir os olhos. Respirava com dificuldade. Tentava fazer com que a saliva passasse pela bola que tinha em minha garganta. *Calma Beatrice... Calma, é o seu casamento... Ela não pode estragar mais isso em sua vida – também... Controle-se... Inspire... Expire... Inspire... Expire... Inspire... Expire...*

— Lindinha, por favor, pode ser sua última chance. Não faça isso com você mesma. Você só vai piorar os seus sentimentos. Livre-se dessa mágoa, jogue fora toda essa bagagem. Vida nova. Aproveite que é o seu casamento e mude. Torne-se a Sra. Soutto – confiante. Livre-se de um maldito passado. Dona do homem mais gostoso de todos. — Ethan discursava em meu ouvido. — Você já vai ter que lidar com possessão, ciúmes, surtos e tudo mais, do seu "ogro". Melhor deixar sua bagagem mais leve — completou e cutucou minhas

costelas. Tentando me relaxar. Contorci-me um pouco e soltei os ombros, aliviando a tensão.

Abri os olhos e dei uma olhada em volta. Tinha muitas pessoas concentradas em nossa mesa. Tudo o que eu menos queria era chamar à atenção. Não bastava meu rosto espalhado na internet, mais aquilo?

— Tudo bem — ponderei e fui me levantando. — Vamos para um lugar reservado.

Acomodamo-nos nos sofás confortáveis de uma sala reservada, que o *Buffet*, gentilmente, nos emprestou.

Todos olhavam apreensivos para mim. Eu tinha que lidar com a situação mais embaraçosa da minha vida. Apeguei-me ao fato de ter o Bryan e o Ethan, comigo, um de cada lado. Bryan não estava confortável com o Ethan sendo meu apoio, mas, tenho certeza de que cederia, por mim.

Quando ameacei começar a falar, minha avó adentrou a sala, ofegante.

— Meu Deus... Você está linda... Menininha da vovó... Levanta-se, deixa eu te ver por inteira. — Me levantei e fui puxada para um abraço caloroso. Ela afastou o corpo e colocou um fio de cabelo atrás da minha orelha. — Não cheguei a tempo da cerimônia, me desculpe. Você está radiante. — Levantou o olhar e encarou o Bryan, que estava em pé ao meu lado. — Esse é o agraciado? — Me soltou e foi até ele, repetindo o abraço. Afastou o corpo e o analisou dos pés a cabeça. — Trice, ele é mesmo um “pão”.

Todos na sala caíram na risada.

— Vozinha, não se usa mais essa expressão — divertiu-se Ethan, puxando-a para também abraçá-la.

— Não, então como dizemos que um homem é pra lá de bonito? Um gato? — perguntou

sorrindo.

— Melhorou — disse Ethan e mediu o Bryan. — Pode ser: pedaço de mau caminho; quero um desses lá em casa e...

— Chega Ethan — Bryan o interrompeu, já sabendo que sairia besteira dali.

Todos cumprimentaram minha avó e logo ela percebeu que o clima estava tenso na sala.

— Por que estão aqui? A festa está tão ruim assim? — brincou e nos olhou, esperando uma explicação.

Respirei fundo e me lembrei do que estávamos fazendo ali.

— Posso conversar só com você? — argumentou minha mãe.

Arregalei os olhos e pedi socorro ao Bryan, com um olhar.

— Desculpa Paola, Beatrice acabou de passar por um processo complicado. Seus traumas e

medos foram trazidos à tona. Pelo menos eu terei que acompanhá-las. — A voz firme e confiante do meu esposo, provocou um sorriso em meus lábios. Eu soube, mais uma vez, que tinha feito à coisa certa. Que ao lado dele o mundo poderia estar acabando, que ele me protegeria – com a própria vida.

Rogério esperou a confirmação da esposa e saiu, acompanhado da minha avó e do Ethan. Sentamo-nos e Bryan colocou minha mão em sua perna, mantendo a dele em cima.

Éramos nós três, o passado de encontro com o meu futuro. O nosso futuro dependia de uma finalização do meu maldito passado. Ethan tinha razão, eu me sentiria mais leve e pronta para enfrentar a vida de casada. *Com um deus grego, complicado pra caramba.*

Ficamos nos encarando por um período. Paola estava muito frágil. Suas mãos não paravam

de tremer. Eu queria poder perdoá-la, tirar toda a mágoa do meu coração, mas, quando olhava para ela, só conseguia ouvir seu desprezo. Nem sua fragilidade estava me comovendo.

Ela esticou o braço e alcançou minha mão. Deixou-a entre as suas e deu uma batidinha. Respirou fundo e fechou os olhos, por alguns instantes. Assim que os abriu, estavam cheios de lágrimas. Engoli em seco, esperando por fortes emoções.

— Filha — iniciou, finalmente. — Queria poder voltar no tempo. — Passou a língua pelos lábios secos. Olhou em volta, procurando por água. Bryan adiantou-se, saiu e logo voltou com três garrafas de água mineral. Pegamos as garrafas e tomamos, simultaneamente. A tensão era evidente entre nós. — Já que não posso — continuou — gostaria que me desse a oportunidade de tentar explicar...

— Se justificar? Tirar seu corpo fora? — As palavras pularam da minha boca, interrompendo-a — Tss-tss, por que isso não me surpreende, dona Paola? — ironizei e puxei minha mão.

Bryan apertou de leve minha outra mão. Paola colocou os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. Seu corpo começou a chacoalhar-se e os soluços se sobressaíram. Fiquei estática. Não conseguia ter um pensamento coerente. Bryan chegou perto do meu ouvido e balbuciou:

— Meu anjinho, pega leve. Deixa ela desabafar — amenizou e beijou minha nuca. Voltou seu corpo para o encosto do sofá e aguardou.

Arrastei meu corpo para mais próximo dela, estiquei o braço e acariciei sua cabeça.

— Desculpa — murmurei e soltei uma lufada de ar.

Ela foi levantando o rosto aos poucos.

Olhou em meus olhos e balançou a cabeça.

— Me perdoa. — A voz estava embargada e baixa. — Eu sei que nada do que eu disser vai curar suas feridas. Mas... — Engoliu em seco. — Eu preciso, filha. Não sei quanto tempo eu tenho. Não posso morrer assim.

— Por quê? — supliquei e senti uma lágrima escorrer.

— Porque eu sou a pior mãe do mundo. Porque eu achava que dar a vocês uma condição melhor de vida, era um ótimo plano. Eu achava que vocês mereciam sair dali, e pra isso eu tinha que trabalhar muito. Eu só me esqueci de enxergar vocês. Entender vocês, ouvir vocês. — Soluçou. — Eu me esqueci de sentar para assistir a um filme, comendo pipocas. De ouvir vocês me contando de seus namorados. De como foi o primeiro beijo. — Parou e olhou para cima, tomando fôlego. — Me esqueci de colocar vocês no colo e perguntar como

tinha sido o dia de vocês. O que tinham feito na escola. Esqueci-me de levar vocês a um parque, de sentarmos na grama e comermos em cima de uma toalha quadriculada. Esqueci-me de perguntar o que vocês queriam ser quando crescessem. — Voltou à mão para o rosto e chorou, muito.

Fechei meus olhos e chorei junto.

— Eu me esqueci de ser mãe...

Senti as mãos do Bryan me puxando. Encostei meu rosto em seu peito e o abracei. Ele beijava constantemente o topo da minha cabeça. Não demorou muito para o Rogério entrar e fazer o mesmo com a minha mãe. Ele, como ótimo marido, estava na espreita, não a deixaria sozinha.

— Eu não estava lá quando você passou no vestibular. Eu não estava lá quando você se formou. Eu não estava lá quando foi promovida. Eu não estava lá quando você ficou viúva. Eu não estava lá... Eu nunca estive lá... Eu só queria... —

Fechou os olhos e segurou os lábios nos dentes. — Tirar vocês daquele lugar. Que vocês tivessem uma vida melhor do que a minha. Que não precisassem passar quatro horas do dia dentro de transportes públicos, abarrotados, sendo “encoxada”. Que não precisassem comer marmita com apenas ovo de mistura. Eu só me esqueci de que não era só o que vocês precisavam. — Balançou a cabeça e olhou para o Rogério. — Eu não sei como consertar isso. Não tem conserto — confessou e enterrou o rosto no peito dele.

Uma onda de remorso passou por mim, por nunca ter a deixado falar. Aproximei-me novamente dela e coloquei a mão em seu antebraço.

— Mãe, está tudo bem — sussurrei. — Já passou.

— Eu tentei — murmurou, com a voz contida. — Pietro, não deixou — declarou e levantou o corpo, para me olhar. — Eu queria estar

lá... — suspirou. — Não deixou.

Lembrei-me do quanto Pietro me protegia. Ele presenciou tudo. Sentiu a dor comigo. Só ele sabia o tamanho do meu sofrimento. Ele quem me acompanhou no hospital e viu parte de mim se escoar pelo ralo. Só ele teve coragem de tomar uma atitude e me tirar do inferno.

— Acha que ele não tinha motivos? — indaguei, franzindo o cenho.

— Não... Não foi isso que eu quis dizer. Depois de um tempo eu entendi que ele só estava a protegendo. Eu só... — Passou as mãos no rosto. — Queria ter tido essa conversa com você, há muito tempo. — Pensou um pouco. — Ethan e Polyana me atualizavam de tudo que se passava em sua vida. Eu vibrava a cada conquista sua. Chorava também, por não estar lá. Quando se mudaram para Santos, queria ter podido ficar com você nos primeiros dias. Eu sabia que você demoraria a se

acostumar. E quando... — Puxou o ar com força. — Ah... Deus... Quando você perdeu o Pietro. Como eu queria poder te consolar, dizer que não estava sozinha. Cheguei a pegar o carro para ir atrás de você, o Rogério me impediu. Eu estragaria tudo.... — Mais soluços. — Filha, meu coração virou uma ervilha, em pensar que você não tinha mais ninguém, e eu não conseguia me aproximar. — Fechou os olhos e passou a mão pelo peito. — Ah... Filha... Como eu queria voltar no tempo.

Eu ouvia o que ela dizia, mas não a enxergava mais. As lágrimas me cegaram. Meu coração estava disparado. Minhas mãos começaram a suar. Eu tremia tanto quando minha mãe. A boca secou. Bryan percebendo os sintomas do pânico me dominar, me levou até o seu peito e sussurrou palavras para me acalmar, passando as mãos em minhas costas.

— Shiiiii... Tudo bem... Tudo bem...

Calma... Estou aqui, sempre estarei aqui. Ok? — Levantou meu queixo e colocou meu rosto entre suas mãos. — Respira fundo, vamos... Comigo... Inspire... Expire... Inspire... Expire... — Assoprou meu rosto. — Tudo bem? Hum... Ok? — Soltei o ar pela boca, pela última vez e confirmei com a cabeça.

Eu precisava perdoá-la. Nós precisávamos daquilo. Faria bem para as duas.

Levantei-me e fui até ela. Estendi a mão para que ela pegasse. Ela o fez, com muito esforço. Em pé, a milímetros do meu corpo. Senti sua respiração oscilar.

— Vou te abraçar – comuniquei e com cuidado a trouxe para o meu corpo.

Meus braços pareceram maiores envoltos nela. Estava como uma caveira. Ela encostou a cabeça em meu ombro e eu fiz o mesmo no dela. Fomos tomadas por uma emoção sem tamanho. O

choro veio como uma avalanche. Era impossível dizer quem tremia mais. De olhos fechados, não percebemos a chegada dos meus irmãos. Ethan e Polyana juntaram-se a nós e nos apertou, apoiando as cabeças em nossas costas.

O choro era coletivo. Nem a música do salão encobria. Minha avó juntou-se ao Bryan e Rogério no sofá e chorava tanto quanto nós.

— Me perdoem — suplicou minha mãe. Fazendo nós três olharmos para ela. — Quem sabe Deus me proporcione mais alguns anos, para podermos ter um almoço em família. Completarmos um álbum de fotografias. Fazermos um piquenique no parque. Quem sabe... — disse e fechou os olhos. Seu corpo foi amolecendo. Seus joelhos dobraram-se e quando vimos. Ela estava nos braços do Ethan.

— Paola... Mãe... Fala comigo — Ethan batia de leve no rosto dela. Colocou dois dedos em

seu pescoço e meneou a cabeça. — Ela se foi.

Rogério caiu de joelhos na frente da esposa.

— Não... Não faça isso comigo... Por favor... Meu amor... Abra os olhos... Olha só, sua filha te perdoou, você está no casamento dela. Lembra o quanto lutamos para participarmos da vida dela? Estamos aqui... Vamos... Levanta... Abra os olhos Paola... Não brinca comigo... Paola... Paola... — Rogério entrou em desespero.

O mundo começou a girar. Minha vista escureceu. Minhas mãos formigavam. Meus lábios tremiam. Meu corpo sacudia. Meus joelhos se dobraram. Mãos me pegaram. As pessoas falavam e eu não entendia. *Quanta gente... O que está acontecendo? Por que estão chorando? Por que estão gritando? Não é o meu casamento? Quem são essas pessoas vestidas de branco? Por que não estou no chão? Por que estão carregando a Paola? O que ela tem? Ethan... Polyana... Minha avó...*

Estão chorando. Cadê o Bryan? Não devíamos estar indo para o hotel? Náuseas... Eu vou... Vomi... tar... Meu vestido... Não posso estragá-lo... Segura Beatrice... Não vomita... Náuseas... Não consigo...

— Meu anjinho. Está melhor? — Levantei o tronco e me apoiei nos cotovelos. Olhei em volta e vi que estávamos no quarto do Bryan, da casa dos meus sogros. Eu vestia uma camiseta dele e uma calcinha, mais nada. Bryan estava com uma aparência péssima. De calça jeans, camiseta preta, os olhos fundos e os cabelos bagunçados. Fechei os olhos e as imagens despontaram na minha cabeça. — Ela se foi? — perguntei, segurando para não gritar.

Bryan só meneou a cabeça e passou as mãos pelos cabelos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32 – Surpresa

Uma semana se passou e ainda não tive minha noite de núpcias. Incrível como nada em nossas vidas podemos chamar de normal. Quem poderia imaginar que o nosso casamento terminaria com um drama?

Quando Beatrice concordou que a mãe fosse ao casamento, achamos que ela nem chegaria até lá. Paola estava muito debilitada, exigiu demais de si própria. Graças a Deus Beatrice cedeu, caso contrário eu não estaria planejando nossa lua de mel. Na verdade, já estava programada, precisei correr, para reprogramar.

Enquanto eu estava no hospital, Beatrice se abriu e descobri que o sonho dela é conhecer Paris. *Farei uma surpresa a ela.* Preciso terminar de acertar os detalhes da saída do Nestor da empresa, com o Otávio. Deixar tudo em ordem, aí sim,

passar uma semana com a minha esposa, na *"Cidade Luz"*.

— Carol, confirmou a reserva do hotel, pra hoje à noite? — lembrei minha assistente, sentada à frente da minha mesa.

Outra surpresa pra minha doce menina. Beatrice ficou muito abalada com os últimos episódios. *Não é pra menos.* Passar pelo que ela passou – tudo de uma vez – tem que ser muito forte. Esperei alguns dias, até ter a certeza de que estava melhor. Hoje ela amanheceu mais disposta, consegui arrancar alguns sorrisos, daqueles lábios maravilhosos.

— Sim, Sr. Bryan, está tudo em ordem. Já verifiquei todos os itens que me pediu, para que coloquem na suíte.

Reservei a suíte presidencial de um ótimo hotel, para termos a nossa tão esperada noite de núpcias. Pedi que espalhassem pétalas por toda a

parte. Em cima da cama, distribuírem bombons, muitos. Outra confissão da minha menina – é “chocólatra”.

— Bryan! — Otávio entrou na sala, falando. — Bom dia Carol, como está o nosso chefe hoje? — brincou e sentou-se, ao lado da minha assistente.

— Está melhorando — respondeu a Carol, com um sorriso tímido no rosto.

Não foi nada agradável passar a última semana perto de mim. A tensão não deixou meu corpo, em nenhum momento. Decisões e mais decisão a serem tomadas. Sem contar o desafio de me controlar, com as atitudes da Beatrice. Ela foi tomada de uma coragem que me fez recuar.

Desde o dia que voltamos, temos trabalhado como doidos. No primeiro dia, de volta ao escritório, percebi uma movimentação nos corredores, Beatrice andava de um lado para o outro, gesticulando. As garotas da sua equipe

carregavam caixas. Levantei-me e fui até a porta, encostei-me ao batente e esperei ela se aproximar.

— O que está acontecendo? Que movimentação é essa? — questionei-a, segurando firme em seu punho e puxando-a para perto de mim.

Ela franziu a testa.

— Oras Bryan, estamos voltando para o nosso escritório — respondeu, como se aquilo fosse incontestável.

Dei um suspiro longo e fechei os olhos. Sem soltar o seu punho, passei a outra mão pela nuca e pensei em como deveria agir. Não podia explodir. Beatrice estava prestes a se quebrar. Porém, ela aproveitou da situação e decidiu por voltar a sua antiga sala, sem conversamos.

— Não acha que deveríamos conversar,

antes, sobre isso? — inquiri com as sobrancelhas arqueadas.

— E por que deveríamos? — me desafiou, levantando o queixo.

Sorri, completamente sem vontade.

— Como assim, Beatrice? — Não desviei o olhar dela, mostrando segurança.

— Bryan, era algo tão óbvio, não achei que precisássemos discutir a respeito. — Bufou e revirou os olhos.

Encaramo-nos por alguns instantes.

— Você fica – correto? — perguntei, temendo pelo não. Teimosa como é, me provocaria.

Beatrice negou e içou apenas uma sobrancelha, deixando claro que não voltaria atrás.

— Está se demitindo da sua própria empresa? — Decidi apelar.

— Drama não combina com você, Bryan — continuou me atiçando.

— Responda... "Porra" — murmurei. O controle estava me escapando.

Ela bufou novamente, entortou os lábios e respondeu:

— Não... — Pensou um pouco. — Vou ter duas salas, mas... — Levantou o indicador. — Vou cuidar mais da minha empresa, passarei bem mais tempo lá embaixo. Só o que eu tenho feito – desde que vim pra cá – foi intermediar a comunicação com você. Não estou confortável com essa situação. Vou colocar alguém no meu lugar aqui e orientá-lo, da melhor forma possível.

Soltei uma gargalhada, tão alta, que chamou a atenção das consultoras da Beatrice, que estavam passando.

— Você tomou todas essas decisões,

sozinha? Inclusive sobre a minha empresa?

— Meus nervos, naquela altura do campeonato, já pulavam.

— Agora é a sua empresa? Há alguns minutos era nossa. Por isso, que não quero ficar aqui, Bryan. Essa não é a minha área, tenho minha própria empresa. Não preciso da sua. — Tentou puxar o braço e a segurei mais forte.

Respirei bem fundo.

— Desculpa — sussurrei. — É nossa empresa, mas... — sacudi a cabeça. — Você não pode decidir às coisas – sozinha – meu anjinho — tentei amenizar.

Ficamos em silêncio, vidrados um no outro. Aproximei o corpo dela do meu e deixei meus lábios entreabertos em sua testa.

— Podemos conversar a respeito? — solicitei, tentando deixa-la perto de mim. Só

de pensar nela, longe, meu coração se fechava.
Ela concordou e apertou os braços em volta do meu corpo.

Nossa conversa não mudou em nada. Beatrice estava decidida. Sem titubear, voltou ao seu antigo escritório e contratou um administrador para a minha empresa. Passou a dividir o seu tempo entre as duas empresas, e deixou claro que é só por um período. Fiz uma oferta ao Otávio e ele passou a ser meu funcionário, na verdade, nosso. Atenderá as duas empresas: a minha e da Beatrice.

— Já se acostumou com a ausência da sua menina? — divertiu-se o Otávio, sabendo que estava tocando em uma ferida aberta.

— "Vá se foder" — bradei. — Carol, muito obrigada — dispensei minha assistente, pois o nível despencaria.

Otávio soltou uma risada alta e continuou com a provocação.

— Pelo menos você ficou com os cunhados, para fazer você se lembrar de que se casou – pacote completo — zombou e jogou a cabeça pra trás de tanto rir.

Franzi o cenho e bati, várias vezes, com uma caneta no tampo da mesa, sem achar a menor graça.

— Eles são muito competentes e você sabe disso — repreendi-o. — E tem outra, posso ter a minha menina a hora que eu quiser, é só pegar o elevador — defendi-me. — Quando, como e onde eu quiser... Esse é o meu lema — conclui e continuei sério.

Otávio levantou os braços e estreitou os lábios, evitando outro ataque de risos.

— Veio até minha sala para fazer piadas? — acusei-o, demonstrando minha falta de vontade

de brincar. Principalmente, porque estava mexendo diretamente no meu ponto mais fraco – Beatrice.

— Já vi que não melhorou em nada seu humor. Acho que eu mesmo vou lá embaixo buscar a Beatrice — concluiu e levantou-se. — Bom dia pra você também, Bryan. Mais tarde eu volto, quando você tiver dado uma rapidinha no décimo andar — atiçou e saiu da sala, sem olhar pra trás. Sabia que iria encontrar uma carranca.

Rebeca me avisou que a Beatrice não poderia almoçar comigo, pois estava dando treinamento, para a equipe de um cliente. Não fiquei nada feliz, muito menos pelo fato de ela mesma não ter me ligado. Estava difícil de engolir as coisas que a Beatrice vinha impondo. O pior, que suas imposições não eram com palavras, ela simplesmente fazia o que achava que era o melhor, e ponto.

Esperei se aproximar das dezessete horas, para sequestrá-la. Com risco de receber uma cara bem feia, por estar atrapalhando. Peguei meus pertences, avisei a Carol que estava saindo e desci.

Parei diante da porta de vidro jateado e meu coração ardeu de felicidade, ao ler: *"Beatrice Soutto – Consultora de Negócios."*

Assim que eu entrei, a Rebeca ameaçou me anunciar, fiz um gesto que não e caminhei direto para a sala da Sra. Soutto. De longe avistei meu anjinho, falando ao telefone, concentrada na tela do computador. Trazia um sorriso maravilhoso. *Quem será que está tirando esse sorriso dela?* Controlei meu lado possessivo e entrei, de mansinho.

Seu sorriso expandiu-se quando cruzamos nossos olhares.

— Combinado Murilo, amanhã nos vemos. Avise o pessoal que o treinamento começa as oito em ponto. Abraços. — Desligou o telefone e olhou

no relógio. — Senhor Bryan, ainda é muito cedo.

— Detesto saber que outros homens provocam sorrisos, tão lindos, na minha esposa — admiti, cerrando os punhos. Por mim, ela deixaria de atender todos “esses caras que querem comê-la”, mas, com toda a certeza, seria o divórcio mais rápido de todos os tempos.

— Senti saudades — confessou, baixinho.

— Estou aqui, minha doce menina — abri os braços — vem pegar o que é seu.

Ela levantou-se e veio até mim. Envolveu-me com seus braços e mordeu meu queixo, afetando diretamente o meu “pau”. Vinha sendo cuidadoso com ela, temendo que se quebrasse, porém, controlar meu lado animal, não estava sendo fácil.

— Vim raptar você — informei e salpiquei um beijo em seus lábios.

— Hum... Sério? E pra onde meu senhor vai

me levar? — murmurou em meus lábios, sorrindo.

— Surpresa. — Estiquei o braço e apertei sua bunda. — Pega suas coisas.

— Não vai me dar o direito de escolha? — brincou.

Neguei, abri um sorriso maroto e dei uma piscadinha.

***

Um pouco antes de chegarmos ao hotel, parei o carro em uma rua adjacente e me virei na direção da Beatrice. Ela me interrogou, franzindo o cenho.

— Vire-se — ordenei. Peguei um lenço de seda, que tinha puxado da sua gaveta, no bolso do paletó, e coloquei sobre seus olhos, amarrando atrás da sua cabeça.

— Bryan... — me advertiu, oscilando a respiração.

— Confia em mim? — sussurrei ao seu ouvido. Beatrice assentiu e eu a virei, ajudando-a se acomodar novamente.

Voltei a dirigir, em direção ao hotel, com minha mão apoiada em seu joelho.

Passei o cartão pela fechadura e assim que ouvimos o clique, peguei no braço dela e fui levando-a para dentro. Vasculhei o local com os olhos e me admirei. Estava melhor do que eu imaginava.

— Vamos jogar — disse, com os lábios grudados a sua orelha. Desci um pouco minha boca e a lambi. Beatrice se contorceu e gemeu.

— Não sei se quero jogar, estou em desvantagem — reclamou, fazendo um biquinho com o lábio inferior.

— Essa é a graça do jogo — diverti-me. Aproximei-me e peguei, com os dentes, os lábios

provocantes dela.

— Só vou tirar a venda dos seus olhos, quando você descobrir onde estamos — comuniquei e me contorci, em pensar que teria o prazer de tê-la inteirinha pra mim, vendada.

— Ah não... Bryan... Isso é covardia, jogo sujo. Está querendo se aproveitar de mim — resmungou e cruzou os braços no peito.

— É tudo o que eu mais quero... me aproveitar de você. Eu nunca jogo limpo. Você sabe disso. — Mordi de leve seu maxilar. — Começando... — Me virei e fiquei pensando o que eu poderia pegar para que ela não acertasse. — Ah!... Cada vez que você errar, eu tiro uma peça de roupa sua.

— Sei... E você? Que jogo é esse que só eu tenho que acertar?

— Não seja por isso, tiro tudo agora — disse e comecei a me despir. Tirei o paletó, abri os

primeiros botões da camisa, afrouxei a gravata e dobrei as mangas da camisa, até os cotovelos.

— Bryan... — me alertou.

Eu estava me divertindo muito, com as expressões dela.

— Não quer que eu fique sem nada? — provoquei.

— Está cheio de gracinhas, hoje. Começa logo, estou agoniada com esse troço no rosto.

Limpei a garganta. Fui até onde estava o champanhe, enchi a taça e levei até ela. Passei pelo seu nariz, em seguida dei uma golada e deixei um pouco em minha boca. Fui até os lábios dela e a beijei, despejando o champanhe dentro da sua boca.

Ela engoliu e lambeu os lábios.

— Champanhe.

— A brincadeira não é essa, tem que dizer onde estamos. Claro que você vai saber que é champanhe.

— Vai começar a roubar. Não é justo Bryan. — Ela estava cada vez mais indignada e eu estava me divertindo.

Comecei a abrir os botões da sua camisa, lentamente. Beatrice deu um tapa na minha mão.

— Não respondi ainda — repreendeu-me. Eu caí na risada em ver sua valentia. — Num restaurante, me trouxe pra jantar.

Eu sabia que a resposta seria aquela. Cheguei bem pertinho do seu rosto e lambi, do pescoço até o lóbulo da orelha.

— Só se o prato principal for você — sugeri —, errou.

Continuei meu trabalho com os botões da sua blusa. Tirando-a pelos seus ombros e joguei em um canto da suíte. Antes de prosseguir, me afastei o suficiente para admirar seus seios. Beatrice tem um gosto impecável para lingeries, não... para tudo. Está sempre elegante e bem arrumada, mesmo que

seja apenas um jeans e uma camiseta.

O sutiã meia taça com renda preta e um forro de cetim vermelho, valorizou mais ainda seus seios. Ajeitei o "pau" na calça e temi por não conseguir terminar o jogo.

— Bryan, está demorando muito, o que está fazendo? — retrucou, mordendo os lábios. — Estou sentindo seus olhos em cima de mim. Deixa de ser tarado — brincou.

Cheguei pertinho do seu rosto e disse:

— Impossível, minha esposa é perfeita. — Agachei-me e passei a língua entre os seus seios. Ela soltou um gemido e se contorceu.

Fui até a cama e peguei um bombom. Desembrulhei e dei uma mordida. Beijei novamente minha menina, deixando o pedaço de chocolate em sua boca.

— Hum... Chocolate... Que delícia! Quer me ver gorda, senhor Bryan? Cheia de celulites? —

Saboreou... — Numa cafeteria. Achou muito cedo para jantarmos.

— Errou — balbuciei ao seu ouvido e desci, arrastando sua saia junto. Dei uma batidinha em seu tornozelo para que levantasse os pés. Livrei-me da saia e aí sim a visão ficou perfeita. Beatrice, *minha esposa*, com todas suas curvas, de lingerie e saltos altos. Os cabelos soltos nos ombros e vendada. Suguei a saliva entre os dentes trincados e soltei uma lufada de ar. — Acho que eu não vou conseguir terminar o jogo — confessei e me esfreguei nela. O "pau" doía. Um sorriso no canto dos seus lábios a denunciou, ela também estava adorando.

Fui até o frigobar e peguei uma lata de *"Coca-Cola"*. Coloquei em um copo e repeti o processo dos outros itens.

— *"Coca-Cola"*... Jesus... Bryan... Eu amo "*Coca-Cola"*... Você se lembra, não é? Ai meu

Deus! — Colocou a mão na boca e balançou a cabeça. — Eu te amo... — suspirou. — É muito cedo para ser um barzinho. Você me trouxe em um "pub" e nem são dezoito horas ainda?

— Errou — pronunciei as palavras, radiante. Eu tinha certeza de que ela não acertaria. — Agora vou tirar seu sutiã e saborear os meus deliciosos seios — sussurrei e, mais do que depressa, desabotoei-o. Soltei-o no chão, encostei meu peito em suas costas e abracei seus seios, com as mãos. Apertei os bicos e mordi seu ombro. A respiração dela foi se alterando. — Adoro quando sua respiração muda — declarei.

Fiquei de frente pra ela, coloquei a mão em sua cintura e subi, acariciando suas costelas. Chegando aos seios, passei os polegares nos bicos, sentindo-os enrijecer-se.

— Sou o "filha da puta" mais sortudo do mundo — disse e puxei o ar dos pulmões, com

força. Meu "pau" estourava o tecido fino da calça de alta costura. — Só uma ressalva, pensa um pouquinho antes de responder, como eu te deixaria nua em um lugar público? Hum? Está gostando de eu te despir, não é mesmo, senhora Soutto? — me diverti e apertei os bicos dos seios dela.

— Me pegou — confessou — estamos em um quarto. Só não sei qual – nem o porquê.

Dei uma fungada em seu pescoço e me esfreguei novamente nela.

— Bryan... — suspirou. — Preciso de um banho, estou fedida.

— Estamos. — Funguei novamente em seu pescoço. — Você sabe que eu adoro seu cheiro. — Passei a língua em sua clavícula. — Seu sabor. — Desci a mão e invadi a calcinha. Introduzi o dedo em seu sexo. — "Porra"... Sua textura... "Caralho" dá pra ser menos gostosa? Que "tesão..." Está ensopada... Assim vai estragar toda a brincadeira.

— Eu me casei com um deus grego, ensopa calcinhas — brincou e se contorceu, gemendo.

Fui para as costas dela e desamarrei o lenço, deixando a ver a arrumação da suíte, pois, seria destruída em fração de segundos.

— E aí? — murmurei e mordi o lóbulo da sua orelha. Ela não respondeu na hora. Começou a andar no local, avaliando cada pedacinho. Acompanhei seus passos, tenso. *Será que ela gostou?* — Quer me torturar? — Passei as mãos pelos cabelos e mordi a parte interna da bochecha. — Era só uma brincadeira — justifiquei-me, achando que ela estava brava pelo jogo.

Quando percebeu minha insegurança abriu um sorriso largo.

— É maravilhoso, seu bobo. Eu simplesmente amei — completou e pulou no meu pescoço. — Só não gostei de uma coisa. — Enrugou a testa.

Comprimi o abdômen.

— Posso consertar? — argumentei.

— Não sei... A não ser que queira ir lá ao nosso apartamento e depois voltar... — Arqueou as sobrancelhas. — Consertaria.

— Assim você me quebra — brinquei. — Pode me dizer o que é? Para eu avaliar se vale a pena.

— Fiquei mais de uma hora na loja de lingerie, escolhendo a mais sex, para nossa noite de núpcias, e agora, estou aqui, só de calcinha – comum e fedida. — Fez uma careta.

Caí na risada.

— Assim você me assusta, achei que tinha cometido um erro. — Segurei em seus quadris, forçando-os para cima. Ela passou as pernas pela minha cintura e me apertou em seu corpo. — Eu não preciso de lingerie, minha gatinha manhosa. Só preciso de você, mais nada. Depois marcamos um

dia especial, para você usar a que comprou. Combinado? — Ela fez um biquinho e concordou.

Baixei a cabeça e passei a boca pelo seu pescoço.

— Me deixa ter você — balbuciei.

— Você já me tem — gemeu, enquanto eu lambia a curva do seu pescoço.

Dei alguns passos e a deitei sobre a cama. Ela se ajeitou, tirando alguns bombons de suas costas. Minha boca se encontrou com a dela, quente e úmida, sua língua acariciou a minha. Seus braços envolveram meu pescoço. Montei sobre ela e abri minha calça.

Sua barriga lisinha e macia se encolheu quando alcancei a beirada da calcinha e a afastei, sentindo sua excitação. *Minha esposa. Só minha "caralho".*

— Quero te sentir, está com muita roupa — disse e me puxou pela gravata. — Essa fica —

balbuciou e desceu as mãos, puxando minha calça. Facilitei o trabalho dela. Logo estava só de cueca e gravata.

Coloquei os dedos nas laterais da sua calcinha e a arrastei pelas pernas. Afastei suas coxas com as mãos, para poder admirá-la. Fui deslizando para baixo, com a boca salivando de expectativa de sentir seu gosto.

— Não! — gritou, se cobrindo com as mãos.

Prendi suas mãos ao lado do corpo e olhei feio para ela.

— Bryan, preciso de um banho, não é justo — protestou.

— Quero você assim, delícia. — Dei uma lambida em seu sexo. Ela arqueou as costas elevando o quadril e soltando um gemido.

Aprofundei meu ataque com a língua em seu sexo. Assim que senti seu gosto, soltei um

grunhido alto e meu “pau” doeu de tão duro. Envolvi o clitóris com os lábios e soube que a tinha por inteiro. Beatrice ficou tensa e estremeceu.

— Ah... Não para... — murmurou.

Enfiei mais ainda minha língua e chupei o clitóris, sem dó. Ela puxou os lençóis, arqueou mais ainda as costas, jogando a cabeça pra trás. Soltou um gemido alto. Aproveitei que sua umidade aumentou, introduzi dois dedos nela e esfreguei o clitóris com a palma da mão. Era o que faltava para ela atingir o clímax. Aumentei o ritmo dos meus dedos dentro dela, proporcionando o máximo de prazer a minha menina.

Queria aproveitar um pouco da contração do seu sexo – no meu “pau”. Arranquei a cueca rapidamente e enfiei o “pau latejante” nela. Seu corpo se enrijeceu e se contorceu.

— Olhe pra mim — exigi.

Segurando os lábios, Beatrice sofria para

manter os olhos abertos. Sua cabeça teimava em inclinar para trás, a cada estocada que eu dava. Fui aumentando meus movimentos e a intensidade das estocadas.

— Bryan... Oh... Deus... — Virou o rosto e mordeu os lábios.

— "Porraaaaaaa" — gemi, tentando controlar meu lado animal.

Agarrei sua bunda e a levantei, para que eu pudesse estocar mais forte, que ela me sentisse por inteiro – dentro dela.

— Agora — anunciei.

A sensação de estar por inteiro dentro dela, era o que faltava. Gozei tão forte que meus braços estremeceram. Cai em cima dela e demorei um tempo a me recuperar. Ficamos sentindo nossos corações, disparados, as respirações oscilando e o suor escorrendo entre nós. *"Sex pra caralho"*.

— Acho que tem um bombom no meu

bumbum — disse sorrindo.

Levantei o tronco e apoiei nos cotovelos.

— Vamos ter que tomar uma providência, esse bumbum tem dono — diverti-me. — O que acha de aproveitarmos daquela deliciosa banheira? — sugeri, segurando seu rosto com as duas mãos.

— Ótima ideia — murmurou.

— Já te disse que te amo?

— Deixa-me ver... — Pensou um pouquinho. — Acho que hoje ainda não.

— Eu te amo — sussurrei.

— Eu também.

Capítulo 33 – Sem Opção

— **Isso soa muito bem, Rebeca** — elogiei minha companheira de trabalho, pelo excelente resultado do mês. — Estou orgulhosa de você, não deixou a peteca cair — emendei —, e olha que esse mês vai entrar pra história. — Bufei. — Jesus, nem sei como ainda estamos em pé. — Bati as mãos nas laterais da cadeira e fiquei ereta. — Já foi... Agora, é sacudir a poeira e bola pra frente — animei-a.

Terminamos de repassar nossos compromissos e Rebeca voltou a sua sala. Sim, Rebeca ganhou uma sala. Contratei outra pessoa para ficar na recepção e nos auxiliar. Promovi a Rebeca, ficou responsável por todas as consultoras. Precisava ter mais flexibilidade, afinal, estou me virando em duas, tendo que auxiliar o administrador da empresa do Bryan, ou, nossa... sei lá... da construtora. Dividi todas as minhas tarefas

com ela. Eu quase não saio do escritório, fato que deixou meu esposo muito contente.

Direcionei os atendimentos externos à Rebeca, e os treinamentos ficaram sob a minha responsabilidade. Adoro meu trabalho, não abriria mão, pelo simples fato de ter me tornado a senhora Soutto. Eu sei que não precisaria trabalhar, mas essa não é a questão.

Os dias passaram como num flash. Faz quase um mês que eu sou a Sra. Soutto e ainda não me acostumei. Até o olhar das pessoas mudou. Como se um nome nos tornasse outra pessoa.

A tempestade estava começando a se acalmar. Bryan e Otávio tinham conseguido resolver a maioria das pendências. Meu esposo – *delicioso*, avisou que tínhamos uma viagem programada, para a nossa lua de mel, para a próxima semana, porém, disse que o lugar seria uma surpresa.

Peguei a pilha de folhas a minha frente, que tinha tirado da impressora, com vários currículos. É inevitável a rotatividade no ramo de atividades em que estamos: tanto eu quanto o Bryan. Apesar de ter passado a parte administrativa para outra pessoa, o RH continuou sendo responsabilidade minha. Afinal de contas, essa sim é minha especialidade.

Comecei a analisá-los e a fazer as devidas anotações. Seguindo sempre o mesmo padrão: separá-los por perfil, enviar e-mail com uma pré-entrevista e de acordo com as respostas, marcar a entrevista no escritório. Minha concentração foi quebrada com o toque do meu celular. Olhei no visor e fiquei inquieta – Mirela.

Mirela tirou uns dias de folga, pois sua mãe estava lhe dando muito trabalho. Grávida de trinta e quatro semanas, já começara a sentir-se desconfortável. Mirela temia pela saúde do bebê –

coisa que sua mãe não fazia. Parte da gravidez fez uso de drogas.

— Alô — atendi apreensiva, sabendo que boa coisa não era.

Sentia-me na obrigação de ajudá-la. Mirela não tinha ninguém que fizesse algo por ela. Desde o dia em que tiramos sua mãe da rua, cuidei em enviar dinheiro. O suficiente para que Mirela pudesse manter sua mãe em um lugar seguro, longe das drogas. Paguei as consultas regulares ao médico e deixei tudo certo para o parto, em um ótimo hospital.

— Beatrice — disse, soluçando. — Ela não vai resistir.

Aquela frase me desestabilizou no ato. Memórias, muito recentes, pipocaram na minha cabeça.

"Ela se foi..."

Sacudi um pouco a cabeça, desviando as

lembranças. *Preciso ser forte.*

— Calma Mirela, onde você está? — tentei acalmá-la, para que eu pudesse ajudar.

— No hospital, tive que chamar o socorro. Levaram ela para dentro da sala de cirurgia, faz mais de uma hora. Ninguém me fala nada, estou entrando em pânico.

— Por que não me ligou antes, Mirela? Em que hospital você está?

Ela passou os dados do hospital e a repreendi, por estar em um hospital público, e não no que tínhamos combinado. Ela me disse que aconteceu tudo muito rápido, não teve tempo de pedir que a levassem para o outro hospital.

Despedi-me dela e peguei minha bolsa. *Agora é a hora da verdade. Ou o Bryan vai comigo ou vai ficar soltando faísca, sozinho, porque eu vou de qualquer maneira.*

Passei pela recepção como um tiro, quase que não cumprimentei a Camila. No meio do caminho, até a sala do Bryan, Polyana tentou me parar, gesticulei, indicando que só depois.

De longe o vi confortável em sua cadeira, com uma xícara de café nas mãos, conversando com o Otávio, sentando a sua frente. Nem me importei se estava ocupado ou não, entrei como um rompante na sala, assustando-os.

Bryan levantou-se, quase derrubando café – nele. Caminhou rapidamente até mim, com a testa cheia de linhas.

— O que aconteceu? — perguntou, exasperado. *Esse é o meu marido.*

— Calma — ponderei.

— “Porra” Beatrice — praguejou, abrindo os braços — como você me pede calma, entrando desse jeito na minha sala? Meu coração está quase na boca. — Pegou minha mão e colocou em cima

do seu peito.

Sorri de canto e balancei a cabeça. Olhei para o Otávio e o cumprimentei com um aceno. Ele estava achando graça da atitude exagerada do Bryan. *É muito intenso.*

— Desculpa — sussurrei. — É que estou com pressa. — Respirei fundo e me preparei para o combate.

Ele franziu o cenho e torceu os lábios – prevendo problemas.

— E... — Fez um gesto para eu continuar.

— Preciso ir até um hospital, vim saber se vai comigo ou se vou sozinha — comuniquei, sem a opção de não ir.

Ele coçou a barba e olhou para o Otávio.

— Você ouviu isso? Acho que você tem parte de culpa — acusou ao advogado, bufando. Otávio alargou seu sorriso e levantou as mãos se rendendo. — Deixa-me ver se eu adivinho: Mirela?

Assenti, levantando as sobrancelhas.

— Beatrice, presta atenção meu anjinho...

— Nada de meu anjinho, Bryan — interrompi-o. — Estou com pressa, a resposta é simples: sim ou não. Se disser que sim, aguardo você pegar suas coisas. Se disser que não, te dou um beijo gostoso e vou. Qual vai ser? — Cruzei os braços no peito e não desviei os olhos dele.

Eu não tinha tempo de ficar discutindo. Com toda a certeza tentaria me convencer de que eu já tinha feito a minha parte, que poderíamos ajudar com mais dinheiro, enfim. Mirela precisava de mim com ela, não de dinheiro. Ele não entenderia.

— Boa... Chupa essa Bryan... — Otávio se desmanchou em risos, batendo palmas.

— "Vá se foder" Otávio. Volte pra sua sala, só está piorando pro meu lado — expulsou o advogado, irritado.

Otávio saiu, rindo muito.

Eu não desmanchei minha carranca. Continuei na mesma posição, esperando que tomasse uma decisão.

Bryan respirou fundo e passou as mãos pelos cabelos, antes de me encarar por longos segundos.

— Bom — Levantou as palmas das mãos. — Que opção eu tenho? — Meneou a cabeça – inconformado. Caminhou até a sua mesa e começou a juntar seus pertences. — Quem sabe esse pesadelo termine hoje. Porque, vou te dizer uma coisa Beatrice... — Colocou as mãos na cintura e me olhou. — Depois que essa criança nascer, estará livre de ser drogada por tabela. Sendo assim, podemos mandar o quanto de dinheiro você quiser, mas não quero mais você envolvida com uma drogada. — Baixei a cabeça. — Olhe pra mim e me diz que está entendendo — exigiu, com seu

tom de voz se alterando.

Só concordei com um aceno da cabeça, sem querer entrar em detalhes. O tempo estava correndo e eu só pensava na Mirela, sozinha, quase entrando em pânico.

***

O hospital estava repleto de gente. Bryan entrelaçou seus dedos aos meus e os apertava – tenso. Não estava gostando, nem um pouco, de estar ali. Depois de nos informamos, fomos até a sala de espera em que Mirela aguardava – aflita. Assim que me viu, veio ao meu encontro – aos prantos –, grudando no meu pescoço.

Fui abraçá-la e precisei olhar feio para o Bryan, não soltava minha mão.

— Beatrice — chorou, com o rosto enterrado em meu ombro. — O que eu faço?

— Quem é o médico responsável? —

perguntou o Bryan, vendo que teria que tomar a frente da situação.

Mirela ergueu o rosto e limpou as lágrimas, com as costas da mão.

— Eu não sei, estão me ignorando — fungou.

Vi quando o Bryan deu uma puxada forte do ar e cerrou os dentes.

— Vou me informar — disse e, antes de sair, voltou e me alertou. — Não saia daqui, Beatrice. Nada de querer ser a mulher maravilha. — Beijou meus lábios, docemente e nos deixou.

Carreguei Mirela até ao banco e me sentei ao seu lado.

— Me conta o que aconteceu — solicitei, pegando em suas mãos e massageando-as.

— Ela começou a passar a mão pelo peito, dizendo que estava sufocada. Andava pela casa e tentava respirar. Coloquei a mão e seu coração e

estava acelerado — relatou e respirou fundo. — Fiquei apavorada, achando que estava enfartando. Quando me virei, a procura do celular, ela começou a vomitar, não parava mais. Não conseguia mais ficar em pé, sentou-se ao lado do vaso sanitário e lá ficou. De repente. — Parou um pouco e colocou as mãos no rosto. — Eu estava agachada ao seu lado, seu corpo começou a ter uns espasmos, involuntários. Sua boca saia espuma. Saí correndo atrás do celular, para pedir socorro. Assim que o socorro chegou, me disseram que ela estava tendo uma crise de abstinência.

Mirela inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, várias vezes.

— Tudo bem — ponderei. — Você estava lá a trouxe pra cá, vai dar tudo certo.

Ela meneou a cabeça, negando.

— Não vai não. — Passou a mão pelo peito. — Estou com um aperto aqui.

Mordi os lábios e fiquei sem saber o que dizer. A porta da sala de espera abriu-se e Bryan entrou – todo imponente.

— Vamos. — Esticou a mão para eu pegar.

— Vamos? Não vou deixá-la sozinha, Bryan...

— Você também Mirela. — Fez um gesto com a cabeça para ela levantar-se. — Sua mãe está sendo transferida para o hospital que já tínhamos combinado.

— Ela está bem? — perguntou a Mirela, levantando-se.

Bryan pensou um pouco.

— Vai ficar — concluiu.

Mirela acompanhou a mãe, dentro da ambulância. Bryan me atualizou do estado de saúde da mulher, me deixando preocupada. Os médicos prestaram os primeiros socorros e disseram que era

melhor tirar a criança, mesmo que antes da data. Foi, por esse motivo, que o Bryan solicitou a transferência, não achou que o hospital em que ela estava tivesse recursos suficientes.

Bryan estacionou o carro, saiu e veio até a minha porta. Abriu e estendeu a mão para eu pegar. *Meu marido, "ogro" e "príncipe" ao mesmo tempo*. Puxou-me para o seu corpo e sussurrou, com os lábios grudados aos meus.

— Meu anjinho, podemos encaminhar as coisas e ir pra casa? Não me sinto confortável com você nessa história — pediu, com a expressão do "Gato de Botas".

Levantei o canto dos lábios, e meneei a cabeça – negando.

— Amor — ponderei. — A Mirela não tem ninguém, tente entender. — Passei a mão em seu peito e beijei seu queixo. — Não pode ser tão egoísta assim.

— Eu sou, Beatrice. Detesto te dividir — resmungou. — Vamos entrar — continuou — já que não tenho opção, vou ficar com você.

Fomos recebidos, exclusivamente bem, o oposto do hospital anterior, uma pena. Pensar que em um país, rico como o nosso, a saúde pública seja tão precária.

Depois de toda a parte burocrática, nos acomodamos na confortável sala de espera. Mirela estava mais calma. Sentindo-se mais segura.

Encaminharam a paciente diretamente para a sala de cirurgia, seria feito a cesariana. O melhor para a criança seria sair daquele corpo, totalmente debilitado. Depois, a Mirela poderia se encarregar de ajudar a mãe.

Enquanto ficamos na sala de espera, Bryan não parou de trabalhar. Seu celular incomodou o tempo todo. Quando não estava falando, digitando. Não me importei, pude dar mais atenção à Mirela.

As portas duplas da sala se abriram, nos assustando. Um médico, ainda com as roupas da sala de cirurgia, a máscara apoiada no queixo, nos olhou e perguntou:

— Qual de vocês duas é a filha?

Mirela levantou-se.

— Sou eu — respondeu, com a voz oscilando.

O médico a encarou por uns segundos – coçou a nuca.

— É um menino.

Mirela sorriu e falou, virando-se para nós:

— Eu sabia, eu disse — comemorou, emocionada.

Continuei olhando para o médico, achando a postura dele estranha. Ele esperou a euforia da Mirela diminuir e prosseguiu:

— Ela não resistiu. — Engoliu em seco. — Desculpe-me, eu fiz tudo o que pude.

— "Caralho" — praguejou Bryan, baixinho.

Eu soube o que passou pela cabeça dele. Que eu ajudaria muito mais a Mirela, que agora sim ela estaria completamente sozinha e com uma criança para criar. E ele estava certo. Jamais eu a abandonaria. Deus sabe das coisas, me colocou no caminho dela para que eu a ajudasse. Tudo o que fosse possível, e quem sabe o impossível, eu faria para ajuda-la.

Capítulo 34 – O Inesperado

FIQUEI ALI PARADO, EM SILÊNCIO, ATURDIDO, com meu coração bombeando de maneira insuportável. Endireitei-me e fiz o possível para me recompor do meu estado caótico, não adiantou: estava estarrecido. Quando pensei que teria uma vida tranquila com a minha esposa, apareceram mais empecilhos. Não são muitos meses que estamos juntos, mas o suficiente para eu conhecê-la, melhor do que qualquer pessoa.

O olhar melancólico de Beatrice para a Mirela revelou todo o meu futuro: “fodido”. Estava sendo mais uma vez egoísta, admito. *Por que eu tenho que ficar dividindo-a?*

Enquanto o médico relatava os detalhes, as duas, eu andava pela sala, passando as mãos pelos cabelos, imaginando até que ponto Beatrice se entregaria. *O que eu faço? Preciso encontrar uma*

maneira de amenizar pro meu lado.

Mirela chorava descontroladamente, no ombro da Beatrice. O médico falava e falava e Beatrice concordava, passando a mão nas costas da sua consultora. Decidi me aproximar, me inteirar do assunto, já que o mesmo seria parte da minha vida, sem sombra de dúvida.

— Querem ver o bebê? Está no berçário — comunicou o médico e deu um sorriso tímido. — Eu sei que não serve de consolo, mas é uma criança linda — concluiu.

Mirela negou, ainda com o rosto enterrado no pescoço da Beatrice.

— Ela está um pouco abalada doutor — interviu a Beatrice. — Podemos ir a qualquer momento? Quem devemos procurar? — prosseguiu, segura de si, me fazendo o homem mais orgulhoso da terra. *Consegui, a trouxe do inferno.*

O médico deu as instruções dos próximos passos e nos deixou a sós. Acomodamo-nos novamente nos bancos e aguardamos, alguns minutos, a Mirela se acalmar.

— Beatrice — iniciou Mirela, enxugando as lágrimas com as costas da mão. — Eu não tenho a menor condição de criar essa criança — confessou.

Exatamente o que eu temia. Comprimi o abdômen e fechei os olhos, na expectativa da reação da minha esposa. Gostaria de poder estar em sua mente, naquele momento. Beatrice analisava o rosto da Mirela e acariciava sua cabeça.

— Eu te ajudo — disse finalmente. — Não vai te faltar nada, podemos contratar uma babá, e você nem vai precisar parar de trabalhar — completou, tentando passar segurança à Mirela.

Meu corpo relaxou um pouco. Dinheiro não seria problema, nunca me opus a ajudar a garota. Só não queria que minha menina se dedicasse

demais àquela causa. *Odeio-me por ser tão dependente dela, “porra”!*

Mirela fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Você não entende — retrucou, mordendo os lábios. — Não posso arcar com as consequências dos erros da minha mãe. Beatrice... — Respirou fundo e soltou os ombros. — Eu só tenho vinte e dois anos, não é justo. E quanto aos meus planos? Se eu cogitar uma criança em minha vida, meu namorado surta — esclareceu.

Comecei a passar a mão na barba e a inquietude a me tomar. *Onde essa merda vai dar?*

— Mirela... — Beatrice parou um pouco e me olhou, mordendo os lábios. Um arrepio passou pela minha espinha. *Deus, o que ela pretende?* — Por mais que eu tente entender o seu lado, e estou tentando, de verdade. Se você não pode pagar pelos erros da sua mãe, muito menos essa criança. Percebe que ele só tem a você?

Mirela levantou os olhos e a encarou, séria.

— Eu não o quero. — Engoliu em seco. — Eu sei que está me odiando agora e me achando o pior ser humano, mas... — suspirou. — Se ele ficar comigo só vai sofrer. Como não tem ninguém na minha família que vai o querer. Até porque, faz anos que nem fazemos parte da vida deles. Não pretendo vê-lo, vou comunicar o hospital que o entregue para uma instituição. Perdoe-me. — Baixou os olhos, envergonhada.

Imagina uma pessoa caindo de um precipício, foi assim que me senti. *Estou "fodido". Eu sabia, desde o início, que essa história, bizarra, só complicaria a minha vida, só não imaginei que seria nesse nível.* Pra falar a verdade, as palavras da garota me deixaram atordoado, quiçá minha esposa. Pensar em entregar uma criança, que tem o seu sangue, para uma instituição, é algo surreal.

Percebi a mudança de postura da Beatrice.

Seu corpo estava tenso e sua expressão taciturna. Ela apertou os olhos com os dedos e pensou um pouco, antes de continuar. Balançou a cabeça, desvencilhando algum pensamento.

— Desculpe-me, Mirela. Isso não está certo. Não quero te julgar, nem tenho esse direito, porém, está cometendo o maior erro da sua vida. Tenho certeza de que em um futuro, não muito distante, se arrependerá, e aí... — Meneou a cabeça. — Será tarde.

Eu sabia que ela nunca tomaria nenhuma decisão que colocasse em risco o nosso casamento, estava tentando, de todas as maneiras, convencer a Mirela a ficar com o irmão. Afiançou tudo e mais um pouco, e mesmo assim, Mirela permanecia irredutível.

— Você tem conhecimento do quão difícil é ser órfão? — inquiriu Beatrice. — Quem garante a você que ele será adotado? Ele pode passar boa

parte da sua vida em uma instituição. Assegurando somente o básico a ele. Sem carinho. Sem atenção. Sem amor. — As últimas palavras saíram engasgadas. — Você sabe o quanto é burocrático adotar uma criança em nosso país? Que ele pode passar anos, esperando que uma família seja aprovada? Tem noção de quantas mulheres dariam a vida para estar no seu lugar? — Balançou a cabeça e a colocou entre as mãos. — Eu mesma, daria qualquer coisa pra ser mãe — confessou, com a voz embargada.

Fui invadido pela lembrança da minha menina chorando, me contando quando perdeu uma criança e o médico a comunicou que nunca mais poderia ser mãe. Os olhos cheios de dor. O amor em meu âmago, pela minha esposa, falou mais alto do que meu egoísmo. Tomei uma decisão e antes que eu voltasse atrás, soltei as palavras:

— Vamos ficar com ele — balbuciei.

O olhar perplexo das duas pra mim foi impagável. Esperavam tudo, menos aquelas palavras, saindo da minha boca. Um sorriso de satisfação foi crescendo lentamente, nos lábios do meu anjinho. Eu soube, naquele instante, que tinha feito a melhor escolha. A felicidade dela encobriria toda e qualquer consequência ruim do que eu estava me propondo a fazer.

As lágrimas começaram a descer pelos rostos das mulheres a minha frente. Beatrice se aproximou de mim e passou os braços pelo meu pescoço. Olhou dentro dos meus olhos e murmurou:

— Eu te amo, e agora muito mais do que eu já te amava — declarou e me beijou. Um beijo de agradecimento, de satisfação, de amor. Abracei-a e encostei os lábios em sua orelha.

— Por você eu moveria o mundo, se fosse preciso — segredei e a apertei mais no meu corpo.

Mirela me olhou e balbuciou:

— Muito obrigada.

Se antes eu achava que tinha tomado à decisão certa, no momento em que batemos os olhos no bebê, eu tive absoluta certeza.

Olhos amendoados; lábios em forma de coração; pele branca como a neve; cabelos pretos e espessos. Nunca tinha visto um bebê com tanto cabelo. Seu nariz parecia ter sido desenhado, a ponta arrebitada.

Parecíamos dois bobos, parados no vidro do berçário. Beatrice não conteve as lágrimas. A enfermeira se aproximou e perguntou:

— Vocês são os pais?

Encolhemos os ombros e içamos as sobrancelhas, sem saber o que responder. Mirela vinha logo atrás e confirmou:

— Sim, eles são os pais.

Pais... Meu Deus... Eu serei pai... A sensação foi a melhor de todas. Meu anjinho me olhou, com os olhos radiantes. Tive vontade de pegá-la no colo e sair girando pelos corredores. Sentia-me satisfeito, como se aquele bebê tivesse vindo para completar a nossa felicidade.

Fomos conduzidos para dentro e ao nos aproximarmos do *"nosso filho"*, não sabíamos o que fazer.

— Podem pegar — disse a enfermeira.

Suas perninhas e bracinhos estavam agitados, soltava uns gemidinhos e apertava as mãozinhas, abrindo e fechando a boquinha. Beatrice ficou indecisa, mordia os lábios e tremia. Mirela aproximou-se e a encorajou.

— Ele é seu — sussurrou. — Não tenha medo. Pegue-o.

Beatrice colocou o bebê no colo, com cuidado. Como em um passe de mágica, ele se

aconchegou e se acalmou. Ela encostou os lábios na testa dele e desatou a chorar. Abracei-a, por trás e a acalmei.

— Shiiiii... Ele está seguro agora. É nosso.

Foi um momento único. Repleto de felicidade. Era uma nova vida chegando, trazendo esperança e amor sem fim. Seríamos pais, um privilégio ímpar na vida. Os momentos em que viveríamos ao lado dele encheriam nossas vidas de cores.

— Nós já te amamos — declarei, acariciando o rosto perfeito do nosso filho. — Você vai iluminar mais ainda nossas vidas, enchê-las de alegria — conclui. — E você, minha preciosa esposa, me tornou o homem mais feliz de todos, com esse sorriso de felicidade. Eu te amo — sussurrei e beijei a ponta do seu nariz.

Tanto a enfermeira quanto a Mirela tinha saído, nos deixando curtir aquele momento

especial. *Deus existe!*

— Bryan... — Beatrice conseguiu balbuciar, ainda muito emocionada. — Se eu disser que ele se parece com você, vai me achar maluca? — disse, constrangida.

Analisei o bebê com mais cuidado e não achei que ela era maluca. Realmente, os traços eram muito parecidos com os meus. Não dava para definir a cor dos olhos, porém, a cor da pele, dos cabelos, e formato do rosto, era muito semelhante.

Abri um sorriso no canto dos lábios e pensei o quanto eu era agraciado.

— Não meu anjinho, não vou te achar maluca. Você está certa. Fomos premiados — confirmei, sentindo a emoção me dominar.

— Como ele vai se chamar? — perguntou a Beatrice.

Observei os movimentos da criança mais linda de todas, no colo da mulher da minha vida.

Lembrei-me que uma vez minha mãe tinha dito que o dia que eu tivesse um filho gostaria que eu homenageasse seu falecido pai. Meu avô tinha sido um homem maravilhoso. As lembranças da minha infância, em sua casa, eram as melhores que eu tinha.

— Frederico — murmurei. — Quer dizer... — Passei as mãos pela nuca. — Podemos discutir a respeito.

Ela alargou o sorriso, que não tinha saído do seu rosto.

— Fred... O nosso Fred... — Coloquei o dedo na mãozinha dele e ele apertou. Meu coração deu um salto. Não achei que existia tamanha felicidade. — Adorei — concluiu. Esticou o braço e acariciou minha barba. Encostei o rosto na palma da sua mão. — Eu amo você, tanto, tanto, que chega a doer — confessou e uma lágrima escapou do canto dos seus olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Limpei a lágrima com o polegar.

— Não tanto quanto eu. Meu amor por você já passou do estágio da dor, se eu sonhar que você me deixou, não amanheço. Você é o meu oxigênio. — Beijei seus lábios de leve. — Sempre te trarei de volta... Sempre...

Um homem perturbado e frio. Uma mulher frágil e traumatizada. Duas vidas, com passados conturbados: um destino. Caminhos cruzados... e um futuro... Esse sim, cheio de promessas. Esses somos nós dois. Um casal que tinha tudo pra não dar certo. Que enfrentou obstáculos inimagináveis, mas que os superou. O amor pode sim – mudar as pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35 – Pagando o Preço

UM TEMPO DEPOIS... EM UM LUGAR DISTANTE...

ESTAVA ACABADO. Alicia apertou a roupa, recebida, contra o peito e seguiu, em fila, as outras detentas.

— Todo mundo tirando a roupa, vamos lá. Fiquem de costas e coloquem as mãos na cabeça — ordenou a carcereira, batendo com o cassetete nas mãos.

Um frio passou pela sua espinha. Um medo a dominou e sua boca secou imediatamente. A saliva não passava pela garganta. Suas mãos tremiam. *"Como eu cheguei aqui?"*

— Aeeeee, patricinha, é a primeira vez? — Alicia olhou para a pessoa que a chamava e sentiu o estômago embrulhar-se. Acenou que sim. Seu cérebro tinha dificuldade em processar o que estava acontecendo. Seu corpo não respondia a nenhum

comando.

Tanto tempo apelando para não chegar ali – sem sucesso. Por melhor que o advogado dela fosse, flagrante de sequestro, cumplice de assassinato, somado ao fato da família da vítima ser muito influente, não a livraram.

A mulher se aproximou, deu uma olhada para a carcereira e falou ao ouvido da Alicia.

— Aqui você tem que fazer amizade, caso contrário será comida viva. Posso te garantir segurança, é só me satisfazer. — Passou a língua pelos lábios, afastou-se um pouco e analisou o corpo de Alicia – nu. Chupou a saliva entre os dentes e continuou. — Mina, tu é gostosa pra "caralho".

Alicia deu uma encolhida no corpo e se afastou – não o suficiente, pois o espaço era apertado. Ouviram as instruções e caminharam até o vestiário.

Alicia não conseguia controlar sua tremedeira. Repassou todos os conselhos que seu advogado lhe deu e buscou calma. Ela tinha pesquisado tudo sobre a penitenciária em que ficaria. Consultou algumas pessoas que pudessem a orientar. Descobriu alguns caminhos que facilitariam sua vida, ali dentro. Estava munida de informação, porém, teria que ser forte. O medo estava querendo dominar todas as outras emoções. *"Eu vou conseguir. São alguns anos. Quando eu sair ainda terei a vida pela frente."* Meditava, buscando forças para enfrentar o seu penar.

Epílogo

ANOS DEPOIS...

OS RUÍDOS ME INCOMODAVAM, as pessoas monopolizando minha esposa e meu filho, mais ainda. Por onde eu olhava tinha gente e balões coloridos. Crianças correndo por toda a parte. Minha vontade era pegar os presentes, entregar um pedaço de bolo para cada um e dispensá-los. *Fico "fodido" quando invadem nossa redoma*. Continuo gostando da minha privacidade e odiando dividir minhas riquezas.

Desci os degraus da escada, que leva à parte de cima da nossa casa de praia, passando as mãos pelos cabelos, buscando uma maneira de fugir.

Nosso adorável Fred estava completando três anos. Foram os melhores anos da minha vida. De todas as escolhas que fiz – duas delas – eu devo a minha vida: Beatrice e Frederico.

Quando você decide adotar uma criança as pessoas insistem em dizer que é uma furada. Criam teorias horrorosas, como se o ser humano nascesse pronto. Não precisasse de um meio, para formar sua personalidade e caráter. As frases são as mais preconceituosas possíveis:

> *“Vocês são loucos? A mãe dele era drogada.”*
>
> *“Criança adotada dá o dobro de trabalho do que um filho de verdade.”*
>
> *“Eles crescem e se viram contra os pais.”*

Filho de verdade? Ele não é de verdade? Precisa ter o seu sangue, correndo nas veias, para ser de verdade? Na maioria das vezes nem me dei ao trabalho de responder. Nunca me importei com a opinião dos outros. Não seria diferente quanto ao meu filho. Frederico tem todo o amor que merece, tanto de nós – os pais, como dos avós, tios e

primos. Meus pais têm verdadeira adoração por ele. Rogério, depois que a Paola se foi, nos visita regularmente. Não passa uma semana sem ver o neto.

Ele é uma criança adorável. O fato de sua mãe ter sido uma drogada, só influenciou em sua saúde. Infelizmente nos primeiros dois anos foi preciso um acompanhamento mais assíduo.

Cheguei ao final da escada e parei, fui bombardeado.

— Titio... Titio... Fala pro Fred parar, ele não deixa a gente brincar. — Cristine reclamou – emburrada, com os bracinhos cruzados no peito.

Minha sobrinha está cada vez mais linda. Seus cabelos loiros e olhos azuis me amolecem. Veste-se como uma mocinha, aos sete anos, mais velha que as demais crianças, se acha a líder.

— Oi minha princesa, o que foi que o Fred aprontou dessa vez? — Me agachei e a coloquei

entre as minhas pernas, bagunçando seus cabelos.

— Você não vai acreditar, ele pegou nossas bonecas, minha, da Aninha e da Letícia — falou, contando nos dedinhos —, pelos cabelos e saiu arrastando elas por todo o quintal. Quando tentei pegar, ele jogou elas na piscina e correu — relatou, revirando os olhos, com as mãozinhas na cintura.

Segurei-me para não rir. *Meu moleque arteiro.* Fred não conseguia deixar as meninas em paz. Não se conformava se elas o excluíssem. Diziam a ele que era muito pequeno e menino. O que ele fazia? Apelava. Diferente do Pedrinho, bem mais calmo, aceitava numa boa e procurava outra coisa para brincar.

— Realmente é inacreditável — falei sério, balançando a cabeça. — Vamos lá resolver isso agora. — Levantei-me e entrelacei os dedos aos dela. Olhei de esguelha e vi seu peito se estufar, se sentindo poderosa.

Enquanto caminhava com a Cristine, fomos interrompidos, várias vezes. As pessoas haviam chegado e eu não as tinha cumprimentado. Não queria aquela festa, entretanto, Beatrice e Frederico são minhas perdições. Basta um olhar, pronto, amoleço...

> *— Amor, final de semana o Fred completa três anos. Podíamos aproveitar reunir a família e nossos amigos, na casa da praia. Estamos trabalhando tanto que quase não aproveitamos a nossa casa — propôs Beatrice, de frente para o espelho, no closet, só de lingerie.*
>
> *Aproximei-me e a abracei por de trás. Encostei meu queixo em seu ombro e fiquei admirando minha esposa.*
>
> *— Como você consegue ficar cada vez mais linda? — indaguei, encantado.*

O brilho dos olhos da minha menina, nunca mais se apagou. Livre do seu passado assombroso e realizando o sonho de ser mãe, as crises de pânico se dissiparam. A doutora Perci nos deu alta, e nossas desavenças diminuem dia a dia. Beatrice ganhou um poder de persuasão, que às vezes penso em colocá-la para trabalhar no comercial, comigo. Claro que só fica no meu pensamento. Sua empresa e independência são primordiais a ela.

— Não sou eu quem tem quarenta e três anos e ainda arrasa corações. Quando é que eu vou poder ficar sossegada, com meu marido à solta? Todos os lugares em que vamos tenho que ficar fazendo cara feia para as mulheres. — Bufou. — Achei que com o tempo melhoraria, só está piorando. — Entortou os lábios e apertou meus braços

em volta do seu corpo.

Outra característica que se destacou em minha esposa, ciúmes. Fico com dó das mulheres que se aproximam de mim, é cada "ralada" que levam. Sem contar os olhares assassinos.

Beijei seu pescoço e enfiei as mãos dentro do sutiã, puxando os seios para fora. Beatrice deu um tapa em minhas mãos.

— Primeiro me responde — divertiu-se, me encarando no espelho.

Estreitei os olhos e belisquei sua bunda.

— Acha que pode me parar senhora Soutto? — A virei e coloquei seu rosto entre minhas mãos. Rocei nossos narizes. — Onde, como e quando eu quiser. — Invadi seus lábios com minha língua e quando pensei em desabotoar o sutiã, duas mãozinhas seguraram minhas pernas.

— Papai!

Baixei o olhar e meu coração só faltou saltar do peito. Frederico não precisa me pedir nada, só a sua vozinha, me chamando de papai, é o suficiente para ele me ter na palma das mãos. Abaixei-me e fiquei na altura do seu rosto.

— E aí "cara", bate aqui — fizemos nossa saudação habitual. Desde que o meu menino começou a entender, ensinei-o a fechar o punho e bater no meu. — Já encheu esse buchinho aqui, de comida? — Apertei sua barriga, provocando cócegas, nele.

Frederico foi pegando o nosso jeito e a cada dia que passa se parece mais conosco. Algumas características físicas são semelhantes as minhas. Um dia pegamos minhas fotos, de quando eu tinha a mesma idade que ele, e ficamos impressionados.

Com exceção aos olhos, que os meus são verdes e os dele pretos, como jabuticabas. Os cabelos, a cor da pele e o formato do rosto, são inacreditavelmente parecidos com os meus. Até as sardas pintando seu nariz e bochechas.

— Bryan, pare com isso, faz mal o menino rir desse jeito — repreendeu-me a mãe coruja.

— Aiiiii papai... "Palaaaa" — resmungou o Fred, se esquivando de mim e indo para o lado da mãe.

— Não foge não garoto, nada de ficar se escondendo atrás da sua mãe. Quem é o macho do papai, hein. — Dei um soco de leve no braço dele. Ele arrumou a postura e levantou o queixinho.

— Eu papai... eu...

— Meu Deus do céu, Bryan. Pare com isso,

não gosto, olha o que está ensinando pro menino. Tss-tss... Quanto machismo! — retrucou, sacudindo a cabeça. — Fala pro papai que você quer uma festa de aniversário, bebê da mamãe.

— Não sou bebê, mamãe. Sou o macho do papai. — Fechou a cara e fitou o rosto da mãe.

Soltei uma gargalhada que caí pra trás no chão. Meu moleque arteiro não perdeu tempo, subiu em cima de mim e começamos a rolar pelo quarto.

De longe, avistei meu pequeno nos braços da irmã, se deleitando com o abraço apertado que recebia. Contraí o abdômen e controlei a vontade de tirá-lo dos braços dela.

— Tatá, vem ver o carrinho que eu ganhei. — Pegou na mão da Mirela e saiu arrastando-a.

Olhei para a Cristine e encolhi os ombros, levantando as sobrancelhas.

— Podemos deixar essa conversa para depois? Agora ele foi monopolizado pela irmã. — Não gosto muito da intimidade dele com a irmã, porque eu continuo um “filho da puta” egoísta. Porém, Mirela me salvou de ser encostado na parede, pela Cristine.

Cristine soltou os ombros e entortou os lábios.

— Tudo bem titio, então me ajuda a salvar nossas bonecas? Elas devem estar morrendo afogadas.

Achei graça e segui com ela, para a área externa da casa. Parei um pouco, antes de colocar o pé pra fora, admirando a beleza genuína da minha menina. De costas para nós, suas curvas atiçaram meu “pau”. Usava um vestido florido, de alças e curto, deixando suas lindas coxas à mostra. Soltei

um longo suspiro, controlando meus instintos.

— Vamos titio, olha lá, não te disse, estão as três na água. — Puxou minha mão, me arrastando para a beira da piscina.

Acenei para as pessoas e peguei a peneira, de tirar folhas da água. Fiquei na beirada e me inclinei o máximo que pude, para conseguir resgatar as bonecas.

— Aeee Bryan, resgatando suas sobrinhas? — divertiu-se o Ethan. — Tem que pedir para o seu filho ser menos "ogro". Olha o que fez com as coitadas das bonecas.

Passe o tempo que for – Ethan tem o dom de me provocar. Ele não consegue, é mais forte do que ele.

Virei-me em direção a ele e levantei apenas uma sobrancelha. Andrey apertou os lábios, evitando o sorriso.

— Ethan, amor, deixa seu cunhado em paz

— ponderou o Andrey. Sabendo que nunca acabavam bem, as provocações.

Ethan comprou o apartamento da Beatrice e juntou as escovas de dente com o Andrey. Eles se dão muito bem, porém, quando brigam, Andrey só muda de porta e dorme no apartamento da sua mãe. O Frederico defende os tios com unhas e dentes. Quando faço qualquer comentário em casa, de um dos dois, ele solta sua frase:

> *"Papai, titio Ethan e titio Andrey me levam no "paiquinho"*

Demorou certo tempo, para eu liberar meu filho para sair com as pessoas. Mesmo assim, só eles e a Mirela, têm costume de levá-lo para passear, sem estarmos juntos. Dou mil recomendações e ligo a cada meia hora. Nunca se atreveram a se atrasarem para nos entregá-lo, sabem que se eu perder a confiança, não deixo

mais.

Entreguei as bonecas à Cristine e beijei sua testa.

— Pronto princesa, agora pode voltar a brincar.

Antes de me virar senti dois braços me abraçando pelas costas.

— Meu herói, fez sua boa ação de hoje? — brincou a Beatrice, beijando minhas costas.

Fiquei de frente para ela e a abracei na altura da sua lombar. Ela passou os braços pelo meu pescoço e beijou meu queixo.

— Você precisa conversar com seu filho, ele não pode continuar fazendo essas coisas com as meninas — alertou-me, tentando não achar graça da situação.

Coloquei uma mecha de cabelos atrás da sua orelha e beijei a ponta do seu nariz.

— Por que a mãe dele não dá um jeito nessa

situação? — aticei-a.

Beatrice bufou e riu.

— Sabe qual vai ser a resposta? *“Mamãe, eu “pometo”, nunca mais”* — declarou, imitando a vozinha do Fred. — Ele não tem vergonha na cara, igual ao pai dele. Vem com aqueles olhinhos de pedinte e me convence.

— Nós somos irresistíveis, eu sei, não é fácil — me gabei e mordi seu pescoço. — Gostosinha, que tal dar uma escapadela dessa festa? Hum? — sugeri, com os lábios grudados em sua orelha.

— Deixa de ser tarado. — Enfiou os dedos nas minhas costelas, fazendo-me encolher.

— Ô casal, não sei se vocês perceberam, mas isso aqui é uma festa infantil. — Mary gritou, sentada, junto com os outros.

Mary e Pablo casaram-se e compraram a academia, deixando meu cunhado muito feliz. Era

tudo o que o Nathan mais queria: sua esposa livre para ele.

— Eu nunca vi duas pessoas se lamberem tanto, pelo amor de Deus. Algumas horas a menos vão matar vocês? — continuou a Mary.

— Deixa eles aproveitarem, Mary. Assim que é bom, né bebê — defendeu-nos Polyana, pedido aprovação do seu marido, Rodrigo.

Quase eu digo que queria mandá-los todos para suas devidas casas, muito mais o meu, mais recente, cunhado. Precisou a barriga de a Polyana estar bem evidente, para ele largar a vida de solteiro. Tem se mostrado um ótimo pai para a Aninha e adora a Polyana. Desde o dia que soube da gravidez, se comporta como um tonto. Fui obrigado a engolir. Não que eu fique tranquilo. Beatrice é terminantemente proibida de ficar com ele, sozinha. Podem me chamar de louco, não me importo. Eu cuido do que é meu.

Caminhamos até eles. Beatrice sentou-se e eu me aproximei do balcão, em frente à churrasqueira.

— E aí cunhado, te deixaram aqui novamente? — brinquei com o Nathan. Em todas as ocasiões o deixamos responsável pelas carnes.

— Ser o melhor é nisso que dá — disse Gaby, passando as mãos pela minha cintura e beijando meu pescoço. — Bryan, sério, o Fred está atormentando demais as meninas. Você precisa conversar com ele. Fui tentar falar com ele, nem me deu atenção.

Abri um sorriso e beijei o topo da cabeça da minha irmã.

— Pode deixar, vou conversar com ele — garanti, sabendo o quão difícil seria cumprir. Meu filho é liso como um sabonete. Se ele batesse o pé e emburrasse, seria mais fácil. Mas não, ele faz biquinho e garante que não fará novamente. — Por

que a Karin não veio? — perguntei, franzindo o cenho.

Karin nos surpreendeu. Fez o tratamento completo, na clínica de reabilitação. Quando saiu, voltou a estudar. Logo conseguiu um estágio em sua área e assim que se formou foi efetivada. Continua morando com meus pais, por insistência deles.

— Ah Bryan, ela trabalha muito durante a semana. E, ainda tem a pós-graduação. Quando chega o sábado ela só quer dormir. Mas, me garantiu que vai dar uma passadinha para dar um abraço no Fred.

Vi o Frederico sair correndo, o acompanhei para ver o que fez meu filho largar tudo. Rogério entrou e Fred quase o derrubou, pulando em seu pescoço.

— Vovô... Vovô... "Voxê" veio — Frederico atropelava as palavras.

Seu avô não havia confirmado que estaria em sua festa. Eu sabia que ele daria um jeito. Rogério se afundou no trabalho, depois que perdeu sua esposa. Sua única distração é o neto. Não fizemos nenhuma objeção. Frederico fala do avô como se ele fosse um super-herói. O tempo em que os dois estão em nosso apartamento, é se arrastando pelo chão. Geralmente com Frederico montado em suas costas. Por isso, ele tem que fazer fisioterapia, afinal Rogério tem mais de sessenta anos.

Meus pais sentem um pouco de ciúmes, mas entendem o quanto é importante, tanto para o Rogério, como para o Frederico. Sem contar, que não é sempre que podemos descer a serra, Frederico teria pouco contato com os avós, não fosse à dedicação do Rogério. Sempre que surge esse assunto, lembro-os do quanto eles têm amor, de sobra, da Cristine e do Pedrinho. Eles sempre se conformam. Quando estamos em Santos,

costumamos deixar o Frederico na casa deles, para suprir à necessidade de ambas as partes.

Eu deveria ficar agradecido por meu filho se dar bem com todos, porém, chega a me dar frio na espinha. Estou sempre me controlando. *Como pode duas pessoas me desafiar tanto?* Beatrice e Frederico tem o poder de me desestabilizar. Enquanto quero os proteger, estão constantemente se colocando em risco.

Sentei-me ao lado da minha esposa e passei os braços pelo seu ombro, juntando seu corpo ao meu.

— Minha proposta está de pé — sussurrei ao seu ouvido e lambi o lóbulo da sua orelha.

Ela deu uma cotovelada na lateral do meu corpo, me fazendo um soltar um gemido.

— Deve estar falando besteira né, Bryan. Isso mesmo Trice, mostra quem manda nessa relação. — Lá estava o Ethan me provocando

novamente.

A festa corria bem, até que ouvi um grito e dei um pulo da cadeira. Quando meus olhos enxergaram o motivo do grito, meu coração falhou. Saí em disparada.

Afastei as crianças e me agachei ao lado do meu filho. Chorava compulsivamente e tinha sangue em sua boca.

— Filho, fala comigo, o que aconteceu? — falei, exasperado. — Onde dói Fred, fala com o papai. — Olhei as pernas dele e fechei os olhos, puxando o ar dos pulmões com força. Tinha sangue escorrendo pelos dois joelhos. — “Porra”... Filho... Fala com o papai. — Levantei-me e corri com ele nos braços.

Beatrice veio ao meu encontro e tentou tirá-lo do meu colo.

— Calma, Bryan, ele só caiu — amenizou.

— “Porra”, ele não fala comigo. Filho, fala

com o papai — pedia e o chacoalhava. Frederico estava afogado em lágrimas.

— Bryan — gritou a Beatrice ao meu lado. — Me dá ele aqui. Ele está chorando, como você quer que ele fale com você.

— Calma, filho, é normal às crianças caírem — ponderou meu pai.

Frederico continuava chorando e eu não conseguia ter um pensamento coerente. Só o que eu via era sangue e as lágrimas dele. Sentia como se uma lâmina estivesse passando no meu coração.

Beatrice o arrancou das minhas mãos e o colocou no sofá. Logo em seguida minha mãe apareceu com uma bacia e um pano. Começaram a limpar os machucados dele e conversar com ele.

Eu andava de um lado para o outro, mordendo o interno das bochechas e praguejando.

— “Porra”, como eu não vi. Tem sangue na boca dele, “caralho”. Temos que levá-lo ao

hospital. — Passei as mãos pelos cabelos e senti uma mão em meu ombro.

— Bryan, “cara”, eu juro que ainda vai ter um enfarto. “Meu” a coisa mais normal nessa vida é uma criança cair. Tem que se acostumar — suavizou o Otávio.

Meu amigo esteve presente em boa parte da minha vida. Não ficaria de fora no aniversário do meu filho. E como sempre, o mais sensato, tentando me acalmar.

Como posso me acalmar, vendo meu filho cheio de sangue e afogado em lágrimas? Eu sempre achei que as mães eram anjos. Quando voltei para perto do sofá tive certeza. Frederico tinha um leve sorriso nos lábios. Beatrice acariciava seus cabelos.

— E aí filhão? — Agachei-me e controlei a tremedeira do meu corpo. Relaxei os ombros, aliviando a tensão.

— Eu caí papai, tá doendo — disse e quis voltar a chorar.

— Ei, quem é o macho do papai? — Dei um soco de leve no bracinho dele, como sempre fazia.

Ele passou as costas da mão pelo rosto, franziu a testa e respondeu, engrossando a voz:

— Eu papai... eu...

Todos que estavam em volta caíram na risada. Rapidamente ele estava em pé, com curativos nos dois joelhos.

— Tss-tss. Esse menino está cada vez mais “ogro”. Vai deixar ele continuar criando o menino assim, Trice? — Ethan bradou, atrás de nós.

— Vamos cantar parabéns? — Beatrice desconversou.

Juntamos todos em volta da mesa, com a decoração do Homem-Aranha. Cantamos parabéns, na maior farra. Quando chegou o momento de cortar o bolo, me aproximei do meu moleque e

disse:

— Enfia a mão aí “cara” — incentivei-o. Ele olhou para a mãe, que estava distraída e afundou as duas mãozinhas no meio do bolo.

Joguei a cabeça para trás da gargalhada que soltei.

— Filho, o que você fez? E agora, como vamos dar bolo para as pessoas? — Beatrice estava inconformada.

— Foi o papai que “dessô. — Me entregou.

Ela virou o rosto para mim, com o rosto transtornado. Cheguei pertinho dela e joguei mais lenha na fogueira.

— Se continuar com essa braveza vou te “comer” no meio dessas crianças. — Fui empurrado, com força. — Quem quer bolo? Vem criançada, ataquem. — Chamei a todas, liberando geral.

Tivemos que sair da frente, a criançada se

jogou em cima do bolo e se lambuzaram.

— Meu Deus, Bryan. Não acredito que fez isso. — Beatrice não se conformava, e eu me divertia.

— Meu anjinho, a vida dos adultos é muito chata, cheia de formalidades. Deixa as crianças se divertirem. — Abracei-a e beijei o topo da sua cabeça. — Já disse que te amo? — sussurrei, com os lábios colados em sua têmpora.

Ela inclinou o rosto e levantou o canto dos lábios, com um sorriso tímido. Formando as lindas covinhas.

— Hoje ainda não... — murmurou.

— Eu te amo — balbuciei.

— Eu também.

— Sempre te trarei de volta... Sempre... — continuei.

— Não será preciso, eu nunca sairei daqui, nunca...

Juntamos nossos lábios e não nos importamos onde estávamos. Nossas línguas bailaram. Fechamos os olhos e entramos em nossa redoma. Naquele lugar que ninguém invade que só tem nós dois. As crianças começaram a jogar bolo, umas nas outras, e mesmo assim, não deixamos de nos beijar.

— Melhor vocês subirem e deixar tudo aqui por nossa conta — disse o Eduardo, chegando perto. — "Cara" você está sempre no cio? — brincou.

Olhamo-nos e sorrimos.

Minha casa, minha esposa, meu filho, minha família, meus amigos. Eu sou o "filho da puta" mais sortudo do mundo.

Capítulo Bônus

ACORDEI LENTAMENTE, SAINDO DO DOMÍNIO DO SONO. Estiquei o braço e não o encontrei. A luz do sol atravessava as cortinas finas de *voil*. Esfreguei os olhos e sofri, para mantê-los abertos. A visão dele, de costas para mim, em pé, admirando a paisagem da *"Cidade Luz"*, ativou novamente meus hormônios. *Quando foi que me tornei insaciável?*

Meu marido vestia uma bermuda social – branca – larga nos quadris e mais nada. Seus cabelos estavam molhados e o cheiro do seu perfume invadiu minhas entranhas. Percebeu que estava sendo observado e virou-se. A visão ficou melhor ainda. Sua bermuda estava apenas com o zíper fechado, os botões abertos deixavam à mostra os pelos do caminho da felicidade. Levantei o tronco e me apoiei nos cotovelos, inclinando a

cabeça para o lado. Passei a língua pelos lábios e ergui uma sobrancelha.

— Bom dia gatinha manhosa. É impressão minha ou estou sendo devorado, com um olhar? — Enfeitou seu rosto com o sorriso mais atraente que eu já tinha visto.

Bryan se aproximou da cama e ficou em pé ao meu lado.

— Me dá sua mão — balbuciou.

Fiquei ereta e fiz o que me pediu. Ele a colocou em cima do seu membro, estourando o tecido.

— Sabe por que ele está assim? — indagou com a voz rouca. Neguei – sentido o meu sexo formigar. — Porque você tem esse poder. O controle sobre ele. Seu olhar, seu sorriso, seu cheiro, seu sabor, a maciez da sua pele... — Suspirou.

Apertei meu brinquedo favorito, gerando

um gemido no meu esposo, delicioso.

Bryan sentou-se e me puxou pra cima dele. Encaixei uma perna de cada lado do seu corpo e passei os braços pelo seu pescoço. Encostamos nossas testas e roçamos nossos narizes. Ficamos nos olhando por longos minutos. Sentindo a nossa conexão. O nosso amor.

Atravessamos um tsunami e saímos vivos do outro lado. Dizer que foi fácil seria mentira, contudo, uma coisa não podíamos negar: nos fortaleceu.

— Onde vamos visitar hoje? — indagou, massageando minha nuca. Dei de ombros. — Tenho um programa especial — continuou —, nem vamos precisar se preocupar com roupas — concluiu e levantou o canto dos lábios, com um sorriso safado.

— Chegamos faz três dias e só fomos conhecer a *"Torre Eiffel"*. Cruzamos o oceano pra

ficarmos na cama? — brinquei. — Tudo bem que estamos em lua de mel, mas... — Icei as sobrancelhas.

Ele baixou os olhos para os meus seios expostos e passou os polegares pelos bicos, deixando-os imediatamente enrijecidos. Encarou-me e estreitou os olhos.

— Sua boca não fala a mesma língua que o seu corpo — murmurou.

— Bryan...

— Hum? — Levou a boca logo abaixo da minha orelha e lambeu. — É só me mandar parar — prosseguiu sem me dar o direito de escolha. *Por quê? Meu corpo continua me traindo.*

— Amor... — gemi — quero ir no *"Louvre",* hoje, e... ai... — suspirei — já passamos muito tempo nessa cama... Aiiiiiii... Bryan... — ofeguei. — Ele fecha às dezoito horas, está quase na hora do almoço.

Meu marido abocanhou meu seio e chupou com força, em seguida, lambeu o bico. Repetiu o processo no outro e me encaixou melhor em seu colo. Minha excitação umedeceu o tecido fino da bermuda dele. Ele pegou em meu quadril e fez-me rebolar em cima dele. As forças foram se despedindo do meu corpo. Pernas e braços amoleceram.

— Vem cá — ordenou, com seus olhos soltando faíscas.

Mergulhou a língua em minha boca. As carícias ritmadas e suaves de sua língua acenderam mais ainda a chama dentro de mim. Seus lábios macios e firmes ao mesmo tempo, mostraram-me quem é que me tinha nas mãos. Sua mão forte na minha nuca, deixando claro que eu estava mais do que presa. Completamente detida pelo amor. Envolvida em uma trama de felicidade e ternura.

Ele se afastou e eu mantive meus olhos

fechados, desejando que aquele momento nunca terminasse. Senti um assopro no rosto e abri um olho só.

— Vamos? — convidou, com um ar de moleque arteiro.

Franzi o cenho e fiz um bico.

— O que você quer gatinha manhosa? — indagou, com os lábios grudados à minha orelha. — Se eu começar não vou parar, então, primeiro o desejo da minha menina. — Bateu de leve na minha bunda. — Banho — ordenou e beijou minha testa.

***

O "*Museu do Louvre*" é um dos maiores e mais famosos museus do mundo. Possui a *Mona Lisa*, a *Vitória de Samotrácia*, a *Vénus de Milo*, enormes coleções de artefatos do Egito antigo e da civilização greco-romana. A sua entrada principal

possui as “*Pirâmides do Louvre*” que é uma estrutura construída em vidro e metal, rodeada por três pirâmides menores, no pátio principal do Palácio do Louvre.

Eu girava de braços abertos, com a cabeça inclinada para cima, tamanha era minha felicidade. Estava realizando um dos maiores sonhos da minha vida. E o que o tornava mais saboroso: meu marido. Havia me proporcionado a melhor viagem da minha vida. De todas as surpresas, me levar a Paris foi inegavelmente a melhor.

— Bryan... — Me faltaram palavras. Meus olhos embargaram e minha garganta fechou. Uma sensação inédita para mim, já que não era de medo.

Ele me juntou ao seu corpo e me abraçou forte, em meio ao pátio do museu.

— Beatrice... — sussurrou e colocou minha mão em seu peito. — Sinta o ritmo do meu prazer. Não tem nada nesse mundo que pague esse sorriso

em seus lábios. — Suspirou. — Eu te amo — concluiu e beijou o topo da minha cabeça.

Nos dias seguintes, visitamos vários pontos turísticos de Paris. Bryan fez questão de gravar todos no celular. Não tinha mais pose para as *"selfies"* que tirávamos.

Paris é um lugar culturalmente rico. Por onde você olha tem um monumento para ser admirado. É uma cidade romântica e linda.

— Feche os olhos — cochichou na minha nuca e colocou as mãos sobre meus olhos.

— Mais surpresa? Assim vou me acostumar, senhor Bryan — diverti-me.

Quem poderia imaginar que me casaria com um romântico incurável? Que ele era possessivo, ciumento, controlador, eu já sabia. Não que ele não tivesse demonstrado seu lado romântico, porém, com tantos entraves, seu lado desiquilibrado

encobria.

Andamos um pouco e quando ele tirou as mãos dos meus olhos, foi automático minha mão ir parar à frente da minha boca. Estávamos na "*Nova Ponte dos Cadeados*", de Paris. Por questões de segurança, a do "*Rio Sena*" foram retirados os cadeados, entretanto, os apaixonados encontraram outro lugar – para selarem seu amor. A nova ponte fica pertinho da *"Catedral Notre-Dame"* e a visão do "*Rio Sena*" é perfeita.

Bryan tirou do bolso um cadeado em formato de coração, com nossos nomes gravados. Arregalei os olhos e o sorriso dominou minha face.

— Amor, quando foi que você pensou nisso? — questionei-o, admirada com tanta dedicação.

— Por você meu anjinho, eu faço qualquer coisa — declarou e colocou uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. Quase o derrubei, com o

pulo que dei em seu pescoço.

— Eu te amo... — Beijei sua testa. — Eu te amo... — Beijei seu nariz. — Eu te amo... — Beijei os olhos. — Eu te amo... — Beijei os lábios e me perdi.

> *“— Senhorita está se sentindo bem? Se machucou? — Uma voz, maravilhosamente sex e grave, falou comigo, estendendo a mão máscula e firme. Fui levantando a cabeça e medindo dos pés até a cabeça a pessoa que estava me oferecendo ajuda. A começar pelos sapatos, tudo impecável... Sapatos de pelica, terno e camisa pretos, gravata verde, combinando com seus olhos. No rosto, a barba cerrada. Pele branca e cabelos lisos, pretos, cuidadosamente penteados para trás – apesar de alguns fios estarem caindo em sua testa – deixando-o mais sex. Um cheiro*

inebriante, uma mistura de perfume amadeirado com cheiro de homem. Um sorriso maroto e um olhar interrogativo, com uma sobrancelha arqueada.

Santo Pai! Uau! Se eu tocar neste deus grego, meu corpo vai entrar em colapso. O que eu faço agora? Fiquei paralisada, olhando para ele, sem conseguir agir, minha respiração e batimentos cardíacos ficaram descontrolados.

Ele se abaixou, sentou-se em seus calcanhares, apoiou os cotovelos nos joelhos, ficou com o rosto na mesma altura do meu e inclinou um pouco a cabeça para me olhar. Ofereceu a mão e olhou dos dois lados, balançou a cabeça e me perguntou:

— Algum problema em pegar minha mão?"

A melhor escolha da minha vida. Pegar em

sua mão. Livrei-me do meu passado e encontrei a felicidade. Meu verdadeiro amor. Tornei-me a Senhora Soutto.

Agradecimentos

Iniciar um romance é como embarcar em uma missão. Terminar um romance intenso, como a Trilogia Recomeço, é como se tivesse arrancando alguma coisa de dentro de mim. Foram meses de dedicação. Levantando-me de manhã e se deitando à noite, com a vida dos personagens no pensamento, enfim, terminar é dizer: missão cumprida.

Não tenho palavras para agradecer aos meus parceiros e parceiras do *Instagram.* Vocês não têm ideia do quanto foram importantes no desenvolvimento da narração. Quando comecei a escrever tinha a trama toda traçada em minha mente e fui alterando algumas coisas pelas resenhas e comentários dos primeiros livros.

Assustei-me, de início, com a polêmica que o Bryan foi criando. Depois percebi que ele ganhou uma força, além da imaginada. Vocês me fizeram pensar em uma maneira de deixá-lo mais brando. Claro que ele não mudou completamente, porque como vocês sabem, eu não acredito que uma pessoa possa mudar totalmente. Mesmo sendo ficção, procurei deixar a história o mais real possível.

São muitas as pessoas que me ajudaram, mas algumas se dedicaram a ponto de quase virarem coautoras. Larissa @larireads – Andressa @meuladoleitora – Nathalia @palavrasdalua_ - Kleyse @italianaliteraria – Vitor @olhosentrepaginas – Sem palavras para agradecer o apoio que me deram.

Agradeço a todos os que dedicaram parte do seu tempo para ler a história do casal: Beatrice e Bryan. Desde o início me entreguei de corpo e alma

para dar vida aos personagens, que já existiam na minha imaginação, contudo, nada disso teria sentido se vocês não a lessem.

Agradeço ao meu amado esposo, que me incentivou a entrar de cabeça nessa aventura. A minha querida mãe, que desde pequena me fez gostar de livros e me auxiliou, com sua inteligência e comprometimento.

ANNY MENDES

Paulista – nascida em Santo André – SP, apaixonada pela cidade de São Paulo. Atualmente morando em Maringá – PR.

Incentivada pela mãe, assim que aprendeu a ler passou a viajar nas histórias. Os livros tornaram-se seu vício.

Pedagoga, enquanto dedicou-se a ensinar, alimentou a esperança de um dia poder fazer o que sempre sonhou – escrever.

Em agosto de 2016, conseguiu organizar sua vida e deu início ao seu primeiro livro. A história fluiu livremente, soltando da gaiola o que

ficou preso por anos.

Divide seu tempo em ensinar, ler e escrever. Nas horas vagas assiste a filmes e séries, além de namorar o esposo, que tanto ama.

Rede Social

Facebook/ Twitter/ Instagram: @autorannymendes